



DOSSIÊ

Conselhismo versus Bolchevismo: origens de um antagonismo

**Cadernos de Formação n.1
Brasil, 2014**

Í N D I C E

REVOLUÇÃO MUNDIAL E TÁTICA COMUNISTA (Anton Pannekoek)	03
I	03
II.....	05
III.....	08
IV.....	12
V.....	14
VI.....	17
VII.....	19
VIII.....	24
Posfácio.....	29
ESQUERDISMO: DOENÇA INFANTIL DO COMUNISMO (V. I. Lênin)	33
I - Em que sentido se pode falar da significação internacional da Revolução Russa?	33
II - Uma das condições fundamentais do êxito dos Bolcheviques	34
III - As principais etapas da história do Bolchevismo	35
IV - Quais foram os inimigos que o bolchevismo enfrentou, dentro do movimento operário, para poder crescer, fortalecer-se e temperar-se?	38
V - O comunismo "de esquerda" na Alemanha. Chefes, partido, classe, massa	43
VI - Os revolucionários devem atuar nos sindicatos reacionários?	47
VII - Deve-se participar nos Parlamentos Burgueses?.....	52
VIII - Nenhum compromisso?	58
IX - O Comunismo de Esquerda na Inglaterra	63
X - Algumas Conclusões	70
Apêndices	77
Cisão dos comunistas alemães	77
Os Comunistas e os Independentes na Alemanha	78
Turati e Companhia na Itália	80
Conclusões erradas de premissas justas	80
Notas de Wijnkoop de 30 de Junho de 1920	83
CARTA ABERTA AO CAMARADA LÊNIN (Herman Gorter)	84
I - Massas e dirigentes	84
II - A Questão Sindical.....	92
III - O parlamentarismo	100
IV - O oportunismo no interior da III Internacional	114
Conclusão	117
A DOENÇA INFANTIL DE LÊNIN E A TERCEIRA INTERNACIONAL (Franz Pfemfert).....	123
I	123
II	124
III	126
IV	127
V	128
VI	128

Texto 1

REVOLUÇÃO MUNDIAL E TÁTICA COMUNISTA¹

Anton Pannekoek (1920)

Tradução de José Carlos Mendonça, maio de 2014.

Nota do tradutor: Texto originalmente publicado em *De Nieuwe Tijd* em 1920; em *Kommunismus* (órgão teórico da Internacional Comunista para o sudeste da Europa); em Petrogrado, sob o título *Die Entwicklung der Weltrevolution and die Taktik des Communismus* (O Desenvolvimento da Revolução mundial e a tática do comunismo), e, como folheto, incluindo o “posfácio”, pela *Verlag der Arbeiterbuchhandlung* (Editora Livraria Operária) a Editora do Partido Comunista da Áustria. Esta tradução para o português resulta do cotejamento de duas traduções do espanhol: uma por Roi Ferreiro (maio de 2005), com base na versão inglesa traduzida por D. A. Smart e publicada em *Pannekoek and Gorter's Marxism* (Pluto Press, London, 1978). Outra por Emílio Madrid Expósito (abril de 2005), com base na tradução da versão francesa publicada na revista *(Dis)Continuité*, n. 7, juillet, 1999. Em função disso, as notas de rodapé estão assim identificadas: NA para notas do autor (Pannekoek), NEI para notas da edição inglesa de 1978, NEF para notas da edição francesa de 1999, NK para nota de *Kommunismus* e NT para notas desta tradução ao português.

* * *

A teoria torna-se uma força material quando se enraíza nas massas.
A teoria se enraíza nas massas... quando se torna radical.

Karl Marx

I

1. A transformação do capitalismo em comunismo se produz por duas forças, uma material e outra subjetiva, tendo a segunda sua origem na primeira. O desenvolvimento material da economia gera consciência, e esta ativa a vontade para a revolução. A ciência marxista, que surge em função das tendências gerais do desenvolvimento capitalista, forma a teoria do partido - socialista primeiro e, posteriormente, comunista - que dota o movimento revolucionário de uma profunda e vigorosa unidade intelectual. Enquanto esta teoria penetra lentamente em uma parte do proletariado, a experiência pessoal desenvolve nas massas o reconhecimento prático de que, cada vez mais, o capitalismo é inviável. A guerra mundial e o rápido colapso econômico neste momento fizeram com que a revolução se tornasse uma necessidade objetiva antes que as massas tenham introjetado o comunismo subjetivamente. Desta contradição nascem os contrastes, as hesitações e retrocessos que fazem da revolução um processo longo e doloroso. No entanto, se agora a teoria ganha novo impulso e rapidamente se enraíza nas massas, não o faz com a velocidade necessária para acompanhar o gigantesco e súbito crescimento dos problemas e tarefas práticas.

2. Para a Europa Ocidental o desenvolvimento da revolução está determinado por duas forças motrizes: a derrocada da economia capitalista e o exemplo da Rússia dos Soviets. Não cabe aqui examinar as razões que levaram o proletariado na Rússia a vencer com relativa rapidez e facilidade: debilidade da burguesia, aliança com o campesinato, o fato de a revolução ter eclodido durante a guerra. O exemplo de um Estado em que a população

¹Este artigo, escrito a algum tempo, é sem dúvida uma contribuição valiosa para a análise e a crítica da tática comunista, em que pese estar em contradição com as diretrizes do Comitê Executivo de Moscou. De acordo com a tarefa que nossa revista se colocou - servir de ponto de encontro para discutir os problemas da Internacional Comunista - nós o publicamos por ocasião do II Congresso da Internacional. Além disso, informamos que para breve esse artigo será publicado em folheto separado. (NK)

trabalhadora está no poder, eliminou o capitalismo e está empenhada em construir o comunismo, necessariamente causaria enorme influência no proletariado do mundo inteiro. Evidentemente que este exemplo considerado isoladamente seria insuficiente para incitar o proletariado em outros países a fazer a revolução proletária. A mente humana sofre maior influência do ambiente material circundante, e conseqüentemente, se o capitalismo local tivesse mantido sua força anterior, as notícias da distante Rússia teriam causado pequeno impacto. “Cheias de admiração e respeito, mas também de medo pequeno burguês e sem coragem para salvarem a si mesmas, a Rússia e a humanidade como um todo se colocando em movimento”: assim Rutgers²descreveu a subjetividade das massas ao retornar à Europa Ocidental vindo da Rússia. Quando a guerra acabou, se esperava que houvesse uma reativação imediata da economia, enquanto a imprensa mentirosa retratava a Rússia como o lugar do caos e da barbárie e, assim, as massas rejeitavam seguir seu exemplo. Mas depois, ocorreu o contrário: o caos tomou conta dos países da antiga civilização enquanto a nova ordem mostra na Rússia sua força crescente. Agora também aqui as massas se colocam em movimento.

3. A derrocada econômica é a principal força motriz da revolução. Alemanha e Áustria estão completamente arruinadas economicamente e empobrecidas; Itália e França estão em decadência persistente, Inglaterra está sacudida violentamente e é duvidoso que as medidas vigorosas de reconstrução tomadas por seu governo consigam evitar o colapso e na América começam a surgir os primeiros sinais ameaçadores da crise. E em todos os países, mais ou menos nessa mesma ordem, as massas começam a se agitar, defendendo-se do empobrecimento por meio de greves massivas que atingem ainda mais duramente a economia. Gradativamente tais lutas se transformam em luta revolucionária consciente. As massas, mesmo sem serem comunistas por convicção, tomam o caminho mostrado pelo comunismo, pois a necessidade prática as leva nessa direção.

4. Produzida em conformidade com esta materialidade e subjetividade, desenvolve-se nestes países a vanguarda comunista, a qual reconhece claramente os objetivos e adere à III Internacional. O sintoma e a prova desse processo de revolução em desenvolvimento é a separação profunda entre comunismo e socialismo (socialdemocracia), tanto em termos subjetivos quanto organizativos. Tal separação é mais antiga nos países da Europa Central, afundados em uma crise aguda pelo Tratado de Versalhes e onde era necessário - para salvar o Estado burguês - um governo socialdemocrata. Ali a crise é tão profunda e irremediável que a massa de trabalhadores socialdemocratas radicais (USPD), mesmo continuando em boa medida adeptos dos velhos métodos, tradições, fórmulas e dirigentes da socialdemocracia, tende fortemente a aderir a Moscou e se declara pela ditadura do proletariado. Na Itália, a totalidade do partido socialdemocrata aderiu à III Internacional, e - mesmo que por meio de uma miscelânea de concepções socialistas, sindicalistas e comunistas - se percebe uma clara, revolucionária e pronta orientação das massas para a luta que se manifesta em uma guerrilha permanente contra o governo e a burguesia. Na França, apenas recentemente grupos comunistas se desligaram do partido socialdemocrata e do movimento sindical e caminham para a formação de um partido comunista. Na Inglaterra, a profunda influência da guerra sobre as condições tradicionais do movimento operário gerou um movimento comunista composto ainda de vários grupos e partidos de origem diversa e de novas organizações. Nos EUA, dois partidos comunistas se separaram do partido socialdemocrata enquanto este último também se declarou a favor de Moscou.

5. A inesperada resistência da Rússia dos Soviets aos assaltos reacionários forçou a Entente a negociar e causou uma nova e poderosa força de atração nos partidos operários da Europa Ocidental. A II Internacional se desintegra e começou um movimento geral de grupos de centro em direção a Moscou sob o impulso do crescente ânimo revolucionário das massas.

² O tribunist S. J. Rutgers participou do I Congresso da Internacional Comunista e retornou a Amsterdam no final de 1919 para ali instalar o Birô Auxiliar da III Internacional para a Europa Ocidental. Possivelmente tenha sido dele a autoria do artigo de orientação de esquerda sobre as táticas parlamentares e sindicais no único número do boletim do Birô, que teve seus recursos abruptamente congelados por Moscou. (NEI)

Contudo, tais grupos autodenominaram-se comunistas sem alterar substancialmente suas concepções anteriores no fundamental e transferem para a nova Internacional as concepções e métodos da velha socialdemocracia. Ao invés de ser um sinal de que tais países se tornaram mais maduros para a revolução, este fato se transforma em indicador de um fenômeno oposto: ao entrar na III Internacional ou reconhecer seus princípios (como se viu no caso do USPD), a diferenciação rigorosa entre comunistas e socialdemocratas se enfraquece mais uma vez. Por mais que se tente manter formalmente tais partidos fora da III Internacional - em um esforço para manter a coerência de princípios - eles conseguem se infiltrar na direção do movimento revolucionário em cada país e, por meio de uma adesão superficial às fórmulas novas, conseguem manter sua influência sobre as massas que entram em ação. Todo estrato dominante atua assim: em vez de permitir que as massas os eliminem, eles mesmos se tornam “revolucionários” com a finalidade de minar a revolução ao máximo possível com sua influência. E muitos comunistas tendem a enxergar nisso um aumento de forças e não um aumento de fraquezas.

6. Poderia parecer que, com o surgimento do comunismo e do exemplo russo, a revolução proletária assumiria uma forma simples e direta. Na realidade, agora - ao mesmo tempo em que as dificuldades - surgem as forças que fazem da revolução um processo extremamente complexo e árduo.

II

7. Os problemas e as soluções, os programas e as táticas, não brotam de princípios abstratos. São determinados pela experiência, pela prática real da vida. As concepções dos comunistas sobre sua meta e os caminhos que levam a ela devem ser elaboradas com base na prática revolucionária desenvolvida até o presente. A Revolução Russa e os rumos da Revolução Alemã formam o material prático dos fatos de que dispomos neste momento para determinar as forças motrizes, as condições e as formas da revolução proletária.

8. A Revolução Russa levou o proletariado ao poder político em um ascenso tão rápido que, naquele momento, surpreendeu completamente aos observadores ocidentais e, mesmo que as razões disso sejam claramente identificáveis, continua parecendo cada vez mais assombrosa quando comparada com as dificuldades que estamos experimentando agora na Europa Ocidental. Devido ao primeiro afluxo de entusiasmo, seu efeito inicial e inevitável foi subestimar as dificuldades da revolução no resto do mundo. Diante dos olhos do proletariado mundial a Revolução Russa revelou os princípios da nova ordem em todo o seu resplendor e pureza de poder: a ditadura do proletariado, o sistema de soviets como nova democracia, reorganizações da indústria, agricultura e educação. Em muitos aspectos, forneceu um quadro simples, claro, evidente e quase idílico da natureza e do conteúdo da revolução proletária que por pouco se diria que nada pareceria mais fácil que seguir este exemplo. No entanto, a Revolução Alemã mostrou que não era tão simples e que as forças que nela atuaram, também atuam em grande parte do restante da Europa.

9. Quando o imperialismo alemão caiu em novembro de 1918, o proletariado estava completamente despreparado para exercer a sua dominação. Arruinado subjetiva e materialmente pelos quatro anos de guerra e aprisionado pelas tradições socialdemocratas, não pode adquirir uma clara consciência de suas tarefas durante as primeiras e breves semanas em que exerceu um efêmero poder governamental. E nem mesmo a intensa e breve propaganda comunista foi capaz de compensar este despreparo tão grande. A burguesia alemã aprendeu mais com o exemplo da Revolução Russa que o proletariado. Disfarçando-se de vermelho com a finalidade de distrair a vigilância dos operários, começou imediatamente a reconstruir as instituições de seu poder. Os conselhos operários entregaram seu poder voluntariamente aos dirigentes do Partido socialdemocrata e ao parlamento democrático. Ao invés de desarmarem a burguesia, os trabalhadores armados - na qualidade de soldados - se autodesarmaram. Os grupos de operários mais ativos foram massacrados por guardas brancos

de recente formação e a burguesia foi armada por meio da constituição de milícias civis. Com a ajuda das direções sindicais, o proletariado desarmado foi pouco a pouco expropriado de todas as melhorias em suas condições de trabalho que haviam sido conquistadas ao longo da revolução. Dessa forma, o caminho para o comunismo foi bloqueado com uma cerca de arame farpado para que o capitalismo pudesse sobreviver, isto é, para permitir que possa se afundar cada vez mais no caos.

10. Evidentemente que a experiência adquirida no curso da revolução alemã não pode ser transferida automaticamente aos demais países da Europa Ocidental, pois em cada caso a revolução assumirá formas diferentes. O poder não cairá de modo imprevisto nas mãos de um proletariado despreparado como resultado de uma catástrofe político-militar. O proletariado terá de lutar duramente para conquistá-lo e, por isso, quando vencer terá alcançado um elevado nível de maturidade. O que aconteceu em ritmo febril na Alemanha após a Revolução de Novembro, ocorre mais serenamente em outros países: a burguesia está tirando suas conclusões da Revolução Russa, fazendo preparativos militares para a guerra civil ao mesmo tempo em que coloca em cena a fraude do proletariado por meio da socialdemocracia. Contudo, apesar dessas diferenças, a Revolução Alemã apresenta alguns traços gerais e oferece alguns ensinamentos de importância geral. Deixou claro que a revolução na Europa Ocidental será um processo longo e lento, e revelou quais são as forças responsáveis por isso.

11. A lentidão, mesmo que relativa, do desenvolvimento revolucionário na Europa Ocidental originou uma oposição de correntes táticas conflitantes. Em períodos de desenvolvimento revolucionário rápido as diferenças táticas são rapidamente superadas pela ação prática ou nem mesmo chegam a ser conscientes; a intensa agitação de princípios esclarece as mentes das pessoas ao mesmo tempo em que as massas afluem e a práxis da atividade revolucionária muda as velhas concepções. Mas quando sobrevém um período de marasmo, quando as massas permitem que tudo aconteça sem reagir e a força de atração das soluções revolucionárias parece incapaz de capturar a imaginação, quando as dificuldades se acumulam e o adversário parece sair maior de cada luta, quando o partido comunista continua débil e experimenta somente derrotas, nestas conjunturas as opiniões se dividem e novas perspectivas de ação e novos meios táticos são buscados. Principalmente por tais motivos emergem e se enfrentam duas tendências principais que podem ser identificadas em cada país mesmo diante das particularidades locais. Uma tendência pretende esclarecer e revolucionar as consciências por meio da palavra e da ação, e conseqüentemente procura colocar do modo mais nítido a oposição entre os novos princípios e as velhas concepções. A outra tendência pretende ganhar para a atividade prática as massas que ainda se mantêm a margem e, para isso, enfatiza mais os pontos de acordo que os pontos de diferença em um esforço para evitar, até onde seja possível, qualquer questão que as contrarie. A primeira se esforça por uma separação clara e precisa, e pode ser chamada de tendência radical. A segunda se esforça pela unidade e pode ser chamada de tendência oportunista. Considerando a situação atual na Europa - na qual, por um lado, a revolução se choca com poderosos obstáculos enquanto, por outro, a força inquebrantável da Rússia dos Soviets contra as tentativas de esmagamento pelos governos da Entente para destruí-la, produz uma forte impressão nas massas, pode-se prever um importante afluxo para a III Internacional de agrupamentos operários até agora vacilantes - o oportunismo se converterá indubitavelmente em uma força poderosa na Internacional Comunista.

12. Oportunismo não implica necessariamente em moderação na linguagem e no conteúdo ou atitudes conciliadoras e pacifistas, nem radicalismo implica em comportamento acerbo. Pelo contrário, a falta de princípios táticos claros geralmente se esconde por trás de palavras veementes e raivosas. De fato, em situações revolucionárias é característico do oportunismo esperar tudo, e de uma vez só, do grande acontecimento revolucionário. Sua natureza consiste em considerar sempre as questões imediatas e não as que se situam no futuro e em sempre se fixar nos aspectos superficiais dos fenômenos em vez de se preocupar com as causas determinantes mais profundas. Quando não se tem forças suficientes para realizar um objetivo

de imediato, o oportunismo não procura fazer com que as forças se robusteçam e sim estuda meios para realizar o objetivo por outras vias, contornando as dificuldades. Dado que sua meta é o sucesso imediato, o oportunismo sacrifica as condições para um sucesso duradouro no futuro. Proclama repetidamente que é possível conquistar o poder ou pelo menos debilitar o inimigo, dividi-lo, quebrar a unidade das classes capitalistas e conseguir melhores condições para a luta se o proletariado realizar alianças com outros grupos “progressistas” e fizer concessões diante de concepções caducas. Porém, em tais casos, esse poder resulta sempre em uma aparência de poder, um poder pessoal de alguns dirigentes e não o poder da classe proletária. Esta contradição conduz apenas a confusões, corrupções e conflitos. Um poder governamental conquistado sem ter por trás um proletariado plenamente preparado para exercer a sua dominação está destinado a ser perdido novamente ou a ser obrigado a fazer tantas concessões para concepções reacionárias que ficará podre por dentro. Uma divisão nas classes inimigas - fórmula apreciadíssima pelo reformismo - não afetaria a coesão interna dos capitalistas, mas geraria confusão, ilusão e debilidade no proletariado. Obviamente, pode acontecer de a vanguarda comunista do proletariado ser forçada a tomar o poder antes que ocorram as condições normais, mas, nessa hipótese, apenas terá valor duradouro e servirá de base para o desenvolvimento posterior rumo ao comunismo aquilo que as massas conseguirem adquirir em termos de clareza, perspicácia, solidariedade e autonomia.

13. A história da II Internacional está repleta de exemplos desta política oportunista e tais exemplos começam a surgir na Terceira. Na época da II Internacional o oportunismo consistia em tentar atingir objetivos socialistas com massas de trabalhadores não socialistas ou de outras classes. Isto levou a táticas corrompidas e, finalmente, à catástrofe. A situação da III Internacional é agora fundamentalmente diferente, pois o período de desenvolvimento capitalista pacífico - no qual a socialdemocracia podia apenas fazer propaganda dos princípios como preparação para épocas revolucionárias futuras - terminou e o capitalismo agora está afundando. O mundo não pode esperar até que nossa propaganda esclareça a maioria sobre uma visão clara do comunismo. As massas devem atuar imediatamente para salvarem a si mesmas e ao mundo da ruína. O que pode fazer um pequeno partido, quaisquer que sejam seus princípios, quando o momento exige as massas? Não seria o oportunismo, com sua pretensão de reunir as massas rapidamente, um imperativo ditado pela necessidade?

14. Uma revolução não pode ser feita por um pequeno partido radical, nem por um grande partido de massas e tampouco por uma coligação de diferentes partidos. A revolução irrompe espontaneamente das massas. Mesmo que as ações decididas por um partido possam detoná-la (algo que raramente ocorre), as forças determinantes se encontram em dois outros lugares, nos fatores psicológicos que se situam no inconsciente profundo das massas e nos grandes acontecimentos da política mundial. A tarefa de uma organização de revolucionários consiste em divulgar com antecedência posições claras para que, em toda parte no interior das massas, existam pessoas que saibam o que fazer em tais momentos e tenham capacidade própria de avaliação da situação. Durante a revolução, tal organização deve determinar os programas, as palavras de ordem, orientações, soluções e diretrizes que sejam reconhecidas como corretas pelas massas que atuam espontaneamente por entenderem que elas expressam suas próprias aspirações e objetivos da forma mais adequada e atingem assim maior esclarecimento. É deste modo que tal organização se torna uma referência para a luta. Enquanto as massas permanecerem passivas essa tática parecerá infrutífera, mas a clareza de princípios tem um efeito subjetivo em muitas pessoas que em um primeiro momento estejam afastadas da revolução e revela o poder ativo desta fornecendo-lhes uma diretriz clara. Se, pelo contrário, o esforço é no sentido de formar uma grande organização diluindo princípios, fazendo acordos, alianças e concessões, permite-se que, ao chegar o momento da revolução, pessoas confusas tenham influência sem que as massas se apercebam disso por suas próprias insuficiências.

15. Adaptar-se às posições tradicionais é uma tentativa de conquistar o poder sem revolucionar as ideias como condição prévia. E tem por consequência deter o ritmo da revolução. Além do mais se trata de uma ilusão, pois quando as massas iniciam um processo

revolucionário apenas os pensamentos mais radicais conseguem nela se enraizar, ao passo que fora de conjunturas revolucionárias são os pensamentos moderados que predominam. Uma revolução significa um salto profundo no pensamento das massas - ruptura e ascenso -, e simultaneamente engendra as condições para este salto e por ele é condicionada. Por tal motivo, pela força e clareza que seus princípios têm de transformar o mundo, que a direção da revolução recai sobre o partido comunista.

16. Ao invés de demarcar resoluta e firmemente os novos princípios que separam o comunismo da socialdemocracia (sistema de conselhos e ditadura), o oportunismo na III Internacional se apoia, na medida do possível, nas formas e métodos difundidos pela II Internacional. Depois que a Revolução Russa substituiu o parlamentarismo pelo sistema dos soviets e assentou o movimento sindical sobre as organizações de empresa, o primeiro impulso na Europa Ocidental foi seguir esse exemplo. O Partido Comunista da Alemanha boicotou as eleições à Assembleia Nacional e fez propaganda pela saída - imediata ou progressiva - dos sindicatos. No entanto, quando a revolução entrou em refluxo e paralisou em 1919, o Comitê Central do KPD adotou outra tática, consistente no reconhecimento ao parlamentarismo e no apoio às velhas confederações sindicais contra as uniões industriais. O principal argumento em defesa desta tática foi de que o partido comunista não pode perder contato com as massas, que pensam em termos parlamentares, que se chega melhor a elas por meio de campanhas eleitorais e discursos no parlamento e que as massas tem se filiado maciçamente nos sindicatos, aumentando seu número para sete milhões. Este mesmo pensamento se manifesta na Inglaterra pela atitude do BSP (*British Socialist Party*) em não querer se desligar do Partido Trabalhista, embora este pertença à II Internacional, por medo de perder contato com a massa trabalhista. Tais argumentos foram formulados e reunidos de modo mais rigoroso por nosso amigo Karl Radek em seu escrito “Desenvolvimento da revolução mundial e as tarefas do partido comunista”, redigido durante sua prisão em Berlim, pode ser considerado como a declaração programática do oportunismo comunista.³ Nele se explica que a revolução na Europa Ocidental será um processo de longa duração no qual o comunismo deverá utilizar todos os meios de propaganda, dentre os quais a atividade parlamentar e o movimento sindical continuarão a ser as armas principais do proletariado, acrescentando como novo objetivo da luta a introdução gradual do controle operário nas empresas.

17. A exatidão de nossa posição será demonstrada pelo exame dos fundamentos, condições e dificuldades da revolução proletária na Europa Ocidental.

III

18. Enfatizou-se muito que a revolução na Europa Ocidental será mais longa pelo fato da burguesia aqui ser mais forte que na Rússia. Analisemos o fundamento dessa força. Reside em seu número? As massas proletárias são muito mais numerosas. Reside no domínio sobre a totalidade da vida econômica? Certamente é um fator considerável de poder, mas esta hegemonia diminui e na Europa Central a economia está em plena bancarrota. Reside, finalmente, no controle do Estado com os seus meios de coerção? De fato, sempre reprimiu as massas por este meio e, por isso, a conquista do poder político era o primeiro objetivo do proletariado. Mas em novembro de 1918 o poder de Estado, na Alemanha e na Áustria, saiu sem dificuldade das mãos da burguesia, os instrumentos de violência do Estado estavam totalmente paralisados e as massas estavam no comando. Contudo, a burguesia foi capaz de reconstruir este poder estatal e submeter novamente ao proletariado. Foi a demonstração de que a burguesia possuía outra fonte oculta de poder, que havia ficado intacta, que permitiu a

³ Pannekoek mistura aqui os títulos de dois escritos de Radek redigidos durante seu período na prisão: “Desenvolvimento da Revolução Alemã e as tarefas do Partido Comunista”, escrito antes do Congresso de Heidelberg, e “Desenvolvimento da revolução mundial e as táticas dos partidos comunistas na luta pela ditadura do proletariado”, escrito posteriormente. Este último é o mencionado. (NEI)

ela restabelecer sua hegemonia quando tudo parecia perdido. Este poder oculto é a influência ideológica da burguesia sobre o proletariado. Pelo fato de estarem completamente dominadas pela mentalidade burguesa, as massas proletárias restauraram com suas próprias mãos a hegemonia da burguesia depois da catástrofe.⁴

19. Esta experiência alemã nos coloca diante do maior problema da revolução na Europa Ocidental. Nestes países, o velho sistema burguês de produção e a cultura burguesa altamente desenvolvida que dele deriva impregnou completamente - e durante muitos séculos - o pensar e o sentir das massas populares. Por isso, a mentalidade e o caráter subjetivo das massas populares são aqui inteiramente distintos daqueles das massas populares dos países da Europa Oriental, que não experimentaram o domínio da cultura burguesa. Esta é a determinação fundamental que faz com que a revolução tenha tomado rumos diferentes no Ocidente e no Oriente europeus. Desde a Idade Média existiu na Inglaterra, França, Holanda, Itália, Alemanha e Escandinávia uma poderosa classe burguesa baseada na pequena produção capitalista primitiva. Com o declínio do Feudalismo, cresceu também ali nas áreas rurais uma classe de camponeses independentes igualmente poderosa. Ambas as classes proprietárias de seus pequenos meios de produção. Sobre esta base se desenvolveu a vida intelectual burguesa até se converter em uma sólida cultura nacional, sobretudo nos países marítimos, Inglaterra e França, que primeiro se desenvolveram em termos capitalistas. No século XIX, a subordinação do conjunto da economia ao capital e a inclusão das áreas rurais mais remotas ao circuito do sistema capitalista de comércio mundial, reforçou e refinou esta cultura nacional, além de fixar solidamente seus valores - por meio das instituições de propaganda tais como escolas, igrejas e imprensa - no mundo subjetivo tanto das massas que proletarizou e empurrou para as cidades, quanto das massas que deixou no campo. Trata-se de uma verdade não apenas nas regiões de origem do capitalismo, como também na América e Austrália, onde os europeus fundaram novos Estados, e nos países da Europa Central (Alemanha, Áustria, Itália) até então de desenvolvimento retardatário, nos quais a nova onda de desenvolvimento capitalista se articulou com a antiga e atrasada pequena economia agrária integrada por pequenos camponeses e de cultura pequeno burguesa. Porém, ao chegar às regiões orientais da Europa, o capitalismo se defrontou com condições materiais e tradições muito diferentes. Na Rússia, Polônia, Hungria e territórios alemães a leste do Rio Elba, não havia classe burguesa poderosa que houvesse dominado desde muito tempo a vida intelectual, que se encontrava determinada por relações agrícolas primitivas, pela grande propriedade da terra, pelo feudalismo patriarcal e pelo comunismo de aldeia. Em função disso, as massas nestas regiões se vincularam ao comunismo de modo mais simples, aberto, receptivas como papel em branco. Com frequência, alguns socialdemocratas da Europa Ocidental expressaram com irônica estranheza o fato dos “ignorantes” russos se proclamarem a vanguarda do novo mundo proletário. Em resposta a eles, um delegado inglês na conferência comunista em Amsterdam⁵ apontou corretamente a diferença: os russos podem ter sido mais ignorantes, mas o proletariado inglês está abarrotado de preconceitos a tal ponto que a propaganda do comunismo entre eles é muito mais difícil. Tais preconceitos são apenas o aspecto superficial, exterior, da mentalidade burguesa que satura a maioria do proletariado na Inglaterra, Europa Ocidental e América.

20. O conteúdo integral desta mentalidade é tão multifacetado e complexo em sua oposição à concepção proletária e comunista do mundo que dificilmente poderia ser resumido em poucas frases. Seu primeiro traço distintivo é o individualismo, originado das primeiras formas de trabalho camponês e pequeno burguês, que apenas gradualmente cede lugar ao novo sentimento coletivista proletário e à necessária disciplina voluntária (provavelmente esta característica é mais pronunciada tanto na burguesia quanto no proletariado dos países anglo-saxões). A perspectiva individualista se circunscreve ao seu lugar de trabalho, ao invés de

⁴ O parágrafo seguinte é o que Gorter se refere ao “comunismo de aldeia” em sua Carta Aberta ao Camarada Lênin. (NEI)

⁵ Conferência convocada para estruturar o Birô Auxiliar. (NEI)

abranger toda a sociedade. O princípio da divisão social do trabalho aparece de modo tão absoluto que a própria política, o governo do conjunto da sociedade, não é visto como assunto de interesse de todos mas sim como monopólio de um extrato dominante, área de certo tipo de especialistas, os políticos. A cultura burguesa, após séculos de comércio, material e intelectual, e por meio de sua literatura e arte, se enraizou profundamente nas massas proletárias e gerou um sentimento de unidade nacional - enraizamento mais profundo que a indiferença perante o exterior ou o internacionalismo de fachada possa sugerir - que pode se expressar sob a forma de solidariedade nacional de classe e impedir o internacionalismo.

21. A cultura burguesa existe no proletariado sobretudo como paradigma tradicional do pensamento. As massas que dela são prisioneiras pensam mais em termos ideológicos que em termos realistas, pois o pensamento burguês sempre foi ideológico. Porém, esta ideologia e esta tradição não estão integradas. Os reflexos subjetivos derivados das inumeráveis lutas de classes travadas ao longo dos séculos passados, transmitidos sob a forma de sistemas de pensamento político e religioso, dividem o velho mundo burguês - e conseqüentemente o proletariado que surgiu dele - em grupos, igrejas, seitas, partidos divididos segundo concepções ideológicas. Assim, em segundo lugar, o passado burguês também sobrevive no proletariado sob a forma de tradição organizativa que bloqueia o caminho para a unidade de classe necessária para a criação do novo mundo. Nestas organizações arcaicas os proletários constituem os seguidores e aderentes de uma vanguarda burguesa. Os dirigentes imediatos destas lutas ideológicas são fornecidos pela intelectualidade (padres, professores, literatos, jornalistas, artistas, políticos) que forma uma classe numerosa cuja função é fomentar, desenvolver e propagar a cultura burguesa. Estes intelectuais a transmitem às massas e atuam como intermediários entre a dominação do capital e os interesses das massas. A hegemonia do capital sobre as massas se enraíza por meio da influência deste grupo. De fato, mesmo que as massas tenham se rebelado frequentemente contra o Capital e suas instituições, somente o fizeram sob a direção destes dirigentes intelectuais e quando, mais tarde, eles se passaram abertamente para o lado do capitalismo, a consistente solidariedade e disciplina adquiridas nestas lutas comuns se converteram no mais firme apoio ao sistema. Assim se manifesta a ideologia cristã dos decadentes extratos pequeno-burgueses que, enquanto expressão da luta contra o moderno Estado capitalista, chegou a ser uma força viva e, na sequência, se converteu em regra em um sistema de governo reacionário e conservador de grande valor como ocorreu com o catolicismo na Alemanha após a *Kulturkampf*.⁶ Pode-se dizer mais ou menos o mesmo da socialdemocracia, em que pese o valor de sua contribuição teórica para destruir e expulsar as velhas ideologias do proletariado quando precisou se sublevar: tornou as massas mentalmente dependentes de dirigentes políticos ou de outro tipo que, na qualidade de especialistas, receberam a confiança das massas para se encarregarem de todos os assuntos importantes, de natureza geral, que afetavam a classe, ao invés de elas mesmas se ocuparem disso. As relações de solidariedade e a disciplina forjadas em encarniçadas lutas de classes durante meio século não enterraram o capitalismo, pois significaram o poder dos dirigentes e das organizações sobre as massas. Em agosto de 1914 e novembro de 1918 tais poderes converteram as massas em poderoso instrumento da burguesia, do imperialismo e da reação. O poder ideológico do passado burguês sobre o proletariado significa em muitos países da Europa Ocidental, Alemanha e Holanda por exemplo, a existência de divisões entre proletários separados por grupos ideológicos que impedem a unidade da classe. Originalmente a socialdemocracia objetivava realizar esta unidade de classe, mas, em parte por causa de sua tática oportunista que colocava a ação puramente política em substituição à política de classe, fracassou e não fez mais do que agregar mais um grupo aos que já existiam.

⁶ As primeiras organizações sindicais na região do Ruhr foram obra de sacerdotes católicos em fins da década de 1860. No entanto, no final da década de 1870, Bismarck abandonou sua campanha contra o catolicismo e seu representante político, o *Zentrum* (precursor do atual CDU), para fazer uma frente única contra o partido socialdemocrata. (NEI)

22. Em tempos de crise, quando as massas são levadas ao desespero e à ação, a hegemonia da ideologia burguesa sobre elas não pode impedir o declínio temporário da força de tais tradições, como ocorreu na Alemanha em novembro de 1918. Mas logo em seguida a ideologia ressurgiu e transformou a vitória temporária em derrota. O exemplo alemão revela as forças concretas que, de nosso ponto de vista, expressam a hegemonia das concepções burguesas: a veneração por fórmulas abstratas como “democracia”, o poder dos antigos hábitos de pensamento e de velhos pontos programáticos como a realização do socialismo por meio de dirigentes parlamentares e de um governo socialista, falta de confiança do proletariado em si mesmo - demonstrada pela influência sobre as massas da enorme onda de sujas mentiras publicadas sobre a Rússia na imprensa -, falta de credibilidade das massas em seu próprio poder, e, sobretudo, na confiança no partido, nas organizações e nos dirigentes que durante décadas personificaram as lutas proletárias, seus objetivos revolucionários, seu idealismo. A tremenda força mental, moral e material das organizações, essas gigantescas máquinas criadas pelas próprias massas durante anos de trabalho perseverante, que representam a tradição das formas de luta de um período no qual o movimento operário era uma parte do capitalismo em ascensão, neste momento esmagam todas as tendências revolucionárias que despertavam entre as massas.

23. Este exemplo não será único. A contradição entre a rápida derrocada econômica do capitalismo e a imaturidade subjetiva, representada pela força das concepções burguesas sobre o proletariado - contradição que não se deu por acaso, dado que enquanto o capitalismo florescer o proletariado não adquirirá maturidade subjetiva para o poder e a liberdade - apenas pode se resolver pelo processo de desenvolvimento revolucionário, no qual levantes espontâneos e tomadas de poder se alternam com retrocessos. Isto determina um curso tal da revolução que, durante um longo período, o proletariado se lançará, sempre em vão, contra a fortaleza do capital se valendo tanto de velhos quanto de novos meios de luta até que seja finalmente conquistada de uma vez por todas no futuro. Desse modo, fracassa também a tática proposta por Radék de um prolongado e complexo assédio. O problema da tática não consiste em pesquisar como se pode conquistar o poder de forma mais rápida possível, pois neste caso será um poder ilusório - e este cairá relativamente rápido nas mãos dos comunistas -, e sim em como devem se formar no proletariado os fundamentos de um poder duradouro. Nenhuma “minoridade decidida” pode resolver problemas que apenas são resolvidos pela ação da classe como um todo. Se a massa da população permite que aconteça tal conquista de poder de modo aparentemente indiferente, não se trata de uma massa realmente passiva, mas significa que - enquanto não estiver ganha para o comunismo - será capaz a qualquer instante de se virar contra a revolução e se tornar seguidora ativa da reação. Até mesmo uma “coligação com a força nas mãos” seria um paliativo para disfarçar tal tipo de ditadura de partido.⁷ Se o proletariado por meio de um levante violento destrói o poder burguês em bancarrota, e o partido comunista, sua vanguarda mais consciente, assume a direção política, tem apenas uma tarefa: erradicar por todos os meios as fontes de debilidade no proletariado e fortalecê-lo a fim de capacitá-lo no mais alto nível para as lutas revolucionárias futuras. Isto significa elevar o nível de atividade das massas ao máximo, estimular suas iniciativas, reforçar sua autoconfiança, para que elas mesmas saibam reconhecer as tarefas que somente elas podem realizar e apenas desse modo podem ser realizadas com sucesso. Para atingir tal objetivo é preciso acabar com a dominação das formas tradicionais de organização e dos velhos dirigentes (em nenhuma hipótese formar com eles uma coalizão governamental), construir as novas instituições, consolidar o poder material das massas. Somente assim será possível

⁷Expressão usada para justificar a colaboração com os socialistas na Comuna de Hungria. Foi utilizada pelos dirigentes anteriores do Partido Comunista Húngaro, que controlavam *Kommunismus*, como motivo para culpar pela sua derrocada em agosto de 1919. No livro “Esquerdismo...”, Lênin orienta aos comunistas britânicos fazerem campanha pelo Partido Trabalhista onde não tiverem candidato próprio: “Assim, apoiarão Henderson como a corda apoia o enforcado, e o estabelecimento iminente de um governo dos Henderson acelerará a morte política deste último”. (Edição de Pekín, p.90-91.) (NEI)

reorganizar a produção e defender a revolução contra os ataques do capitalismo vindos do exterior, primeira condição para impedir a contrarrevolução.

24. O poder que a burguesia ainda possui neste período se assenta na ausência de autonomia e na dependência subjetiva do proletariado. O desenvolvimento da revolução corresponde ao processo de autoemancipação proletária dessa dependência e das tradições do passado - o que apenas é possível por meio de sua própria experiência de luta. Onde o capitalismo é antigo e a luta proletária contra ele dura várias gerações, o proletariado foi obrigado em cada período a criar métodos, formas e instrumentos de luta adaptados ao grau de evolução do capitalismo. Porém, rapidamente deixaram de ser vistos como recursos temporários que são e passaram a ser idolatrados como formas finais, acabadas, absolutas, perfeitas e, assim, se converteram em obstáculos ao desenvolvimento da revolução que devem ser removidos. Enquanto a classe passa por um processo de transformação em evolução cada vez mais rápida, os dirigentes permanecem em uma fase determinada, como representantes de uma determinada fase, e podem deter o movimento com sua grande influência. As formas de ação se transformam em dogmas e as organizações são elevadas à condição de fins em si mesma, dificultando uma orientação nova e condições de luta modificadas. Isto é válido neste momento, pois cada fase de luta deve superar a tradição da fase anterior para ser capaz de reconhecer com clareza suas tarefas e realizá-las eficazmente, embora no presente a situação evolua em ritmo acelerado. Este é o modo como a revolução se desenvolve em seu processo de luta interna, pois é no interior do próprio proletariado onde se engendram as resistências que deve superar e, ao superá-las, supera suas limitações e amadurece para o comunismo.

IV

25. Na época da II Internacional as duas principais formas de luta foram a atividade parlamentar e o movimento sindical.

26. Os congressos da I Associação Internacional dos Trabalhadores fixaram as bases dessa tática, refutaram concepções primitivas dos tempos pré-capitalistas e pequeno burgueses e, de acordo com a teoria social de Marx, definiram o caráter da luta de classes como uma luta contínua do proletariado contra o capitalismo por suas condições de vida até a conquista do poder político. Quando terminou a fase das revoluções burguesas e das insurreições armadas, esta luta política teve que ser travada nos limites de Estados nacionais recém criados ou antigos e a luta sindical em limites ainda mais estritos. Por tal motivo, a I Internacional estava destinada a se dissolver e a luta pelas novas táticas, que ela mesma era incapaz de levar à prática, a fez acabar enquanto a tradição das velhas concepções e velhos métodos permaneceu viva no anarquismo. As novas táticas foram deixadas como legado pela Internacional aos que a colocariam em prática: sindicatos e partidos socialdemocratas que surgiam por todas as partes. Quando deles surgiu a II Internacional sob a forma de uma federação com vínculos frouxos, ainda foi preciso combater as tradições do período anterior representadas pelo anarquismo, mas o legado da I Internacional já constituía sua base tática indiscutível. Hoje todo comunista sabe por que tais métodos de luta foram necessários naquele momento: quando o proletariado ainda está se desenvolvendo no interior do capitalismo ascendente, não é capaz de criar o conjunto de instituições por meio das quais será possível dominar e ordenar a sociedade, e sequer concebe a necessidade de fazê-lo. Antes de tudo deve se orientar mentalmente e aprender a entender o capitalismo e sua classe dominante. Assim, a vanguarda do proletariado, o partido socialdemocrata, devia revelar a natureza do sistema por meio de sua propaganda, propor as reivindicações de classe e mostrar às massas quais são seus objetivos. Consequentemente para seus representantes era necessário entrar nos parlamentos - esses centros do poder burguês - com o objetivo de elevar suas vozes nas tribunas e participar das lutas políticas dos partidos.

27. As coisas mudam quando a luta do proletariado entra em uma fase revolucionária. Não trataremos aqui das razões pelas quais o sistema parlamentar, enquanto sistema de governo,

não se adapta ao autogoverno das massas e deve ser substituído pelo sistema dos soviets e sim da utilização do parlamento como meio de luta do proletariado.⁸ O parlamentarismo é a forma típica da luta mediada por dirigentes, em que as massas desempenham um papel subordinado. Sua prática consiste em deixar a direção efetiva da luta nas mãos de personalidades separadas, os deputados, e estes por sua vez devem manter as massas na ilusão de que outros podem travar a luta por elas. Antigamente se acreditava que os deputados eram capazes de conseguir, pela via parlamentar, reformas importantes em favor do proletariado, tal ilusão chegava ao ponto de imaginar que os parlamentares poderiam realizar a revolução socialista por meio de medidas legislativas. Hoje, quando o parlamentarismo sofreu abalos, argumenta-se que a tribuna parlamentar pode ser um importante espaço para a propaganda comunista.⁹ Em ambos os casos a importância decisiva é atribuída aos dirigentes e escusado será dizer que o cuidado na definição da política a seguir é deixada aos especialistas, disfarçadas de discussões democráticas e resoluções de congresso. Mas a história da social-democracia é uma série ininterrupta de tentativas frustradas para permitir que os próprios militantes definam a política do partido. Enquanto o proletariado lutar pela via do parlamento e não construir os órgãos de sua própria ação e, portanto, a revolução não esteja na agenda, isso é inevitável. Pelo contrário, a partir do momento que as massas sejam capazes de intervir, agir e, portanto, decidir por si mesmas, os danos causados pelo parlamento assumem um caráter de gravidade sem precedentes.

28. O problema da tática consiste em encontrar os meios de extirpar das massas proletárias a mentalidade burguesa que as paralisa. Tudo o que fortalece as concepções tradicionais é nocivo. O aspecto mais persistente e solidamente estabelecido desta mentalidade reside nesta aceitação da dependência em relação aos dirigentes, que faz com que as massas deixem com os dirigentes o poder de decidir a direção de seus interesses de classe. O parlamentarismo tem por efeito inevitável paralisar a atividade das massas, necessária à revolução. De nada adianta e nada muda com belos discursos e apelos inflamados à ação revolucionária: esta nasce da dura e árdua necessidade, quando não há outra saída.

29. A revolução exige ainda algo mais que a ofensiva das massas, capaz de derrubar o regime vigente fruto das necessidades profundas das massas. Exige que o proletariado assuma os grandes problemas da reconstrução social, tome decisões difíceis, participe como um todo no movimento criador. Para tanto é necessário que a vanguarda e, em seguida, as massas cada vez mais amplas tomem as coisas em suas mãos, se considerem responsáveis, se dediquem a tentar, a fazer propaganda, a combater, experimentar, refletir, considerar para depois se atrever e chegar até o final. Mas tudo isso é duro e penoso. Por isso, enquanto o proletariado tiver a impressão de que existe um caminho mais fácil - em que outros atuem no seu lugar, lancem consignas do alto de uma tribuna, tomem decisões, deem o sinal para a ação, façam leis - ele vacilará, permanecerá passivo e prisioneiro dos velhos hábitos de pensamento e das velhas debilidades.

30. Enquanto, por um lado, o parlamentarismo tem o efeito contrarrevolucionário de fortalecer a preponderância dos dirigentes sobre as massas, por outro, tende a corromper aos próprios dirigentes. Quando a habilidade política pessoal precisa compensar as carências das massas, ocorre uma diplomacia minuciosa. Qualquer tentativa que o partido queira iniciar, necessita adquirir uma base legal, conquistar uma posição parlamentar, de tal modo que, ao final, se inverte a relação entre meios e fins. O parlamento deixa de ser um meio para alcançar o comunismo e este se transforma em fórmula anunciadora da política parlamentar. No processo, o próprio partido comunista assume um caráter diferente: ao invés de ser uma vanguarda que reúne atrás de si o conjunto da classe para a ação revolucionária, se transforma

⁸ O restante desse parágrafo e os dois seguintes são citados por Gorter na Carta Aberta. (NEI)

⁹ Recentemente se argumentou na Alemanha que os comunistas devem entrar no parlamento para convencer os proletários que a luta parlamentar é inútil. Mas não se toma um caminho errado para mostrar a outras pessoas que é equivocado, e sim se vai pelo caminho certo desde o princípio! (NA)

em um partido parlamentar com o mesmo *status* legal que os demais, manobrando da mesma maneira que eles, ou seja, uma nova edição da velha socialdemocracia com slogans radicais.

31. Assim, no que concerne à sua natureza interna, não deve haver nenhuma contradição antagônica entre o proletariado revolucionário e o partido comunista - dado que o partido comunista encarna uma forma de síntese entre a consciência de classe proletária mais lúcida e sua crescente unidade - mas o parlamentarismo rompe esta unidade e cria a possibilidade de tal antagonismo: ao invés de unificar a classe, o comunismo se converte em novo partido, com seus próprios dirigentes, que se alia a outros partidos e, assim, perpetua a divisão política do proletariado. E acontecerão situações em que o partido tentará com todas as suas forças destruir a compacidade e a força da classe por meio de concessões, acordos e outros pretextos.

32. Está fora de dúvidas que todas estas tendências serão interrompidas com o desenvolvimento da economia em sentido revolucionário, mas, mesmo em suas primeiras manifestações, tal processo causa estragos no movimento revolucionário, inibindo a evolução subjetiva de uma clara consciência de classe, e, quando a situação econômica favorecer a contrarrevolução, esta política limpará o caminho para desviar a revolução para o terreno da reação.

33. O que existe de grande e verdadeiramente comunista na Revolução Russa é, acima de tudo, o fato de haver despertado a autoatividade das massas e ter desenvolvido nelas uma energia subjetiva e física tal que as torna aptas para construir e sustentar uma nova sociedade. Este despertar das massas para a consciência de sua própria força é algo que não pode ser alcançado subitamente, de uma só vez, mas sim apenas gradualmente, exige fases. E a fase de negação do parlamentarismo é uma delas no caminho que leva à autonomia e à autolibertação.

34. Quando, em dezembro de 1918, o Partido Comunista da Alemanha, recentemente formado, decidiu boicotar a Assembleia Nacional, não o fez a partir da ilusão prematura de que haveria uma vitória rápida e fácil, mas da necessidade que tinha o proletariado de se livrar da dependência subjetiva dos representantes parlamentares - reação necessária contra a tradição socialdemocrata - e porque, em seguida, o caminho para a autoatividade podia se vislumbrar pela construção do sistema de conselhos. Mas uma parte dos que estavam juntos nesse momento, isto é, os que permaneceram no KPD (*Spartakusbund*), readotaram o parlamentarismo após o refluxo da revolução. As consequências disso ainda veremos, mas parte delas já foi demonstrada. Em outros países as opiniões dos comunistas estão divididas e muitos grupos se negam a utilizar o parlamentarismo antes mesmo da eclosão da revolução. Assim, a disputa internacional sobre o uso do parlamento como método de luta será um dos principais problemas táticos dentro da III Internacional nos próximos anos.

35. Por outro lado, todos estão de acordo que a atividade parlamentar é apenas um aspecto secundário de nossa tática. A II Internacional pôde se desenvolver até o ponto em que revelou a essência da nova tática: o proletariado somente pode vencer o imperialismo com a arma da ação de massas. Mas ela mesma era incapaz de empregá-la, pois estava forçada a sucumbir quando a guerra mundial colocou a luta de classes sobre bases internacionais. O resultado alcançado pela Internacional precedente constitui naturalmente a base para a nova: a ação de massas do proletariado até o ponto da greve geral e da guerra civil constitui a plataforma tática comum dos comunistas. Na atividade parlamentar o proletariado está dividido em seções nacionais e não é possível uma intervenção genuinamente internacional. Na ação de massas contra o capital internacional as divisões nacionais se enfraquecem e cada movimento, em qualquer país que se estenda ou se limite, é parte de uma única luta mundial.

V

36. Da mesma forma que o parlamentarismo expressa o domínio subjetivo dos dirigentes sobre as massas trabalhadoras, o movimento sindical expressa seu poder material. No regime capitalista, os sindicatos constituem as organizações naturais para agrupar o proletariado. Neste aspecto, Marx acentuou sua importância desde o princípio. No capitalismo

desenvolvido, e mais ainda na fase imperialista, os sindicatos se converteram em gigantescas confederações que apresentam as mesmas tendências evolutivas já manifestadas no próprio Estado burguês em período anterior. Neles se formou uma classe de funcionários, uma burocracia, que controla todos os recursos da organização - dinheiro, imprensa, contratação de funcionários e, com frequência, até poderes de maior alcance de modo que deixaram de serem servidores da coletividade convertendo-se em seus senhores, identificando-se com a organização -. E os sindicatos também se assemelham ao Estado e sua burocracia, mesmo considerando as formas democráticas, devido ao fato de que a vontade dos sindicalizados é incapaz de prevalecer contra a burocracia: toda rebelião é contida pelo aparelho, cuidadosamente constituído de regulamentos e estatutos, antes que possa abalar a hierarquia. Apenas depois de anos de obstinada persistência uma oposição algumas vezes consegue obter um limitado êxito, em geral restrito a mudanças de pessoas. Por isso nos últimos anos, antes e depois da guerra, na Inglaterra, Alemanha e América ocorreram revoltas frequentes dos sindicalizados que lutaram por iniciativa própria, contra a vontade dos dirigentes ou das decisões do próprio sindicato. Que tais acontecimentos pareçam e sejam considerados naturais demonstram que a organização já não é o conjunto dos que estão organizados, mas algo que lhes é estranho, que não é por eles controlada e sim que lhes é exterior e situada como uma força acima deles e contra a qual podem se rebelar ainda que tenha surgido deles - mais uma vez como o próprio Estado -. Quando a revolta se apaga, a velha ordem de coisas se reestabelece. Apesar do ódio e da amargura impotente das massas, tal ordem acaba se afirmando fundada na indiferença das massas, na sua falta de visão clara, de vontade unitária e persistente, e na necessidade interna do sindicato como único meio de encontrar força numérica contra o capital.

37. Na medida em que lutava contra o capital, combatendo suas tendências geradoras de miséria absoluta, colocando limites a esta última e possibilitando assim a existência do proletariado nos marcos de sua função no capitalismo, o movimento sindical cumpriu sua função e se tornou, por tal motivo, integrante da sociedade capitalista. Quando chega a revolução e o proletariado passa de integrante a destruidor da sociedade capitalista, o sindicato entra em conflito com o proletariado.

38. O sindicato se torna legalista, partidário do Estado e reconhecido por ele, apresenta a palavra de ordem da “expansão da economia antes da revolução”, ou seja, a manutenção do capitalismo. Hoje, na Alemanha, milhões de proletários, até agora intimidados pelo terrorismo da classe dominante, chegam aos sindicatos com um misto de veneração timorata e desejo de luta. Neste momento a semelhança entre as organizações sindicais, que abrangem a quase totalidade do proletariado, e o Estado ficou ainda maior. Os funcionários sindicais colaboram com a burocracia estatal não apenas usando seu poder para submeter o proletariado em nome do capital, mas também pelo fato de que sua “política” tende cada vez a enganar as massas por meios demagógicos e assim garantir seu consentimento para os acordos que realizam com os capitalistas. Além disso, os métodos empregados variam de acordo com as condições: grosseiro e brutal na Alemanha, onde os dirigentes sindicais impuseram pela força aos trabalhadores o trabalho por peça e o aumento da jornada de trabalho; astuto e refinado na Inglaterra onde a burocracia sindical - do mesmo modo que o governo - aparenta se deixar levar sorridentemente pelos operários, enquanto na verdade sabota suas reivindicações.

39. Marx e Lênin precisaram insistentemente que o Estado, em que pese suas formas democráticas, não se presta como instrumento para a revolução proletária. Tal verdade deve valer também para as organizações sindicais. A força contrarrevolucionária dos sindicatos não pode ser destruída pela substituição de dirigentes sindicais reacionários por dirigentes radicais ou “revolucionários”. É a própria forma dessa organização que torna as massas quase impotentes e as impede de fazer dela uma instituição de sua vontade. Para triunfar, a revolução precisa destruir essa organização. Isto significa revolucionar completamente sua estrutura organizativa a ponto de torná-la algo inteiramente diferente: o sistema de conselhos. Sua instauração está em condições de extirpar e eliminar tanto a burocracia sindical quanto a

burocracia estatal. Formará tanto as novas instituições políticas para substituir o parlamento quanto as bases de novos sindicatos. A ideia de que uma forma organizativa particular pode ser revolucionária foi ridicularizada nas disputas de partidos na Alemanha, sob o argumento de que o que vale é a mentalidade revolucionária de quem as integra. Mas se o elemento mais importante da revolução consiste em as massas tomarem em suas próprias mãos os assuntos que lhe dizem respeito - a direção da sociedade e da produção - então qualquer forma de organização que impeça o controle e a direção pelas próprias massas é contrarrevolucionária e prejudicial e deve ser substituída por outra forma que é revolucionária por possibilitar aos próprios proletários decidir ativamente sobre qualquer assunto. Isto não significa que tais instituições devem ser criadas e aperfeiçoadas em conjunturas de passividade da classe proletária, para que futuramente os operários possam nelas atuar, para atender a um desejo revolucionário. Tais formas somente podem ser criadas no processo da revolução, por meio da atuação revolucionária dos proletários. Mas reconhecer a significação da forma organizativa atual determina a atitude que os comunistas devem tomar em relação aos esforços que estão sendo feitos neste momento para debilitá-la ou suprimi-la.

40. O esforço em restringir o aparato burocrático ao máximo possível e buscar todas as forças na efetiva atividade das massas tem sido marcantes no movimento sindicalista¹⁰ e ainda mais no movimento das uniões “industriais”. Por essa razão muitos comunistas se posicionaram pelo apoio a estas organizações contra as confederações centrais. Mas enquanto o capitalismo permanecer hegemônico, estas novas instituições não podem alcançar grande importância. A importância do IWW estadunidense deriva de circunstâncias particulares: existência de um proletariado numeroso, inexperiente, de origem estrangeira em sua maioria e alheio às velhas confederações. O movimento dos comitês e delegados de fábrica (*shopcommitteese shop stewards*) na Inglaterra está mais próximo do Sistema de Sovietes por serem órgãos de massas formados em oposição à burocracia no curso da luta. As Uniões na Alemanha estão deliberadamente estruturadas em ainda maior conformidade com a ideia dos soviets, mas o estancamento da revolução as debilitou. Cada nova instituição desse tipo, que debilita as confederações centrais e sua coesão interna, remove um obstáculo para a revolução e enfraquece o poder contrarrevolucionário da burocracia sindical. Seria uma ideia sedutora fazer entrar nessas confederações todas as forças de oposição e revolucionárias com o objetivo de conquistar a maioria dentro delas e assim poder transformá-las. Mas, em primeiro lugar, seria uma ilusão tão fantasiosa quanto a ideia de conquistar o partido socialdemocrata, pois a burocracia sabe como tratar com uma oposição antes que chegue a ser perigosa. Em segundo lugar, a revolução não se desenvolve de acordo com um programa uniforme e sim por meio de explosões fundamentais de grupos que atuam apaixonadamente e que cumprem a função de impulsioná-la para frente. Se os comunistas forem defender as confederações centrais contra tais iniciativas, por considerações oportunistas visando ganhos imediatos, reforçariam os obstáculos que se colocariam mais tarde diante deles com maior energia.

41. A criação dos soviets pelos trabalhadores - seus próprios órgãos de poder e ação - significa a desintegração e dissolução do Estado. Por ser mais jovem enquanto forma de organização, de criação mais recente, moderna e criada pelo próprio proletariado, o sindicato sobreviverá por mais tempo porque possui suas raízes em uma tradição de relações que se criaram e se desenvolveram de modo autônomo, e, por isso, conserva um lugar no mundo subjetivo do proletariado mesmo depois que ele tenha superado as ilusões democráticas e estatais. Porém, mesmo que o sindicato tenha sido obra da própria atividade criativa do proletariado, também será neste campo onde veremos novas instituições como seguidas tentativas de se adaptar às novas condições. No curso da revolução serão criadas novas formas de luta e organização baseadas no modelo dos soviets em um processo de contínua transformação e desenvolvimento.

¹⁰ Pannekoek se refere aqui às correntes do sindicalismo revolucionário/anarcossindicalismo. (NT)

VI

42. A concepção de que a revolução proletária na Europa Ocidental assumirá a forma de um assédio organizado à fortaleza do capital, que o proletariado - organizado pelo partido comunista em um exército disciplinado e usando armas provadas no tempo - assaltará com ataques repetidos até que o inimigo se renda, ao mesmo tempo em que conquista gradualmente o controle da indústria, é uma concepção neorreformista que não corresponde às condições da luta nos velhos países capitalistas. Aqui e acolá podem ocorrer revoluções e conquistas do poder que rapidamente se transformam em derrota. A burguesia poderá reafirmar sua dominação que resultará em maior desordem da economia. Formas políticas de transição podem aparecer, mas destinadas a prolongar o caos por sua inadequação. Em qualquer sociedade certas condições devem existir para que o processo social de produção e de existência coletiva seja possível, e tais relações - por uma longa prática histórica - adquirem solidez e persistência por meio de hábitos espontâneos e normas morais (sentimentos de dever, diligência e disciplina). O processo revolucionário consiste, em primeira instância, na dissolução destas velhas relações que deve acontecer concomitante com as novas relações comunistas que reorganizam o trabalho e a sociedade, cujo desenvolvimento se observava na Rússia, embora ainda não tenham se tornado fortes o suficiente. Por isso é inevitável um período transitório de caos social e político. Onde o proletariado for capaz de tomar e conservar o poder rapidamente, como na Rússia, o período de transição pode ser breve e acabar depressa por meio do trabalho de construção positiva. Mas na Europa Ocidental o processo de destruição será muito mais lento. Na Alemanha vemos a divisão do proletariado em grupos por causa da evolução deste processo que o torna incapaz de se unificar na luta. Os sintomas de movimentos revolucionários recentes indicam que toda a nação alemã, e em geral toda a Europa Central, está em dissolução e as massas populares se fragmentam em categorias e regiões, cada qual atuando por sua conta: aqui se armando e conquistando parcialmente o poder político; ali paralisam o poder da burguesia por meio de greves; acolá se fechando em si mesmas como se fosse uma república camponesa; além apoiando os guardas brancos ou abatendo os restos de feudalismo por meio de primitivas revoltas agrárias. Evidentemente que a destruição das forças do mundo antigo deve ser total antes que se possa pensar na construção efetiva do comunismo. O partido comunista não pode ter por tarefa atuar como professor, ensinando esta revolução aos proletários ou em fazer tentativas vãs para enquadrá-lo na camisa de força das formas tradicionais. Pelo contrário, sua tarefa consiste em apoiar o movimento proletário em todas as partes, articular as ações espontâneas, para proporcionar-lhes a consciência de sua conexão com o amplo espectro da revolução a fim de preparar a unificação das ações isoladas e desse modo se colocar a frente do movimento em seu conjunto.

43. A primeira fase da dissolução do capitalismo será vista nos países da Entente, onde sua hegemonia ainda não foi abalada, por meio da queda irresistível na produção e no valor de suas moedas, pelo aumento na ocorrência de greves e por uma forte aversão ao trabalho pelo proletariado. A segunda fase, o período da contrarrevolução, isto é, a dominação política da burguesia em plena época revolucionária, significa a derrocada econômica completa. Isto pode ser melhor estudado na Alemanha e no restante da Europa Central. Se imediatamente após a revolução política houvesse surgido um sistema comunista, teria sido possível iniciar a reconstrução organizada apesar dos tratados de paz de Versalhes e Saint Germain, do esgotamento e da miséria. Mas o regime de Ebert-Noske pensou a reconstrução como fizeram os Renner-Bauer:¹¹ deixaram a burguesia de mãos livres e consideraram que sua tarefa era reprimir o proletariado. A burguesia atuou, ou melhor, cada capitalista atuou de acordo com sua natureza de burguês: pensando apenas em obter o máximo de ganhos possível e em salvar

¹¹Exponentes teóricos e políticos da corrente denominada "austro-marxismo" da II Internacional. Karl Renner era o líder da ala revisionista do Partido Social-Democrata Austríaco; Otto Bauer foi Secretário de Relações Exteriores da Áustria de novembro de 1918 a julho de 1919. (NT)

para seu uso pessoal qualquer coisa que pudesse ser resgatada do desastre. Obviamente que nos jornais e manifestos se falava na necessidade de reconstrução da vida econômica por meio de esforços organizados, mas isto era apenas para consumo dos proletários, frases bonitas para ocultar o fato de que, apesar de seu esgotamento, estavam rigorosamente compelidos a trabalhar submetidos a um regime de trabalho de máxima intensidade possível. Na verdade, nenhum burguês se preocupou com a reconstrução enquanto interesse geral da população, mas do ponto de vista dos ganhos pessoais. Inicialmente, como nos velhos tempos, o comércio se tornou o principal meio de enriquecimento privado, a depreciação da moeda proporcionou a oportunidade para exportar tudo que fosse necessário para a reconstrução econômica, inclusive para a simples existência física das massas - matérias primas, comida, produtos elaborados, meios de produção, e depois disso, as próprias fábricas e sua propriedade. A extorsão reinou em todas as camadas burguesas, favorecida pela corrupção desenfreada da burocracia oficial. Desse modo, toda a riqueza anterior que não foi entregue como indenização de guerra, foi despachada para o estrangeiro pelos “dirigentes da produção”. O mesmo aconteceu no âmbito da produção, onde a meta perseguida do lucro privado interveio para arruinar a vida econômica por sua indiferença total para com o bem estar comum. Para forçar o proletariado ao trabalho por peça e ao aumento da jornada de trabalho ou para se livrar de proletários rebeldes, fecharam as portas e paralisaram as fábricas (*lockout*), sem levar em consideração a paralisia que tal atitude causava no restante da indústria. Some a tudo isso a incompetência da direção burocrática das empresas estatais que entrou em absoluta degeneração quando faltou a mão poderosa do governo. A restrição da produção - meio mais primitivo para elevar os preços, e impossível de se realizar quando em capitalismo florescente - se tornou atual novamente. Nos registros do mercado de ações o capitalismo parece voltar a florescer, mas os altos dividendos consomem o que restava do patrimônio anterior e mesmo eles estão a ser desperdiçados em gastos de luxo. O que se observa na Alemanha nos últimos anos nada tem de excepcional, mas sim o funcionamento do caráter de classe geral da burguesia. Seu único objetivo é e sempre foi o lucro pessoal, que no capitalismo normal impulsiona a produção, mas que acarreta a destruição total da economia quando o capitalismo degenera. O mesmo ocorrerá em outros países se a produção se decompor além de certo ponto, se a moeda se debilitar fortemente, e se permitir livre curso para que a burguesia prossiga seu objetivo de lucro privado - e este é o sentido da dominação política da burguesia sob a máscara de qualquer partido não comunista - o resultado será igualmente a ruína total da economia.

44. As dificuldades de reconstrução que o proletariado europeu ocidental deve enfrentar nessas circunstâncias são muito maiores que na Rússia: a devastação posterior de forças produtivas industriais por Kolchak e Denikin é uma pálida sombra se comparada a isso. A reconstrução não pode esperar por uma nova ordem política para ser colocada em prática, deve começar durante o processo revolucionário por meio da apropriação da organização da produção e da supressão do poder de decisão da burguesia sobre elementos materiais da vida onde quer que o proletariado conquiste o poder. Os conselhos de fábrica podem servir para supervisionar o uso dos bens nos locais de trabalho, mas evidentemente que por si só não pode prevenir toda a chantagem antissocial da burguesia. Para tanto se torna necessária a utilização do poder político armado com severidade. Onde os agiotas e exploradores, sem qualquer preocupação pelo bem estar comum, saqueiam os bens da população, onde a reação armada assassina e destrói cegamente, o proletariado deve intervir e lutar sem contemplações para defender o bem comum e a vida da população.

45. As dificuldades da reorganização de uma sociedade completamente destruída são tão grandes que parecem insuperáveis em princípio, o que torna impossível estabelecer de antemão um programa de reconstrução. Mas tais dificuldades devem ser superadas e o proletariado as superará por meio de seu infinito sacrifício e abnegação, do poder ilimitado da subjetividade e das tremendas energias morais e psíquicas que a revolução é capaz de despertar em seu corpo débil e martirizado.

46. Chegados a esse ponto, há que examinar brevemente duas questões. A questão dos empregados técnicos na indústria será um problema momentâneo. Embora tenham uma mentalidade nitidamente burguesa e sejam profundamente hostis à dominação proletária, terão de se submeter ao final. O funcionamento da distribuição e da indústria será acima de tudo uma questão de abastecimento de matérias primas, questão que coincide com os meios de subsistência. O problema dos víveres é a questão central para a evolução na Europa Ocidental pois a população altamente industrializada não pode viver sob o capitalismo sem importar do estrangeiro. Mas, para a revolução, a questão do fornecimento de víveres está intimamente ligada ao conjunto da questão agrária e os princípios de regulação comunista da agricultura devem influir na tomada de medidas destinadas a enfrentar a fome. Os bens dos latifundiários (*Junkers*) e a grande propriedade da terra estão prontos para a expropriação e o cultivo coletivo. Os pequenos camponeses serão libertados da opressão capitalista e serão orientados a adotar métodos de cultivo intensivo por meio de todas as formas de apoio do Estado e dos acordos cooperativos. Os camponeses médios - que na Alemanha Ocidental e Meridional possuem metade das terras - que possuem forte mentalidade individualista, e portanto, anticomunista, mas ocupam uma posição econômica que não pode ser atacada, logo não são passíveis de expropriação, terão de ser integrados na esfera geral de produção via intercâmbio de produtos e crescimento da produtividade, dado que apenas o comunismo pode desenvolver a produtividade máxima da agricultura e eliminar a empresa individual introduzida pelo capitalismo. Disso resulta que o proletariado deve considerar os grandes proprietários de terras uma classe inimiga, os pequenos camponeses uma classe aliada da revolução, e não tem motivos para se tornarem inimigos dos camponeses médios por mais hostilidade que apresentem a priori. Isto significa que no período inicial de caos que antecede ao estabelecimento de um intercâmbio regular de produtos não poderão ser feitas requisições entre estes extratos camponeses, salvo em caso de necessidade urgente para equilibrar a fome entre o meio urbano e o rural. A luta contra a fome deve ser travada principalmente por meio de importações. A Rússia dos Soviéticos, com suas ricas fontes de produtos alimentícios e matérias primas, salvará e alimentará a revolução na Europa Ocidental. Por isso o proletariado europeu ocidental tem grande e particular interesse em defender e apoiar a Rússia Soviética. Mesmo que o problema da reconstrução seja extremamente difícil, não é o problema principal para o partido comunista. Tal problema será resolvido pelas próprias massas quando desenvolverem seu potencial intelectual e moral na plenitude. A primeira tarefa do partido comunista é fomentar e colocar em movimento este potencial. Deve erradicar todas as ideias tradicionais que deixam o proletariado vacilante e inseguro de si, se posicionar contra tudo que engendra ilusões entre os proletários sobre caminhos mais fáceis e os distancia de medidas mais radicais, combater energicamente todas as tendências que o fazem se deter a meio caminho via acordos e compromissos. E existem muitas tendências desse tipo.

VII

47. A transição do capitalismo ao comunismo não se dará de acordo com o esquema: conquista do poder político, introdução do sistema de conselhos e supressão da economia privada, mesmo que tal esquema represente a linha de sua evolução. Isto somente seria possível caso se possa construir uniformemente em terreno livre. Mas as formas de organização e trabalho capitalistas possuem raízes sólidas na consciência das massas e apenas podem ser eliminadas em um processo de revolução política e econômica. Entre as formas de trabalho, mencionamos as formas agrárias que seguirão uma evolução específica. Entre as formas de organização nascidas sob o capitalismo e com particularidades que variam de um país para outro há aquelas que representam uma força poderosa - que não podem ser imediatamente abolidas - e por isso cumprirão importante papel no processo revolucionário.

48. Isto se aplica principalmente aos partidos políticos. O papel da social-democracia na crise atual do capitalismo é bastante conhecido, mas acabará em breve na Europa Central. Até

suas frações mais radicais (como o USPD na Alemanha) exercem uma função nociva, não somente dividindo o proletariado, mas sobretudo confundindo e afastando as massas da ação devido às suas concepções socialdemocratas de preponderância dos dirigentes políticos - que dirigem a história da população por seus atos e relações. E se um partido comunista se constitui em partido parlamentar que pretende estabelecer uma ditadura de partido - dos dirigentes partidários - no lugar da ditadura da classe, então também pode se tornar um obstáculo para o desenvolvimento do processo. A atitude do Partido Comunista da Alemanha durante o movimento revolucionário de março, ao anunciar que o proletariado ainda não estava maduro para a ditadura e, por causa disso, se comportaria como "oposição leal" caso fosse constituído um "governo puramente socialista", em outras palavras, que desviaria o proletariado de se empenhar ferozmente na luta revolucionária contra esse tipo de governo, foi criticada de diferentes lados.¹²

49. No processo da revolução pode surgir um governo de dirigentes de partidos socialistas como forma de transição e expressão de um equilíbrio temporário entre forças revolucionárias e burguesas. Sua tendência será a de congelar e perpetuar o equilíbrio momentâneo entre a destruição do velho e o desenvolvimento do novo. Algo como uma versão mais radical do governo Ebert-Haase-Dittmann ¹³. O que se pode esperar de tal governo resulta de suas bases de apoio: equilíbrio aparente entre classes inimigas mas com predomínio da burguesia, mistura de democracia parlamentar com um tipo de sistema de conselhos para os proletários, socialização limitada ao veto do imperialismo da Entente e com manutenção da lucratividade do capital, tentativas inúteis de impedir que os conflitos de classe se tornem mais agudos. Em tais circunstâncias, os proletários sempre são os que recebem os golpes e são enganados. Um governo desse tipo é incapaz de fazer algo pela reconstrução, nem pode tentar, porque sua finalidade única consiste em deter revolução a meio caminho. Pelo fato de se esforçar em impedir tanto a desintegração do capitalismo quanto o desenvolvimento pleno do poder político do proletariado, seus efeitos e atuação são diretamente contrarrevolucionários. Os comunistas não tem outra opção que não seja combater tais governos sem a menor transigência.

50. Enquanto na Alemanha a social-democracia era a organização dirigente do proletariado, na Inglaterra era o movimento sindical que possui raízes muito profundas na classe proletária graças a uma história quase centenária. Há muito tempo que, ali, o ideal dos jovens dirigentes sindicalistas - a exemplo de Robert Smillie - consiste em que o proletariado governe a sociedade por meio das organizações sindicais. Até mesmo os sindicalistas revolucionários e os dirigentes do IWW estadunidense, mesmo tendo aderido à III Internacional, imaginam a dominação futura do proletariado principalmente sob esta forma. Os sindicalistas radicais não concebem o sistema de sovietes como a forma mais pura da ditadura proletária, mas como um regime de políticos e intelectuais construído sobre as bases das organizações da classe operária. Por outro lado, enxergam o movimento sindical como a organização natural do proletariado e por ele criada, que se autogoverna em seu interior e que persistirá para governar a totalidade do processo de trabalho. Se o velho ideal da "democracia operária" se realiza, e o sindicato se torna dono da fábrica, seu órgão coletivo, o congresso dos sindicatos, assume a função de dirigir e administrar toda a economia. Será então o verdadeiro "parlamento do trabalho" e assumirá o lugar do antigo parlamento burguês. Nestes ambientes se manifesta com frequência repugnância a uma ditadura de classe unilateral e injusta, pois é considerada um atentado à democracia, dado que o trabalho deve dominar, mas os outros não deverão ser privados de direitos. Portanto, ao lado do parlamento do trabalho, que governa o trabalho - base de toda vida-, deve coexistir uma segunda instituição eleita pelo

¹²Veja, por exemplo, a crítica aguda do camarada Koloszvary na revista semanal vienense *Kommunismus*.(NA)

¹³Ebert, Haase e Dittmann eram membros do Conselho de Comissários do Povo, ao qual foi dada a autoridade suprema pela revolução de novembro.(NEI)

sufrágio universal para representar todo o povo e exercer sua influência nos assuntos públicos, culturais e de política em geral.

51. Esta concepção de um governo pelos sindicatos não deve ser confundida com o “trabalhismo”, política do “Partido Trabalhista” que agora dirige os sindicatos. Esta política consiste em defender que os sindicalistas devem ingressar no parlamento burguês formando um “partido de trabalhadores” com os mesmos fundamentos dos outros partidos, objetivando se tornarem um partido de governo. Este partido é completamente burguês e não existe a menor diferença entre Henderson e Ebert. Fornecerá à burguesia inglesa a oportunidade de continuar suas velhas políticas com uma base social mais ampla assim que a pressão ameaçadora vinda debaixo a torne necessária, e, por isso, debilita e confunde os proletários quando seus dirigentes chegam ao governo. Um governo trabalhista - que parecia próximo há um ano quando as massas estavam com seu ânimo revolucionário, mas que foi afastado pelos próprios dirigentes para um futuro distante por sua oposição à corrente radical - não passaria de um governo em proveito da burguesia, como o governo de Ebert na Alemanha. Mas ainda veremos se a astuta e perspicaz burguesia inglesa confia mais em si mesma ou nessa burocracia operária para melhor realizar o trabalho de conter e confundir as massas.

52. Pela concepção radical, um autêntico governo dos sindicatos, é tão diferente da política desse partido trabalhista, desse “trabalhismo”, como a revolução é diferente da reforma. Somente poderia ser introduzido por meio de uma revolução real nas relações políticas - violenta ou pelos velhos modelos ingleses - e, aos olhos das amplas massas, seria a conquista do poder pelo proletariado. Apesar de tudo isso, trata-se de algo totalmente diferente da finalidade do comunismo. Esta concepção está baseada na limitada ideologia que se desenvolve nas lutas sindicais, onde não se confronta com o capitalismo mundial considerado em seu conjunto com todas as suas formas entrelaçadas - capital financeiro, bancário, agrário, colonial - mas tão somente com o capital na sua forma industrial. Esta concepção se apoia na economia marxista (neste momento seriamente estudada pelo mundo do trabalho inglês) que demonstra que há na produção um mecanismo de exploração, mas sem a teoria social marxista mais profunda, o materialismo histórico. Reconhece que o trabalho constitui a base do mundo e, por isso, pretende que o trabalho governe o mundo mas não enxerga que todas as esferas abstratas da vida política e intelectual estão condicionadas pelo modo de produção, e assim apresenta a tendência de deixar tais domínios nas mãos da intelectualidade burguesa desde que ela se disponha a reconhecer a primazia do trabalho. Na verdade um regime dessa natureza seria um governo da burocracia sindical ajudado pela fração radical da velha burocracia estatal, que deixaria as áreas da cultura, da política, dentre outras a cargo de especialistas sob o argumento de serem competentes no trato de tais assuntos. Obviamente que o programa econômico desse governo não coincidirá com a expropriação comunista, pois se limitará a expropriar o grande capital enquanto manterá intacto o lucro “honesto” dos pequenos empresários, até agora despojados e dominados pelo grande capital. Chega a ser duvidoso se tal governo assumirá a liberdade completa para a Índia, ponto integrante do programa comunista na questão colonial e nervo vital da classe dominante inglesa.

53. Não se pode prever de que maneira, grau e pureza uma forma política desse tipo será realizada. Apenas se pode prever as forças motrizes, tendências e tipos abstratos, mas não as formas concretas - sempre diferentes - nem as combinações em que se realizam. A burguesia inglesa sempre dominou a arte de usar as concessões parciais, no momento certo, para conter os objetivos revolucionários do movimento. Por quanto tempo será capaz de continuar essa tática no futuro dependerá primeiramente da amplitude da crise econômica. Se a disciplina sindical for quebrada pela base, via revoltas industriais desordenadas, sindicalistas reformistas e radicais entrarão em acordo numa posição intermediária. Se a luta se acirra contra a velha política reformista dos dirigentes, sindicalistas radicais e comunistas caminharão juntos.

54. Estas tendências não se limitam à Inglaterra. Em todos os países os sindicatos são as organizações proletárias mais poderosas. Bastará que um choque político abata o antigo poder

estatal, para que passem natural e inevitavelmente para as mãos de quem estiver melhor organizado e possuir maior influência. Na Alemanha em novembro de 1918, os dirigentes sindicais foram a guarda contrarrevolucionária por trás de Ebert, e na recente crise de março, entraram na cena pública da política objetivando conquistar influência direta na composição do governo. A única finalidade em apoiar o governo de Ebert era enganar o proletariado do modo mais sutil, pela fraude do “governo sob controle das organizações operárias”. Assim se comprova que aparece a mesma tendência que na Inglaterra. Mesmo quando os Legien e os Bauer¹⁴ estivessem atolados na contrarrevolução, novos sindicalistas radicais da tendência do USPD tomarão seus lugares como ocorreu ano passado com os independentes de Dittmann que ganharam a direção da grande Federação dos Metalúrgicos. Caso um movimento revolucionário derroque o governo de Ebert, sem dúvidas essa imensa força organizada de sete milhões de membros tentaria tomar o poder político, com o PC ou contra ele.

55. Um “governo da classe operária” nestes moldes e por meio dos sindicatos não pode ser estável. Mesmo que fosse capaz de se manter por muito tempo devido a um lento processo de decomposição econômica. Em uma crise revolucionária aguda somente sobreviveria como um vacilante fenômeno de transição. Seu programa, tal como esboçamos anteriormente, não pode ser radical. Uma corrente que aprove tais medidas - não como forma de transição temporária, como faz o comunismo, para serem utilizadas deliberadamente com o propósito de construir uma organização comunista - como um programa definitivo, necessariamente entrará em conflito e contradição antagônica com as massas. Em primeiro lugar porque não reduz os burgueses à impotência, e sim concede a eles certa posição de força na burocracia e talvez no parlamento, onde podem continuar levando adiante a luta de classes. A burguesia fará o possível para consolidar tais posições de força, enquanto o proletariado, por não poder aniquilar a classe inimiga nestas condições, deve tentar estabelecer um sistema de autênticos soviets como órgão de sua ditadura. Nesta batalha entre poderosos oponentes, a reconstrução econômica será impossível.¹⁵ Em segundo lugar, porque um governo de dirigentes sindicais desse tipo não pode resolver os problemas colocados pela sociedade. Estes apenas podem ser resolvidos por meio da autoiniciativa e autoatividade das massas proletárias, impulsionadas pela abnegação e entusiasmo ilimitado que somente o comunismo, por sua perspectiva de liberdade total e extrema promoção intelectual e moral, pode proporcionar. Uma corrente que visa abolir a pobreza material e a exploração, mas se confina deliberadamente a este objetivo, que deixa a superestrutura burguesa intacta e, simultaneamente, se omite em revolucionar a perspectiva mental e a ideologia do proletariado não pode liberar essas grandes energias nas massas, e, portanto, será incapaz de resolver o problema material da reconstrução econômica e a eliminação do caos.

56. Da mesma maneira que um governo “puramente socialista” o governo dos sindicatos tentará consolidar e estabilizar o resultado momentâneo do processo revolucionário, embora em um estágio muito mais avançado, pois a burguesia terá sua hegemonia destruída dando lugar a algum equilíbrio de forças entre as classes sob a predominância do proletariado. Nesta fase, a integralidade do lucro capitalista não pode ser mantida e mantém-se apenas sob as repelentes formas do pequeno capital; cessa a tendência à expansão burguesa e cresce a tendência à construção socialista mesmo com recursos insuficientes. Assim, este governo constitui a última posição da classe burguesa, quando a burguesia não pode mais se defender do assalto das massas mantendo-se na linha dos Scheidemann-Henderson-Renaudel e recua

¹⁴Karl Legien foi presidente da Comissão Geral dos Sindicatos desde 1890 e de sua sucessora, a ADGB (*Allgemeiner Deutscher Gewerkschaftsbund*), desde sua formação, em 1919. Gustav Bauer, outro líder sindical, tornou-se Ministro do Trabalho em 1919, e, posteriormente, foi a chanceler. (NEI)

¹⁵A ausência de manifestação visível de violência por parte da burguesia na Inglaterra também inspira a ilusão pacifista de que a revolução violenta não é necessária lá, e que a construção pacífica a partir de baixo, como no movimento sindical e nos comitês de fábrica, cuidará de tudo. É certamente verdade que a arma mais poderosa da burguesia inglesa até agora tem sido o engano sutil ao invés da força armada, mas se for necessário, esta classe mundialmente dominante não falhará em empregar meios terríveis para reforçar sua dominação. (NA)

para sua última linha defensiva dos Smillie-Dissman-Merrheim.¹⁶ Quando perde a capacidade de enganar o proletariado por meio de “trabalhadores” em governos burgueses ou socialistas, resta o caminho de tentar desviar o proletariado de suas metas finais radicais com a forma do “governo das organizações operárias” e com isso assegurar parte de sua posição privilegiada. A natureza de tal governo é contrarrevolucionária, pois tenta manter no meio do caminho o necessário desenvolvimento da revolução no sentido da destruição completa do mundo burguês e impedir a instauração do comunismo integral. Atualmente a luta dos comunistas pode parecer com frequência que é paralela à luta dos sindicalistas radicais, mas seria uma tática nefasta deixar de colocar em destaque as diferenças de princípios e objetivos. Tais considerações são importantes também para fundamentar a atitude dos comunistas diante das organizações sindicais de hoje: tudo que contribui para consolidar sua força e unidade consolida esta potência que um dia se colocará no caminho do avanço da revolução.

57. Ao conduzir uma enérgica luta de princípios contra estas formas políticas de transição, o comunismo representa as tendências revolucionárias vivas no proletariado. A própria ação revolucionária do proletariado, quando esmaga o aparato burguês de poder, ao mesmo tempo em que abre caminho para a dominação de uma burocracia sindical, impulsiona imediatamente as massas a instituírem seus próprios órgãos, os conselhos, que abalam as bases do mecanismo burocrático dos sindicatos. A instituição do sistema de sovietes é, simultaneamente, a luta do proletariado para substituir a forma incompleta de sua ditadura pela forma completa. Deve se levar em conta que o trabalho intenso que exigem os esforços permanentes para “reorganizar” a economia fazem com que burocracias dirigentes consigam manter fatias consideráveis de poder por longo tempo, enquanto a capacidade das massas de se libertar disso crescerá lentamente. E mais, tais formas e fases variadas não acontecem em sucessão lógica e abstratamente regular como graus de um processo de maturação como aqui expusemos. Acontecerão todas ao mesmo tempo, emaranhadas e coexistindo em um caos de tendências que se complementam, combatem, dissolvem e neutralizam. Esta luta contém todo o desenvolvimento da revolução, como exposto pelo próprio Marx: *“Revoluções proletárias criticam constantemente a si próprias, interrompem-se continuamente no curso de seu próprio desenvolvimento, retornam ao que aparentemente já foi completado para reiniciá-lo novamente, tratam as deficiências de suas próprias primeiras tentativas com desprezo cruelmente radical, parecem derrubar seus adversários apenas para permitir a eles que extraiam da terra novas forças e se levantem para enfrentá-las novamente ainda mais gigantescos.”*

58. Os poderes que surgem do proletariado como expressão de sua debilidade devem ser superados para que possa desenvolver sua força plena. Trata-se de um processo que se desenvolve por meio de conflitos, crises e é impulsionado pela luta. No princípio era a ação, mas foi apenas o princípio. Para derrocar a classe dominante basta um instante de forte unidade de propósitos, mas manter tal unidade permanentemente - possível somente com clareza de visão - é a condição para que a vitória se mantenha. Caso contrário, se retrocede. Não aos velhos dominadores, mas como um novo poder, sob novas formas e com novas pessoas e novas ilusões. Cada nova fase da revolução faz aparecer novas camadas de dirigentes ainda não utilizados, como representantes de formas específicas de organização. Sua derrocada significa uma fase superior da autoemancipação proletária. A força do proletariado não é somente o poder bruto do ato violento que derruba o inimigo, mas também a fortaleza da mente que rompe a velha dependência subjetiva e, assim, sabe manter o que conquistou no momento do assalto. O crescimento desta força no fluxo e refluxo da revolução é o crescimento da liberdade proletária.

¹⁶ Respectivamente dirigentes socialistas e sindicalistas. (NEI)

VIII

59. Enquanto na Europa Ocidental o capitalismo se decompõe progressivamente, na Rússia, apesar das terríveis dificuldades, a produção se organiza sob uma nova ordem. A hegemonia do comunismo não significa que toda a produção se realize de modo comunista (algorpossível somente após um longo processo evolutivo), mas que o proletariado dirige a produção para o comunismo conscientemente.¹⁷ Em nenhum momento este processo ultrapassa o permitido pelo nível técnico e social existente, por isso, apresenta formas de transição em que aparecem vestígios do antigo mundo burguês. Pelo que sabemos da situação russa na Europa Ocidental, tais vestígios existem de fato ali.

60. A Rússia é um gigantesco país de camponeses no qual a indústria não se desenvolveu ponto de se tornar uma “oficina” do mundo e fazer da exportação e da expansão uma questão vital, como na Europa Ocidental. O desenvolvimento industrial na Rússia foi o suficiente para possibilitar a formação de um proletariado capaz de assumir o governo da sociedade como classe desenvolvida. A agricultura é a ocupação das massas populares e as grandes unidades modernas que exploram em larga escala constituem uma minoria, algo de grande importância para o comunismo. A maioria é constituída de pequenas unidades - não pequenas empresas miseráveis e exploradas - empresas capazes de assegurar o bem estar dos camponeses e que o governo dos soviets procura integrar cada vez mais ao conjunto por meio do fornecimento de ajuda material na forma de equipamentos e ferramentas auxiliares e também de educação intensiva cultural e especializada e técnica. Dito isto, compreende-se que esta forma de exploração gere certa subjetividade individualista estranha ao comunismo, a qual, entre os camponeses ricos, se converta em uma estrutura mental hostil e resolutamente anticomunista. Sem dúvida que a Entente especulou com essa circunstância em seus projetos de comércio com as cooperativas, com a intenção de iniciar um movimento burguês de oposição atraindo tais elementos para o círculo da avidez burguesa do lucro. Mas o medo à reação feudal, que os liga ao governo atual com o maior interesse, faz com que tais tentativas sejam destinadas ao fracasso e tal perigo desaparecerá completamente quando o imperialismo europeu ocidental for derrubado.

61. A indústria é predominantemente um sistema de produção organizado de modo centralizado e livre de exploração. É o coração da nova ordem e a direção do Estado se baseia no proletariado industrial. Mas mesmo este sistema de produção está em fase de transição. Os quadros técnicos e administrativos nas fábricas e no aparato estatal exercem uma autoridade incompatível com um comunismo em desenvolvimento. A necessidade de aumentar a produção e, ainda mais, a necessidade de criar um exército eficiente para se proteger dos ataques da reação, tornou indispensável tal medida em tempo acelerado ao máximo para suprir a carência de dirigentes confiáveis nestas funções. As ameaças da fome e dos ataques do inimigo impediram que todos os recursos fossem dirigidos para elevar de forma mais gradual o nível geral das capacidades e do desenvolvimento como base de um sistema comunista coletivo. Assim, inevitavelmente, surgiu uma nova burocracia dos novos dirigentes e funcionários, absorvendo em seu interior os restos da antiga, cuja existência por vezes é considerada, com preocupação, um perigo para a nova ordem que somente pode ser afastado por um profundo desenvolvimento das massas. Porém, mesmo que se esteja empreendendo com suprema energia tal desenvolvimento, apenas a abundância comunista lhe serve de fundamento duradouro, pois com ela o ser humano deixa de ser escravo de seu trabalho. Somente a abundância cria condições materiais para a igualdade e a liberdade, e enquanto a

¹⁷A concepção da derrocada gradual do modo de produção que objetiva eliminar gradualmente, por meio de lentas reformas, o capitalismo e a exploração, está em forte oposição com a concepção social-democrata. A supressão imediata de todos os ganhos do capital e de qualquer exploração pelo proletariado vitorioso é a condição principal para que o modo de produção tome o caminho do comunismo. (NA)

luta contra a natureza e as forças do capital for intensa, será necessário um grau desproporcional de especialização.

62. Pela nossa análise o desenvolvimento na Europa Ocidental tomará um caminho diferente do da Rússia (limitada ao que podemos prever do rumo dos progressos da revolução), contudo, ambos manifestam a mesma estrutura político-econômica: indústria organizada de modo comunista na qual os conselhos operários formam o elemento da administração autônoma, sob direção técnica e dominação política de uma burocracia operária, enquanto a agricultura conserva um caráter individualista e pequeno-burguês nas numerosas unidades pequenas e médias. Mas tal coincidência não é tão estranha pelo fato de uma estrutura social desse tipo não estar determinada pela história política passada, mas sim pelas condições técnico-econômicas básicas similares em ambos os casos (grau de desenvolvimento alcançado pela tecnologia industrial e agrícola; formação cultural das massas proletárias).¹⁸ Ao lado desta coincidência existe uma grande diferença de significado e finalidade. Na Europa Ocidental tal estrutura político-econômica forma uma fase de transição na qual a burguesia tenta, em última instância, deter sua ruína enquanto na Rússia se procura conscientemente prosseguir a evolução para o comunismo. Na Europa Ocidental tal estrutura forma uma fase da luta de classes entre proletariado e burguesia enquanto na Rússia constitui uma fase da nova organização econômica. Sob formas externas idênticas, Europa Ocidental se encontra no caminho decadente de uma civilização moribunda e Rússia no movimento ascendente de uma civilização nova.

63. Quando a Revolução Russa ainda era jovem e débil e esperava sua salvação por um rápido eclodir da revolução europeia, predominava outra concepção sobre sua importância. Rússia, como se dizia, não passa de um posto avançado da revolução onde as circunstâncias favoráveis permitiram que o proletariado tomasse o poder tão rapidamente, mas este proletariado é débil, inculto e quase desaparece na massa infinita de camponeses. O proletariado da Rússia economicamente atrasada somente poderá realizar avanços temporários, mas quando as enormes massas do maduro proletariado europeu ocidental tenham se levantado - com seus conhecimentos, preparação cultural, instrução técnica e organizativa - e tomado o poder em países industriais mais desenvolvidos, de civilização antiga e rica, então assistiremos ao florescimento do comunismo em tal extensão que a meritória contribuição russa, em comparação, terá parecido frágil e pobre. O núcleo e a força do novo mundo comunista se situará então onde o capitalismo atingiu o ápice de seu poder: Inglaterra, Alemanha, América, serão as bases para o novo modo de produção.

64. Esta concepção desconsidera as dificuldades da revolução na Europa Ocidental, onde o proletariado conquista lentamente uma dominação sólida e a burguesia sabe reconquistar o seu poder, total ou parcialmente, e não se chega à reconstrução econômica. A expansão capitalista é impossível, pois cada vez que a burguesia tem as mãos livres cria novo caos e destrói os fundamentos que serviriam para construir a produção comunista. Pela reação sanguinária e pela devastação continua a impedir a consolidação da nova ordem proletária. O mesmo ocorreu na Rússia: destruição de instalações industriais e minas nos Urais e no vale do Donetz por Kolchak e Denikin, bem como a necessidade de se utilizar na luta conta eles dos melhores operários e da maior parte das forças produtivas, aplicando um sério golpe na economia, prejudicando e retardando a edificação comunista e, mesmo que a retomada das relações comerciais com a América e o Ocidente possa favorecer um novo e forte desenvolvimento, serão necessários os maiores esforços e abnegação das massas proletárias da Rússia para reparar completamente os estragos. Contudo - e aí está a diferença - na Rússia a república dos soviets permanece firme e sólida como um centro organizado de poder comunista que adquiriu impressionante estabilidade interna. Na Europa Ocidental haverá morte e destruição, e também aqui as melhores forças do proletariado serão aniquiladas na luta. Mas aqui carecemos de um Estado soviético organizado solidamente que serviria de

¹⁸ Encontra-se exemplo semelhante e conhecido de desenvolvimento convergente na estrutura social no final da Antiguidade e início da Idade Média (consultar o cap. VIII da obra de Engels "A origem da família..."). (NA)

fonte de força. Na devastadora guerra civil as classes estão se desgastando reciprocamente e, enquanto a reconstrução não puder ser realizada, o caos e a miséria governarão. Assim ocorrerá nos países onde o proletariado não reconheça sua tarefa imediatamente de forma clara e vontade unitária, isto é, onde as tradições burguesas debilitam e dividem os proletários, embaçam seus olhos e submetem seus corações. Décadas serão necessárias para superar a influência contagiosa e paralisante da cultura burguesa sobre o proletariado nos países de capitalismo antigo. Entretanto, a produção continuará em ruínas e o país se converterá em um deserto econômico.

65. Ao mesmo tempo em que Europa Ocidental se estanca economicamente e sai penosamente de seu passado burguês, no Oriente, na Rússia, a economia floresce sob uma ordem comunista. O que distinguia os países capitalistas desenvolvidos do Leste atrasado era a tremenda sofisticação de seus meios de produção materiais e mentais: uma densa rede de ferrovias, fábricas, barcos e uma população densa e instruída tecnicamente. Mas durante a derrubada do capitalismo, ao longo da guerra civil, no período de estagnação em que se produz pouco, esta herança se dissipa, consumida ou destruída. As forças produtivas indestrutíveis (ciência, capacidades técnicas), não estão ligadas a estes países. Seus portadores encontrarão uma nova pátria na Rússia, onde pelo comércio também se proverá uma parte da riqueza material e técnica da Europa. O acordo comercial da Rússia dos soviets com a Europa Ocidental e América, caso se realize e seja colocado em prática séria e poderosamente, tenderá a acentuar esta contradição, pois promove a reconstrução econômica da Rússia enquanto minimiza a catástrofe no ocidente europeu, dando ao capitalismo uma pausa para respirar e paralisando o potencial revolucionário das massas - por quanto tempo e até que ponto, ver-se-á. Politicamente, isto se expressará em uma aparente estabilidade que poderá assumir a forma de um governo burguês ou uma das outras formas já discutidas anteriormente, e, ao mesmo tempo, pelo domínio do oportunismo no interior do movimento comunista com os PC's da Europa Ocidental se legalizando, reconhecendo os velhos métodos de luta, se comprometendo com a atividade parlamentar e com a oposição leal dentro dos velhos sindicatos, como fez a social-democracia antes deles. Frente a tudo isso, a corrente radical e revolucionária será reduzida a uma minoria. No entanto, é muito improvável que haja um autêntico ressurgir do capitalismo. Os interesses privados dos capitalistas que comercializam com a Rússia não diferirão da economia em geral e, em busca de lucro, enviarão para Rússia elementos fundamentais de produção, e o proletariado já não poderá ser submetido novamente. Desse modo a crise se prolongará. O progresso duradouro torna-se impossível e detido permanentemente. O processo da revolução e da guerra civil será retardado e dilatado. A dominação completa do comunismo e o começo de um novo desenvolvimento ficam postergados para um futuro distante. Durante este tempo, no Oriente, a economia desenvolverá sem travas e novos caminhos serão descobertos baseados nas ciências da natureza mais avançadas - que o Ocidente é incapaz de aproveitar - unidas à nova ciência social, pela recente conquista da humanidade sobre suas próprias forças sociais. Tais forças, centuplicadas pelas novas energias surgidas da liberdade e da igualdade, farão da Rússia o centro da nova ordem comunista mundial.

66. Não será a primeira vez na história mundial que o centro do mundo civilizado se desloca na transição a uma nova forma de produção ou a uma de suas fases. Na Antiguidade se deslocou do Oriente Médio para o sul da Europa; na Idade Média, do sul da Europa para a Europa Ocidental; com o advento do capitalismo colonial e mercantil, Espanha se tornou o país dirigente, depois Holanda e Inglaterra, e com a chegada da indústria, Inglaterra. As causas destes deslocamentos devem ser compreendidas por um princípio histórico geral: onde as formas econômicas anteriores atingiram seu desenvolvimento mais elevado, as forças materiais e mentais, as instituições juridico-políticas que asseguraram sua existência e eram necessárias ao seu desenvolvimento pleno, foram tão fortemente construídas que ofereceram uma resistência quase insuperável ao desenvolvimento de formas novas. Assim, no final da Antiguidade, a instituição da escravidão foi um obstáculo para o desenvolvimento da forma

feudal; Assim, as leis das corporações aplicadas nas ricas e opulentas cidades medievais significaram um entrave para a manufatura capitalista de surgimento posterior a ponto de esta ter que se desenvolver em outros centros até então insignificantes; Assim, no final do sec. XVIII, a organização política do absolutismo francês que até então impulsionava, sob Colbert, a indústria, obstruiu a introdução da nova grande indústria que tornou a Inglaterra um país industrializado. Na natureza orgânica há também uma lei equivalente que, em oposição à “sobrevivência” darwiniana do “mais apto”, poderia ser chamada de *survival of the unfitted* (sobrevivência do não apto). Quando um tipo de animal - os sáurios da era secundária, por exemplo - se especializou e diferenciou em uma riqueza de formas plenamente adaptadas às condições de vida da época, então se tornou incapaz de evoluir para um tipo novo: todas as aptidões e possibilidades de evolução se perdem e não voltam a ser encontradas. A formação de um novo tipo vem de formas primitivas originais que, sendo indiferenciada, mantiveram todas as possibilidades de evolução e desaparece a incapacidade de adaptação do tipo antigo. O fenômeno segundo o qual a ciência burguesa se livra imaginando um "esgotamento da força vital" de uma nação ou raça, deve ser considerado como um caso particular desta lei orgânica que ocorre continuamente ao longo da história da humanidade, a direção do desenvolvimento econômico, político, cultural, de um povo ou país para outro.

67. Agora podemos vislumbrar que as razões para o predomínio da Europa Ocidental e da América - que a burguesia atribui com gosto a uma superioridade intelectual e moral de sua raça - são efêmeras, e para que lugares seu deslocamento se torna previsível. Novos países onde as massas não estão intoxicadas pela fumaça da concepção burguesa do mundo, nos quais um começo de desenvolvimento industrial retirou as mentalidades da antiga inércia e despertou na coletividade um sentimento comunista; onde existem matérias-primas às quais podem ser acopladas a técnica mais elevada, herdada do capitalismo, para uma renovação das formas tradicionais de produção; nos quais a pressão exercida de cima é forte o suficiente para empurrar a luta e a formação de virtudes combativas, mas onde uma burguesia dominante já não possa impedir esta renovação. Esses países serão os centros do novo mundo comunista. Rússia, que, com a Sibéria, forma por si só uma parte do mundo, está na primeira linha. Mas as mesmas condições também existem mais ou menos em outros países do Oriente: Índia, China. Embora neles existam outras causas de imaturidade, esses países não podem ser esquecidos quando se considera a revolução comunista mundial.

68. A revolução mundial não pode ser percebida em toda a sua importância universal se for considerada apenas do ponto de vista da Europa Ocidental. Rússia não é apenas a parte oriental da Europa, mas também e em maior medida, a parte ocidental da Ásia, tanto em termos geográficos como em termos econômicos. A velha Rússia tinha pouco em comum com a Europa. Era a porção mais próxima do Ocidente dentre as formações político-econômicas que Marx descreveu como "despotismo oriental" às quais pertencem todos os gigantescos impérios asiáticos antigos e novos. Dentro destes países, com base na comunidade rural, e sobre um campesinato, por assim dizer, uniforme em todos os lugares, foi erguido um poder ilimitado da nobreza e dos príncipes, apoiado por um tráfego comercial relativamente restrito, embora importante, e com um pequeno artesanato. O capital europeu penetrou em cada parte desse sistema de produção que se reproduzia sempre da mesma maneira ao longo dos séculos, apesar de mudanças de poder na superfície, e o tem dissolvido, subjugado, explorado, empobrecido, através do comércio, escravidão e pilhagem direta, explorando suas riquezas naturais, construindo ferrovias e fábricas, concedendo empréstimos estatais aos príncipes, exportando produtos alimentares e matérias-primas, ou seja, por meio do que se entende pelo nome de política colonial. Enquanto a Índia, com suas imensas riquezas, foi desde cedo conquistada, saqueada, proletarizada e industrializada, os outros países apenas mais tarde caíram nas redes do capital financeiro pela política colonial moderna. Da mesma forma, a Rússia, embora desde 1700 tenha aparecido exteriormente como uma potência europeia, tornou-se uma colônia do capital europeu. Graças às suas relações bélicas imediatas com a Europa, tomou primeiro e mais rápido o caminho que mais tarde tomaram Pérsia e China.

Antes da última guerra, 70% da indústria siderúrgica, 90% da produção de platina, 75% da indústria do petróleo, estavam nas mãos dos capitalistas europeus que, além disso, pela via das enormes dívidas do Estado czarista, exploravam os camponeses russos até o limite da fome. Enquanto o proletariado russo trabalhava em condições parecidas com as do proletariado europeu - o que permitiu uma comunhão de ideias revolucionárias marxistas - Rússia era, pela sua complexa situação econômica, o mais ocidental dos impérios asiáticos.

69. A Revolução Russa é o início da grande revolta da Ásia contra o capital europeu ocidental concentrado na Inglaterra. Aqui normalmente se considera sua influência sobre a Europa Ocidental, onde os revolucionários russos tornaram-se, por sua alta formação teórica, os mestres do proletariado em rebelião para conquistar o comunismo. Mas sua ação sobre o Oriente é igualmente importante. De fato, as questões asiáticas quase predominam mais sobre a política da república dos soviets que as questões europeias. De Moscou, onde chegam delegações de povos asiáticos uma atrás da outra, é lançado em toda a Ásia,¹⁹ o grito de liberdade e autodeterminação de todos os povos e o chamamento à luta contra o capital europeu. Da República Soviética Turania se estabelecem os laços entre a Índia e os países muçulmanos; no sul da China, revolucionários tentam imitar a formação de soviets; o movimento pan-islâmico sob a liderança turca, e que cresce no Oriente Médio, tenta se apoiar na Rússia. Aqui está a essência da luta global entre Rússia e Inglaterra, protagonistas de dois sistemas de sociedade. Esta luta não pode, apesar de pausas temporárias, acabar em uma paz real, porque o processo de fermentação se expande cada vez mais na Ásia. Políticos ingleses que enxergam um pouco mais que o pequeno burguês demagogo Lloyd George,²⁰ percebem muito bem o perigo que ameaça a dominação mundial da Inglaterra e, por aí, de todo o capitalismo. Eles dizem, com razão, que a Rússia é mais perigosa do que a Alemanha jamais foi. Mas eles não podem afirmar isso veementemente, pois o movimento revolucionário que começa a agitar o proletariado britânico não permite sequer outro governo como o da demagogia pequeno-burguesa.

70. Os assuntos da Ásia são os assuntos da própria humanidade. Na Rússia, China, Índia, na planície russo-siberiana, nos vales férteis do Ganges e do Yangtzé Kiang, vivem 800 milhões de pessoas, mais da metade da população da Terra, quase três vezes mais que nos países capitalistas da Europa. Excetuando a Rússia, se apresentam sobretudo como sementes de revoltas: por um lado poderosos movimentos grevistas suscetíveis de se inflamar onde proletários industriais estão estabelecidos como Bombaim e Hangkeu, por exemplo; por outro lado movimentos nacionais que dificilmente alcançam uma compreensão nacional. Na medida em que as escassas notícias da imprensa inglesa, razoavelmente silenciosa, permitem afirmá-lo, a guerra mundial fortaleceu os movimentos nacionais, reprimidos violentamente em seguida, enquanto a indústria está em um boom tão poderoso que o ouro flui em massa da América para o Extremo Oriente. Quando a onda de crise atingir esses países - Japão parece ter sido tocado - terá de haver uma nova batalha. Há que colocar a questão do apoio a movimentos puramente nacionalistas que tentam chegar a um governo nacional capitalista, considerando que se comportam como inimigos perante o movimento de libertação propriamente proletário. Mas é provável que o desenvolvimento não tome esse caminho. É verdade que a crescente compreensão da burguesia indígena se volta para o nacionalismo europeu e propaga a idéia de um governo nacional burguês baseado no modelo europeu

¹⁹Aqui está o fundamento da posição de Lenin em 1916, em Zimmerwald, contrário a Radek que defendeu o ponto de vista dos comunistas da Europa Ocidental. Estes últimos insistiam que a solução do direito dos povos à autodeterminação - sustentado pelos social-democratas, tal como Wilson - não passava de um engano para o povo, pois tal direito, sob o imperialismo, é apenas uma aparência, uma mentira, e por isso se devia lutar contra esta solução. Lenin viu nessa posição dos socialistas da Europa Ocidental a tendência deles em evitar a guerra de libertação nacional dos povos da Ásia, meio pelo qual eles poderiam escapar da luta radical contra a política colonial de seus governos. (NA)

²⁰Referência a David Lloyd George, 1º Conde Lloyd-George de Dwyfor (1863-1945). Primeiro-ministro do Reino Unido entre 7.12.1916 a 22.10.1922. Pertencia ao Partido Liberal e foi substituído de Asquith como primeiro-ministro de um governo de coalizão em tempo de guerra entre liberais e conservadores.

ocidental. Mas com a ruína da Europa, este ideal empalidece e sem dúvida passará a sofrer forte influência subjetiva do bolchevismo russo. Dessa forma, se encontra o meio de fundí-lo no movimento grevista e no movimento insurrecional do proletariado. Assim, talvez o movimento de libertação nacional na Ásia aceite mais rapidamente do que se poderia esperar até agora, de acordo com as aparências, o sólido terreno material de uma luta de classe de proletários e camponeses contra a bárbara opressão do capital mundial, a ideia de um pensamento mundial e de um programa comunista.

71. Como na Rússia, não é obstáculo que esses povos sejam camponeses em sua maioria. As coletividades (Gemeinwesen) comunistas não consistem de uma compacta multidão de cidades industriais. Nelas a agricultura acupará um grande lugar pois deixa de existir a separação capitalista entre regiões industriais e agrícolas. Em primeiro lugar, o predomínio do caráter agrícola torna a revolução mais difícil porque mais difícil é a disposição subjetiva neste caso. Definitivamente será necessário um longo período de subversão mental e política nesses países. Neles, as dificuldades são muito diferentes do que na Europa: mais passivas e menos ativas. Se situam menos na força que se deverá opor do que na lentidão do despertar para a atividade, menos em superar o caos interno do que em constituir uma força homogênea para expulsar o explorador estrangeiro. Aqui não levaremos em conta as diferenças específicas dessas dificuldades: dispersão religiosa e nacional na Índia, caráter pequeno-burguês na China. Independentemente do modo como as formas políticas e econômicas se desenvolvem, o principal problema a ser resolvido em primeiro lugar é a destruição da dominação do capital euro-estadunidense.

72. A difícil luta para a destruição do capitalismo é a tarefa comum que o proletariado na Europa Ocidental e nos EUA tem a realizar, mas lado a lado com milhões de asiáticos. Se a revolução alemã toma um rumo decisivo e se une à Rússia, se as massas revolucionárias combatentes irrompem na Inglaterra e nos Estados Unidos, se a revolução se põe em movimento na Índia, se o comunismo amplia suas fronteiras do Reno ao Oceano Índico, a revolução mundial entrará em sua fase mais próxima e poderosa. Com seus vassallos da Liga das Nações e seus aliados japoneses e estadunidenses, a dominação global da burguesia - atacada por dentro e por fora, com seu poder ameaçado pela guerra de libertação nacional, paralisada no interior por greves e guerras civis - será forçada a colocar em ação exércitos mercenários contra seus dois inimigos. Se a classe operária inglesa, apoiada pelo proletariado europeu, ataca sua burguesia, luta pelo comunismo de duas maneiras: abrindo caminho para ele na Inglaterra e ajudando a Ásia a se libertar. Por outro lado, poderá contar com o apoio da principal potência comunista quando os mercenários armados da burguesia tentarem afogar sua luta em sangue. Pois a Europa Continental e a ilha acima dela são pouco mais da metade do território que é extensão do complexo territorial russo-asiático.

73. A luta comum contra o capital unifica as massas proletárias em todo o mundo. E quando o proletariado europeu, profundamente exausto, finalmente se encontrar ao término do duro combate, na clara luz matinal da liberdade, saudará aos povos libertados da Ásia e se darão as mãos em Moscou, a capital da nova humanidade.

POSFÁCIO

74. As teses acima foram escritas em abril e logo enviadas à Rússia a fim de estarem disponíveis para serem consideradas pelo Comitê Executivo e pelo Congresso quando da elaboração de suas decisões táticas. Porém, a situação se alterou, pois o Comitê Executivo em Moscou e os camaradas dirigentes na Rússia penderam completamente para o lado do oportunismo, resultando que essa tendência prevaleceu no II Congresso da Internacional Comunista. Esta política em questão fez sua primeira aparição na Alemanha, quando Radek, com toda a influência ideológica e material que ele e a direção do KPD poderia reunir, tentaram impor sua tática parlamentarista e apoiar as confederações centrais ao invés dos comunistas alemães, dividindo e enfraquecendo assim ao movimento comunista. Desde que

Radek se tornou secretário do Comitê Executivo, tal política tornou-se a do Comitê Executivo inteiro. Esforços redobrados, antes infrutíferos, foram feitos para garantir a adesão dos independentes alemães a Moscou, enquanto os comunistas antiparlamentares do KAPD - que dificilmente alguém pode negar pertencerem por direito à IC - foram tratados com frieza. Foi mantida a posição de que haviam se contraposto à III Internacional em todos os assuntos importantes e somente poderiam ser admitidos em condições especiais. O Birô Auxiliar de Amsterdam, que os havia aceito e tratado como iguais, foi fechado. Lênin disse aos comunistas ingleses não apenas para participar em eleições parlamentares, mas até mesmo para se unirem ao Partido Trabalhista, uma organização política composta em sua maioria por dirigentes sindicais reacionários e membros da II Internacional. Todas estas posições expressam o desejo dos camaradas dirigentes russos de estabelecer contato com as grandes organizações de trabalhadores da Europa Ocidental que ainda têm de se tornar comunistas. Enquanto os comunistas radicais procuram promover o desenvolvimento revolucionário das massas proletárias por meio de uma luta rigorosa e de princípios contra todas as tendências burguesas, social-patrióticas, vacilantes e seus representantes, a direção da Internacional está tentando arrebanhar massivamente a adesão destas a Moscou, sem que antes tenham abandonado suas velhas concepções.

75. O que se destaca do escrito de Lênin que acaba de aparecer “Esquerdismo, doença infantil do comunismo” é exatamente o contrário do que os bolcheviques russos, outrora mestres da tática de esquerda por suas ações, aconselharam aos comunistas de esquerda da Europa Ocidental. Sua importância não está em seu conteúdo, mas na pessoa de seu autor, pois em termos de argumentos nada propõem de novo e foram utilizados na sua maioria por outros. O que chama a atenção é que agora são utilizados por Lênin. Portanto, não se trata de combatê-los - seu principal defeito está em igualar as condições, partidos, organizações e a prática parlamentar da Europa Ocidental com as da Rússia - nem de lhes contrapor outros argumentos, mas compreender que aparecem nesta conjuntura como produto de uma política determinada.

76. Pode-se identificar facilmente o fundamento dessas políticas nas necessidades da República dos Sovietes. Enquanto os esforços para a guerra impediam um desenvolvimento acentuado da produção, os levantamentos reacionários de Kolchak e Denikin destruíram as bases da siderurgia russa. Para sua reconstrução econômica, Rússia precisa urgentemente de máquinas, locomotivas e ferramentas que somente a indústria ileso dos países capitalistas pode fornecer. Precisa, portanto, de relações comerciais pacíficas com o restante do mundo, especialmente com os países da Entente, os quais, por sua vez, precisam de matérias-primas e alimentos da Rússia para evitar o colapso do capitalismo. O ritmo lento do desenvolvimento revolucionário na Europa Ocidental obriga a república soviética russa a procurar uma convivência, um *modus vivendi*, com o mundo capitalista, ceder parcela de suas riquezas naturais para poder comprar e renunciar ao apoio direto à revolução em outros países. Em si mesmo, não pode haver objeção a tal acordo, ambas as partes o reconhecem como necessário, mas não seria surpreendente se este sentimento de necessidade e o início de uma política de compromissos com o mundo burguês fossem fomentando uma predisposição mental para a moderação nas maneiras de ver. A III Internacional, como associação dos partidos comunistas que prepara a revolução proletária em todos os países, deveria permanecer formalmente fora das políticas do governo russo e realizar suas tarefas de modo totalmente independente deste último. Na prática, contudo, esta diferença não existe e o PC é a espinha dorsal da República Soviética, o Comitê Executivo está intimamente ligado aos órgãos dirigentes da república soviética, por meio de seus membros, formando-se assim um instrumento pelo qual estes órgãos dirigentes intervêm na política da Europa Ocidental. Podemos ver agora por que as táticas da Terceira Internacional, aprovadas pelo congresso para serem aplicadas uniformemente em todos os países capitalistas e dirigidas a partir do centro, não estão determinadas apenas pelas necessidades da agitação comunista nesses países, mas também pelas necessidades políticas da Rússia dos Sovietes.

77. É verdade que agora Inglaterra e Rússia, potências mundiais hostis que respectivamente representam o capital e o trabalho, necessitam ambas do comércio pacífico para levantar suas economias. Porém, não são apenas necessidades econômicas imediatas que determinam suas políticas, mas também o antagonismo econômico profundo entre burguesia e proletariado, a questão do futuro, expressa no fato de que poderosos grupos capitalistas estão tentando evitar qualquer compromisso, como uma questão de princípio. O governo soviético sabe que não pode contar com a compreensão de Lloyd George e a necessidade de paz da Inglaterra, pois estas são consequências inevitáveis da força invencível do exército vermelho por um lado, e da pressão que proletários e soldados ingleses exercem sobre seu governo, por outro. O governo soviético sabe que a ameaça do proletariado da Entente é uma de suas armas mais importantes para paralisar os governos imperialistas e obrigá-los a negociar. Deve, portanto, fazer dessa arma tão poderosa quanto possível. Para tanto, o que se requer não é de um partido comunista radical que prepare uma revolução de cima abaixo para o futuro, mas de uma grande força proletária organizada que se posicione a favor da Rússia e force seu próprio governo a levá-la em consideração. O governo soviético precisa das massas agora, mesmo que elas não sejam totalmente comunistas. Se pode ganhá-las para si, sua adesão a Moscou seria um sinal para o capital mundial de que a guerra de aniquilação contra a Rússia não é mais possível, e que não há alternativa à paz e às relações comerciais.

78. Por tal motivo Moscou deve defender táticas comunistas para a Europa Ocidental que não entrem em contradição aguda com as concepções e os métodos tradicionais das grandes organizações operárias, cuja influência é decisiva. Do mesmo modo, fizeram esforços para substituir o governo de Ebert na Alemanha, que se deixou utilizar como um instrumento da Entente contra a Rússia, por outro orientado para o Leste. E somente pelo PC ser muito fraco que os Independentes podiam servir a este propósito. Uma revolução na Alemanha fortaleceria imensamente a posição da Rússia diante da Entente. Contudo, essa mesma revolução, em seu desenvolvimento mais amplo, poderia se tornar um incômodo para a política de paz e de acordo com a Entente, pois uma revolução proletária radical equivaleria a romper o tratado de Versalhes e renovaria a guerra - os comunistas de Hamburgo tencionavam fazer atividades preparatórias prévias para esta guerra. Rússia seria então arrastada a esta guerra e, mesmo que se fortalecesse externamente no processo, sua reconstrução econômica e a eliminação da miséria seriam adiadas para um futuro mais distante. Tais consequências podem ser evitadas se a revolução alemã ficar contida dentro de certos limites, de modo a aumentar fortemente o poder dos governos aliados contra o capital da Entente, sem que isso os colocasse em posição de ter que travar uma guerra imediata. Para realizar isto não se exigem as táticas radicais do KAPD, e sim um governo dos Independentes, KPD e sindicatos sob a forma de uma organização de conselhos de acordo com o modelo russo.

79. Esta política tem perspectivas mais amplas do que simplesmente obter uma posição mais favorável em negociações imediatas com a Entente: sua meta é a revolução mundial. Mas é evidente que o caráter particular desta política deve corresponder também a uma concepção particular da revolução mundial. A revolução que no momento avança pelo mundo, e que em breve chegará à Europa Central e depois à Europa Ocidental, é impulsionada pela derrocada econômica do capitalismo, e, se o capital não consegue provocar um crescimento da produção, as massas deverão recorrer à revolução se não quiserem perecer sem fazer nada. Porém, mesmo que compelidas a fazer a revolução, as grandes massas ainda se encontram em um estágio de dependência mental das velhas concepções, organizações e velhos dirigentes, e serão estes quem obterão o poder em primeira instância. Portanto, deve-se distinguir entre a revolução aparente que destrói o poder da burguesia e torna o capitalismo impossível, da revolução comunista, um processo mais longo que revoluciona as massas internamente, no qual o proletariado, emancipando-se de todas as suas amarras, toma firmemente em suas próprias mãos a construção do comunismo. É tarefa do comunismo desmascarar as forças e tendências que seguram a revolução na metade do caminho, indicar às

massas o caminho do avanço e, travando a luta mais encançada pelos objetivos distantes e pelo poder total contra essas tendências, despertar a capacidade do proletariado para impulsionar a revolução mais longe. Mesmo agora isso só pode ser feito lutando contra as tendências dirigistas inibidoras e contra o poder de seus líderes. O oportunismo busca se aliar com eles e participar do novo poder, e se comprometerá com eles na crença que pode conduzi-los pelo caminho do comunismo. Ao declarar que esta é a tática comunista oficial, a III Internacional põe o rótulo de "revolução comunista" na tomada do poder pelas velhas organizações e seus dirigentes, consolida a hegemonia desses dirigentes e obstrui a continuidade da revolução.

80. Do ponto de vista da salvaguarda da Rússia Soviética, não há objeções a essa concepção do objetivo da revolução mundial. Se existir um sistema político similar ao da Rússia em outros países europeus - poder de uma burocracia operária apoiado na base de um sistema de conselhos - o poder do imperialismo mundial seria vencido e derrocado, pelo menos na Europa. A construção econômica para o comunismo poderia prosseguir sem medo de guerras de agressão reacionárias, em uma Rússia rodeada por amistosas repúblicas proletárias. Compreende-se, portanto, que o que nós consideramos como uma forma de transição, temporária e insuficiente, que deve ser combatida com todas as nossas forças, seja para Moscou a realização da revolução proletária, o objetivo da política comunista.

81. Isso nos leva a considerações críticas que devem ser levantadas contra essa política do ponto de vista do comunismo. Referem-se em primeiro lugar ao efeito subjetivo recíproco sobre a própria Rússia. Se a camada dominante na Rússia se confraterniza e adota as atitudes da burocracia operária da Europa Ocidental - corrompida por sua situação, sua oposição às massas e sua adaptação ao mundo burguês - o impulso capaz de levar adiante a Rússia no caminho do comunismo pode se perder. Se se apóia no campesinato proprietário de terras contra os proletários, não se pode excluir a ocorrência de um desvio para formas agrárias burguesas, algo que levaria à estagnação da revolução mundial. Deve-se considerar também que este mesmo sistema político que surgiu na Rússia como uma forma conveniente de transição prática para a realização do comunismo - e que somente poderia se cristalizar em burocracia sob certas condições - significa desde o princípio um obstáculo reacionário para a revolução na Europa Ocidental. Já destacamos que um "governo operário" deste tipo não seria capaz de desencadear as forças da construção do comunismo, pois, após essa revolução, as massas burguesas e pequeno-burguesas (incluídos os camponeses), ainda representam uma força imensa - diferentemente do caso da Rússia após a Revolução de Outubro. O fracasso da reconstrução devolveria facilmente o poder para a reação e as massas proletárias teriam que fazer novos esforços para se livrarem desse sistema.

82. Inclusive chega a ser duvidoso que essa política de revolução mundial moderada pode alcançar seu objetivo, ao invés de reforçar a burguesia como toda política oportunista. Na verdade, a revolução jamais avança quando a oposição mais radical, em vez de impulsionar a revolução por meio de uma luta intransigente, se alia de antemão com a oposição mais moderada objetivando partilhar o poder. Isto debilita a força ofensiva global das massas a tal ponto que a derrocada do sistema estabelecido se retarda e torna-se mais dura e difícil.

83. As forças reais da revolução não estão nas táticas dos partidos nem dos governos, mas em outro lugar. Apesar de todas as negociações, não pode haver paz real entre os mundos imperialista e comunista: enquanto Krasin²¹ negociava em Londres, os exércitos vermelhos esmagavam o exército polaco e chegavam às fronteiras da Alemanha e Hungria. Isto trouxe a guerra para a Europa Central. Os antagonismos de classe que aqui atingiram um nível intolerável e o colapso econômico interno completo, que tornam a revolução inevitável, a miséria das massas, a fúria da reação armada - tudo isso fará que a guerra civil se inflame nesses países. Mas quando as massas se colocarem em movimento aqui, sua revolução não se deixará canalizar dentro dos limites prescritos pela política oportunista de dirigentes

²¹Referência a Leonid Borísovich Krasin (1870-1926), engenheiro, diplomata e dirigente bolchevique russo (NT).

experientes; será mais radical e profunda que na Rússia, porque a resistência a ser superada é muito maior. As decisões do congresso de Moscou são de menor importância que as forças elementais, caóticas, selvagens, que brotarão das profundezas de três povos arruinados e darão novo ímpeto à revolução mundial.

Texto 2

Esquerdismo: Doença Infantil do Comunismo

Vladimir Ilitch Lênine

Escrito em abril-maio de 1920. Primeira edição como panfleto, junho 1920.

I - Em que sentido se pode falar da significação internacional da revolução russa?

1. Nos primeiros meses que se seguiram à conquista do Poder político pelo proletariado na Rússia (25 de Outubro [7 de Novembro] de 1917) poder-se-ia acreditar que, em virtude das enormes diferenças existentes entre a Rússia atrasada e os países adiantados da Europa Ocidental, a revolução proletária nesses países seria muito pouco parecida com a nossa. Atualmente já possuímos uma experiência internacional bastante considerável, experiência que demonstra, com absoluta clareza, que alguns dos aspectos fundamentais da nossa revolução não têm apenas significado local, particularmente nacional, russo, mas revestem-se, também, de significação internacional. E não me refiro à significação internacional no sentido amplo da palavra: não são apenas alguns, mas sim todos os aspectos fundamentais - e muitos secundários - da nossa revolução que têm significado internacional quanto à influência que exercem sobre todos os países. Refiro-me ao sentido mais estrito da palavra, isto é, entendendo por significado internacional a sua transcendência mundial ou a inevitabilidade histórica de que se repita em escala universal o que aconteceu no nosso país, significado que deve ser reconhecido em alguns dos aspectos fundamentais da nossa revolução.

2. Naturalmente, seria o maior dos erros exagerar o alcance dessa verdade, aplicando-a a outros aspectos da nossa revolução além de alguns dos fundamentais. Também seria errado não ter em conta que depois da vitória da revolução proletária, mesmo que seja em apenas um dos países adiantados, se produzirá, com toda certeza, uma radical transformação: a Rússia, logo depois disso, transformar-se-á não em país modelo, e sim, de novo, em país atrasado (do ponto de vista "soviético" e socialista).

3. No momento histórico actual, porém, trata-se exatamente de que o exemplo russo ensina algo **a todos** os países, algo muito substancial, a respeito de seu futuro próximo e inevitável. Os operários evoluídos de todos os países já compreenderam isso há muito tempo e, mais que compreender, já perceberam, sentiram com seu instinto de classe revolucionária. Daí a "significação" internacional (no sentido estrito da palavra) do Poder Soviético e dos fundamentos da teoria e da tática bolcheviques. Esse fato não foi compreendido pelos chefes "revolucionários" da II Internacional, como Kautsky na Alemanha e Otto Bauer e Friedrich Adler na Áustria, que, por isso, se converteram em reacionários, em defensores do pior dos oportunismo e da social-traição. Assinalemos, de passagem, que o folheto anônimo **A Revolução Mundial (Weltre-revolution)**, publicado em 1919 em Viena (Sozialistische Bücherei, Heft II; Ignaz Brand), apresenta com particular clareza todo o processo de desenvolvimento do pensamento e todo o conjunto de raciocínios, ou melhor, todo esse abismo de incompreensões, pedantismo, vilania e traição aos interesses da classe operária, tudo isso mascarado sob a "defesa" da idéia da "revolução mundial".

4. Mas teremos de deixar para outra ocasião o exame mais pormenorizado desse folheto. Consignemos aqui apenas o seguinte: na época, já bem distante, em que Kautsky era um marxista e não um renegado, previa, ao abordar a questão como historiador, a possibilidade do surgimento de uma situação em que o revolucionarismo do proletariado russo se converteria em modelo para a Europa Ocidental. Isso foi em 1902, quando Kautsky publicou na **Iskra** revolucionária o artigo **Os eslavos e a revolução**, no qual dizia:

5. Atualmente [ao contrário de 1848] pode-se acreditar que os eslavos não só se incorporaram às fileiras dos povos revolucionários, como, também, que o centro de gravidade das ideias e das obras revolucionárias se desloca, dia a dia, para os eslavos. O centro revolucionário está se transferindo do Ocidente para o Oriente. Na primeira metade do século XIX encontrava-se na França e, em alguns momentos, na

Inglaterra. Em 1848, a Alemanha também se incorporou às fileiras das nações revolucionárias... O novo século inicia-se com acontecimentos que sugerem a idéia de que caminhamos para um novo deslocamento do centro revolucionário: concretamente, de sua transferência para a Rússia... É possível que a Rússia, que assimilou tanta iniciativa revolucionária do Ocidente, esteja hoje, ela própria, pronta para servir-lhe de fonte de energia revolucionária. O crescente movimento revolucionário russo será, talvez, o meio mais poderoso para eliminar esse espírito de filisteísmo flácido e de politicagem de praticismo mesquinho que começa a difundir-se em nossas fileiras e ressuscitará a chama viva do anseio de luta e a fidelidade apaixonada aos nossos grandes ideais. Há muito tempo que a Rússia deixou de ser para a Europa Ocidental um simples reduto da reação e do absolutismo. O que acontece atualmente é, talvez, exatamente o contrário. A Europa Ocidental torna-se o reduto da reação e do absolutismo russos... É possível que os revolucionários russos já tivessem derrubado o czar há muito tempo se não fossem obrigados a lutar, ao mesmo tempo, contra o aliado deste, o capital europeu. Esperamos que dessa vez consigam derrotar ambos os inimigos e que a nova "santa aliança" desmorone, mais rapidamente que suas predecessoras. Contudo, seja qual for o resultado da luta atual na Rússia, o sangue e o sofrimento dos mártires que essa luta cria, infelizmente em demasia, não serão inúteis e sim, pelo contrário, fecundarão os germes da revolução social em todo o mundo civilizado, fazendo-os crescer com maior esplendor e rapidez. Em 1848, os eslavos eram uma terrível geada que calcinava as flores da primavera popular. É bem possível que agora venham a representar o papel da tormenta que romperá o gelo da reação e trará consigo irresistivelmente, uma nova e feliz primavera para os povos". (Karl Kautsky, Os eslavos e a revolução, artigo publicado na Iskra, jornal revolucionário da social-democracia, russa, n.º 18, 10 de março de 1902).

6. Como Karl Kautsky escrevia bem, há dezoito anos!

II - Uma das condições fundamentais do êxito dos bolcheviques

7. Hoje, sem dúvida, quase todo mundo já compreende que os bolcheviques; não se teriam mantido no poder, não digo dois anos e meio, mas nem sequer dois meses e meio, não fosse a disciplina rigorosíssima, verdadeiramente férrea, de nosso Partido, não fosse o total e incondicional apoio da massa da classe operária, isto é, tudo que ela tem de consciente, honrado, abnegado, influente e capaz de conduzir ou trazer consigo as camadas atrasadas.

8. A ditadura do proletariado é a guerra mais severa e implacável da nova classe contra um inimigo mais poderoso, a burguesia, cuja resistência está decuplicada, em virtude de sua derrota (mesmo que em apenas um país), e cuja potência consiste não só na força do capital internacional, na força e na solidez das relações internacionais da burguesia, como também na força do costume, na força da pequena produção. Porque, infelizmente, continua a haver no mundo a pequena produção em grande escala, e ela cria capitalismo e burguesia constantemente, todo dia, a toda hora, através de um processo espontâneo e em massa. Por tudo isso, a ditadura do proletariado é necessária, e a vitória sobre a burguesia torna-se impossível sem uma guerra prolongada, tenaz, desesperada, mortal; uma guerra que exige serenidade, disciplina, firmeza, inflexibilidade e uma vontade única.

9. A experiência da ditadura proletária triunfante na Rússia, repito, demonstrou, de modo palpável, a quem não sabe pensar ou a quem não teve oportunidade de refletir sobre esse problema, que a centralização incondicional e a disciplina mais severa do proletariado constituem uma das condições fundamentais da vitória sobre a burguesia.

10. Fala-se disso com frequência. Mas não se medita suficientemente sobre o que isso significa e sobre as condições em que isso se torna possível. Não conviria que as saudações entusiásticas ao Poder dos Sovietes e aos bolcheviques fossem acompanhadas, mais amiúde, pela mais séria análise das causas que permitiram aos bolcheviques forjar a disciplina de que necessita o proletariado revolucionário?

11. O bolchevismo existe como corrente do pensamento político e como partido político desde 1903. Somente a história do bolchevismo em todo o período de sua existência é capaz de explicar satisfatoriamente as razões pelas quais ele pôde forjar e manter, nas mais difíceis condições, a disciplina férrea, necessária à vitória do proletariado.

12. A primeira pergunta que surge é a seguinte: como se mantém a disciplina do partido revolucionário do proletariado? Como é ela comprovada? Como é fortalecida? Em primeiro lugar, pela consciência da vanguarda proletária e por sua fidelidade à revolução, por sua

firmeza, seu espírito de sacrifício, seu heroísmo. Segundo, por sua capacidade de ligar-se, aproximar-se e, até certo ponto, se quiserem, de fundir-se com as mais amplas massas trabalhadoras, antes de tudo com as massas proletárias, mas também com as massas trabalhadoras não proletárias. Finalmente, pela justeza da linha política seguida por essa vanguarda, pela justeza de sua estratégia, e de sua tática políticas, com a condição de que as mais amplas massas se convençam disso por experiência própria. Sem essas condições é impossível haver disciplina num partido revolucionário realmente capaz de ser o partido da classe avançada, fadada a derrubar a burguesia e a transformar toda a sociedade. Sem essas condições, os propósitos de implantar uma disciplina convertem-se, inevitavelmente, em ficção, em frases sem significado, em gestos grotescos. Mas, por outro lado, essas condições não podem surgir de repente. Vão se formando somente através de um trabalho prolongado, de uma dura experiência; sua formação é facilitada por uma acertada teoria revolucionária que, por sua vez, não é um dogma e só se forma de modo definitivo em estreita ligação com a experiência prática de um movimento verdadeiramente de massas e verdadeiramente revolucionário.

13. Se o bolchevismo pode elaborar e levar à prática com êxito, nos anos de 1917/1920, em condições de inaudita gravidade, a mais rigorosa centralização e uma disciplina férrea, deve-se simplesmente a uma série de particularidades históricas da Rússia.

14. De um lado, o bolchevismo surgiu em 1903 fundamentado na mais sólida base da teoria do marxismo. E a justeza dessa teoria revolucionária - e de nenhuma outra - foi demonstrada tanto pela experiência internacional de todo o século XIX como, em particular, pela experiência dos desvios, vacilações, erros e desilusões do pensamento revolucionário na Rússia. No decurso de quase meio século, aproximadamente de 1840 a 1890, o pensamento de vanguarda na Rússia, sob o jugo do terrível despotismo do czarismo selvagem e reacionário, procurava avidamente uma teoria revolucionária justa, acompanhando com zelo e atenção admiráveis cada "última palavra" da Europa e da América nesse terreno. A Rússia tornou sua a única teoria revolucionária justa, o marxismo, em meio século de torturas e sacrifícios extraordinários, de heroísmo revolucionário nunca visto, de incrível energia e abnegada pesquisa, de estudo, de experimentação na prática, de desilusões, de comprovação, de comparação com a experiência da Europa. Graças à emigração provocada pelo czarismo, a Rússia revolucionária da segunda metade do século XIX contava, mais que qualquer outro país, com enorme riqueza de relações internacionais e excelente conhecimento de todas as formas e teorias do movimento revolucionário mundial.

15. Por outro lado, o bolchevismo, surgido sobre essa granítica base teórica, teve uma história prática de quinze anos (1903/1917) sem paralelo no mundo, em virtude de sua riqueza de experiências. Nenhum país, no decurso desses quinze anos, passou, nem ao menos aproximadamente, por uma experiência revolucionária tão rica, uma rapidez e uma variedade semelhantes na sucessão das diversas formas do movimento, legal e ilegal, pacífico e tumultuoso, clandestino e declarado, de propaganda nos círculos e entre as massas, parlamentar e terrorista. Em nenhum país esteve concentrada, em tão curto espaço de tempo, semelhante variedade de formas, de matizes, de métodos de luta, de todas as clames da sociedade contemporânea, luta que, além disso, em consequência do atraso do país e da opressão do jugo czarista, amadurecia com singular rapidez e assimilava com particular sofreguidão e eficiência a "última palavra" da experiência política americana e europeia.

III - As principais etapas da história do Bolchevismo

16. **Anos de preparação da revolução (1903/1905).** Prenúncio de grande tempestade em toda parte, fermentação e preparativos em todas as classes. No estrangeiro, a imprensa dos emigrados expõe teoricamente todas as questões essenciais da revolução. Com uma luta encarniçada de concepções programáticas e táticas, os representantes das três classes

fundamentais, das três correntes políticas principais - a liberal-burguesa, a democrático-pequeno-burguesa (encoberta pelos rótulos de social-democrática" e "social-revolucionária") é a proletária revolucionária - prenunciam e preparam a futura luta aberta de classes. Todas as questões que motivaram a luta armada das massas em 1905/1907 e em 1917/1920 podem (e devem) ser encontradas, em forma embrionária, na imprensa daquela época. Naturalmente, entre essas três tendências principais existem todas as formações intermediárias, transitórias, híbridas que se queira. Em termos mais exatos: na luta entre os órgãos da imprensa, os partidos, as frações e os grupos vão se cristalizando as tendências ideológicas e políticas com caráter realmente de classe; cada uma das classes forja para si uma arma ideológica e política para as batalhas futuras.

17. **Anos de revolução (1905/1907).** Todas as classes agem abertamente. Todas as concepções, programáticas e táticas são comprovadas através da ação das massas. Luta grevista sem precedentes no mundo inteiro por sua amplitude e dureza. Transformação da greve econômica em greve política e da greve política em insurreição. Comprovação prática das relações existentes entre o proletariado dirigente e os camponeses dirigidos, vacilantes e instáveis. Nascimento, no processo espontâneo da luta, da forma soviética de organização. As discussões de então sobre o papel dos Soviets são uma antecipação da grande luta de 1917/1920. A sucessão das formas de luta parlamentares e não parlamentares, da tática de boicote do parlamento e de participação no mesmo, e das formas legais e ilegais de luta, assim como suas relações recíprocas e as ligações existentes entre elas, distinguem-se por uma assombrosa riqueza de conteúdo. Do ponto de vista do aprendizado dos fundamentos da ciência política pelas massas e os chefes, pelas massas e os partidos - cada mês desse período equivale a um ano de desenvolvimento "pacífico" e "constitucional". Sem o "ensaio geral" de 1905, a vitória da Revolução de Outubro de 1917 teria sido impossível.

18. **Anos de reação (1907/1910).** O czarismo triunfou. Foram esmagados todos os partidos revolucionários e de posição. Desânimo, desmoralização, cisões, dispersão, deserções, pornografia em vez de política. Fortalecimento da tendência para o idealismo filosófico, misticismo como disfarce de um estado de espírito contrarrevolucionário. Todavia, ao mesmo tempo, justamente essa grande derrota dá aos partidos revolucionários e à classe revolucionária uma verdadeira lição extremamente proveitosa, uma lição de dialética histórica, de compreensão, de destreza e arte na direção da luta política. Os amigos se manifestam na desgraça. Os exércitos derrotados passam por uma boa escola.

19. O czarismo vitorioso vê-se obrigado a destruir apressadamente os remanescentes do regime pré-burguês e patriarcal na Rússia. O desenvolvimento burguês do país progride com notável rapidez. As ilusões à margem e acima das classes, as ilusões sobre a possibilidade de evitar o capitalismo se dissipam. A luta de classes manifesta-se de modo absolutamente novo e com maior relevo.

20. Os partidos revolucionários têm de completar sua instrução. Aprenderam a desencadear a ofensiva. Agora têm que compreender que essa ciência deve ser completada pela de saber recuar ordenadamente. É preciso compreender - e a classe revolucionária aprende a compreendê-la através de sua própria e amarga experiência - que não se pode triunfar sem saber atacar e empreender a retirada com ordem. De todos os partidos revolucionários e de oposição derrotados, foram os bolcheviques que recuaram com maior ordem, com menores perdas para seu "exército", conservando melhor seu núcleo central, com cisões menos profundas e irreparáveis, menos desmoralização e com maior capacidade para reiniciar a ação de modo mais amplo, justo e vigoroso. E se os bolcheviques conseguiram tal resultado foi exclusivamente porque desmascararam impiedosamente e expulsaram os revolucionários de boca, obstinados em não compreender que é necessário recuar, que é preciso saber recuar, que é obrigatório aprender a atuar legalmente nos mais reacionários parlamentos e nas organizações sindicais, cooperativas, nas organizações de socorros mútuos e outras semelhantes, por mais reacionárias que sejam.

21. **Anos de ascenso (1910/1914).** A princípio, o ascenso foi de uma lentidão incrível; em seguida, depois dos acontecimentos do Lena²². em 1912, verificou-se com rapidez um pouco maior. Vencendo dificuldades inauditas, os bolcheviques eliminaram os mencheviques, cujo papel como agentes da burguesia no movimento operário foi admiravelmente compreendido depois de 1905 por toda a burguesia e aos quais, por isso mesmo, ela apoiava de mil maneiras contra os bolcheviques. Estes nunca teriam conseguido eliminar os mencheviques, caso não houvessem aplicado uma tática justa, combinando o trabalho ilegal com a utilização obrigatória das "possibilidades legais". Na mais reacionária das Dumas, os bolcheviques conquistaram toda a bancada operária.

22. **Primeira guerra imperialista mundial (1914/1917).** O parlamentarismo legal, com um "parlamento" ultrarreacionário, presta os mais úteis serviços ao partido do proletariado revolucionário, aos bolcheviques. Os deputados bolcheviques são deportados para a Sibéria. Na imprensa dos emigrados encontram entre nós sua mais plena expressão todos os matizes das concepções do social-imperialismo, do social-chauvinismo, do social-patriotismo, do internacionalismo inconsequente e do consequente, do pacifismo e, da negação revolucionária das ilusões pacifistas. Os imbecis sabichões e as velhas comadres da II Internacional, que franziam o cenho com desdém e arrogância ante a abundância de "frações" no socialismo russo e ante a luta encarniçada que havia entre elas, foram incapazes, quando a guerra suprimiu em todos os países adiantados a tão alardeada "legalidade" de organizar, ainda que apenas aproximadamente, um intercâmbio livre (ilegal) de ideias e uma elaboração livre (ilegal) de concepções justas, como os revolucionários russos organizaram na Suíça e em outros países. Precisamente por isso, tanto os social-patriotas declarados como os "kautskistas" de todos os países revelaram-se os piores traidores do proletariado. E se o bolchevismo foi capaz de triunfar em 1917/1920, uma das causas fundamentais dessa vitória consiste em que desmascarou impiedosamente, já desde fins de 1914, a vileza, a infâmia e a abjeção do social-chovinismo e do "kautskismo" (ao qual correspondem o longuetismo²³ na França, as ideias dos chefes do Partido Trabalhista Independente²⁴ e dos fabianos²⁵ na Inglaterra, de Turati na Itália, etc.) e em que as massas foram se convencendo cada vez mais, por experiência própria, de que as concepções dos bolcheviques eram justas.

23. **Segunda revolução russa (fevereiro-outubro de 1917)** O incrível grau de decrepitude e caducidade do czarismo criou contra ele (com ajuda dos reveses e sofrimentos de uma guerra infinitamente penosa) uma tremenda força destruidora. Em poucos dias, a Rússia converteu-se numa república burguesa democrática mais livre (nas condições da guerra) que qualquer outro país. Os chefes dos partidos de oposição e revolucionários começaram a formar o governo, como nas repúblicas do mais "puro parlamentarismo", pois o título de

²²Os acontecimentos do Lena de 1912: alusão ao metralhamento dos operários dos areais auríferos do Lena (Sibéria). em abril de 1912 pelas tropas czaristas.

²³ Longuetismo: corrente centrista do Partido Socialista Francês, à frente da qual figurava Jean Longuet. Durante a primeira guerra mundial, os longuetistas mantiveram uma posição social-pacifista. Depois do triunfo da Grande Revolução Socialista de Outubro na Rússia, declararam-se, em palavras, partidários da ditadura do proletariado, mas, na realidade, eram seus inimigos. Seguiram a política de reconciliação com os social-chovinistas e apoiaram o rapace Tratado de Versafíles. Em dezembro de 1920, os longuetistas, juntamente com os reformistas desavergonhados, separaram-se do partido aderiram à Internacional chamada, de Segunda e meia e depois do desmoronamento desta, voltaram à II Internacional.

²⁴O Partido Trabalhista Independente da Inglaterra (Independent Labour Party) foi fundado em 1893. À sua frente estavam James Keir Hardie, R. MacDonald e outros. Pretendendo ser independente politicamente dos partidos burgueses, o Partido Trabalhista Independente era, na realidade, "independente do socialismo, mas dependente do liberalismo" (Lênin).

²⁵Fabianos: membros da "Sociedade Fabiana", reformista e extremamente oportunista, fundada na Inglaterra em 1884 por um grupo de intelectuais burgueses. Veja-se a definição dos fabianos nos trabalhos de Lênin "Prefácio da versão russa do livro Cartas de J. Becker, J. Dietzgen, F. Engels, K. Marx e outro" (Obras, 4ª ed. russa, tomo 12, pág. 330/331); O Programa Agrário da Social-democracia na Revolução Russa (Obras, 4ª ed. russa, t. 15, pág. 154); O Pacifismo Inglês e o Desamor Inglês pela Teoria (Obras, 4ª ed. russa, t. 21, pág. 234) e outras.

chefe de partido de oposição no parlamento, mesmo no mais reacionário jamais havido, sempre facilitou o papel ulterior desse chefe na revolução.

24. Em poucas semanas, os mencheviques e os "social-revolucionários" assimilaram com perfeição todos os maneirismos, e posições, argumentos e sofismas dos heróis europeus da II Internacional, dos ministerialistas e de toda a corja oportunista Tudo que hoje lemos sobre os Scheidemann e os Noske, Kautsky e Hilferding, Renner e Austerlitz, Otto Bauer e Fritz Adler, Turati e Longuet, sobre os fabianos e os chefes do Partido Trabalhista Independente da Inglaterra nos parece (e é, na realidade) uma repetição monótona de um assunto antigo e conhecido. A História os ludibriou, obrigando os oportunistas de um país atrasado a se manifestarem antes dos oportunistas de uma série de países adiantados.

25. Se todos os heróis da II Internacional fracassaram e se cobriram de opróbrio na questão do papel e da importância dos Soviets e do Poder Soviético; se eles se cobriram de ignomínia com singular "brilhantismo" e se os chefes dos três grandes partidos que se separaram agora da II Internacional (Partido Social-Democrata Independente da Alemanha²⁶, Partido Longuetista da França e Partido Trabalhista Independente da Inglaterra) se confundiram nessa questão; se todos eles se tornaram escravos dos preconceitos da democracia pequeno-burguesa (exatamente da mesma maneira que os pequeno-burgueses de 1848, que se chamavam "socialdemocratas"), também é verdade que já vimos tudo isso no exemplo dos mencheviques. A História fez esse gracejo: os Soviets surgiram na Rússia em 1905, foram falsificados em fevereiro-outubro de 1917 pelos mencheviques - que fracassaram por não haver compreendido o papel e a importância dos Soviets - e hoje surgiu no mundo inteiro a ideia do Poder Soviético, ideia que se difunde com inusitada rapidez entre o proletariado de todos os países. Enquanto isso, os antigos heróis da II Internacional fracassam em toda parte, por não terem sabido compreender, do mesmo modo que os nossos mencheviques, o papel e a importância dos Soviets. A experiência demonstrou que, em algumas questões essenciais da revolução proletária, todos os países passarão, inevitavelmente, por onde a Rússia passou.

26. Contrariamente às opiniões que não raro se expendem agora na Europa e na América, os bolcheviques começaram com muita prudência e não prepararam de modo algum com facilidade a sua vitoriosa luta contra a república burguesa parlamentar (de fato) e contra os mencheviques. No início do período citado, não conclamamos à derrubada do governo, e sim explicamos a impossibilidade de fazê-lo sem modificar previamente a composição e o estado de espírito dos Soviets. Não declaramos o boicote ao parlamento burguês, mas, pelo contrário, dissemos - e a partir da Conferência de nosso Partido, celebrada em abril de 1917, passamos a dizê-lo oficialmente em nome do Partido - que uma república burguesa com uma Constituinte era preferível à mesma república sem Constituinte, mas que a república "operária-camponesa" soviética é melhor que qualquer república democrático-burguesa, parlamentar. Sem essa preparação prudente, minuciosa, sensata e prolongada não teríamos podido alcançar nem manter a vitória de Outubro de 1917.

IV - Quais foram os inimigos que o bolchevismo enfrentou, dentro do movimento operário, para poder crescer, fortalecer-se e temperar-se?

27. Em primeiro lugar, e acima de tudo, na luta contra o oportunismo que, em 1914, transformou-se definitivamente em social-chovinismo e se bandeou, de uma vez por todas, para o lado da burguesia, contra o proletariado. Esse era, naturalmente, o principal inimigo do bolchevismo dentro do movimento operário, e continua sendo, em escala mundial. O

²⁶ Partido Social-democrata Independente da Alemanha: partido centrista fundado em abril de 1917. Dividiu-se em seu Congresso de Halle, em outubro de 1920. Uma parte ponderável do partido fundiu-se, em dezembro do mesmo ano, com o Partido Comunista da Alemanha. Os elementos direitistas formaram um partido isolado, adotando a antiga, designação de Partido social-democrata Independente. Em 1922, os "independentes" reingressaram no Partido Social-democrata Alemão.

bolchevismo prestou e presta a esse inimigo a maior atenção. Esse aspecto da atividade dos bolcheviques já é muito bem conhecido no estrangeiro.

28. Quanto a outro inimigo do bolchevismo no movimento operário, a coisa já é bem diferente. Pouco se sabe, no estrangeiro, que o bolchevismo cresceu, formou-se e temperou-se, durante muitos anos, na luta contra o revolucionarismo pequeno-burguês, parecido com o anarquismo, ou que adquiriu dele alguma coisa, afastando-se, em tudo que é essencial, das condições e exigências de uma consequente luta de classes do proletariado. Para os marxistas está plenamente provado do ponto de vista teórico - e a experiência de todas as revoluções e movimentos revolucionários da Europa confirmam-no totalmente - que o pequeno proprietário, o pequeno patrão (tipo social muito difundido em vários países europeus e que tem caráter de massas), que, muitas vezes sofre sob o capitalismo uma pressão contínua e, amiúde, uma agravação terrivelmente brusca e rápida de suas precárias condições de vida, não sendo difícil arruinar-se, passa-se facilmente para uma posição ultrarrevolucionária, mas é incapaz de manifestar serenidade, espírito de organização, disciplina e firmeza. O pequeno-burguês "enfurecido" pelos horrores do capitalismo é, como o anarquismo, um fenômeno social comum a todos os países capitalistas.

29. São por demais conhecidas a inconstância e a esterilidade dessas veleidades revolucionárias, assim como a facilidade com que se transformam rapidamente em submissão, apatia, fantasias, e mesmo num entusiasmo "furioso" por essa ou aquela tendência burguesa "em moda". Contudo, o reconhecimento teórico, abstrato, de tais verdades não é suficiente, de modo algum, para proteger um partido revolucionário dos antigos erros, que sempre acontecem por motivos inesperados, com ligeira variação de forma, com aparência ou contorno nunca vistos, anteriormente, numa situação original (mais ou menos original).

30. O anarquismo foi, muitas vezes, uma espécie de expiação dos pecados oportunistas do movimento operário. Essas duas anomalias completavam-se reciprocamente. Se o anarquismo exerceu na Rússia uma influência relativamente insignificante nas duas revoluções (1905 e 1917) e durante sua preparação, não obstante a população pequeno-burguesa ser aqui mais numerosa que nos países europeus, isso se deve, em parte, sem dúvida, ao bolchevismo, que sempre lutou impiedosa e inconciliavelmente contra o oportunismo. Digo "em parte" porque o que mais contribuiu para debilitar o anarquismo na Rússia foi a possibilidade que teve no passado (década de 70 do século XIX) de alcançar um desenvolvimento extraordinário e revelar profundamente seu caráter falso e sua incapacidade de servir como teoria dirigente da classe revolucionária.

31. Ao surgir em 1903, o bolchevismo herdou a tradição de luta implacável contra o revolucionarismo pequeno-burguês, semi-anarquista (ou capaz de "namorar" o anarquismo), tradição que sempre existira na social-democracia revolucionária e que se consolidou particularmente em nosso país em 1900/1903, quando foram assentadas as bases do partido de massas do proletariado revolucionário da Rússia. O bolchevismo fez sua e continuou a luta contra o partido que mais fielmente representava as tendências do revolucionarismo pequeno-burguês (isto é, o partido dos "socialistas revolucionários") em três pontos principais. Em primeiro lugar, esse partido, que repudiava o marxismo, obstinava-se em não querer compreender (talvez fosse mais justo dizer que não podiam compreender) a necessidade de levar em conta, com estrita objetividade, as forças de classe e suas relações mútuas antes de empreender qualquer ação política. Em segundo lugar, esse partido via um sinal particular de seu "revolucionarismo" ou de seu "esquerdismo" no reconhecimento do terror individual, dos atentados, que nós, marxistas, rejeitávamos categoricamente. É claro que condenávamos o terror individual exclusivamente por conveniência; as pessoas capazes de condenar "por princípio" o terror da grande revolução francesa ou, de modo geral, o terror de um partido revolucionário vitorioso, assediado pela burguesia do mundo inteiro, já foram fustigadas e ridicularizadas por Plekhanov em 1900/1903, quando este era marxista e revolucionário. Em terceiro lugar, ser "esquerdista" consistia, para os social-revolucionários, em rir dos pecados oportunistas, relativamente leves, da social-democracia alemã, ao mesmo tempo que imitavam

os ultra-oportunistas desse mesmo partido, em questões como a agrária ou a da ditadura do proletariado.

32. A História, diga-se de passagem, confirmou hoje, em grande escala, em escala histórico-mundial, a opinião que sempre defendemos, isto é: que a social-democracia revolucionária alemã (devemos levar em conta que, já em 1900/1903, Plekhanov reclamava a expulsão de Bernstein do partido e que os bolcheviques, mantendo sempre essa tradição, desmascaravam em 1913 toda a vilania, a baixezca e a traição de Legien) estava mais próxima que ninguém do partido de que o proletariado revolucionário necessitava para triunfar. Agora, em 1920, depois de todos os rompimentos e crises ignominiosos da época da guerra e dos primeiros anos que a sucederam, vê-se com clareza que, de todos os partidos ocidentais, a social-democracia revolucionária alemã é, exatamente, a que deu os melhores chefes e que mais rapidamente se recuperou, corrigiu e fortaleceu. Isso também se verifica no partido dos espartaquistas²⁷ e na ala esquerda, proletária, do "Partido Social-Democrata Independente da Alemanha", que mantém uma luta firme contra o oportunismo e a falta de caráter dos Kautsky, Hilferding, Ledebour e Crispian. Se dermos agora uma olhada num período histórico completamente encerrado, que vai da Comuna de Paris à primeira República Socialista Soviética, veremos delinear-se com relevo absolutamente definido e indiscutível a posição do marxismo diante do anarquismo. Afinal de contas, o marxismo demonstrou ter razão. E se os anarquistas assinalavam com justeza o caráter oportunista das concepções sobre o Estado que imperavam na maioria dos partidos socialistas, é preciso observar, em primeiro lugar, que esse caráter oportunista provinha de uma deformação e até mesmo de uma ocultação consciente das ideias de Marx a respeito do Estado (em meu livro *O Estado e a Revolução* registrei que mantive no fundo de uma gaveta durante 36 anos, de 1875 a 1911, a carta em que Engels denunciava com singular realce, vigor, franqueza e clareza o oportunismo das concepções socialdemocratas em voga sobre o Estado); e, em segundo lugar, que a retificação dessas ideias oportunistas e o reconhecimento do Poder Soviético e de sua superioridade sobre a democracia parlamentar burguesa partiram com maior amplitude e rapidez precisamente das tendências mais marxistas existentes no seio dos partidos socialistas da Europa e da América.

33. Houve dois momentos em que luta do bolchevismo contra os desvios "esquerdistas" de seu próprio partido adquiriu dimensões particularmente consideráveis: em 1908, em torno da participação num "parlamento" ultrarreacionário e nas associações operárias legais, regidas pelas leis mais reacionárias, e em 1918 (paz de Brest), em torno da admissibilidade desse ou daquele "compromisso".

34. Em 1908, os bolcheviques "de esquerda" foram expulsos de nosso partido, em virtude de seu empenho em não querer compreender a necessidade de participar num "parlamento" ultrarreacionário. Os "esquerdistas", entre os quais havia muitos excelentes revolucionários que depois foram (e continuam sendo) honrosamente membros do Partido Comunista, apoiavam-se, principalmente, na feliz experiência do boicote de 1905. Quando o czar anunciou, em agosto de 1905, a convocação de um "parlamento" consultivo, os bolcheviques,

²⁷ Espartaquistas: membros da Liga "Espartaco", fundada durante a primeira guerra mundial, em janeiro de 1916, sob a direção de K. Leibknecht, R. Luxemburgo, F. Mehring, C. Zetkin e outros. Os espartaquistas fizeram propaganda revolucionária entre as massas contra a guerra imperialista e desmascararam a política de rapina do imperialismo alemão e a traição dos chefes social-democratas. Mas os espartaquistas, esquerdistas alemães, não se depuraram dos erros mencheviques, nas questões mais importantes da teoria e da política. A crítica dos erros dos esquerdistas alemães pode ser encontrada nas obras de Lênin *A Respeito do Folheto de Junius* (Obras, 4ª ed. russa, t. 22, pág. 291/305), *Acerca de uma Caricatura do Marxismo e Sobre o Economismo Imperialista* (Obras, 4ª ed. russa, t. 23, pág. 16/64) e outras, e na carta de I.V. Stálin à redação da revista *A Revolução Proletária*, carta intitulada *Sobre Algumas Questões da História do Bolchevismo* (Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 350/361). Em abril de 1917, os espartaquistas ingressaram no Partido Social-democrata Independente da Alemanha, partido centrista, conservando dentro dele sua independência orgânica. Depois da revolução de novembro de 1918 na Alemanha, os espartaquistas romperam com os "independentes" e em dezembro do mesmo ano fundaram o Partido Comunista da Alemanha.

contra todos os partidos da oposição e contra os mencheviques, declararam o boicote a esse parlamento, que foi liquidado, com efeito, pela revolução de outubro de 1905. Naquela ocasião, o boicote foi justo, não porque seja certo abster-se, de modo geral, de participar nos parlamentos reacionários, mas porque foi levada em conta, acertadamente, a situação objetiva, que levava à rápida transformação das greves de massas em greve política e, sucessivamente, em greve revolucionária e em insurreição. Além disso, o motivo da luta era, nessa época, saber se se devia deixar nas mãos do czar a convocação da primeira instituição representativa, ou se se devia tentar arrancá-la das mãos das antigas autoridades. Como não havia, nem podia haver, a plena certeza de que a situação objetiva era semelhante e que seu desenvolvimento havia de realizar-se no mesmo sentido e com igual rapidez, o boicote deixava de ser justo.

35. O boicote dos bolcheviques ao "parlamento" em 1905, enriqueceu o proletariado revolucionário com uma experiência política extraordinariamente preciosa, mostrando que, na combinação das formas de luta legais e ilegais, parlamentares e extraparlamentares, é, às vezes, conveniente e até obrigatório saber renunciar às formas parlamentares. Mas transportar cegamente, por simples imitação, sem espírito crítico, essa experiência a outras condições, a outra situação, é o maior dos erros. O que já constituía um erro, embora pequeno e facilmente corrigível²⁸, foi o boicote dos bolcheviques à "Duma" em 1906. Os boicotes de 1907, 1908 e dos anos seguintes foram erros muito mais sérios e dificilmente reparáveis, pois, de um lado, não era acertado esperar que a onda revolucionária se reerguesse com muita rapidez e se transformasse em insurreição e, por outro lado, o conjunto da situação histórica originada pela renovação da monarquia burguesa impunha a necessidade de combinar-se o trabalho legal com o ilegal. Hoje, quando se considera retrospectivamente esse período histórico já encerrado por completo, cuja ligação com os períodos posteriores já se manifestou plenamente, compreende-se com extrema clareza que os bolcheviques não teriam podido conservar (já não digo consolidar, desenvolver e fortalecer) o núcleo sólido do partido revolucionário do proletariado durante os anos 1908/1914, se não houvessem defendido, na mais árdua luta, a combinação obrigatória das formas legais com as ilegais, a participação obrigatória num parlamento ultrarreacionário e numa série de instituições regidas por leis reacionárias (associações de mútuo socorro, etc.).

36. Em 1918, as coisas não chegaram à cisão. Os comunistas "de esquerda" só constituíram, na ocasião, um grupo especial, ou "fração", dentro de nosso Partido, e por pouco tempo. No mesmo ano, os mais destacados representantes do "comunismo de esquerda", Rádek e Bukharin, por exemplo, reconheceram abertamente seu erro. Achavam que a paz de Brest era um compromisso com os imperialistas, inaceitáveis por princípio e funesto para o partido do proletariado revolucionário. Tratava-se, realmente, de um compromisso com os imperialistas; mas era precisamente um compromisso dessa espécie que era obrigatório naquelas circunstâncias.

37. Hoje, quando ouço, por exemplo, os "social-revolucionários" atacarem nossa tática ao assinar a paz de Brest, ou uma observação como a que me foi feita pelo camarada Landsbury durante uma conversa: "Os chefes de nossas trade-unions inglesas dizem que também se podem permitir um compromisso, uma vez que os bolcheviques se permitiram", respondo habitualmente, antes de tudo, com uma comparação simples e "popular": Imagine que o carro em que você está viajando é detido por bandidos armados. Você lhes dá o dinheiro, a carteira de identidade, o revólver e o automóvel; mas, em troca disso, escapa da agradável companhia dos bandidos. Trata-se, evidentemente, de um compromisso. *Do ut des* ("dou" meu dinheiro, minhas armas e meu automóvel, "para que me dê" a possibilidade de seguir em paz). Dificilmente, porém, se encontraria um homem sensato capaz de declarar que esse compromisso é "inadmissível do ponto de vista dos princípios", ou de denunciar quem o assumiu como cúmplice dos bandidos (ainda que esses, possuindo o automóvel, e as armas,

²⁸ Pode-se dizer, da política e dos partidos, com as variações correspondentes, o mesmo que dos indivíduos. Inteligente não é aquele que não comete erros. Não há, nem pode haver, homens que não cometam erros. Inteligente é aquele que comete erros não muito graves e sabe corrigi-los acertada e rapidamente. (Nota do autor)

possam utilizá-los para novas pilhagens). Nosso compromisso com os bandidos do imperialismo alemão foi semelhante a esse.

38. Mas quando, em 1914/1918 e em 1918/1920, os mencheviques e os social-revolucionários na Rússia, os partidários de Scheidemann (e, em grande parte, os kautskistas) na Alemanha, Otto Bauer e Friedrich Adler (sem falar dos Srs. Renner e outros) na Áustria, os Renaudel, Longuet & Cia. na França, os fabianos, os "independentes" e os "trabalhistas"²⁹ na Inglaterra assumiram, com os bandidos de sua própria burguesia e, às vezes, da burguesia "aliada", compromissos dirigidos contra o proletariado revolucionário de seu próprio país, esses senhores agiram como cúmplices dos bandidos.

39. A conclusão é clara: rejeitar os compromissos "por princípio", negar a legitimidade de qualquer compromisso, em geral, constitui uma infantilidade que é inclusive difícil de levar a sério. O político que queira ser útil ao proletariado revolucionário deve saber distinguir os casos concretos de compromissos que são mesmo inadmissíveis, que são uma expressão de oportunismo e de traição, e dirigir contra esses compromissos concretos toda a força da crítica, todo esforço de um desmascaramento implacável e de uma guerra sem quartel, não permitindo aos socialistas, com sua grande experiência de "manobristas", e aos jesuítas parlamentares que se livrem da responsabilidade através de preleções sobre os "compromissos em geral". Os senhores "chefes" das trade-unions inglesas, assim como os da Sociedade Fabiana e os do Partido Trabalhista "Independente", pretendem, exatamente desse modo, eximir-se da responsabilidade da traição que cometeram, por haver assumido semelhante compromisso que, na realidade, nada mais é que oportunismo, defecção e traição da piorespécie.

40. Há compromissos e compromissos. É preciso saber analisar a situação e as circunstâncias concretas de cada compromisso, ou de cada variedade de compromisso. É preciso aprender a distinguir o homem que entregou aos bandidos sua bolsa e suas armas para diminuir o mal causado, por eles e facilitar sua captura e execução, daquele que dá aos bandidos sua bolsa e suas armas para participar da divisão do saque. Em política, isso está muito longe de ser sempre assim tão difícil como nesse pequeno exemplo de simplicidade infantil. Seria, porém, um simples charlatão quem pretendesse inventar para os operários uma fórmula que, antecipadamente, apresentasse soluções adequadas para todas as circunstâncias da vida, ou aquele que promettesse que na política do proletariado nunca surgirão dificuldades nem situações complicadas.

41. A fim de não deixar margem a interpretações falsas, tentarei esboçar, ainda que em poucas palavras, algumas teses fundamentais para a análise dos casos concretos de compromisso.

42. O partido que acertou com o imperialismo alemão o compromisso de firmar a paz de Brest vinha elaborando na prática o seu internacionalismo desde fins de 1914. Esse partido não receou proclamar a derrota da monarquia czarista e estigmatizar a "defesa da pátria", na guerra entre duas aves de rapina imperialistas. Os deputados desse partido no parlamento foram deportados para a Sibéria, em vez de seguir o caminho que leva às pastas ministeriais num governo burguês. A revolução, ao derrubar o czarismo e proclamar a república democrática, submeteu esse partido a uma nova e importante prova: não ajustou nenhum acordo com os imperialistas de "seu" país, e sim preparou sua derrubada e os derrubou. Esse mesmo partido, uma vez dono do Poder político, não deixou pedra sobre pedra nem da propriedade agrária nem da propriedade capitalista. Depois de publicar e inutilizar os tratados

²⁹ O Partido Trabalhista (*Labour Party*) foi fundado em 1900 como um agrupamento de organizações operárias, com a finalidade de criar uma representação operária no parlamento. Esse agrupamento denominou-se, inicialmente, "Comitê de Representação Operária" e, a partir de 1906, Partido Trabalhista. Em 1913, Lênin caracterizou o Partido Trabalhista como "a união dos sindicatos não socialistas com o Partido Trabalhista Independente, oportunista ao extremo". Durante a guerra imperialista mundial de 1914/1918, os líderes do Partido Trabalhista mantiveram uma posição social-chovinista. O Partido Trabalhista subiu ao Poder em 1924, 1929, 1945 e 1950. A política dos governos trabalhistas dentro do país baseou-se na colaboração de classes com a burguesia; sua política exterior coincidiu, em seus aspectos fundamentais, com a dos governos conservadores.

secretos dos imperialistas, esse partido propôs a paz a todos os povos e só cedeu ante a violência dos bandidos de Brest quando os imperialistas anglo-franceses frustraram a paz e depois de os bolcheviques terem feito tudo que, era humanamente possível para acelerar a revolução na Alemanha e em outros países. A total justiça de semelhante compromisso, assumido por tal partido nessas circunstâncias, torna-se dia a dia mais clara e evidente para todos.

43. Os mencheviques e social-revolucionários da Rússia (do mesmo modo que todos os chefes da II Internacional no mundo inteiro, em 1914/1920) começaram pela traição, justificando direta ou indiretamente a "defesa da pátria", isto é, a defesa de sua burguesia espoliadora, e persistiram na traição coligando-se com a burguesia de seu país e lutando a seu lado contra o proletariado revolucionário de seu próprio país. Sua união na Rússia com Kerenski e os democratas constitucionalistas³⁰ e, depois, com Kóichak e Denikin, assim como a aliança de seus correligionários estrangeiros com a burguesia de seus respectivos países, foi uma deserção para o campo da burguesia, contra o proletariado. Seu compromisso com os bandidos do imperialismo consistiu, do princípio ao fim, em tornar-se cúmplices do banditismo imperialista.

V - O comunismo "de esquerda" na Alemanha. Chefes, Partido, Classe, Massas

44. Os comunistas alemães, de quem vamos falar agora, não se chamam de "esquerdistas", mas de "oposição de princípio", se não me engano. Mas, pelo que se segue, pode-se ver que têm todos os sintomas da "doença infantil do esquerdismo".

45. O folheto intitulado *Cisão no Partido Comunista da Alemanha (Liga dos Espartaquistas)*, que reflete o ponto de vista dessa oposição e que foi editado pelo "Grupo local de Francfort-sobre-o-Meno", expõe com grande evidência, exatidão, clareza e concisão a essência dos pontos de vista dessa oposição. Algumas citações serão suficientes para mostrar aos leitores essa essência:

46. O Partido Comunista é o partido da luta de classes mais decidida...[...] ... Do ponto de vista político, esse período de transição (entre o capitalismo e o socialismo) é o período da ditadura do proletariado... [...] ... Surge a seguinte pergunta: quem deve exercer a ditadura: *o Partido Comunista ou a classe proletária?* Por princípio, devemos tender para a ditadura do Partido Comunista ou para a ditadura da classe proletária?"... (Os itálicos são do original).

47. Mais adiante, o autor do folheto acusa o "CC" do Partido Comunista da Alemanha de procurar uma coalizão com o Partido Social-democrata Independente da Alemanha, de ter levantado "a questão do reconhecimento, em princípio, de todos os meios políticos" de luta, entre eles o parlamentarismo, somente para ocultar suas verdadeiras e principais intenções de coligar-se com os independentes. E o folheto continua:

48. A oposição escolheu outro caminho. Defende o critério de que a questão da hegemonia do Partido Comunista e de sua ditadura nada mais é que uma questão de tática. Em todo caso, a hegemonia do Partido Comunista é a última forma de toda hegemonia de partido. Por princípio, deve-se tender para a ditadura da classe proletária. E todas as medidas do Partido, sua organização, suas formas de luta, sua estratégia e sua tática devem orientar-se, para esse objetivo. De acordo com isso é preciso rejeitar do modo mais categórico todo compromisso com os demais partidos, todo retorno aos métodos parlamentares de luta, que já caducaram histórica e politicamente, toda política de manobra e conciliação. Os métodos especificamente proletários de luta revolucionária devem ser ressaltados com energia. E, para abarcar os mais amplos setores e camadas proletários, que devem incorporar-se à luta revolucionária sob a direção do Partido Comunista, é preciso criar novas formas de organização, sobre a mais ampla base e com os mais amplos limites. Esse lugar de agrupamento de todos os elementos revolucionários é a União Operária, construída sobre a base das organizações de fábrica. Nela devem unir-se todos os operários fiéis

³⁰ Partido Democrata Constitucionalista - (k. d. - kadetes) - principal partido burguês na Rússia, partido da burguesia liberal-monárquica, fundado em outubro de 1905. Acobertando-se sob um falso caráter democrático e denominando-se o partido da "liberdade popular", os democratas constitucionalistas trataram de ganhar para suas posições o campesinato. Inclínavam-se pela manutenção do czarismo sob forma de monarquia constitucional. Depois da vitória da Revolução Socialista de Outubro, os democratas constitucionalistas organizaram "complots" e insurreições contrarrevolucionárias contra a República Soviética.

ao lema: Fora dos Sindicatos! É nela que se forma o proletariado militante nas mais amplas fileiras combativas. Para ser admitido basta reconhecer a luta de classes, o sistema dos Soviets e a ditadura. Toda a educação política posterior das massas militantes e sua orientação política na luta é missão do Partido Comunista, que se encontra fora da União Operária... [...] Há agora, por conseguinte dois partidos comunistas frenteafrente: *Um, é o partido dos chefes*, que trata de organizar e dirigir a luta revolucionária de cima, aceitando os compromissos e o parlamentarismo com a finalidade de criar situações que permitam a esses chefes participar de um governo de coalizão, em cujas mãos esteja a ditadura. *O outro, é o partido das massas*, que espera o ascenso da luta revolucionária de baixo, que conhece e aplica nessa luta um único método que leva firmemente ao objetivo traçado, rejeitando todos os processos parlamentares e oportunistas; esse método único é a derrubada incondicional da burguesia para depois implantar a ditadura de classe do proletariado, com a finalidade de instaurar o socialismo... [...] ... De um lado, a ditadura dos chefes; de outro, a ditadura das massas! Essa é a nossa palavra de ordem".

49. Tais são as teses fundamentais que caracterizam o ponto de vista da oposição no Partido Comunista Alemão.

50. Todo bolchevique que tenha participado conscientemente do desenvolvimento do bolchevismo desde 1903, ou que o tenha observado de perto, não poderá deixar de exclamar imediatamente, depois de haver lido tais opiniões: "Que velharias conhecidas! Que infantilidades de "esquerda"!".

51. Examinemos, porém, mais de perto essas opiniões.

52. O simples fato de perguntar "ditadura do Partido ou ditadura da classe?" - "ditadura (partido) dos chefes ou ditadura (partido) das massas?" demonstra a mais incrível e irremediável confusão de ideias. Há pessoas que se esforçam para inventar alguma coisa inteiramente original e que, no seu afã de sabedoria, não conseguem senão cair no ridículo. Todos sabem que as massas se dividem em classes, que só é possível opor as massas às classes num sentido; opondo-se uma esmagadora maioria (sem dividi-la de acordo com as posições ocupadas no regime social da produção) a categorias que ocupam uma posição especial nesse regime; que as classes são, geralmente e na maioria dos casos (pelo menos nos países civilizados modernos), dirigidas por partidos políticos; que os partidos políticos são dirigidos, via de regra, por grupos mais ou menos estáveis, integrados pelas pessoas mais prestigiosas, influentes e sagazes, eleitas para os cargos de maior responsabilidade e chamadas de chefes. Tudo isso é o ABC, tudo isso é simples e claro. Que necessidade havia de trocar isso por tais confusões, por essa espécie de volapuk? ³¹ Essas pessoas se desnortearam, pelo visto, caindo numa situação difícil, em virtude da rápida sucessão da vida legal e ilegal do Partido, que altera as relações comuns, normais e simples entre os chefes, os partidos e as classes. Na Alemanha, como nos demais países europeus, as pessoas estão excessivamente habituadas com a legalidade, a eleição livre e regular dos "chefes" pelos congressos ordinários dos partidos, a comprovação cômoda da composição de classe desses últimos através das eleições parlamentares, dos comícios, imprensa, estado de espírito dos sindicatos e outras organizações, etc. Quando, em virtude da marcha impetuosa da revolução e do desenvolvimento da guerra civil, foi preciso passar dessa rotina para a sucessão da legalidade e da ilegalidade e sua combinação, para métodos "pouco cômodos", "não, democráticos", a fim de designar, formar ou conservar os "grupos de dirigentes", essas pessoas perderam a cabeça e começaram a inventar um monstruoso absurdo. Ao que parece, os "tribunistas" holandeses,³² que tiveram o azar de nascer num país pequeno, com uma tradição e condições de situação legal particularmente privilegiada e estável, e que nunca assistiram à sucessão das situações legais e ilegais, desorientaram-se e perderam a cabeça, favorecendo invenções absurdas.

³¹ Volapuk - Idioma internacional artificial inventado por Schleyer, em 1879. (Nota de Ediciones en Lenguas Extranjeras)

³² "Tribunistas" holandeses: denominação dada por Lênin aos membros do Partido Comunista Holandês. Inicialmente, os tribunistas formavam o grupo esquerdista do Partido Operário Social-democrata Holandês, que em 1907 organizou a publicação do jornal A Tribuna (De Tribune). Em 1909 foram expulsos do Partido Operário Social-democrata e constituíram um partido independente: o Partido Social-democrata da Holanda. Os tribunistas representavam a ala esquerda do movimento operário da Holanda, mas não constituíam um partido revolucionário consequente. Em 1918 participaram da fundação do Partido Comunista da Holanda.

53. Por outro lado, salta aos olhos o uso impensado e ilógico de algumas palavras "da moda" em nossa época sobre "a massa" e "os chefes". Essas pessoas ouviram muitos ataques contra "os chefes" e os sabe de cor, ouviram como se os contrapunha à "massa", mas não souberam raciocinar sobre o significado de tudo isso e ver as coisas com clareza.

54. No fim da guerra imperialista e depois dela, manifestou-se em todos os países com singular vigor e evidência o divórcio entre "os chefes" e "a massa". A causa fundamental desse fenômeno foi explicada muitas vezes por Marx e Engels, de 1852 a 1892, usando o exemplo da Inglaterra. A situação monopolista, desse país originou o nascimento de uma "aristocracia operária" oportunista, semi-pequeno-burguesa, saída da "massa". Os chefes dessa aristocracia operária passavam-se frequentemente para o campo da burguesia, que os sustentava direta ou indiretamente. Marx foi alvo do ódio, que lhe honra, desses canalhas, por havê-los, qualificado publicamente de traidores. O imperialismo moderno (do século XX) criou uma situação privilegiada, monopolista, para alguns países avançados, e, nesse terreno, surgiu em toda parte, dentro da II Internacional, esse tipo de chefes traidores, oportunistas, social-chovinistas, que defendem os interesses de sua corporação, de seu reduzido grupo de aristocracia operária. Esses partidos oportunistas afastaram-se das "massas", isto é, dos setores mais amplos de trabalhadores, de sua maioria, dos operários pior remunerados. A vitória do proletariado revolucionário torna-se impossível sem a luta contra esse mal, sem o desmascaramento, a desmoralização e a expulsão dos chefes oportunistas social-traidores; essa política, exatamente, foi a aplicada pela III Internacional.

55. Mas, com tal pretexto, chegar a contrapor, em termos gerais, a ditadura das massas à ditadura dos chefes é um absurdo ridículo, uma tolice. O mais engraçado é que, de fato, em lugar dos antigos chefes que se limitavam a ideias comuns sobre as coisas simples, destacam-se (dissimulados pela palavra de ordem "abaixo os chefes") chefes novos, que dizem supremos disparates e asneiras. Tais são, na Alemanha, Lauffenberg, Wolfweim, Horner³³, Karl Schroeder, Friedrich Wendell e Karl Erler³⁴. As tentativas desse último para "aprofundar" a questão e proclamar, de modo geral, a inutilidade e o "caráter burguês" dos partidos políticos representam verdadeiras colunas de Hércules da estupidez, deixando qualquer um estupefato. Como é certo que de um pequeno erro se pode fazer sempre um monstruosamente grande, caso se persista nele, caso se o aprofunde para justificá-lo, caso se tente "levá-lo às últimas consequências"!

56. Negar a necessidade do Partido e da disciplina partidária: eis o resultado a que chegou a oposição. E isso equivale a desarmar completamente o proletariado, em proveito da burguesia. Equivale precisamente à dispersão, instabilidade, incapacidade de dominar-se para unir-se e atuar de modo organizado, defeitos tipicamente pequeno-burgueses, que, se formos indulgentes com eles, causam inevitavelmente a ruína de todo movimento revolucionário do proletariado. Negar a necessidade do Partido, do pontodevista do comunismo, é dar um salto das vésperas da derrocada do capitalismo (na Alemanha) não até a fase inferior ou média do

³³ Horner: pseudônimo de Anton Pannekoek.

³⁴ No Diário Operário Comunista* 12 (n.º. 32, Hamburgo, 7 de fevereiro de 1920), Karl Erler, num artigo intitulado A dissolução do Partido, escreve: "A classe operária não pode destruir o Estado burguês sem aniquilar a democracia burguesa, e não pode aniquilar a democracia burguesa sem destruir os partidos". As mais confusas cabeças dos sindicalistas e anarquistas latinos podem sentir-se "satisfeitas": alguns alemães importantes que pelo visto, se consideram marxistas (em seus artigos no jornal citado, K. Erler e K. Horner demonstram serenamente que se consideram firmes marxistas, apesar de dizerem de modo singularmente ridículo tolices inacreditáveis, manifestando assim não conhecer o ABC do marxismo) chegam a afirmar coisas completamente absurdas. Por si só, o reconhecimento do marxismo não exige ninguém dos erros. Os russos bem sabem disso, porque o marxismo, com muita frequência, esteve "em moda" em nosso país. (Nota do autor)

* = Diário Operário Comunista (*Kommunistische Arbeiterzeitung*): órgão do grupo pequeno-burguês, anarcossindicalista, de comunistas de "esquerda" que se separou em 1919 do Partido Comunista da Alemanha (espartaquistas); O jornal circulou de 1919 até 1927. Os comunistas de "esquerda" não cumpriram o acordo firmado no III Congresso da Internacional Comunista, que deles exigia a renúncia à tática sectária e a adesão ao Partido Comunista da Alemanha, sendo excluídos da Internacional Comunista. Os dirigentes dos comunistas de "esquerda" passaram-se para o campo da contrarrevolução.

comunismo, mas até a sua fase superior. Na Rússia (depois de mais de dois anos da derrubada da burguesia) ainda estamos dando os primeiros passos na transição do capitalismo para o socialismo, ou fase inferior do comunismo. As classes continuam existindo e existirão durante anos em toda parte, depois da conquista do Poder pelo proletariado. É possível que na Inglaterra, onde não há camponeses (apesar de haver pequenos patrões) esse prazo seja mais curto. Suprimir as classes significa não só expulsar os latifundiários e os capitalistas - isso nós fizemos com relativa facilidade - como também suprimir os pequenos produtores de mercadorias; estes, porém, não se pode expulsar, não se pode esmagar; é preciso conviver com eles, e só se pode (e deve) transformá-los, reeducá-los, mediante um trabalho de organização muito longo, lento e prudente. Esses pequenos produtores cercam o proletariado por todos os lados de uma atmosfera pequeno-burguesa, embebem-no nela, corrompem-no com ela, provocam constantemente no seio do proletariado recaídas de frouxidão, dispersividade e individualismo pequeno-burgueses, de oscilações entre entusiasmo e abatimento. Para fazer frente a isso, para permitir que o proletariado exerça acertada, eficaz e vitoriosamente sua função organizadora (que é sua função principal), são necessárias uma centralização e uma disciplina severíssimas no partido político do proletariado. A ditadura do proletariado é uma luta tenaz, cruenta e incruenta, violenta e pacífica, militar e econômica, pedagógica e administrativa, contra as forças e as tradições da antiga sociedade. A força do hábito de milhões e dezenas de milhões de homens é a força mais terrível. Sem partido férreo e temperado na luta, sem um partido que goze da confiança de tudo que exista de honrado dentro da classe, sem um partido que saiba tomar o pulso do estado de espírito das massas e influir nele é impossível levar a cabo com êxito essa luta. É mil vezes mais fácil vencer a grande burguesia centralizada que "vencer" milhões e milhões de pequenos patrões, os quais, com seu trabalho, invisível, de corrupção, trabalho intangível, diário, obtêm os mesmos resultados de que a burguesia necessita, que determinam a restauração da burguesia. Quem concorre para enfraquecer, por pouco que seja, a disciplina férrea do Partido do proletariado (principalmente na época de sua ditadura) ajuda, na realidade, a burguesia contra o proletariado.

57. Ao lado das questões sobre os chefes, do partido, da classe e das massas, é preciso exprimir a dos sindicatos "reacionários". Mas, antes, a fim de facilitar a compreensão da conclusão, tomarei a liberdade de fazer algumas observações baseadas na experiência de nosso Partido. Nele, sempre houve ataques contra a "ditadura dos chefes". Que eu lembre, a primeira vez foi em 1895, quando nosso Partido ainda não existia formalmente, mas já começava a se constituir em Petersburgo o grupo central que iria encarregar-se da direção dos grupos distritais. No IX Congresso de nosso Partido (abril de 1920) houve uma pequena oposição que também se pronunciou contra a "ditadura dos chefes", a "oligarquia", etc. Não há, portanto, nada de surpreendente, nada de novo, nada de alarmante na "doença infantil do comunismo de esquerda" entre os alemães. Essa doença manifesta-se sem perigo e, uma vez curada, chega mesmo a fortalecer o organismo. Por outro lado, a rápida sucessão do trabalho legal e ilegal, que implica na necessidade de "ocultar", de envolver com singular segredo o Estado-Maior, os chefes, originou em nosso país, algumas vezes, fenômenos profundamente perigosos. O pior deles foi a infiltração no Comitê Central bolchevique, em 1912, de um agente provocador - Malinovski. Este delatou dezenas e dezenas dos mais abnegados e excelentes camaradas, causando a sua condenação a trabalhos forçados e provocando a morte de muitos deles. Se não causou maiores danos foi porque estabelecêramos adequadamente a correlação entre os trabalhos legal e ilegal. Para ganhar nossa confiança, Malinovski, como membro do Comitê Central do Partido e deputado à Duma, teve de ajudar-nos a organizar a publicação de diários legais que, inclusive sob o czarismo, souberam lutar contra o oportunismo dos mencheviques e difundir, com os disfarces necessários, os princípios fundamentais do bolchevismo. Com uma das mãos, Malinovski enviava para a prisão e para a morte dezenas e dezenas dos melhores combatentes do bolchevismo; com a outra via-se obrigado a contribuir para a educação de dezenas e dezenas de milhares de novos

bolcheviques, através da imprensa legal. Sobre este fato deveriam refletir cuidadosamente os camaradas alemães (e também os ingleses, americanos, franceses e italianos) que tem diante de si a tarefa de aprender a realizar um trabalho revolucionário nos sindicatos "reacionários".³⁵

58. Em muitos países, até nos mais adiantados, a burguesia infiltra e continuará infiltrando, sem a menor dúvida, provocadores nos Partidos Comunistas. Um dos meios de lutar contra esse perigo consiste em saber combinar acertadamente o trabalho ilegal com o legal.

VI - Os Revolucionários Devem Atuar nos Sindicatos Reacionários?

59. Os "esquerdistas" alemães acham que podem responder a essa pergunta com uma negativa absoluta. Na sua opinião, a algazarra e os gritos encolerizados contra os sindicatos "reacionários" e "contrarrevolucionários" (K. Horner destaca-se pela "seriedade" e estupidez com que faz isso) bastam para "demonstrar" a inutilidade e até a inadmissibilidade da atuação dos revolucionários, os comunistas, nos sindicatos amarelos, social-chauvinistas, conciliadores e dos legienistas.³⁶

60. Mas, por muito convencidos que estejam os "esquerdistas" alemães do caráter revolucionário de semelhante tática, ela é, na realidade, profundamente errônea e nada contém, a não ser frases vazias.

61. Para esclarecer o que digo, partirei de nossa própria experiência, de acordo com o plano geral deste folheto, que tem por objetivo aplicar à Europa Ocidental o que a história e a tática atual do bolchevismo tem de aplicável, importante e obrigatório em toda parte.

62. A correlação entre chefes, partido, classe e massa, e ao mesmo tempo, a ditadura do proletariado e do seu partido no que concerne aos sindicatos apresenta-se entre nós, atualmente, da seguinte forma concreta: a ditadura é exercida pelo proletariado organizado nos Sovietes e dirigido pelo Partido Comunista Bolchevique, que, segundo os dados do último Congresso (Abril de 1920), conta com 611 000 membros. O número de filiados oscilou muito, tanto antes como depois da Revolução de Outubro, e foi mesmo consideravelmente menor em 1918/1919.³⁷ Receamos ampliar excessivamente o Partido porque os arrivistas e aventureiros, que nada merecem além de ser fuzilados, tendem inevitavelmente a infiltrar-se no partido governante. A última vez que abrimos de par em par as portas do Partido - exclusivamente para operários e camponeses - foi nos dias (inverno de 1919) em que Yudenich estava a algumas verstas de Petrogrado e Denikin estava em Oriol (a umas trezentas e cinquenta verstas de Moscou), isto é, quando a República Soviética corria um perigo terrível, mortal, e os aventureiros, arrivistas, aproveitadores e, de modo geral, todos os elementos instáveis não podiam, de jeito nenhum, esperar fazer uma carreira vantajosa se aderissem aos comunistas, pois era mais fácil a perspectiva da força e das torturas. O Partido, que convoca congressos anuais (no último, a representação foi de um delegado para cada mil militantes), é dirigido por um Comitê Central de 19 membros, eleito no congresso; a gestão dos assuntos cotidianos é

³⁵Malinovski esteve preso na Alemanha. Quando regressou à Rússia, já no Poder bolchevique, foi imediatamente entregue aos tribunais e fuzilado por nossos operários. Os mencheviques criticaram-nos acerbamente pelo erro de ter abrigado um provocador no Comitê Central de nosso Partido, Mas, quando no período de Kerenski exigimos que fosse detido e julgado o presidente da Duma, Rodzianko, que desde antes da guerra sabia que Malinovski era um provocador e não comunicara o fato aos deputados "trudoviques" (trabalhistas) e operários da Duma, nem os mencheviques nem os social-revolucionários, que formavam no governo de Kerenski, apoiaram a nossa exigência, e Rodzianko ficou em liberdade e pode unir-se a Denikin sem o menor obstáculo. (Nota do autor)

³⁶ Subordinados ao social-democrata oportunista de direita alemão Legien. (Nota do tradutor)

³⁷ Depois da revolução de fevereiro de 1917 a até 1919, inclusive, o número de membros do Partido modificou-se da seguinte maneira: quando se realizou a VII Conferência do POSDR (bolchevique) - Conferência de abril - em 1917, o Partido tinha 80.000 membros; ao realizar-se o VI Congresso, julho/agosto de 1917, cerca de 240.000; ao começar o VII Congresso do PCR (bolchevique), em março de 1918, mais de 270.000; e no VIII Congresso do PCR (bolchevique), em março de 1919, 313.766.

exercida em Moscou por dois organismos ainda mais restritos, denominados "Birô de Organização" e "Birô Político", eleitos em sessões plenárias do Comitê Central. Em cada um desses dois organismos participam cinco membros do CC. Estamos, por conseguinte, diante de uma verdadeira "oligarquia". Nenhuma questão importante, política ou de organização, é resolvida por qualquer instituição estatal de nossa República sem as diretrizes do Comitê Central do Partido.

63. Em seu trabalho, o Partido apoia-se diretamente nos sindicatos, que têm agora, segundo os dados do último Congresso (abril de 1920), mais de quatro milhões de filiados e que, no aspecto formal, são sem partido. De fato, todas as instituições dirigentes da imensa maioria dos sindicatos e sobretudo, naturalmente, a central, ou Birô sindical de toda a Rússia (Conselho Central dos Sindicatos da Rússia), compõem-se de comunistas e aplicam todas as diretrizes do Partido. Obtém-se, no conjunto, um dispositivo proletário, formalmente não comunista, flexível e relativamente amplo, poderosíssimo, por meio do qual o Partido está estreitamente ligado à classe e às massas, e através do qual se exerce, sob a direção do Partido, a ditadura da classe. É claro que nos teria sido impossível governar o país e exercer a ditadura, já não digo dois anos e meio, mas nem sequer dois meses e meio, se não houvesse a mais estreita ligação com os sindicatos, seu apoio entusiasta, seu abnegadíssimo trabalho tanto na organização econômica como na militar. Como se pode compreender, esta estreitíssima ligação significa, na prática, um trabalho de propaganda e agitação bastante complexo e variado, reuniões oportunas e frequentes, não só com os dirigentes, mas geralmente com os militantes que têm influência nos sindicatos, e também uma luta decidida contra os mencheviques, que conservaram até hoje um certo número de adeptos - bem pequeno, é verdade - aos quais ensinam todas as artimanhas da contra-revolução, desde a defesa ideológica da democracia (burguesa) e a pregação da "independência" dos sindicatos (independência... em relação ao Poder estatal proletário!) até à sabotagem à disciplina proletária, etc., etc.

64. Reconhecemos que o contacto com as "massas" através dos sindicatos não é suficiente. No transcurso da revolução criou-se em nosso país, na prática, um organismo que procuramos manter a todo custo, desenvolver e ampliar: as conferências de operários e camponeses sem partido, que nos possibilitam observar o estado de espírito das massas, aproximarmo-nos delas, corresponder a seus desejos, promover aos postos do Estado seus melhores elementos, etc. Um decreto recente sobre a transformação do Comissariado do Povo de Controle do Estado em "Inspeção Operária e Camponesa" concede a essas conferências sem partido o direito de eleger membros para o Controle do Estado, encarregados das mais diversas funções de revisão, etc.

65. Além disso, como é natural, todo o trabalho do Partido realiza-se através dos Soviets, que agrupam as massas trabalhadoras, sem distinção de ofício. Os congressos distritais dos Soviets representam uma instituição democrática como jamais se viu nas melhores repúblicas democráticas do mundo burguês. Por meio desses congressos (cujo trabalho procura acompanhar o Partido com a maior atenção possível) assim como através da designação constante dos operários mais conscientes para diversos cargos nas povoações rurais, o proletariado exerce sua função dirigente com relação ao campesinato, realiza-se a ditadura do proletariado urbano, a luta sistemática contra os camponeses ricos, burgueses, exploradores e especuladores, etc.

66. Esse é o mecanismo geral do Poder estatal proletário examinado "de cima", do ponto de vista da realização prática da ditadura. É de esperar que o leitor compreenda por que o bolchevique russo, que conhece tal mecanismo e o viu nascer dos pequenos círculos ilegais e clandestinos no decurso de 25 anos, só pode achar ridículas, pueris e absurdas todas as discussões sobre a ditadura de cima ou de baixo, a ditadura dos chefes ou a ditadura das massas, etc., ridículas, pueris e absurdas como uma discussão acerca da maior ou menor utilidade que tem para o homem a perna esquerda ou o braço direito.

67. Também não podemos deixar de achar um absurdo ridículo e pueril argumentações ultrasábias, empoladas e terrivelmente revolucionárias dos esquerdistas alemães a respeito de ideias como: os comunistas não podem nem devem atuar nos sindicatos reacionários; é lícito renunciar a semelhante atividade; é preciso abandonar os sindicatos e organizar obrigatoriamente uma "união operária" novinha em folha e completamente pura, inventada por comunistas muito simpáticos (e na maioria dos casos, provavelmente, bem jovens), etc., etc.

68. O capitalismo lega inevitavelmente ao socialismo, de um lado, as antigas diferenciações profissionais e corporativas entre os operários, formadas no decorrer dos séculos, e, por outro lado, os sindicatos, que só muito lentamente, no transcurso dos anos, podem transformar-se, e se transformarão, em sindicatos de indústria mais amplos, menos corporativos (que abarcam indústrias inteiras, em vez de englobar somente corporações, ofícios e profissões). Depois, por meio desses sindicatos de indústria, será iniciada a supressão da divisão do trabalho entre os homens, a educação, instrução e formação de homens universalmente desenvolvidos e universalmente preparados, homens que saberão fazer tudo. O comunismo marcha e deve marchar para esse objetivo, que será atingido, embora somente dentro de muitos anos. Tentar hoje antecipar-se na prática a esse resultado futuro de um comunismo chegado ao fim de seu completo desenvolvimento, solidez e formação, de sua realização integral e de seu amadurecimento, é o mesmo que querer ensinar matemáticas superiores a uma criança de quatro anos.

69. Podemos (e devemos) empreender a construção do socialismo não com um material humano fantástico, nem especialmente criado por nós, mas com o que nos foi deixado de herança pelo capitalismo. Não é necessário dizer que isso é muito "difícil"; mas, qualquer outro modo de abordar o problema é tão pouco sério que nem vale a pena falar dele.

70. Os sindicatos representaram um progresso gigantesco da classe operária nos primeiros tempos do desenvolvimento do capitalismo, visto que significavam a passagem da dispersão e da impotência dos operários aos rudimentos da união de classe. Quando começou a desenvolver-se a forma superior de união de classe dos proletários, o partido revolucionário do proletariado (que não será merecedor desse nome enquanto não souber ligar os líderes à classe e às massas num todo único e indissolúvel), os sindicatos começaram a manifestar inevitavelmente certos aspectos reacionários, certa estreiteza grupal, certa tendência para o apoliticismo, certo espírito de rotina, etc. O desenvolvimento do proletariado, porém, não se realizou, nem podia realizar-se, em nenhum país de outra maneira senão por intermédio dos sindicatos e por sua ação conjunta com o partido da classe operária. A conquista do Poder político pelo proletariado representa um progresso gigantesco deste, considerado como classe, e o partido deve se dedicarmos, de modo novo e não apenas pelos processos antigos, para educar os sindicatos, dirigi-los, sem esquecer, ao mesmo tempo, que estes são e serão durante muito tempo uma "escola de comunismo" necessária, uma escola preparatória dos proletários para a realização de sua ditadura, a associação indispensável dos operários para a passagem gradual da direção de toda a economia do país inicialmente para as mãos da classe operária (e não de profissões isoladas) e, depois, para as mãos de todos os trabalhadores. Na ditadura do proletariado é inevitável a existência de certo "espírito reacionário" nos sindicatos, no sentido assinalado. Não compreender esse fato significa não compreender absolutamente as condições fundamentais da transição do capitalismo ao socialismo. Temer esse "espírito reacionário", tentar prescindir dele, ignorá-lo, é uma grande tolice, pois equivale a temer o papel de vanguarda do proletariado, que consiste em instruir, ilustrar, educar, atrair para uma vida nova as camadas e as massas mais atrasadas da classe operária e do campesinato. Por outro lado, adiar a ditadura do proletariado até que não reste nenhum operário de estreito espírito profissional, nenhum operário com preconceitos tradeunionistas e corporativistas, seria um erro ainda mais grave. A arte do político (e a justa compreensão dos seus deveres no comunista) consiste, precisamente, em saber aquilatar com exatidão as condições e o momento em que a vanguarda do proletariado pode tornar vitoriosamente o Poder; em que

pode, por ocasião da tomada do Poder e depois dela, conseguir um apoio suficiente de setores bastante amplos da classe operária e das massas trabalhadoras não proletárias; em que pode, uma vez obtido esse apoio, manter, consolidar e ampliar seu domínio, educando, instruindo e atraindo para si massas cada vez maiores de trabalhadores.

71. Prossigamos. Em países mais adiantados que a Rússia se fez sentir, e devia fazer-se sentir de modo muito mais acentuado, sem dúvida, que entre nós, certo espírito reacionário dos sindicatos. Aqui, os mencheviques tinham (e em parte ainda tem, num reduzidíssimo número de sindicatos) apoio entre os sindicatos, graças, exatamente, a essa estreiteza corporativa, a esse egoísmo e ao oportunismo. Os mencheviques de Ocidente "entrincheiraram-se" muito mais firmemente nos sindicatos, e lá surgiu uma camada muitomais forte que em nosso país de aristocracia operária, profissional, mesquinha, egoísta, desalmada, ávida, pequeno-burguesa, de espírito imperialista, subornada e corrompida pelo imperialismo. Isto é indiscutível. A luta contra os Gompers, contra os senhores Jouhaux, Henderson, Merrheim, Legien e Cia. na Europa Ocidental é muito mais difícil que a luta contra os nossos mencheviques, que representam um tipo social e político totalmente homogêneo. É preciso sustentar essa luta implacavelmente e mantê-la obrigatoriamente, como o fizemos, até desmoralizar e desalojar dos sindicatos todos os chefes incorrigíveis do oportunismo e do social-chovinismo. É impossível conquistar o Poder político (e não se deve nem pensar em tomar o Poder político) enquanto essa luta não tiver atingido certo grau; este certo grau não é o mesmo em todos os países e sob todas as condições, e só dirigentes políticos sensatos, experimentados e competentes do proletariado podem determiná-lo com acerto em cada país. (Na Rússia o termômetro do êxito dessa luta, entre outras coisas, foram as eleições de novembro de 1917 para a Assembleia Constituinte, alguns dias depois da revolução proletária de 25 de outubro de 1917. Nessas eleições, os mencheviques sofreram fragorosa derrota, obtendo 700 000 votos - 1 400 000 contando os da Transcaucásia - contra os 9 000 000 alcançados pelos bolcheviques. Ver meu artigo As eleições para a Assembleia Constituinte e a ditadura do proletariado, publicado no número 7/8 de A Internacional Comunista).

72. Mas sustentamos a luta contra a "aristocracia operária" em nome das massas operárias e para colocá-las ao nosso lado; sustentamos a luta contra os chefes oportunistas e social-chovinistas para ganhar a classe operária. Seria tolice esquecer esta verdade mais que elementar e evidente. E é essa, precisamente, a tolice cometida pelos comunistas alemães "de esquerda", que deduzem do caráter reacionário e contrarrevolucionário dos chefes dos sindicatos que é necessário... sair dos sindicatos!!, renunciar ao trabalho neles!!, criar formas de organização operária novas, inventadas!! Uma estupidez tão imperdoável, que equivale ao melhor serviço que os comunistas podem prestar à burguesia. Isso porque nossos mencheviques, como todos os líderes sindicais oportunistas, social-chovinistas e kautskistas nada mais são que "agentes da burguesia no movimento operário" (Como sempre dissemos ao falar dos mencheviques) ou, em outras palavras, os "lugar-tenentes operários da classe dos capitalistas" (*labor lieutenants of the capitalist class*), segundo a magnífica expressão, profundamente exata, dos discípulos de Daniel de León nos Estados Unidos. Não atuar dentro dos sindicatos reacionários significa abandonar as massas operárias insuficientemente desenvolvidas ou atrasadas à influência dos líderes reacionários, dos agentes da burguesia, dos operários aristocratas ou "operários aburguesados" (ver a carta de Engels e Marx em 1858 a respeito dos operários ingleses).

73. Precisamente a absurda "teoria" da não participação dos comunistas nos sindicatos é que demonstra do modo mais evidente a leviandade com que esses comunistas "de esquerda" encaram a questão da influência sobre as "massas" e como abusam de seu alarido em torno das "massas". Para saber ajudar a "massa" e conquistar sua simpatia, adesão e apoio é preciso não temer as dificuldades, mesquinhas, armadilhas, insultos e perseguições dos "chefes" (que, sendo oportunistas e social-chovinistas, estão, na maioria das vezes relacionados direta ou indiretamente com a burguesia e a polícia). Além disso, deve-se trabalhar obrigatoriamente

onde estejam as massas. É necessário saber fazer todas as espécies de sacrifícios e transpor os maiores obstáculos para realizar uma propaganda e uma agitação sistemática, pertinaz, perseverante e paciente exatamente nas instituições, associações e sindicatos, por mais reacionários que sejam, onde haja massas proletárias ou semi-proletárias. E os sindicatos e cooperativas operários (estas pelo menos em alguns casos) são precisamente as organizações onde estão as massas. Na Inglaterra, segundo dados publicados pelo jornal sueco *Folkets Dagblad Politiken*³⁸ a 10 de março de 1920, o número e membros das trade-unions, que em fins de 1917 era de 5 500 000, aumentou nos últimos dias de 1918 para 6 600 000, isto é, 19%. Em fins de 1919, seus efetivos elevavam-se, segundo os cálculos, a 7 500 000. Não tenho à mão os números correspondentes à França e à Alemanha; mas alguns fatos, absolutamente indiscutíveis e que todos conhecem, atestam o notável incremento do número de membros dos sindicatos também nesses países.

74. Tais fatos provam com toda clareza o que é confirmado por outros milhares de sintomas: o desenvolvimento da consciência e do desejo de organização justamente nas massas proletárias, em seus "setores inferiores", atrasados. Na Inglaterra, França e Alemanha, milhões de operários passam pela primeira vez de uma completa falta de organização para a mais elementar, mais baixa, mais simples, e (para os mais profundamente imbuídos de preconceitos democrático-burgueses) mais facilmente compreensível forma de organização, nomeadamente, os sindicatos; e os Comunistas de Esquerda, revolucionários, mas insensatos, ficam de lado e gritam: "massa!", "massa!", mas se negam a atuar nos sindicatos, como pretexto de que são "reacionários", e inventam uma "União Operária" novinha em folha, pura, isenta de todo preconceito democrático-burguês e de qualquer pecado corporativo e de estreiteza profissional, que será (que será!), dizem, ampla e que exige dos seus aderentes apenas (apenas!) o "reconhecimento do sistema dos soviets e da ditadura" (ver citação feita mais atrás)!!

75. É impossível conceber maior insensatez, maior dano causado à revolução pelos revolucionários "de esquerda"! Se hoje, na Rússia, depois de dois anos e meio de triunfos sem precedentes sobre a burguesia da Rússia e a da Entente estabelecêssemos como condição de ingresso nos sindicatos o "reconhecimento da ditadura", faríamos uma tolice, perderíamos nossa influência sobre as massas e ajudaríamos os mencheviques, pois a tarefa dos comunistas consiste em saber convencer os elementos atrasados, saber atuar entre eles, e não em isolar-se deles através de palavras de ordem tiradas subjetivamente de nossa cabeça e infantilmente "esquerdistas".

76. Não há dúvida de que os senhores Gompers, Henderson, Jouhaux e Legein ficarão muito agradecidos a esses revolucionários "de esquerda", que, como os da oposição "de princípio" alemã (que o céu nos proteja de semelhantes "princípios"!) ou alguns revolucionários da "Operários Industriais do Mundo"³⁹ nos Estados Unidos, pregam a saída dos sindicatos reacionários a renúncia à atuação neles. Não duvidamos de que os senhores "chefes" do oportunismo recorrerão a todos os artifícios da diplomacia burguesa, à ajuda dos governos burgueses, dos padres, da polícia e dos tribunais para impedir a entrada dos comunistas nos sindicatos, para expulsá-los de lá por todos os meios e tornar o seu trabalho

³⁸ Diário Popular Político. (Nota da Redação)

³⁹ Operários Industriais do Mundo (*Industrial Workers of the World - IWW*): organização dos operários dos EUA, fundada em 1905. Entre seus dirigentes e membros de base estavam difundidas as opiniões anarcossindicalistas, que se traduziam na renúncia à luta política, na negação da necessidade de participar dos parlamentos burgueses, etc. Em 1914/1918 os "Operários Industriais do Mundo" lutaram ativamente contra a guerra imperialista, razão pela qual foram cruelmente perseguidos. A organização chegou a ter naquele período mais de 100.000 filiados. Ao observar que "estamos diante de um movimento profundamente proletário e de massas", Lenin criticava a linha política errada dos dirigentes dos "Operários Industriais do Mundo", que caíam no sectarismo "de esquerda", negando-se a atuar entre as massas que aderiam aos sindicatos reacionários e pronunciando-se contra a participação nos parlamentos burgueses. Posteriormente, a associação "Operários Industriais do Mundo" da qual se separaram os elementos autenticamente revolucionários, transformou-se numa organização sectária pouco numerosa, sem nenhuma influência entre as massas operárias.

nos sindicatos o mais desagradável possível, ofendê-los, molestá-los e persegui-los. E' preciso saber enfrentar tudo isso, estar disposto a todos os sacrifícios e, inclusive, empregar - em caso de necessidade - todos os estratagemas, ardis e processos ilegais, silenciar e ocultar a verdade, com o objetivo de penetrar nos sindicatos, permanecer neles e aí realizar, custe o que custar, um trabalho comunista. Sob o regime czarista, até 1905, não tivemos nenhuma "possibilidade legal"; mas quando o policial Subatov organizou suas assembleias e associações operárias ultrarrevolucionárias, com a finalidade de caçar os revolucionários e lutar contra eles, infiltramos ali membros de nosso Partido (lembro entre eles o camarada Babushkin, destacado operário petersburguense, fuzilado em 1906 pelos generais czaristas) que estabeleceram contato com a massa, conseguiram realizar sua agitação e tirar os operários da influência dos agentes de Subatov.⁴⁰ Naturalmente, é mais difícil, atuar assim nos países da Europa Ocidental, particularmente impregnados de preconceitos legalistas, constitucionalistas e democrático-burgueses muito arraigados. Mas se pode e deve atuar dessa maneira sistematicamente.

77. O Comitê Executivo da III Internacional deve, na minha opinião, condenar abertamente e propor ao próximo Congresso da Internacional Comunista que condene, de modo geral, a política de não participação nos sindicatos reacionários (explicando pormenorizadamente a insensatez que essa não participação significa e o imenso prejuízo que causa à revolução proletária) e, em particular, a linha de conduta de alguns membros do Partido Comunista Holandês, que (direta ou indiretamente, às claras ou disfarçadamente, total ou parcialmente, tanto faz) sustentaram essa política falsa. A III Internacional deve romper com a tática da II e não evitar nem ocultar as questões escabrosas, e sim levanta-las sem rebuços. Dissemos cara a cara toda a verdade aos "independentes" (Partido Social-Democrata Independente da Alemanha); do mesmo modo, é preciso dizê-la aos comunistas "de esquerda".

VII - Deve-se participar nos parlamentos burgueses?

78. Os comunistas "de esquerda" alemães com o maior desdém e a maior leviandade, respondem a essa pergunta pela negativa. Seus argumentos? Na citação transcrita no parágrafo V pode-se ler: *“rejeitar do modo mais categórico todo retorno aos métodos parlamentares de luta, que já caducaram histórica e politicamente...”*

79. Além do tom ridiculamente presunçoso em que isso está dito, sua falsidade é evidente. "Retorno" ao parlamentarismo! Já existe, por acaso, uma república soviética na Alemanha? Então, como se pode falar de "retorno"? Não é uma frase vazia?

80. O parlamentarismo "caducou historicamente". Isso está certo do ponto de vista da propaganda. Mas ninguém ignora que daí à sua superação na prática há 'uma enorme distância. Há muitas décadas já se podia dizer, com toda razão, que o capitalismo havia "caducado historicamente"; Mas isso nem mesmo impede que sejamos obrigados a sustentar uma luta extremamente prolongada e tenaz no terreno do capitalismo. O parlamentarismo "caducou historicamente" do ponto de vista histórico-universal, isto é, a época do parlamentarismo burguês terminou, começou a época da ditadura do proletariado. Isso é indiscutível. Na história universal, porém, o tempo é contado por décadas. Nesse terreno, dez ou vinte anos a mais ou a menos não tem importância; representam um número tão modesto que, mesmo aproximadamente, é impossível aquilatar seu valor. Por isso, utilizar-se do critério da história universal para uma questão de política prática constitui o mais gritante erro teórico.

81. "Caducou politicamente o parlamentarismo"? Isto já é outra questão. Se fosse verdade, a posição dos "esquerdistas" seria firme. Mas isso tem que ser provado através de uma análise

⁴⁰ Os Gompers, os Henderson, os Johaux e os Legien nada mais são que os Subatov, diferenciando-se dele por seus trajes europeus, seu porte elegante e refinados processos aparentemente democráticos e civilizados que empregam para realizar sua abominável política. (Nota do autor)

muito séria, análise que os esquerdistas nem sequer sabem como abordar. Do mesmo modo, não vale um tostão, como veremos, a análise contida nas Teses Sobre o Parlamentarismo, publicado no 1º número, do Boletim do Birô Provisório de Amsterdam da Internacional Comunista (*Bulletin of the Provisional Bureau in Amsterdam of Communist International, February - 1920*) e que exprime claramente as tendências esquerdistas dos holandeses, ou as tendências holandesas dos esquerdistas.

82. Em primeiro lugar, os "esquerdistas" alemães, como se sabe, já consideravam em janeiro de 1919 que o parlamentarismo havia "caducado politicamente", malgrado a opinião de destacados dirigentes políticos como Rosa de Luxemburgo e Karl Liebknecht. É sabido que os "esquerdistas" se equivocaram. Tal fato é suficiente para destruir de golpe e radicalmente a tese de que o parlamentarismo "caducou politicamente". Os "esquerdistas" tem a obrigação de demonstrar por que seu erro indiscutível de então, deixou hoje de ser um erro. Contudo, eles não apresentam, nem podem apresentar, a menor sombra de prova. A atitude de um partido político diante de seus erros é um dos critérios mais importantes e seguros para a apreciação da seriedade desse partido e do cumprimento efetivo de seus deveres para com a sua classe e as massas trabalhadoras. Reconhecer francamente os erros, pôr a nu as suas causas, analisar a situação que os originou e discutir cuidadosamente os meios de corrigi-los é, o que caracteriza um partido sério; nisso consiste o cumprimento de seus deveres; isso significa-- educar e instruir a classe e, depois, as massas. Ao não cumprir esse dever nem estudar com toda a atenção, zelo e prudência necessários seu erro evidente, os "esquerdistas" da Alemanha (e da Holanda) demonstram exatamente que não são o partido da classe, e sim um círculo; que não são o partido das massas e sim um grupo de intelectuais e de um reduzido número de operários que imitam os piores aspectos dos intelectualóides.

83. Em segundo lugar, no mesmo folheto do grupo "de esquerda" de Francfort, do qual transcrevemos trechos mais detalhados páginas atrás, lemos:

84. "... os milhões de operários que ainda seguem a política do centro" (do partido católico- centrista) "são contrarrevolucionários. Os proletários do campo formam as legiões dos exércitos contrarrevolucionários". (página 3 do folheto em questão).

85. Como se vê, a afirmação é feita com ênfase e exagero excessivo. Mas o fato fundamental exposto aqui é indiscutível, e seu reconhecimento pelos "esquerdistas" atesta seu erro com acentuada evidência. Com efeito, como se pode dizer que o "parlamentarismo caducou politicamente", se "milhões" e "legiões" de proletários ainda são não apenas partidários do parlamentarismo em geral, como, inclusive, francamente "contrarrevolucionários"! É evidente que o parlamentarismo na Alemanha ainda não caducou politicamente. É evidente que os "esquerdistas" da Alemanha consideraram seu desejo, suas concepções político-ideológicas, uma realidade objetiva. Este é o mais perigoso dos erros para os revolucionários. Na Rússia, onde o jugo sumamente selvagem e feroz do czarismo criou, durante um período prolongadíssimo e com formas particularmente variadas, revolucionários de todos os matizes, revolucionários de abnegação, entusiasmo, heroísmo e força de vontade assombrosos, pudemos observar bem de perto, estudar com singular atenção e conhecer minuciosamente este erro dos revolucionários, o que nos faz vê-lo com particular clareza nos outros. Como é natural, para os comunistas da Alemanha o parlamentarismo "caducou politicamente"; mas, trata-se exatamente de não julgar que o caduco para nós tenha caducado para a classe, para a massa. Mais uma vez, constatamos que os "esquerdistas" não sabem raciocinar, não sabem conduzir-se como o partido da classe, como o partido das massas. Vosso dever consiste em não descer ao nível das massas, ao nível dos setores atrasados da classe. Isso não se discute. Tendes a obrigação de dizer-lhes a amarga verdade: dizer-lhes que seus preconceitos democrático-burgueses e parlamentares não passam disso: preconceitos. Ao mesmo tempo, porém, deveis observar com serenidade o estado real de consciência e de preparo de toda a classe (e não apenas de sua vanguarda comunista), de toda a massa trabalhadora (e não apenas de seus elementos avançados).

86. Mesmo que não fossem "milhões" e "legiões", e sim uma simples minoria bastante considerável de operários industriais que seguisse os padres católicos e de trabalhadores

agrícolas que seguisse os latifundiários e camponeses ricos (Grossbauern), poderíamos assegurar sem, vacilar que o parlamentarismo na Alemanha ainda não caducou politicamente, que a participação nas eleições parlamentares e na luta através da, tribuna parlamentar são obrigatórias para o partido do proletariado revolucionário, precisamente para educar os setores atrasados de sua classe, precisamente para despertar e instruir a massa aldeã inculta, oprimida e ignorante. Enquanto não tenhais força para dissolver o parlamento burguês e qualquer outra organização reacionária, vossa obrigação é atuar no seio dessas instituições, precisamente porque ainda há nelas operários embrutecidos pelo clero e pela vida nos rincões: mais afastados do campo. Do contrário, correi o risco de vos converter em simples charlatães.

87. Em terceiro lugar, os comunistas "de esquerda" são pródigos de elogios a nós bolcheviques. Às vezes dá-nos vontade de dizer-lhes: louvem-nos menos e tratem de compreender melhor a nossa tática, familiarizar-se mais com ela! Participamos das eleições ao parlamento burguês da Rússia, à Assembleia Constituinte, em setembro-novembro de 1917. Era justa ou não a nossa tática? Se não era, é preciso dizê-lo com clareza e demonstrá-lo; isso é indispensável para que o comunismo internacional elabore a tática justa. Se era, é preciso tirar as conclusões que se impõem. Naturalmente, não se trata absolutamente de equiparar as condições da Rússia às da Europa Ocidental. Mas, quando se trata em particular do significado que tem a ideia de que "o parlamentarismo caducou politicamente", é indispensável levar em conta com exatidão a nossa experiência, pois sem considerar uma experiência concreta, tais ideias convertem-se muito facilmente em frases vazias. Nós, bolcheviques russos, não tínhamos, porventura, em setembro-novembro de 1917, mais direito que todos os comunistas do Ocidente de considerar que o parlamentarismo havia sido superado politicamente na Rússia? Tínhamos, sem dúvida, pois a questão não se baseia em se os parlamentos burgueses existem há muito ou há pouco tempo, mas sim em até que ponto as massas trabalhadoras estão preparadas (ideológica, politicamente e na prática) para adotar o regime soviético ou dissolver (ou permitir a dissolução) do parlamento democrático-burguês. Que a classe operária das cidades, os soldados e os camponeses da Rússia estavam, em setembro-novembro de 1917, excepcionalmente preparados, em virtude de uma série de condições particulares, para adotar o regime soviético e dissolver o parlamento burguês mais democrático é um fato histórico absolutamente indiscutível e plenamente demonstrado. Contudo, os bolcheviques não boicotaram a Assembleia Constituinte, e sim, pelo contrário, participaram das eleições, tanto antes como depois da conquista do Poder político pelo proletariado. Creio haver demonstrado no artigo citado páginas atrás, no qual analiso minuciosamente os resultados das eleições para a Assembleia Constituinte da Rússia, que essas eleições tiveram consequências políticas de extraordinário valor (e de suma utilidade para o proletariado).

88. A conclusão que se tira desse fato é absolutamente indiscutível: está provado que, mesmo algumas semanas antes da vitória da República Soviética, mesmo depois dessa vitória, a participação num parlamento democrático-burguês, longe de prejudicar o proletariado revolucionário, permite-lhe demonstrar com maior facilidade às massas atrasadas a razão por que semelhantes parlamentos devem ser dissolvidos, facilita o êxito de sua dissolução, facilita a "supressão política" do parlamentarismo burguês. Não levar em consideração essa experiência e pretender, ao mesmo tempo, pertencer à Internacional Comunista - que deve elaborar internacionalmente a sua tática (não uma tática estreita ou de caráter estritamente nacional, mas exatamente uma tática internacional) - significa incorrer no mais profundo dos erros e precisamente afastar-se de fato do internacionalismo, embora este seja proclamado em palavras.

89. Consideremos agora os argumentos "esquerdistas holandeses" em prol da não participação nos parlamentos. Eis a tese, a mais importante das teses "holandesas" citadas anteriormente, traduzida do inglês:

90. "Quando o sistema capitalista de produção é destroçado e a sociedade atravessa um período revolucionário, a ação parlamentar perde gradualmente seu valor em comparação com a ação das próprias massas. Quando, nestas condições, o parlamento se converte em centro e órgão da contra-revolução e, por

outro lado, a classe operária cria os instrumentos de seu Poder sob a forma dos Soviets, pode tornar-se inclusive necessário renunciar a toda participação na ação parlamentar"

91. A primeira frase é, evidente, falsa, posto que a ação das massas - uma grande greve, por exemplo - é sempre mais importante que a ação parlamentar, e não só durante a revolução ou numa situação revolucionária. Esse argumento, de indubitável inconsistência e falso histórica e politicamente, só serve para mostrar com particular evidência que seus defensores desprezam completamente a experiência de toda a Europa (da França nas vésperas das revoluções de 1848 e 1870, da Alemanha entre 1878 e 1890, etc.) e da Rússia (ver acima) sobre a importância da combinação da luta legal com a ilegal. Essa questão é da maior importância, tanto no geral como no particular, porque em todos os países civilizados e adiantados aproxima-se a largas passadas a época em que tal combinação será - e, em parte, já o é - cada vez mais obrigatória para o partido do proletariado revolucionário, em consequência do amadurecimento e da proximidade da guerra civil do proletariado contra a burguesia, em consequência das ferozes perseguições feitas aos comunistas pelos governos republicanos e, de modo geral, burgueses, que violam por todos os meios a legalidade (como exemplo disso basta citar os Estados Unidos), etc. Essa questão fundamental não é absolutamente compreendida pelos holandeses e esquerdistas em geral.

92. A segunda frase é, em primeiro lugar, falsa historicamente. Nós, bolcheviques, atuamos nos parlamentos mais contrarrevolucionários e a experiência demonstrou que semelhante participação foi não só útil como necessária para o partido do proletariado revolucionário, precisamente depois da primeira revolução burguesa na Rússia (1905), a fim de preparar a segunda revolução burguesa (fevereiro de 1917) e, logo em seguida, a, revolução socialista (outubro de 1917). Em segundo lugar, essa frase é de um ilogismo surpreendente. Da transformação do parlamento em órgão e centro (diga-se, de passagem, que nunca foi nem pode ser realmente o "centro") da contrarrevolução e da criação pelos operários dos instrumentos de seu Poder sob a forma de Soviets conclui-se que os trabalhadores devem preparar-se ideológica, política e tecnicamente para a luta dos Soviets contra o parlamento, para a dissolução do parlamento pelos Soviets. Daí, porém, não se deduz de modo algum que essa dissolução seja dificultada, ou não seja facilitada, pela presença de uma oposição soviética dentro de um parlamento contrarrevolucionário. Nunca dissemos, durante a nossa luta vitoriosa contra Denikin e Kolchak, que a existência de uma oposição proletária, soviética, na zona ocupada por eles tenha sido indiferente para nossos triunfos. Sabemos muito bem que a dissolução da Constituinte, por nós efetuada a 5 de janeiro de 1918, longe de ser dificultada, foi facilitada pela presença: na Constituinte contrarrevolucionária que dissolvíamos tanto de uma oposição soviética consequente, a bolchevique, como de uma oposição soviética inconsequente, a dos social-revolucionários de esquerda. Os autores da tese confundiram-se totalmente e esqueceram a experiência de uma série de revoluções, talvez até de todas, experiência que confirma a singular utilidade que representa, por ocasião das revoluções, combinar a ação de massas fora do parlamento reacionário com uma oposição simpatizante da revolução (ou, melhor ainda, que a apoia, abertamente) dentro desse parlamento. Os holandeses e os "esquerdistas" em geral raciocinam, nesse problema, como doutrinadores da revolução que nunca participaram de uma revolução verdadeira, ou que nunca meditaram sobre a história das revoluções, ou que ingenuamente tomam a negação subjetiva de uma determinada instituição reacionária por sua efetiva destruição mediante o conjunto de forças de uma série de fatores objetivos. O meio mais seguro de desacreditar uma nova ideia política (e não somente uma ideia política) e prejudicá-la consiste em levá-la ao absurdo, a pretexto de defendê-la, uma vez que toda verdade, se a tornamos "exorbitante" (como dizia Dietzgen pai), se a exageramos e a estendemos além dos limites em que ela é realmente aplicável, pode ser levada ao absurdo e, nessas condições, ela própria se transforma num absurdo. Eis o desserviço que os esquerdistas da Holanda e da Alemanha prestam à nova verdade da superioridade do Poder Soviético sobre os parlamentos democrático-burgueses. Naturalmente, estaria errado quem continuasse sustentando, de modo geral, a velha afirmação de que abster-se de participar dos parlamentos burgueses é

inadmissível em todas as circunstâncias. Não posso tentar formular aqui as condições em que é útil o boicote, já que a finalidade desse folheto é bem mais modesta: analisar a experiência russa em relação a algumas questões atuais da tática comunista internacional. A experiência russa nos apresenta uma aplicação feliz e acertada (1905) e outra equivocada (1906) do boicote por parte dos bolcheviques. Analisando o primeiro caso, concluímos: os bolcheviques conseguiram impedir a convocação do parlamento reacionário pelo Poder reacionário, num momento em que a ação revolucionária extraparlamentar das massas (particularmente as greves) crescia com rapidez excepcional, em que não havia nenhum setor do proletariado e do campesinato que pudesse apoiar de modo algum o Poder reacionário, em que a influência do proletariado revolucionário sobre as grandes massas atrasadas estava assegurada pela luta grevista e pelo movimento camponês. É totalmente evidente que esta experiência é inaplicável às atuais condições europeias. Também salta aos olhos - em virtude dos argumentos acima expostos - que a defesa, mesmo condicional, da renúncia à participação nos parlamentos, feita pelos holandeses e pelos "esquerdistas" é radicalmente falsa e nociva à causa do proletariado revolucionário.

93. Na Europa Ocidental e nos Estados Unidos o parlamento tornou-se extremamente odioso para a vanguarda revolucionária da classe operária. Isso é indiscutível. E é facilmente compreensível, pois é difícil imaginar maior vilania, abjeção e felonias que a conduta da imensa maioria dos deputados socialistas e socialdemocratas no parlamento, durante e depois da guerra. Contudo, deixar-se levar por esses sentimentos ao resolver a questão de como se deve lutar contra o mal universalmente reconhecido. Pode-se dizer que, em muitos países da Europa Ocidental, o estado de espírito revolucionário ainda é uma "novidade", uma "raridade" aguardada durante muito tempo, em vão e impacientemente, razão por que, provavelmente, predomina com tanta facilidade. É claro que sem um estado de espírito revolucionário das massas e sem condições que favoreçam o desenvolvimento desse sentimento, a tática revolucionária não se transformará em ação; na Rússia, porém, uma experiência bastante longa, dura e sangrenta convenceu-nos de que é impossível levar em conta apenas o estado de espírito revolucionário para criar uma tática revolucionária. A tática deve ser elaborada levando-se em consideração serenamente, com estrita objetividade, todas as forças de classe do Estado em questão (e dos Estados que o rodeiam, assim como de todos os Estados em escala mundial) e também a experiência dos movimentos revolucionários. Manifestar o revolucionarismo somente através de invectivas contra o oportunismo parlamentar, apenas condenando a participação nos parlamentos, é facilíssimo; mas, exatamente por ser muito fácil, não representa a solução para um problema difícil, difficilíssimo. Nos parlamentos europeus é muito mais difícil que na Rússia criar uma fração parlamentar realmente revolucionária. Sem dúvida. Isso, porém, não é senão uma expressão parcial da verdade geral de que - na situação concreta de 1917, extraordinariamente original do ponto de vista histórico - foi fácil à Rússia começar a revolução socialista; todavia, ser-lhe-á mais difícil que aos países europeus continuá-la e concluí-la. Já no começo de 1918 tive de assinalar essa circunstância, e a experiência dos dois anos decorridos desde então veio confirmar inteiramente a justeza dessa consideração. Condições específicas como: 1) a possibilidade de conjugar a revolução soviética com a cessação, graças a ela, da guerra imperialista, que havia esgotado indescritivelmente os operários e camponeses; 2) a possibilidade de tirar proveito, durante certo tempo, da luta mortal em que estavam empenhados os dois grupos mais poderosos de tubarões imperialistas do mundo, grupos que não podiam unir-se contra o inimigo soviético; 3) a possibilidade de suportar uma guerra civil relativamente longa, em parte pela gigantesca extensão do país e pela deficiência de suas comunicações; 4) a existência entre os camponeses de um movimento revolucionário democrático-burguês tão profundo que o partido do proletariado pôde tornar suas as reivindicações do partido dos camponeses (do partido social-revolucionário, profundamente hostil, em sua maioria, ao bolchevismo) e realizá-las imediatamente graças à conquista do Poder político pelo proletariado - não existem hoje na Europa Ocidental. E a repetição dessas condições ou de outras semelhantes não é nada fácil.

Por isso, entre outras razões, é mais difícil para a Europa Ocidental que para nós começar a Revolução socialista. Tratar de "furtar-se" a essa dificuldade "saltando" por cima do árduo problema de utilizar os parlamentos reacionários para fins revolucionários é pura infantilidade. Quereis criar uma sociedade nova e temeis a dificuldade de criar uma boa fração parlamentar de comunistas convictos, abnegados e heroicos num parlamento revolucionário! Isso não é, por acaso, uma infantilidade? Se Karl Liebknecht na Alemanha e Z. Höglund na Suécia souberam, mesmo sem o apoio, vindo da base das massas, dar um exemplo de utilização realmente revolucionária dos parlamentos revolucionários, como é possível que um partido revolucionário de massas que cresce rapidamente não possa, em meio às desilusões e à ira do após-guerra das massas, forjar uma fração comunista nos piores parlamentos? Exatamente porque as massas atrasadas de operários e mais ainda de pequenos camponeses estão muito mais imbuídas de preconceitos democrático-burgueses e parlamentaristas na Europa Ocidental que na Rússia, exatamente por isso, somente no seio de instituições como os parlamentos burgueses os comunistas podem (e devem) travar uma luta prolongada e tenaz, sem retroceder diante de nenhuma dificuldade, para denunciar, desvanecer e superar tais preconceitos.

94. Os "esquerdistas" alemães queixam-se dos maus "chefes" de seu partido e caem no desespero, chegando ao ridículo de "negar" os "chefes". Porém, em circunstâncias que obrigam frequentemente a mantê-los na clandestinidade, a formação de "chefes" bons, seguros, provados e prestigiosos torna-se particularmente difícil e é impossível vencer semelhantes dificuldades sem a combinação do trabalho legal com o ilegal, sem fazer os "chefes" passarem, entre outras provas, também pela do parlamento. A crítica, a mais implacável, violenta e intransigente, deve dirigir-se não contra o parlamentarismo ou a ação parlamentar, mas sim contra os chefes que não sabem ou mais ainda contra os que não querem utilizar as eleições e a tribuna parlamentares de modo revolucionário, comunista. Somente essa crítica - ligada, naturalmente, à expulsão dos chefes incapazes e sua substituição por outros mais capazes - constituirá um trabalho revolucionário proveitoso e fecundo, que educará simultaneamente os "chefes", para que sejam dignos da classe operária e das massas trabalhadoras, e as massas, para que aprendam a orientar-se como é necessário na situação política e a compreender as tarefas, amiúde bastante complexas e confusas, que dessa situação decorrem⁴¹.

⁴¹Foram muito poucas as possibilidades que tive para conhecer o comunismo "de esquerda" da Itália. Sem dúvida, o camarada Bordiga e sua fração de "comunistas boicotadores" (comunistas abstencionistas) estão errados ao defender a não participação no parlamento. Mas há um ponto em que, a meu ver, têm razão, pelo que posso julgar atendo-me a dois números de seu jornal *Il Soviet* (números 3 e 4 de 18-1 e 1-2 de 1920), a quatro números (1, 2, 3 e 4, de 1-10 a 30-11 de 1919) da excelente revista do camarada Serrati *Comunismo* e a números avulsos de jornais burgueses italianos que pude ler. O camarada Bordiga e sua fração tem razão precisamente quando atacam Turati e seus partidários, que estão num partido que reconhece o Poder dos Sovietes e a ditadura do proletariado, continuam sendo membros do parlamento e prosseguem em sua antiga e pernicioso política oportunista. É natural que, ao tolerar isso, o camarada Serrati e todo o Partido Socialista Italiano * incorrem num erro tão cheio de prejuízos e perigos como o havido na Hungria, onde os senhores Turati locais sabotaram internamente o Partido e o Poder dos Sovietes. Essa atitude errada, inconsequente ou sem caráter em relação aos parlamentares oportunistas, gera, por um lado, o comunismo "de esquerda" e, por outro, justifica até certo ponto a sua existência. É claro que o camarada Serrati não tem razão ao acusar de inconsequência o deputado Turati (*Comunismo*, n.3) pois inconsequente é, exatamente, o Partido Socialista Italiano, que tolera em seu seio oportunistas parlamentares como Turati & Cia. (Nota do autor)

* = O *Partido Socialista Italiano* foi fundado em 1892 como "Partido dos Operários Italianos"; em 1893 adotou o nome de "Partido Socialista Italiano". Depois da vitória da Grande Revolução Socialista de Outubro na Rússia, a ala esquerda das fileiras do Partido Socialista Italiano viu-se fortalecida. Em janeiro de 1921, no Congresso do Partido realizado em Livorno os esquerdistas romperam com o Partido Socialista, convocaram seu Congresso e fundaram o Partido Comunista da Itália. Nos anos de ditadura fascista na Itália, tornou a formar-se uma influente ala esquerda no Partido Socialista Italiano. Em 1934, o Partido Socialista concertou um pacto de unidade de ação com o Partido Comunista da Itália, pacto que serviu de base para a colaboração entre os dois partidos durante a segunda guerra mundial e período de após-guerra. Em janeiro de 1947 um grupo de direitistas encabeçado por

VIII - Nenhum compromisso?

95. Na citação do folheto de Frankfurt já vimos o tom decidido com que os "esquerdistas" lançam essa palavra de ordem. É triste ver como pessoas que, sem dúvida, se consideram marxistas e querem sê-lo esqueceram das verdades fundamentais do marxismo. Engels - que, como Marx, pertence a essa raríssima categoria de escritores em cujos grandes trabalhos as frases têm todas, sem exceção, uma assombrosa profundidade de conteúdo - escrevia contra o Manifesto dos 33 comunardos-blanquistas⁴², em 1874, o seguinte:

96. [...] 'Somos comunistas', diziam em seu manifesto os comunardos-blanquistas, "porque queremos atingir nosso objetivo sem nos determos em etapas intermediárias e sem compromissos, que nada mais fazem que tornar distante o dia da vitória e prolongar o período de escravidão".[...] Os comunistas alemães são comunistas porque, através de todas as etapas intermediárias e de todos os compromissos criados não por eles, mas pela marcha da evolução histórica, veem com clareza e perseguem constantemente seu objetivo final: a supressão das classes e a criação de um regime social onde não haverá lugar para a propriedade privada da terra e de todos os meios de produção. Os 33 blanquistas são comunistas por imaginarem que basta seu desejo de saltar as etapas intermediárias e os compromissos para que a coisa esteja feita, e porque acreditam firmemente que "a coisa arrebenta" num dia desses e o Poder cai em suas mãos o "comunismo será implantado" no dia seguinte. Portanto, se não podem fazer isto imediatamente, não são comunistas. [...] "Que pueril ingenuidade a de apresentar a própria impaciência como argumento teórico!" (F. Engels; Programa dos Comunardos-blanquistas, no jornal social-democrata alemão Volksstaat⁴³, 1874, p. 73, incluído na recompilação Artigos de 1817/1875, tradução russa, Petrogrado, 1919, p. 52/53).

97. Engels expressa nesse mesmo artigo seu profundo respeito por Vaillant e fala dos "méritos indiscutíveis" deste (que foi, como Guesde, um dos chefes mais destacados do socialismo internacional antes de sua traição ao socialismo em agosto de 1914). Mas Engels não deixa de analisar em todos os detalhes seu erro evidente. É claro que os revolucionários muito jovens e inexperientes, assim como os revolucionários pequeno-burgueses mesmo de idade respeitável e grande experiência, consideram extremamente perigoso, incompreensível e errôneo "autorizar que se firmem compromissos". E muitos sofistas (como politikeiros ultra ou excessivamente "experimentados") raciocinam do mesmo modo que os chefes do oportunismo inglês citados pelo camarada Lansbury: "Se os Bolcheviques se permitem tal ou qual compromisso, por que nós não nos permitimos qualquer compromisso?". Mas os proletários, educados por repetidas greves, (para só falar dessa manifestação da luta de classes) assimilam habitualmente de modo admirável a profundíssima verdade (filosófica, histórica, política e psicológica), enunciada por Engels. Todo proletário conhece greves, conhece "compromissos" com os odiados opressores e exploradores, depois dos quais os operários tiveram de voltar ao trabalho sem haver conseguido nada ou contentando-se com a satisfação parcial de suas reivindicações. Todo proletário, graças ao ambiente de luta de massas e do acentuado agravamento dos antagonismos de classe em que vive, percebe a diferença existente entre um compromisso imposto por condições objetivas (pobreza de fundos financeiros dos grevistas, que não contam com apoio algum, passam fome e estão extenuados ao máximo) - compromisso que em nada diminui a abnegação revolucionária nem a disposição de continuar a luta dos operários que o assumiram - e um compromisso de traidores que atribuem a causas objetivas seu vil egoísmo (os fura-greves também assumem "compromissos"!), sua covardia, seu desejo de atrair a simpatia dos capitalistas, sua falta de firmeza ante as ameaças e, às vezes, ante as exortações, as esmolas ou as adulações dos capitalistas (esses compromissos de traidores são particularmente numerosos na história do movimento operário inglês por parte dos chefes das trade-unions, se bem que, sob uma ou outra forma, quase todos os operários de todos os países tenham podido observar fenômenos semelhantes).

Saragat abandonou as fileiras do Partido Socialista e formou o chamado "Partido Socialista dos Trabalhadores Italianos", que desde 1952 se denomina Partido Social-Democrata.

⁴² Partidários de Louis Auguste Blanqui, participantes da Comuna de Paris. (Nota do tradutor)

⁴³ O Estado Popular. (Nota da Redação)

98. É claro que acontecem casos isolados extraordinariamente difíceis e complexos, em que só através dos maiores esforços se pode determinar com exatidão o verdadeiro caráter desse ou daquele "compromisso", do mesmo modo que há a casos de homicídio em que não é nada fácil julgar se este era absolutamente justo e até obrigatório (como, por exemplo, em caso de legítima defesa) ou se era efeito de um descuido imperdoável, ou mesmo consequência de um plano perverso executado com habilidade. Não há dúvida de que em política, onde às vezes se trata de relações nacionais e internacionais muito complexas entre as classes e os partidos, se registrarão inúmeros casos muito mais difíceis que a questão de saber se um compromisso assumido por ocasião de uma greve é legítimo ou se se trata de uma perfídia de um fura-greve, de um chefe traidor, etc. Preparar uma receita ou uma regra geral ("nenhum compromisso") para todos os casos é um absurdo. É preciso ter a cabeça no lugar para saber orientar-se em cada caso particular. A importância de possuir uma organização de partido com chefes dignos desse nome consiste precisamente, entre outras coisas, em chegar - mediante um trabalho prolongado, tenaz, múltiplo e variado de todos os representantes de uma determinada classe capazes de pensar⁴⁴ - a elaborar os conhecimentos e a experiência necessários e, além dos conhecimentos e experiência, a sagacidade política exata para resolver bem e rapidamente as questões políticas complexas.

99. As pessoas ingênuas e totalmente inexperientes pensam que basta admitir os compromissos em geral para que desapareça completamente a linha divisória entre o oportunismo, contra o qual sustentamos e devemos sustentar uma luta intransigente, e o marxismo revolucionário ou comunismo. Mas essas pessoas, se ainda não sabem que todas as linhas divisórias na natureza e na sociedade são variáveis e até certo ponto convencionais, só podem ser ajudadas mediante o estudo prolongado, a educação, a ilustração e a experiência política e prática. Nas questões práticas da política de cada momento particular ou específico da história é importante saber distinguir aquelas em que se manifestam os compromissos da espécie mais inadmissível, os compromissos de traição, que representam um oportunismo funesto para a classe revolucionária, e dedicar todos os esforços para explicar seu sentido e lutar contra elas. Durante a guerra imperialista de 1914/1918 entre dois grupos de países igualmente criminosos e vorazes, o principal e fundamental dos oportunismos foi o que adotou a forma de social-chovinismo, isto é, o apoio da "defesa da pátria", o que equivalia de fato, naquela guerra, à defesa dos interesses de rapina da "própria" burguesia. Depois da guerra foi a defesa da espoliadora "Sociedade das Nações", a defesa das alianças diretas ou indiretas com a burguesia do próprio país contra o proletariado revolucionário e, o movimento "soviético" e a defesa da democracia e do parlamentarismo burgueses contra o "Poder dos Soviets". Foram essas as principais manifestações desses compromissos inadmissíveis e traidores que, em seu conjunto, culminaram num oportunismo funesto para o proletariado revolucionário e sua causa.

100. "Repelir do modo mais categórico todo compromisso com os demais partidos... toda política de manobra e conciliação", dizem os esquerdistas da Alemanha no folheto de Frankfurt.

101. É surpreendente que, com semelhantes ideias, esses esquerdistas não condenem categoricamente o Bolchevismo! Não é possível que os esquerdistas alemães ignorem que toda a história do bolchevismo, antes e depois da Revolução de Outubro, está cheia de casos de manobra, de acordos e compromissos com outros partidos, inclusive os partidos burgueses!

102. Fazer a guerra para derrotar a burguesia internacional, uma guerra cem vezes mais difícil, prolongada e complexa que a mais encarniçada das guerras comuns entre Estados, e renunciar de antemão a qualquer manobra, a explorar os antagonismos de interesses (mesmo que sejam apenas temporários) que dividem nossos inimigos, renunciar a acordos e

⁴⁴ Mesmo no país mais culto, toda classe, inclusive a mais avançada e com o mais excepcional florescimento, de todas as suas forças espirituais gerado pelas circunstâncias do momento, conta - e contará inevitavelmente enquanto subsistirem as classes e a sociedade sem classes não estiver assentada, consolidada e desenvolvida por completo sobre seus próprios fundamentos - com representantes que não pensam e que são incapazes de pensar. O capitalismo não seria o capitalismo opressor das massas se isso não acontecesse. (Nota do autor)

compromissos com possíveis aliados (ainda que provisórios, inconsistentes, vacilantes, condicionais), não é, por acaso, qualquer coisa de extremamente ridículo? Isso não será parecido com o caso de um homem que na difícil subida de uma montanha, onde ninguém jamais tivesse posto os pés, renunciasse de antemão a fazer zigue-zagues, retroceder algumas vezes no caminho já percorrido, abandonar a direção escolhida no início para experimentar outras direções? E pensar que pessoas tão pouco conscientes, tão inexperientes (menos mal se a causa disso é a juventude de tais pessoas, juventude cujas características autorizam que se digam semelhantes tolices durante certo tempo) puderam ser apoiadas direta ou indiretamente, franca ou veladamente, total ou parcialmente, pouco importa, por alguns membros do Partido Comunista Holandês!!

103. Depois da primeira revolução socialista do proletariado, depois da derrubada da burguesia num país, o proletariado desse país continua sendo durante muito tempo mais débil que a burguesia, em virtude, simplesmente, das imensas relações internacionais que ela tem e graças à restauração, ao renascimento espontâneo e contínuo do capitalismo e da burguesia através dos pequenos produtores de mercadorias do país em que ela foi derrubada. Só se pode vencer um inimigo mais forte retesando e utilizando todas as forças e aproveitando obrigatoriamente com o maior cuidado, minúcia, prudência e habilidade a menor "brecha" entre os inimigos, toda contradição de interesses entre a burguesia dos diferentes países, entre os diferentes grupos ou categorias da burguesia dentro de cada país; também é necessário aproveitar as menores possibilidades de conseguir um aliado de massas, mesmo que temporário, vacilante, instável, pouco seguro, condicional. Quem não compreende isto, não compreende nenhuma palavra de marxismo nem de socialismo científico, contemporâneo, em geral. Quem não demonstrou na prática, durante um período bem considerável e em situações políticas bastante variadas, sua habilidade em aplicar esta verdade à vida, ainda não aprendeu a ajudar a classe revolucionária em sua luta para libertar toda a humanidade trabalhadora dos exploradores. E isso aplica-se tanto ao período anterior à conquista do Poder político pelo proletariado como ao posterior.

104. Nossa teoria, diziam Marx e Engels⁴⁵, não é um dogma, mas sim um guia para a ação, e o grande erro, o imenso crime de marxistas "registrados" como Karl Kautski, Otto Bauer e outros consiste em não haver compreendido essa afirmação, em não haver sabido aplicá-la nos momentos mais importantes da revolução proletária. "A ação política não se parece em nada com a calçada da avenida Nevsk! (a calçada larga, limpa e lisa da rua principal de Petersburgo, rua absolutamente reta), já dizia N.G. Chernishevski, o grande socialista russo do período pré-marxista. Desde a época de Chernishevski, os revolucionários russos pagaram com inúmeras vítimas a omissão ou esquecimento dessa verdade. É preciso conseguir a todo custo que os comunistas de esquerda e os revolucionários da Europa Ocidental e da América fiéis à classe operária paguem menos caro que os atrasados russos a assimilação dessa verdade.

105. Os socialdemocratas revolucionários da Rússia aproveitaram repetidas vezes antes da queda do tzarismo os serviços dos liberais burgueses, isto é, concluíram com eles inúmeros compromissos práticos, e em 1901/1902, mesmo antes do nascimento do bolchevismo, a antiga redação da Iskra (na qual participávamos Plekhanov, Axelrod, Zasulich, Martov, Potresov e eu) concertou - (é verdade que por pouco tempo) uma aliança política formal com Struve, chefe político do liberalismo burguês, sem deixar de sustentar, simultaneamente, a luta ideológica e política mais implacável contra o liberalismo burguês e contra as menores manifestações de sua influência no seio do movimento operário. Os bolcheviques sempre praticaram essa mesma política. Desde 1905 defenderam sistematicamente a aliança da classe operária com os camponeses contra a burguesia liberal e o tzarismo sem negar-se nunca, ao mesmo tempo, a apoiar a burguesia contra o tzarismo (na segunda fase das eleições ou nos

⁴⁵Lênin refere-se a um trecho da carta de F. Engels a F. Sorge, datada de 29 de novembro de 1886, na qual Engels, criticando os emigrados socialdemocratas residentes na América, diz que, para eles, a teoria "é um dogma e não guia para ação".

embates eleitorais, por exemplo) e sem interromper a luta ideológica e política mais intransigente contra o partido camponês revolucionário-burguês, os "social-revolucionários", que eram denunciados como democratas pequeno-burgueses que falsamente se apresentavam como socialistas. Em 1917, os bolcheviques constituíram, por pouco tempo, um bloco político formal com os "social-revolucionários" para as eleições da Duma. Com os mencheviques, estivemos formalmente durante vários anos, de 1903 a 1912, num partido social-democrata único, sem interromper nunca a luta ideológica e política contra eles como portadores da influência burguesa no seio do proletariado e como oportunistas. Durante a guerra assumimos uma espécie de compromisso com os "kautskistas", os mencheviques de esquerda (Martov) e uma parte dos "socialistas-revolucionários" (Chernov, Natanson). Assistimos com eles às conferências de Zimmerwald e Kienthal e lançamos manifestos conjuntos, mas nunca interrompemos nem atenuamos a luta política e ideológica contra os "kautskistas", contra Martov e Chernov. (Natanson morreu em 1919 sendo já um "comunista revolucionário"-populista, muito chegado a nós e quase solidário conosco). No momento da Revolução de Outubro fizemos um bloco político, não formal, mas muito importante (e muito eficaz) com o campesinato pequeno-burguês, aceitando na íntegra, sem a mais leve modificação, o programa agrário dos social-revolucionários, isto é, contraímos um compromisso indubitável para provar aos camponeses que não nos queríamos impor e sim chegar a um acordo com eles. Ao mesmo tempo, propusemos aos "social-revolucionários de esquerda" (e depois o realizamos) um bloco político formal com participação no governo, bloco que eles romperam depois da paz de Brest, chegando, em julho de 1918, à insurreição armada e, mais tarde, à luta armada contra nós.

106. É fácil, por conseguinte, compreender que o ataque dos esquerdistas alemães ao Comitê Central do Partido Comunista da Alemanha, em virtude deste admitir a ideia de um bloco com os "independentes" ("Partido Social-democrata, Independente da Alemanha", os kautskistas) pareçam-nos carecer de seriedade e que vejamos neles uma demonstração evidente da posição errada dos "esquerdistas". Na Rússia também havia mencheviques de direita (que participaram do governo de Kerenski), equivalentes aos Scheidemann da Alemanha, e mencheviques de esquerda (Martov), que se opunham aos mencheviques de direita e equivaliam aos kautskistas alemães. Em 1917, assistimos plenamente à passagem gradual das massas operárias dos mencheviques para os bolcheviques. No I Congresso dos Soviets de toda a Rússia, celebrado em junho desse ano, tínhamos uns 13% dos votos. A maioria pertencia aos social-revolucionários e aos mencheviques. No II Congresso dos Soviets (25 de outubro de 1917, segundo o antigo calendário) tínhamos 51% dos sufrágios. Por que será que na Alemanha uma tendência igual, absolutamente idêntica, dos operários passarem da direita para a esquerda não levou ao fortalecimento imediato dos comunistas, mas sim, no início, ao do partido intermediário dos "independentes", embora esse partido nunca tenha tido nenhuma ideia política independente e nenhuma política independente, nem tenha feito outra coisa que vacilar entre Scheidemann e os comunistas?

107. Não há dúvida de que uma das causas foi a tática errada dos comunistas alemães, que devem reconhecer seu erro honradamente e sem temor, e aprender a corrigi-lo. O erro consistiu em negar-se a participar no parlamento reacionário, burguês, e nos sindicatos reacionários; o erro consistiu em múltiplas manifestações dessa doença infantil do "esquerdismo", que agora se manifestou e que, graças a isso, será curada melhor, mais rapidamente e com maior proveito para o organismo.

108. O "Partido Social-democrata Independente" alemão carece, visivelmente, de homogeneidade; ao lado dos antigos chefes oportunistas (Kautski, Hilferding e, pelo que se vê, em grande parte Crispian, Ledebour e outros), que demonstraram sua incapacidade para compreender a significação do Poder Soviético e da ditadura do proletariado e para dirigir a luta revolucionária deste, formou--se e cresce com singular rapidez, nesse partido, uma ala esquerda, proletária. Centenas de milhares de membros do partido - que tem, ao que parece, uns 750 000 membros - são proletários que se afastam de Scheidemann e caminham a largas

passadas em direção ao comunismo. Esta ala proletária já no Congresso dos independentes, realizado em Leipzig em 1919, propôs a adesão imediata e incondicional à III Internacional. Temer um "compromisso" com essa ala do partido é simplesmente ridículo. Pelo contrário, para os comunistas é obrigatório procurar e encontrar uma forma adequada de compromisso com ela, que permita, de um lado, facilitar a apressar a fusão completa e necessária com ela e que, de outro, não entrave de modo algum os comunistas em sua luta ideológica e política contra a ala direita, oportunista, dos "independentes". É provável que não seja fácil elaborar uma forma adequada de compromisso, mas só um charlatão poderia prometer aos operários e aos comunistas alemães um caminho "fácil" para alcançar a vitória.

109. O capitalismo deixaria de ser capitalismo se o proletariado "puro" não estivesse rodeado de uma massa de elementos de variadíssimas graduações, elementos que representam a transição do proletário ao semiproletário (o que obtém grande parte de seus meios de existência vendendo sua força de trabalho), do semiproletário ao pequeno camponês (e ao pequeno artesão, ao biscateiro, ao pequeno patrão em geral) do pequeno camponês ao camponês médio, etc., e se no próprio seio do proletariado não houvesse setores com um maior ao menor desenvolvimento, divisões de caráter territorial, profissional, às vezes religioso, etc. De tudo isso se depreende imperiosamente a necessidade uma necessidade absoluta - que tem a vanguarda do proletariado, sua parte consciente, o Partido Comunista, de recorrer à manobra aos acordos, aos compromissos com os diversos grupos proletários, com os diversos partidos dos operários e dos pequenos patrões. Toda a questão consiste em saber aplicar essa tática para elevar, e não para rebaixar, o nível geral de consciência, de espírito revolucionário e de capacidade de luta e de vitória do proletariado. É preciso assinalar, entre outras coisas, que a vitória dos bolcheviques sobre os mencheviques exigiu da Revolução de Outubro de 1917, não só antes como também depois dela, a aplicação de uma tática de manobras, acordos, compromissos, ainda que de tal natureza, é claro, que facilitavam e apressavam a vitória dos bolcheviques, além de consolidar e fortalecer-los às custas dos mencheviques. Os democratas pequeno-burgueses (inclusive os mencheviques) vacilavam inevitavelmente entre a burguesia e o proletariado, entre a democracia burguesa e o regime soviético, entre o reformismo e o revolucionarismo, entre o amor aos operários e o medo da ditadura do proletariado, etc. A tática acertada dos comunistas deve consistir em utilizar essas vacilações e não, de modo algum, em desprezá-las; para utilizá-las é necessário fazer concessões aos elementos que se inclinam para o proletariado - no caso e na medida exatos em que o fazem - e, ao mesmo tempo, lutar contra os elementos que se inclinam para a burguesia. Em virtude de seguirmos uma tática acertada, o menchevismo se foi decompondo e se decompõe cada vez mais em nosso país; essa tática foi isolando os chefes obstinados no oportunismo e trazendo para o nosso campo os melhores operários, os melhores elementos da democracia pequeno-burguesa. Trata-se de um processo longo, e as "soluções" fulminantes, tais como "nenhum compromisso", nenhuma manobra, só podem dificultar o crescimento da influência do proletariado revolucionário e o aumento de suas forças.

110. Finalmente, um dos erros incontestes dos "esquerdistas" da Alemanha consiste em sua insistência inflexível em não reconhecer o Tratado de Versailles. Quanto maiores são a "firmeza" e a "importância" e o tom "categórico" e sem apelação com que formula esse ponto de vista K. Horner, por exemplo, menos inteligente resulta. Não basta renegar as indignantes tolices do bolchevismo nacional (Lauffenberg e outros), que, nas atuais condições da revolução proletária internacional, chegou até a falar na formação de uma aliança com a burguesia alemã para a guerra contra a Entente. É preciso compreender que é absolutamente errônea a tática que nega a obrigação da Alemanha Soviética (se surgisse rapidamente uma república soviética alemã) de reconhecer durante certo tempo o Tratado de Versailles e submeter-se a ele. Daí não se deduz que os "independentes" tiveram, razão ao reclamar a assinatura do Tratado de Versailles nas condições então existentes, quando os Scheidemann estavam no governo, ainda não havia sido derrubado o Poder Soviético na Hungria e ainda não estava excluída a possibilidade de uma ajuda da revolução soviética em Viena para apoiar

a Hungria Soviética. Naquele momento, os "independentes" manobraram muito mal, pois tomaram para si a responsabilidade, maior ou menor, por traidores tipo Scheidemann e se desviaram em maior ou menor escala da luta de classes implacável (e friamente arquitetada) contra os Scheidemann para colocar-se "fora" ou "acima" das classes.

111. Mas a situação atual é de tal natureza, que os comunistas alemães não devem amarrar-se as mãos e prometer a renúncia obrigatória e indispensável ao Tratado de Versailles em caso de triunfar o comunismo. Isso seria uma tolice. É preciso que se diga: os Scheidemann e os kautskistas cometeram uma série de traições que dificultaram (e em parte fizeram fracassar) a aliança com a Rússia Soviética e com a Hungria Soviética. Nós, comunistas, procuraremos por todos os meios facilitar e preparar essa aliança; quanto à paz de Versailles, não estamos de modo algum obrigados a rechaçá-la a todo custo e, além disso, imediatamente. A possibilidade de rechaçá-la eficazmente depende dos êxitos do movimento soviético não só na Alemanha, como também no terreno internacional. Este movimento foi dificultado pelos Scheidemann e os kautskistas; nós o favorecemos. Nisso reside a essência da questão, a diferença radical. E se nossos inimigos de classe, os exploradores e seus lacaios, os Scheidemann e os kautskistas, deixaram escapar uma série de possibilidades de fortalecer o movimento soviético alemão e internacional e a revolução soviética alemã e internacional, a culpa é deles. A revolução soviética na Alemanha robustecerá o movimento soviético internacional, que é o reduto mais forte (e o único seguro invencível e de potência universal) contra o Tratado de Versailles e contra o imperialismo mundial em geral. Colocar obrigatoriamente, a todo preço e imediatamente em primeiro plano a denúncia do Tratado de Versailles, antes da questão de libertar do jugo imperialista os demais países oprimidos pelo imperialismo, é uma manifestação de nacionalismo pequeno-burguês (digno dos Kautsky, Hilferding, Otto Bauer & Cia.) mas não de internacionalismo revolucionário. A derrubada da burguesia em qualquer dos grandes países europeus, inclusive Alemanha, é um acontecimento tão favorável para a revolução internacional que, em proveito dessa derrubada, podemos e devemos aceitar, se for necessária, uma existência mais prolongada do Tratado de Versailles. Se a Rússia pôde resistir sozinha durante vários meses ao Tratado de Brest, com proveito para a revolução, não é nada impossível que a Alemanha Soviética, aliada à Rússia Soviética, possa suportar mais tempo com proveito para a revolução o Tratado de Versailles.

112. Os imperialistas da França, Inglaterra, etc., provocam os comunistas alemães, preparando-lhes essa armadilha: "Digam que não assinarão o Tratado de Versailles". E os comunistas "de esquerda" caem como patinhos na armadilha, em vez de manobrar com destreza contra um inimigo traiçoeiro e, no momento atual, mais forte, em vez de dizer-lhe: "Agora assinaremos o Tratado de Versailles". Amarrarmos as mãos antecipadamente, declarar abertamente ao inimigo, hoje melhor armado que nós, que vamos lutar contra ele e em que momento, é uma tolice e nada tem de revolucionário. Aceitar o combate quando é claramente vantajoso para o inimigo e não para nós constitui um crime, e não servem para nada os políticos da classe revolucionária que não sabem "manobrar", que não sabem concertar "acordos e compromissos" a fim de evitar um combate que todos sabem ser desfavorável.

IX - O Comunismo de Esquerda na Inglaterra

113. Na Inglaterra ainda não existe o Partido Comunista, mas entre os operários observa-se um movimento comunista jovem, amplo, poderoso, que cresce com rapidez e permite que se alimentem as mais radiosas esperanças. Há alguns partidos e organizações políticas, ("Partido Socialista Britânico"⁴⁶, "Partido Socialista Operário", "Sociedade Socialista do Sul de Gales",

⁴⁶ O "Partido Socialista Britânico" (*British Socialist Party*) foi fundado em 1911, em Manchester. Realizou a propaganda e a agitação dentro do espírito marxista e era um partido "não oportunista, verdadeiramente independente dos liberais" (Lênin). Seus pequenos efetivos e o isolamento das massas davam-lhe certo caráter sectário. Durante a primeira guerra mundial determinaram-se nele duas tendências: uma abertamente social-chovinista, encabeçada por Hyndman, e outra internacionalista, chefiada por A. Inkpin e outros. O partido

"Federação Socialista Operária"⁴⁷ que desejam fundar o Partido Comunista e que, para isso, já fazem negociações entre si. O *Workers Dreadnought* (t. VI, n.º. 48, de 21/11/1920), semanário da última das organizações citadas, dirigido pela camarada Sylvia Pankhurst, publicou um artigo escrito por ela, intitulado "Rumo ao Partido Comunista". Nele está exposta a marcha das negociações entre as quatro organizações citadas para constituir um Partido Comunista único, baseado na adesão à III Internacional e no reconhecimento, em vez do parlamentarismo, do sistema soviético e da ditadura do proletariado. Acontece que um dos principais obstáculos para a criação imediata de um Partido Comunista único é a falta de unanimidade no que concerne à participação no parlamento e à adesão do novo Partido Comunista ao velho "Partido Trabalhista" oportunista, social-chovinista e profissionalista, integrado predominantemente por trade-unions. A "Federação Socialista Operária" e o "Partido Socialista Operário"⁴⁸ pronunciam-se contra a participação nas eleições parlamentares e no parlamento, e contra a adesão ao "Partido Trabalhista", discordando quanto a isso de todos ou da maioria dos membros do Partido Socialista Britânico, que, é, na sua opinião, "a ala direita dos Partidos Comunistas" na Inglaterra (pág. 5, artigo citado de Sylvia Pankhurst).

114. A divisão fundamental é, portanto, a mesma que na Alemanha, malgrado as enormes diferenças de forma em que se manifestam as divergências (na Alemanha essa forma é muito mais parecida "com a russa" que na Inglaterra), além de muitas outras circunstâncias. Examinemos os argumentos dos "esquerdistas".

115. Ao falar da participação no parlamento, a camarada Sylvia Pankhurst alude a uma carta à Redação do camarada W. Gallacher, publicada no mesmo número, o qual, em nome do "Conselho Operário da Escócia", de Glasgow, escreve:

116. Este Conselho é definidamente antiparlamentarista e está apoiado pela ala esquerda de várias organizações políticas. Representamos o movimento revolucionário na Escócia, que pretende criar uma organização revolucionária nas indústrias (nos diversos setores da produção) e um Partido Comunista, baseado em Comitês sociais, no país inteiro. Durante muito tempo altercamos com os parlamentares oficiais. Não achamos necessário declarar-lhes guerra abertamente e eles temem iniciar o ataque contra nós. Semelhante estado de coisas, porém, não pode prolongar-se muito. Nós triunfamos em toda a linha. Os membros de base do Partido Trabalhista Independente da Escócia tem uma repugnância cada vez maior pela ideia do parlamento, e quase todos os grupos locais são partidários dos Soviets (no texto inglês emprega-se o termo russo) ou Conselhos Operários. Sem dúvida, isso tem considerável importância para os senhores que consideram a política um meio de vida (como se fosse uma profissão) e põem em jogo todos os métodos para persuadir seus membros a voltarem para o parlamentarismo. Os camaradas revolucionários não devem (todos os grifos são do autor) apoiar esse bando. Nesse terreno, nossa luta será muito difícil. Um dos seus piores aspectos consistirá na traição daqueles cuja ambição pessoal é um motivo mais forte que seu interesse pela revolução. Qualquer apoio ao parlamentarismo equivale a contribuir para que o Poder caia nas mãos dos Scheidemann e Noske britânicos. Henderson, Clynes, & Cia são reacionários irrecuperáveis. O Partido Trabalhista Independente oficial cai, cada vez mais sob o controle dos liberais burgueses, que encontraram um refúgio espiritual no campo dos senhores

cindiu-se em abril de 1916. Hyndman e seus correligionários ficaram em minoria e abandonaram suas fileiras. A partir daquele momento, ficaram a frente do Partido Socialista Britânico elementos internacionalistas. A esse partido coube a iniciativa de constituir o Partido Comunista da Grã-Bretanha, fundado em 1920.

⁴⁷ O "Partido Socialista Operário" foi fundado em 1903 por um grupo de socialdemocratas de esquerda dissidente da Federação Social-Democrata. A "Sociedade Socialista de Gales do Sul" era um pequeno grupo, integrado inicialmente por mineiros do País de Gales. A "Federação Socialista Operária" era uma organização pouco numerosa, surgida da "Sociedade de defesa dos direitos eleitorais da mulher" e integrada principalmente por mulheres. Ao ser fundado o Partido Comunista da Grã-Bretanha (o Congresso que o estatuiu realizou-se de 31 de julho a 1º de agosto de 1920), que incluiu em seu programa um ponto sobre a participação do partido nas eleições parlamentares e sobre a filiação ao Partido Trabalhista, todas as organizações "esquerdistas" negaram-se a ingressar no partido. No Congresso do Partido Comunista realizado em janeiro de 1921, a Sociedade Socialista de Gales do Sul e a Federação Socialista Operária (que haviam adotado nessa ocasião as denominações de Partido Comunista Operário e Partido Comunista) fundiram-se com o Partido Comunista da Grã-Bretanha, que tomou o nome de Partido Comunista Unificado da Grã-Bretanha. A direção do Partido Socialista Operário negou-se a participar da unificação.

⁴⁸ Pelo visto, esse partido opõe-se à adesão ao "Partido Trabalhista", mas nem todos os seus membros são contra a participação no parlamento. (Nota do autor)

MacDonald, Snowden e companhia. O Partido Trabalhista Independente oficial é violentamente hostil à III Internacional, mas a massa é partidária dela. Apoiar, seja como for, os parlamentaristas oportunistas significa simplesmente fazer o jogo desses senhores. O Partido Socialista Britânico nada significa... Precisa-se é de uma boa organização revolucionária industrial e de um Partido Comunista que atue em bases claras, bem definidas, científicas. Se nossos camaradas podem ajudar-nos a criar ambas as coisas, aceitaremos de bom gosto sua ajuda; se não podem, por Deus, não se metam nisso, se não querem trair a Revolução apoiando os reacionários, que tão cuidadosamente tratam de adquirir o "honroso" (?) (a interrogação é do autor) título de parlamentar e que ardem de desejos de demonstrar que são capazes de governar tão bem quanto os próprios "amos", os políticos de classe.

117. Esta carta à Redação exprime admiravelmente, em minha opinião, o estado de espírito e o ponto de vista dos comunistas jovens e dos operários comuns que apenas começam a chegar ao comunismo. Esse estado de espírito é altamente consolador e valioso: é preciso saber apreciá-lo e apoiá-lo, porque sem ele seria para desanimar da vitória da revolução proletária na Inglaterra (e em qualquer outro país). É preciso conservar cuidadosamente e ajudar com toda a solicitude os homens que sabem expressar esse estado de ânimo das massas e suscitá-lo (pois muito amiúde ele permanece oculto, inconsciente, adormecido). Mas, ao mesmo tempo, é mister dizer-lhes, clara e sinceramente que, por si só, esse espírito é insuficiente para dirigir as massas na grande luta revolucionária, e que esses ou outros erros em que podem incorrer ou incorrem os homens mais fiéis à causa revolucionária são capazes de prejudicá-la. A carta dirigida à Redação pelo camarada Gallacher mostra de modo incontestado, o germe de todos os erros que cometem os comunistas "de esquerda" alemães e em que incorreram os bolcheviques "de esquerda" russos em 1908 e 1918.

118. O autor da carta está imbuído do mais nobre ódio proletário aos "políticos de classe" da burguesia (ódio compreensível e suscetível de penetrar, por outro lado, não só nos proletários, como em todos os trabalhadores, todos os "pequenos", para empregar a expressão alemã). Esse ódio de um representante das massas oprimidas e exploradas é, na verdade, o "princípio de toda a sabedoria", a base de todo movimento socialista e comunista e de seus êxitos. Mas o autor não leva em conta, pelo visto, que a política é uma ciência e uma arte que não caem do céu, que não se obtêm gratuitamente, e que se o proletariado quiser vencer a burguesia deve formar seus "políticos de classe", proletários, e de tal envergadura que não sejam inferiores aos políticos burgueses.

119. O autor compreendeu de modo admirável que não é o parlamento, e sim apenas os Soviets operários que podem constituir o instrumento necessário do proletariado para atingir seus objetivos. E, naturalmente, quem até agora não compreendeu isso, é o pior dos reacionários, mesmo que seja o homem mais culto, o político mais experiente, o socialista mais sincero, o marxista mais erudito, o mais honrado cidadão e chefe de família. Há, porém, uma questão que o autor não apresenta e nem sequer pensa que seja necessário apresentar; se se pode levar os Soviets à vitória sobre o parlamento sem fazer com que os políticos "soviéticos" entrem no parlamento, sem decompor o parlamentarismo estando dentro dele, sem preparar no interior do parlamento o êxito dos Soviets no cumprimento de sua tarefa de acabar com o parlamento. Contudo, o autor exprime uma ideia absolutamente justa ao dizer que o Partido Comunista Inglês deve atuar em bases científicas. A ciência exige, em primeiro lugar, que se leve em conta a experiência dos demais países, sobretudo se esses países, também capitalistas, passam ou passaram há pouco por uma experiência bastante parecida; em segundo lugar, exige que se levem em conta todas as forças, todos os grupos, partidos, classes e massas que atuam dentro do país considerado, em vez de determinar a política baseando-se exclusivamente nos desejos e opiniões, no grau de consciência e de preparação para a luta de um só grupo ou partido.

120. É certo que os Henderson, Clynes, MacDonald e Snowden são reacionários irrecuperáveis. E também é certo que querem tomar o Poder (ainda que prefiram a coalizão com a burguesia), que querem "governar", de acordo com as rançosas normas burguesas e que, uma vez de posse do Poder, procederão inevitavelmente como os Scheidemann e os Noske. Tudo isso é verdade; mas daí não se deduz, absolutamente, que apoiá-los equivale a trair a revolução, mas sim que, no interesse dela, os revolucionários da classe operária devem

conceder a esses senhores certo apoio parlamentar. Para tornar clara essa ideia usarei dois documentos políticos ingleses atuais: 1) o discurso pronunciado pelo Primeiro Ministro Lloyd George a 18 de março de 1920 (segundo o texto do The Manchester Guardian de 19 do mesmo mês) e 2) os argumentos de uma comunista "de esquerda", camarada Sylvia Pankhurst, no artigo citado.

121. Em seu discurso, Lloyd George polemiza com Asquith (que fora convidado especialmente para a reunião, mas que se negou a assisti-la) e com aqueles liberais que querem uma aproximação com o Partido Trabalhista e não a coalizão com os conservadores. (Na carta dirigida à Redação pelo camarada Gallacher vimos também uma alusão à passagem de alguns liberais ao Partido Trabalhista Independente). Lloyd George demonstra que é necessária uma coalizão dos liberais com os conservadores, inclusive uma coalizão estreita, pois de outro modo a vitória pode ser alcançada pelo Partido Trabalhista, que Lloyd George "prefere chamar" de socialista e que aspira "à propriedade coletiva" dos meios de produção. "Na França isso se chamava comunismo" - explica em linguagem popular o chefe da burguesia inglesa a seus ouvintes, membros do Partido Liberal parlamentar, que, com certeza, até então ignoravam isso - "na Alemanha chamava-se socialismo; na Rússia chama-se bolchevismo". Para os liberais isso é inadmissível por princípio, esclarece Lloyd George, pois os liberais são, por princípio, defensores da propriedade privada. "A civilização está em perigo", declara o orador, razão por que devem unir-se liberais e conservadores...

122. "... Se vocês forem aos distritos agrícolas - diz Lloyd George - verão conservadas, reconheço, as antigas divisões do partido. Lá, o perigo está longe, não existe. Mas quando o perigo lá chegar, será tão grande como o é hoje em alguns distritos industriais. Quatro quintos de nosso país dedicam-se à Indústria e ao comércio; apenas um quinto vive da agricultura. Eis uma das circunstâncias que sempre tenho em mente quando penso nos perigos com que o futuro nos ameaça. Na França, a população é agrícola e por isso constitui uma base sólida de determinadas opiniões, base que não se modifica tão rapidamente e que não é facilmente excitável pelo movimento revolucionário. Em nosso país a coisa é diferente. Nosso país é menos estável que qualquer outro, e se se começar a vacilar, a catástrofe aqui será, em virtude dos motivos citados, mais forte que nos demais países".

123. Através dessas citações, o leitor pode perceber que o Sr. Lloyd George não só é muito inteligente, como também que aprendeu muito com os marxistas. Nós também não faríamos nenhum mal em aprender com Lloyd George.

124. É igualmente interessante registrar o seguinte episódio da discussão havida depois do discurso de Lloyd George:

125. "G. Wallace: Gostaria de perguntar como encara o primeiro ministro os resultados de sua política nos distritos industriais no que concerne aos operários industriais, muitos dos quais são hoje liberais e nos concedem tão grande apoio. Não se pode prever um resultado que provoque um aumento enorme da força do Partido Trabalhista por parte desses mesmos operários que hoje nos apoiam tão sinceramente?"

126. O Primeiro Ministro: Sou de opinião completamente diferente. O fato de os liberais lutarem entre si leva, sem dúvida, um número bastante considerável deles, movidos pelo desespero, para as fileiras do Partido Trabalhista, onde há muitos liberais bastante capazes que hoje se ocupam em desacreditar o governo. O resultado dessa luta entre os liberais, evidentemente, é um importante movimento da opinião pública em favor do Partido Trabalhista. A opinião pública inclina-se não para os liberais que estão fora do Partido Trabalhista, mas sim para este, como mostram as eleições parciais".

127. Digamos, de passagem, que esses raciocínios provam de modo singular até que ponto se confundiram e não podem deixar de cometer desatinos irreparáveis os mais inteligentes homens da burguesia. É isto que a fará perecer. Nossos camaradas podem até fazer tolices (contanto, é claro, que não sejam muito consideráveis e possam ser reparadas a tempo) e, não obstante, acabarão por triunfar. O segundo documento político são as seguintes considerações da comunista "de esquerda" camarada Sylvia Pankhurst:

128. "O camarada Inkpin (secretário do Partido Socialista Britânico) denomina o Partido Trabalhista de "a principal organização do movimento da classe operária". Outro camarada do Partido Socialista Britânico expressou ainda com mais relevo o ponto de vista desse partido na Conferência da III Internacional. "Consideramos o Partido Trabalhista - disse - como a classe operária organizada". Não compartilhamos dessa opinião a respeito do Partido Trabalhista. Ele é muito importante do ponto de vista numérico, embora seus membros sejam; em grande parte, inertes e apáticos; trata-se de operários e operárias que entraram para as trade-unions porque seus companheiros de oficina são trade-unionistas e porque desejam receber seguros e pensões. Reconhecemos, porém, que a importância numérica do Partido

Trabalhista obedece também ao fato de ser esse partido fruto de uma escola de pensamento, cujos limites ainda não foram ultrapassados pela maioria da classe operária britânica, embora se preparem grandes modificações na mentalidade do povo que transformarão brevemente esse estado de coisas [...] O Partido Trabalhista Britânico, como as organizações social-patriotas dos demais países, chegará inevitavelmente ao Poder pelo caminho natural do desenvolvimento social. O dever dos comunistas consiste em organizar as forças que derrubarão os social-patriotas, e em nosso país não devemos vacilar nem retardar essa ação. Não devemos dispersar nossas energias aumentando as forças do Partido Trabalhista; seu advento ao Poder é inevitável. Devemos concentrar nossas forças na criação de um movimento comunista que derrote esse partido. Dentro de pouco tempo o Partido Trabalhista estará no governo; a oposição revolucionária deve estar preparada para empreender o ataque contra ele"

129. Assim, pois, a burguesia liberal renuncia ao sistema dos "dois partidos" (dos exploradores), consagrado no transcurso da história por uma experiência secular e extremamente proveitoso para os exploradores, considerando necessária a união de suas forças a fim de lutar contra o Partido Trabalhista. Uma parte dos liberais, como os ratos de um navio que afunda, corre para o Partido Trabalhista. Os comunistas de esquerda consideram inevitável a passagem do Poder para as mãos do Partido Trabalhista e reconhecem que a maior parte dos operários está atualmente a favor desse partido. De tudo isso, chegam à estranha conclusão assim formulada pela camarada Sylvia Pankhurst:

130. O Partido Comunista não deve assumir compromissos... Deve conservar pura a sua doutrina e imaculada a sua independência frente ao reformismo; sua missão é marchar na vanguarda, sem deter-se ou desviar-se de seu caminho, avançar em linha reta em direção à Revolução Comunista.

131. Pelo contrário, do fato de a maioria dos operários da Inglaterra ainda seguir os Kerenski e os Scheidemann ingleses de não ter passado "ainda pela experiência de um governo formada por esses homens - experiência que foi necessária tanto na Rússia como na Alemanha para que os operários se passassem em massa para o comunismo deduz-se de modo infalível que os comunistas ingleses devem participar do parlamentarismo, devem ajudar a massa operária de dentro do parlamento a ver na prática os efeitos do governo dos Henderson e dos Snowden, devem ajudar os Henderson e Snowden a derrotarem a coalizão de Lloyd George e Churchill. Proceder de outro modo significa dificultar a marcha da revolução, pois se não se produz uma modificação nas opiniões da maioria da classe operária, a revolução torna-se impossível; e essa modificação se consegue através da experiência política das massas, e nunca apenas com a propaganda. A palavra de ordem: "Avante sem compromissos, sem desviar-se do caminho!" é claramente errada, se quem a propala é uma minoria evidentemente impotente de operários que sabe (ou, pelo menos, deve saber) que dentro de pouco tempo, no caso de, Henderson e Snowden triunfarem sobre Lloyd George e Churchill, a maioria perderá a fé - em seus chefes e apoiará o comunismo (ou, em todo caso, adotará uma atitude de neutralidade e, em sua maioria, de neutralidade simpática em relação aos comunistas). É a mesma coisa que se 10.000 soldados se lançassem ao combate contra 50.000 inimigos no momento em que é necessário "deter-se", "afastar-se do caminho", e até concertar um "compromisso" para esperar a chegada de um reforço prometido de 100.000 homens, que não podem entrar em ação imediatamente. É uma infantilidade própria de intelectuais e não uma tática séria da classe revolucionária.

132. A lei fundamental da revolução, confirmada por todas as revoluções, e em particular pelas três revoluções russas do século XX, consiste no seguinte: para a revolução não basta que as massas exploradas e oprimidas tenham consciência da impossibilidade de continuar vivendo como vivem e exijam transformações; para a revolução é necessário que os exploradores não possam continuar vivendo e governando como vivem e governam. Só quando os "de baixo" não querem e os "de cima" não podem continuar vivendo à moda antiga é que a revolução pode triunfar. Em outras palavras, esta verdade exprime-se do seguinte modo: a revolução é impossível sem uma crise nacional geral (que afete explorados e exploradores). Por conseguinte, para fazer a revolução é preciso conseguir, em primeiro lugar, que a maioria dos operários (ou, em todo caso, a maioria dos operários conscientes, pensantes, politicamente ativos) compreenda a fundo a necessidade da revolução e esteja disposta a sacrificar a vida por ela; em segundo lugar, é preciso que as classes dirigentes atravessem uma

crise governamental que atraia à política inclusive as massas mais atrasadas (o sintoma de toda revolução verdadeira é a decuplicação ou centuplicação do número de homens aptos para a luta política, homens pertencentes à massa trabalhadora e oprimida, antes apática), que reduza o governo à impotência e torne possível sua rápida derrubada pelos revolucionários.

133. Na Inglaterra, e exatamente o discurso de Lloyd George o demonstra, entre outras coisas, desenvolvem-se a olhos vistos as duas condições de uma revolução proletária vitoriosa. E os erros dos comunistas de esquerda representam atualmente um singular perigo precisamente porque observamos em alguns revolucionários uma atitude pouco ponderada, pouco atenta, pouco consciente, pouco reflexiva com relação a cada um desses fatores. Se somos o partido da classe revolucionária, e não um grupo revolucionário, se queremos atrair as massas (sem o que corremos o risco de não passar de simples charlatães) devemos: em primeiro lugar, ajudar Henderson ou Snowden a vencer Lloyd George e Churchill (mais exatamente: devemos obrigar os primeiros a vencer os segundos, pois os primeiros tem medo de sua própria vitória!); em segundo lugar, ajudar a maioria da classe operária a convencer-se por experiência própria de que temos razão, isto é, da incapacidade completa dos Henderson e Snowden, de sua natureza pequeno-burguesa e traidora, da inevitabilidade de sua falência; e, em terceiro lugar, antecipar o momento em que, sobre a base da desilusão produzida pelos Henderson na maioria dos operários, se possa, com grandes probabilidades de êxito, derrubar de golpe o governo dos Henderson.

134. Se inclusive Lloyd George, político inteligentíssimo e resoluto, que não é pequeno burguês, mas sim grande burguês, debilita-se cada vez mais (com toda a burguesia), ontem por suas "rusgas" com Churchill e hoje por suas "rusgas" com Asquith, e perde a cabeça, com muito mais facilidade a perderão os Henderson. Falarei de modo mais concreto. Os comunistas ingleses devem, na minha opinião, unificar seus quatro partidos e grupos (todos muito débeis e alguns extraordinariamente débeis) num Partido Comunista único, baseado nos princípios da III Internacional e da participação obrigatória no parlamento. O Partido Comunista propõe aos Henderson e Snowden um "compromisso", um acordo eleitoral: marchemos juntos contra a coalizão de Lloyd George e os conservadores, repartamos os postos no parlamento proporcionalmente aos votos dados pelos operários ao Partido Trabalhista ou aos comunistas (não nas eleições, mas numa votação especial) conservemos a mais completa liberdade, de agitação, propaganda e ação política. Sem esta última condição é impossível, naturalmente, fazer a aliança, pois seria uma traição. Os comunistas ingleses devem reivindicar e alcançar a mais completa liberdade, que lhes permita, desmascarar os Henderson e Snowden, de modo tão absoluto como o fizeram (durante 15 anos, de 1903 a 1917) os bolcheviques russos em relação aos Henderson e Snowden da Rússia, isto é, os mencheviques.

135. Se os Henderson e Snowden aceitarem a aliança nessas condições, sairemos ganhando, pois o que nos interessa não é, absolutamente, o número de cadeiras no parlamento. Não é esse o nosso objetivo; nesse ponto seremos transigentes (enquanto os Henderson e, sobretudo, seus novos amigos - ou seus novos amos - os liberais que ingressaram no Partido Trabalhista, correm atrás disso mais que de qualquer outra coisa). Teremos ganho porque levaremos nossa agitação às massas num momento em que o próprio Lloyd George as terá "irritado", e ajudaremos não só o Partido Trabalhista a formar mais depressa o seu governo, como também as massas a compreenderem melhor toda nossa propaganda comunista, que realizaremos contra os Henderson sem nenhuma limitação, sem nada silenciar.

136. Se os Henderson e Snowden repelirem a aliança conosco, nessas condições, teremos ganho ainda mais, pois teremos mostrado na hora às massas (levem em conta que inclusive dentro do Partido Trabalhista Independente, puramente menchevique, completamente oportunista, as massas são partidárias dos Soviets) que os Henderson preferem sua intimidade com os capitalistas à união de todos os trabalhadores. Teremos ganho imediatamente ante a massa, a qual, sobretudo depois das explicações brilhantíssimas, extremamente acertadas e úteis (para o comunismo) dadas por Lloyd George, simpatizará com a idéia da união de todos

os operários contra a coalizão de Lloyd George com os conservadores. Teremos ganho desde o primeiro momento, pois teremos demonstrado às massas que os Henderson e Snowden receiam vencer Lloyd George, receiam tomar o Poder sozinhos e aspiram a conseguir em segredo o apoio de Lloyd George, que estende a mão abertamente aos conservadores contra o Partido Trabalhista. É preciso lembrar que na Rússia, depois da revolução de 27 de fevereiro de 1917 (calendário antigo), o êxito da propaganda dos bolcheviques contra os mencheviques e social-revolucionários (isto é, os Henderson e Snowden russos) foi devido precisamente às mesmas circunstâncias. Dizíamos aos mencheviques e aos social-revolucionários: tomem todo o Poder sem a burguesia, posto que vocês tem a maioria nos Soviets (no I Congresso dos Soviets de toda a Rússia, celebrado em junho de 1917, os bolcheviques não tinham mais que 13% dos votos). Mas os Henderson e Snowden russos tinham medo de tomar o Poder sem a burguesia, e quando esta adiou as eleições para a Assembleia Constituinte porque sabia perfeitamente que os social-revolucionários e os mencheviques alcançariam a maioria⁴⁹ (ambos formavam um bloco político muito estreito, representavam praticamente uma só democracia pequeno-burguesa), os social-revolucionários e os mencheviques ficaram impotentes para lutar com energia e até o fim contra esses adiamentos.

137. Se os Henderson e Snowden se negassem a formar uma aliança com os comunistas, estes sairiam ganhando de imediato, pois conquistariam a simpatia das massas, enquanto os Henderson e Snowden ficariam desacreditados. Pouco nos importaria então perder algumas cadeiras no parlamento por causa disso. Só apresentariamos candidatos num número ínfimo de circunscrições absolutamente seguras, isto é, onde isto não representasse a vitória de um liberal contra um trabalhista. Realizariamos a nossa campanha eleitoral distribuindo volantes de propaganda do comunismo e convidando o povo, em todas as circunscrições em que não apresentássemos candidato, a votar no trabalhista contra o burguês. Enganam-se os camaradas Sylvia Pankhurst e Gallacher se veem nisso uma traição ao comunismo ou uma renúncia à luta contra os social-traidores. Pelo contrário, não há dúvida de que a causa da revolução sairia ganhando.

138. Hoje em dia, é muito difícil para os comunistas ingleses inclusive aproximar-se das massas, fazer com que elas os ouçam. Contudo, se me apresentar como comunista e, ao mesmo tempo, convidar a votar em Henderson contra Lloyd George, é certo que serei ouvido. E poderei explicar de modo acessível não só por que os Soviets são melhores que o parlamento e a ditadura do proletariado melhor que a ditadura de Churchill (mascarada sob o rótulo de "democracia", burguesa), como também por que eu gostaria de sustentar Henderson com meu voto do mesmo modo que a corda sustenta o enforcado; que a aproximação dos Henderson a um governo formado por eles mesmos demonstrará a minha razão, atrairá as massas para o meu lado e acelerará a morte política dos Henderson e Snowden, exatamente como aconteceu com seus correligionários na Rússia e na Alemanha.

139. E se replicarem dizendo que esta tática é muito "astuta" ou complicada, que as massas não a compreenderão, que dispersará e desagregará nossas forças impedindo-nos de concentrá-las, na revolução soviética, etc., responderei aos meus contestadores "de esquerda": não atribuam às massas o seu próprio doutrinismo! É de supor-se que na Rússia as massas não são mais cultas, mas, pelo contrário, que são menos cultas que na Inglaterra. Apesar disso, compreenderam os bolcheviques; e, em vez de prejudicá-los, favoreceu-os o fato de, nas vésperas da revolução soviética de setembro de 1917, comporem, listas de candidatos seus ao parlamento burguês (à Assembleia Constituinte) e tomarem parte, no dia seguinte à revolução soviética de novembro de 1917, nas eleições para essa mesma Constituinte, dissolvida por eles no dia 5 de janeiro de 1918.

⁴⁹ As eleições de novembro de 1917 para a Assembleia Constituinte na Rússia, segundo dados que abrangem mais de 36 milhões de eleitores, deram 25% dos votos aos bolcheviques, 13% aos diferentes partidos dos latifundiários e da burguesia e 62% à democracia pequeno-burguesa, isto é, aos social-revolucionários e mencheviques juntamente com os pequenos grupos chegados a eles. (Nota do autor)

140. Não posso examinar pormenorizadamente a segunda divergência entre os comunistas ingleses, consistente em se devem ou não aderir ao Partido Trabalhista. Tenho pouquíssimos dados sobre essa questão extremamente complexa, dada a extraordinária originalidade do "Partido Trabalhista" Britânico, muito pouco parecido estruturalmente com os habituais partidos políticos do continente europeu. Mas não há dúvida de que, em primeiro lugar, também incorre inevitavelmente em erro quem deduz a tática do proletariado revolucionário de princípios como este: "O Partido Comunista deve conservar pura a sua doutrina e imaculada a sua independência frente ao reformismo; sua missão é marchar na vanguarda, sem deter-se ou desviar-se de seu caminho, avançar em linha reta em direção à Revolução Comunista". Princípios como este só fazem repetir o erro dos comunardos-blanquistas franceses, que em 1874 proclamavam a "negação" de todo compromisso e de toda etapa intermediária. Em segundo lugar, não há dúvida de que nesse ponto a tarefa consiste, como sempre, em saber aplicar os princípios gerais e fundamentais do comunismo às peculiaridades das relações entre as classes e os partidos, às peculiaridades do desenvolvimento objetivo rumo ao comunismo, próprias a cada país e que é necessário saber estudar, descobrir e prever.

141. Mas é preciso falar a respeito disso não só em relação ao comunismo inglês, mas sim em relação às conclusões gerais que se referem ao desenvolvimento do comunismo em todos os países capitalistas. Este é o tema que vamos abordar agora.

X - Algumas Conclusões

142. A revolução burguesa de 1905 na Rússia evidenciou uma reviravolta extraordinariamente original da história universal: num dos países capitalistas mais atrasados, o movimento grevista alcançou, pela primeira vez no mundo, força e amplitude inusitadas. Só em janeiro de 1905, o número de grevistas foi dez vezes maior que a média anual de grevistas durante os dez anos anteriores (1895/1904); de janeiro a outubro de 1905, as greves aumentaram incessantemente e em proporções gigantescas. Sob a influência de uma série de fatores históricos completamente originais, a Rússia atrasada deu ao mundo o primeiro exemplo não só de um salto brusco, em época de revolução, da atividade espontânea das massas oprimidas (coisa que ocorreu em todas as grandes revoluções), como também de uma projeção do proletariado que superava infinitamente o que se podia esperar por sua pequena percentagem entre a população; mostrou pela primeira vez a combinação da greve econômica com a greve política, com a transformação desta última em insurreição armada, o nascimento de uma nova forma de luta de massas e de organização de massas das classes oprimidas pelo capitalismo: os Soviets.

143. As revoluções de fevereiro e outubro de 1917 levaram ao desenvolvimento multilateral dos Soviets em todo o país e, depois, à sua vitória na revolução proletária, socialista. Menos de dois anos mais tarde manifestou-se o caráter internacional dos Soviets, a extensão dessa forma de luta e de organização ao movimento operário mundial, o destino histórico dos Soviets de serem os coveiros, os herdeiros e os sucessores do parlamentarismo burguês, da democracia burguesa em geral.

144. Mais ainda. A história do movimento operário mostra atualmente que ele está destinado a atravessar em todos os países (e já começou a atravessar) um período de luta do comunismo nascente, cada dia mais forte, que marcha para a vitória, sobretudo e principalmente contra o "menchevismo" próprio (de cada país), isto é, contra o oportunismo e o social-chovinismo e, de outro lado, como complemento, por assim dizer, contra o comunismo "de esquerda". A primeira dessas lutas desenvolveu-se em todos os países, ao que parece sem exceções, sob a forma de luta entre a II Internacional (hoje praticamente morta) e a III. A segunda luta manifesta-se na Alemanha, na Inglaterra, na Itália, nos Estados Unidos (onde pelo menos uma parte dos "Operários Industriais do Mundo" e das tendências anarcossindicalistas apoiam os erros do comunismo de esquerda, ao mesmo tempo em que reconhecem de maneira quase geral, quase incondicional, o sistema soviético) e na França

(atitude de uma parte dos ex-sindicalistas em relação ao partidopolítico e ao parlamentarismo, também paralelamente ao reconhecimento do sistema dos Soviets), isto é, manifesta-se não só em escala internacional, como universal.

145. Contudo, embora a escola preparatória que leva o movimento operário à vitória sobre a burguesia seja em toda parte idêntica em sua essência, seu desenvolvimento efetua-se em cada país de modo original. Os grandes países capitalistas adiantados avançam por esse caminho muito mais rapidamente que o bolchevismo, ao qual a história concedeu um prazo de quinze anos para preparar-se como tendência política organizada a fim de conquistar a vitória. No curto prazo de um ano, a III Internacional já alcançou um triunfo decisivo ao desfazer a II Internacional, a Internacional amarela, social-chovinista, que há poucos meses era incomparavelmente mais forte que a III, parecia sólida e poderosa, e dispunha do apoio da burguesia mundial sob todas as formas, diretas e indiretas, materiais (postos ministeriais, passaporte, imprensa) e morais.

146. O que importa agora é que os comunistas de cada país levem em conta com plena consciência tanto as tarefas fundamentais, de princípio, da luta contra o oportunismo e o doutrinário "de esquerda", como as particularidades concretas que esta luta adquire e deve adquirir inevitavelmente em cada país, de acordo com os aspectos originais de sua economia, sua política, sua cultura, sua composição nacional (Irlanda, etc.), suas colônias, diversidade de religiões, etc., etc. Sente-se expandir e crescer em toda parte o descontentamento contra a II Internacional por causa de seu oportunismo e sua inépcia, sua incapacidade para criar um órgão realmente centralizado e dirigente, apto para orientar a tática internacional do proletariado revolucionário em sua luta pela república soviética universal. É preciso compreender perfeitamente que esse centro dirigente não pode, de modo algum, ser formado segundo normas táticas estereotipadas de luta, mecanicamente igualadas, idênticas. Enquanto subsistirem diferenças nacionais e estatais entre os povos e os países e essas diferenças subsistirão inclusive durante muito tempo depois da instauração universal da ditadura do proletariado - a unidade da tática internacional do movimento operário comunista de todos os países exigirá, não a supressão da variedade, não a supressão das particularidades nacionais (o que é, atualmente, um sonho absurdo), mas sim uma tal aplicação dos princípios fundamentais do comunismo (Poder Soviético e ditadura do proletariado) que modifique acertadamente esses princípios em seus detalhes, que os adapte, que os aplique acertadamente às particularidades nacionais e nacional-estatais. Investigar, estudar, descobrir, adivinhar, captar o que há de particular e específico, do ponto de vista nacional, na maneira pela qual cada país aborda concretamente a solução do problema internacional comum, do problema do triunfo sobre o oportunismo e o doutrinário de esquerda no movimento operário, a derrubada da burguesia, a instauração da república soviética e da ditadura proletária, é a principal tarefa do período histórico que atualmente atravessam todos os países adiantados (e não só os adiantados). Já se fez o principal - claro que não se fez tudo, absolutamente, mas já se fez o principal - para ganhar a vanguarda da classe operária para colocá-la ao lado do Poder Soviético contra o parlamentarismo, ao lado da ditadura do proletariado contra a democracia burguesa. Agora é preciso concentrar todas as forças e toda a atenção no passo seguinte, que parece ser - e, de certo modo, é realmente - menos fundamental, mas que, em compensação, está mais perto da solução efetiva do problema, isto é: procurar as formas de passar à revolução proletária ou de abordá-la.

147. A vanguarda proletária está ideologicamente conquistada. Isto é o principal. Sem isto não é possível dar sequer o primeiro passo para a vitória. Mas daí para o triunfo ainda falta uma grande distância a percorrer. Apenas com a vanguarda é impossível triunfar. Lançar a vanguarda sozinha à batalha decisiva, quando toda a classe, quando as grandes massas ainda não adotaram uma posição de apoio direto a essa vanguarda ou, pelo menos, de neutralidade simpática, e não são totalmente incapazes de apoiar o adversário, seria não só uma estupidez, como um crime. E para que realmente toda a classe, para que realmente as grandes massas dos trabalhadores e dos oprimidos pelo capital cheguem a ocupar essa posição, a propaganda

e a agitação, por si, são insuficientes. Para isso necessita-se da própria experiência política das massas. Tal é a lei fundamental de todas as grandes revoluções, confirmada hoje com força e realce surpreendentes tanto pela, Rússia como pela Alemanha. Não só as massas incultas, em muitos casos analfabetas, da Rússia, como também as massas da Alemanha, muito cultas, sem nenhum analfabeto, precisaram experimentar em sua própria carne toda a impotência, toda a veleidade, toda a fraqueza, todo o servilismo ante a burguesia, toda a infâmia do governo dos cavalheiros da II Internacional, toda a inelutabilidade da ditadura dos ultrarreacionários (Kornilov na Rússia, Kapp & Cia. na Alemanha), única alternativa diante da ditadura do proletariado, para orientar-se decididamente rumo ao comunismo.

148. A tarefa imediata da vanguarda consciente do movimento operário internacional, isto é, dos partidos, grupos e tendências comunistas, consiste em saber atrair as amplas massas (hoje, em sua maior parte, ainda adormecidas, apáticas, rotineiras, inertes) para essa sua nova posição, ou, melhor dizendo, em saber dirigir não só seu próprio partido, como também essas massas no período de sua aproximação, de seu deslocamento para essa nova posição. Se a primeira tarefa histórica (ganhar para o Poder Soviético e para a ditadura da classe operária a vanguarda consciente do proletariado) não podia ser cumprida sem uma vitória ideológica e política completa sobre o oportunismo e o social-chovinismo, a segunda tarefa, que é agora imediata e que consiste em saber atrair as massas para essa nova posição capaz de assegurar o triunfo da vanguarda na revolução, não pode ser cumprida sem liquidar o doutrinário de esquerda, sem corrigir completamente seus erros, sem desembaraçar-se deles.

149. Enquanto se trata (e na medida em que se trata ainda hoje) de ganhar para o comunismo a vanguarda do proletariado, a propaganda deve ocupar o primeiro lugar; inclusive os círculos, com todas as suas debilidades, são úteis neste caso e dão resultados fecundos. Mas quando se trata da ação prática das massas, de movimentar - se me é permitido usar essa expressão - exércitos de milhões de homens, dispor todas as forças da classe de uma determinada sociedade para a luta final e decisiva, não conseguireis nada através, unicamente dos hábitos de propagandista, com a simples repetição das verdades do comunismo "puro". É porque nesse caso a conta não é feita aos milhares, como faz o propagandista membro de um grupo reduzido e que ainda não dirige massas, e sim aos milhões e dezenas de milhões. Nesse caso é preciso perguntar a si próprio não só se convencemos a vanguarda da classe revolucionária, como também se estão em movimento as forças historicamente ativas de todas as classes da tal sociedade, obrigatoriamente de todas, sem exceção, de modo que a batalha decisiva esteja completamente amadurecida, de maneira que 1) todas as forças de classe que nos são adversas estejam suficientemente perdidas na confusão, suficientemente lutando entre si, suficientemente debilitadas por uma luta superior a suas forças; 2) que todos os elementos vacilantes, instáveis, inconsistentes, intermediários, isto é, a pequena burguesia, a democracia pequeno-burguesa, que se diferencia da burguesia, estejam suficientemente desmascarados diante do povo, suficientemente cobertos de opróbrio por sua falência prática; 3) que nas massas proletárias comece a aparecer e a expandir-se com poderoso impulso o afã de apoiar as ações revolucionárias mais resolutas, mais valentes e abnegadas contra a burguesia. É então que está madura a revolução, que nossa vitória está assegurada, caso tenhamos sabido levar em conta todas as condições levemente esboçadas acima e tenhamos escolhido acertadamente o momento.

150. As divergências entre os Churchill e os Lloyd George de um lado - tipos políticos que existem em todos os países com peculiaridades nacionais ínfimas - e, de outro, entre os Henderson e os Lloyd George, não têm absolutamente nenhuma importância e são insignificantes do ponto de vista do comunismo puro, isto é, abstrato, ainda incapaz de ações políticas práticas, de massas. Mas, do ponto de vista dessa ação prática das massas, tais divergências têm extraordinária importância. Saber levá-las em conta, saber determinar o momento em que amadureceram plenamente os conflitos inevitáveis entre esses "amigos", conflitos que debilitam e extenuam todos os "amigos" tomados em conjunto, é o trabalho, a missão do comunista que deseje ser não só um propagandista consciente, convicto e

teoricamente preparado, como também um dirigente prático das massas na revolução. É necessário unir a mais absoluta fidelidade às idéias comunistas à arte de admitir todos os compromissos práticos necessários, manobras, acordos, ziguezagues, retiradas, etc., para precipitar a ascensão ao Poder político dos Henderson (dos heróis da II Internacional, para não citar nomes desses representantes da democracia pequeno-burguesa que se chamam de socialistas) e seu malogro no mesmo; para acelerar seu fracasso inevitável na prática, o que educará as massas precisamente em nosso espírito e as orientará precisamente para o comunismo; para acelerar as rugas, as disputas, os conflitos e a separação total, inevitáveis entre os Henderson, os Lloyd George e os Churchill (entre os mencheviques e os social-revolucionários, os democratas constitucionalistas e os monárquicos; entre os Scheidemann, a burguesia, os partidários de Kapp, etc.) e para escolher acertadamente o momento de máxima dissensão entre todos esses "baluartes da sacrossanta propriedade privada", a fim de esmagá-los por completo, mediante uma resoluta ofensiva do proletariado, e conquistar o Poder político.

151. A história em geral, e a das revoluções em particular, é sempre mais rica de conteúdo, mais variada de formas e aspectos, mais viva e mais "astuta" do que imaginam os melhores partidos, as vanguardas mais conscientes das classes mais avançadas. E isso é compreensível, pois as melhores vanguardas exprimem a consciência, a vontade, a paixão e a imaginação de dezenas de milhares de homens acicatados pela mais aguda luta de momentos de exaltação e tensão especiais de todas as faculdades humanas, pela consciência, a vontade, a paixão e a imaginação de dezenas de milhões de homens, enquanto que a revolução é feita, em classes. Dai se depreendem duas conclusões práticas muito importantes: 1) a classe revolucionária, para realizar sua missão, deve saber utilizar todas as formas ou aspectos, sem a menor exceção, da atividade social (terminando depois da conquista do Poder político, às vezes com grande risco e imenso perigo, o que não terminou antes dessa conquista); 2) a classe revolucionária deve estar preparada para substituir uma forma por outra do modo mais rápido e inesperado.

152. Temos de concordar que seria insensata e até mesmo criminosa a conduta de um exército que não se dispusesse a conhecer e utilizar todos os tipos de armas, todos os meios e processos de luta que o inimigo possui ou pode possuir. Mas essa verdade é ainda mais aplicável à política que à arte militar. Em política é ainda menos fácil saber de antemão que método de luta será aplicável e vantajoso para nós, nessas ou naquelas circunstâncias futuras. Sem dominar todos os meios de luta podemos correr o risco de sofrer uma derrota fragorosa - às vezes decisiva - se modificações, independentes da nossa vontade na situação das outras classes puserem na ordem do dia uma forma de ação na qual somos particularmente débeis. Se dominamos todos os meios de luta, nossa vitória estará garantida, pois representamos os interesses da classe realmente avançada, realmente revolucionária, inclusive se as circunstâncias nos impedirem de utilizar a arma mais perigosa para o inimigo, a arma mais capaz de assestar-lhe golpes mortais com a maior rapidez. Os revolucionários inexperientes imaginam frequentemente que os meios legais de luta são oportunistas, uma vez que a burguesia enganava e lograva os operários com particular frequência nesse terreno (sobretudo nos períodos chamados "pacíficos", nos períodos não revolucionários), e que os processos ilegais são revolucionários. Mas isso não é justo. O justo é que os oportunistas e traidores da classe operária são os partidos e chefes que não sabem ou não querem (não digam: não posso, mas sim: não quero) aplicar os processos ilegais de luta numa situação, por exemplo, como a guerra imperialista de 1914/1918, em que a burguesia dos países democráticos mais livres enganava os operários com insolência e crueldade nunca vistas, proibindo que se dissesse a verdade sobre o caráter de rapina da guerra. Mas os revolucionários que não sabem combinar as formas ilegais de luta com todas as formas legais são péssimos revolucionários. Não é difícil ser revolucionário quando a revolução já estourou e está em seu apogeu, quando todos aderem à revolução simplesmente por entusiasmo, modismo e inclusive, às vezes, por interesse pessoal de fazer carreira. Custa muito ao proletariado, causa-lhe duras penas,

origina-lhe verdadeiros tormentos "desfazer-se" depois do triunfo desses "revolucionários". É muitíssimo mais difícil - e muitíssimo mais meritório - saber ser revolucionário quando ainda não existem as condições para a luta direta, aberta, autenticamente de massas, autenticamente revolucionária, saber defender os interesses da revolução (através da propaganda, da agitação e da organização) em instituições não revolucionárias e, muitas vezes, simplesmente reacionárias, numa situação não revolucionária, entre massas incapazes de compreender imediatamente a necessidade de um método revolucionário de ação, Saber perceber, encontrar, determinar com exatidão o rumo concreto ou a modificação particular dos acontecimentos suscetíveis de levar as massas à grande luta revolucionária, verdadeira, final e decisiva é a principal missão do comunismo contemporâneo na Europa Ocidental e na América.

153. Um exemplo: Inglaterra. Não podemos saber e ninguém pode determinar de antemão - quando eclodirá ali a verdadeira revolução proletária e qual será o motivo principal que despertará, inflamará e lançará à luta as grandes massas, hoje ainda adormecidas. Temos o dever, por conseguinte, de realizar todo nosso trabalho preparatório tendo as quatro patas aferradas ao solo (segundo a expressão predileta do falecido Plekhanov quando era marxista e revolucionário). Talvez seja uma crise parlamentar que "abra o caminho", que "rompa o gelo", talvez uma crise que derive das contradições coloniais e imperialistas irremediavelmente complicadas, cada vez mais graves e exacerbadas, ou talvez outras causas. Não falamos da espécie de luta que decidirá a sorte da revolução proletária na Inglaterra (essa questão não permite nenhuma dúvida para nenhum comunista, pois para todos nós está firmemente decidida), mais sim do motivo que despertará as massas proletárias hoje ainda adormecidas, que as colocará em movimento e as levará à revolução. Não esqueçamos, por exemplo, que na república burguesa da França, numa situação que era cem vezes menos revolucionária que a atual, tanto internacional como internamente, bastou uma circunstância tão "inesperada" e "fútil" como o caso Dreyfus - uma das mil façanhas desonestas do bando militarista reacionário para levar o povo às bordas da guerra civil.

154. Na Inglaterra, os comunistas devem utilizar constantemente, sem descanso nem vacilação, as eleições parlamentares, todas as peripécias da política irlandesa, colonial e imperialista do governo britânico no mundo inteiro e todos os demais campos, esferas e aspectos da vida social, atuando neles com espírito, novo, com o espírito do comunismo, com o espírito da III e não da II Internacional. Não disponho de tempo nem espaço para descrever aqui os processos "russos", "bolcheviques", de participação nas eleições e na luta parlamentar; mas posso assegurar aos comunistas dos demais países que em nada se pareçam com as habituais campanhas parlamentares na Europa Ocidental. Desse fato tira-se frequentemente a seguinte conclusão: "Isso é assim no vosso país, na Rússia, mas o nosso parlamentarismo é diferente". A conclusão é falsa. Os comunistas, os partidários da III Internacional existem em todos os países exatamente para transformar em toda linha, em todos os aspectos da vida, o antigo trabalho socialista, tradeunionista, sindicalista e parlamentar num trabalho novo, comunista. Em nossas eleições também vimos, à vontade, traços puramente burgueses, traços de oportunismo, praticismo vulgar, fraude capitalista. Os comunistas da Europa Ocidental e da América devem aprender a criar um parlamentarismo novo, incomum, não oportunista, sem arrivismo. É necessário que o Partido Comunista lance suas palavras de ordem; que os verdadeiros proletários, com a ajuda da gente pobre, inorganizada e completamente oprimida, repartam entre si e distribuam volantes, percorram as casas dos operários, as palhoças dos proletários do campo e dos camponeses que vivem nas aldeias longínquas (que, felizmente, existem em número muito menor na Europa que na Rússia, e são raras na Inglaterra), entrem nas tabernas frequentadas pelas pessoas mais simples, introduzam-se nas associações, sociedades e reuniões fortuitas das pessoas pobres; que falem ao povo não de forma doutoral (e não muito à parlamentar), não corram, por nada neste mundo, atrás de um "lugarzinho" no parlamento, mas despertem em toda parte o pensamento, arrastem a massa, tomem a palavra da burguesia, utilizem o aparelho por ela criado, as eleições por ela convocadas, seus apelos a

todo o povo e tornem conhecido deste último o bolchevismo, como nunca antes haviam tido oportunidade de fazê-lo (sob o domínio burguês) fora do período eleitoral (sem contar, naturalmente, os momentos de grandes greves, quando esse mesmo aparelho de agitação popular funcionava em nosso país com maior intensidade ainda). Fazer isso na Europa Ocidental e na América é muito difícil, difícilíssimo; mas pode e deve ser feito, pois é totalmente impossível cumprir as tarefas do comunismo sem trabalhar, e é preciso esforçar-se para resolver os problemas práticos, cada vez mais variados, cada vez mais ligados a todos os aspectos da vida social e que vão arrebatando cada vez mais à burguesia, um após outro, um setor, uma esfera de atividade.

155. Nessa mesma Inglaterra é necessário também organizar de modo novo (não de modo socialista, mas comunista; não de modo reformista, mas revolucionário) o trabalho de propaganda, de agitação e de organização no exército e entre as nações oprimidas e que não gozam de plenos direitos que formam "seu" Estado (Irlanda, as colônias). Pois todos esses setores da vida social, na época do imperialismo em geral e sobretudo agora, depois da guerra, que atormentou os povos e que lhes abriu rapidamente os olhos à verdade (a verdade de dezenas de milhões de homens terem morrido ou terem ficado mutilados exclusivamente para decidir se seriam os bandidos ingleses ou os bandidos alemães que saqueariam maior número de países), todos esses setores da vida social saturam-se particularmente de matérias inflamáveis e dão origem a muitas causas de conflitos e de crises e à exacerbação da luta de classes. Não sabemos nem podemos saber qual das centelhas que surgem agora em grande número por toda parte em todos os países, sob a influência da crise econômica e política mundial, poderá causar o incêndio, isto é, despertar de modo especial as massas. Por isso, com nossos princípios novos, comunistas, devemos empreender a "preparação", de todos os campos, qualquer que seja a sua natureza, até dos mais velhos, vetustos e, aparentemente, mais estéreis, porque em caso contrário não estaremos à altura de nossa missão, faltar-nos-á alguma coisa, não dominaremos todos os tipos de armas, não nos prepararemos nem para vitória sobre a burguesia (que organizou a vida social em todos os seus aspectos à moda burguesa e que agora a desorganizou também à moda burguesa) nem para a reorganização comunista de toda a vida, tarefa que deveremos cumprir uma vez conquistada a vitória.

156. Depois da revolução proletária na Rússia e de suas vitórias em escala internacional, inesperadas para a burguesia e os filisteus, o mundo inteiro se transformou e a burguesia também é outra em toda parte. A burguesia sente-se assustada com o "bolchevismo" e está irritada contra ele a ponto de quase perder a cabeça; precisamente por isso, acelera, de um lado, o desenvolvimento dos acontecimentos e, de outro, concentra a atenção no esmagamento do bolchevismo pela força, debilitando com isso sua posição em muitos outros terrenos. Os comunistas de todos os países avançados devem levar em conta para a sua tática essas duas circunstâncias.

157. Os democratas constitucionalistas russos e Kerenski passaram dos limites quando empreenderam uma furiosa perseguição contra os bolcheviques, sobretudo desde abril de 1917 e, mais ainda, em junho e julho desse mesmo ano. Os milhões de exemplares dos jornais burgueses, que gritavam em todos os tons contra os bolcheviques, ajudaram a conseguir que as massas valorizassem o bolchevismo, e toda a vida social, mesmo sem o concurso da imprensa, impregnou-se de discussões sobre o bolchevismo, graças ao "zelo" da burguesia. Os milionários de todos os países conduzem-se atualmente de tal modo em escala internacional que lhes devemos ficar agradecidos de todo o coração. Perseguem o bolchevismo com o mesmo zelo com que o perseguiram anteriormente Kerenski e companhia e, como estes, também passam dos limites e nos ajudam tanto quanto Kerenski. Quando a burguesia francesa converte o bolchevismo no ponto central de sua campanha eleitoral, injuriando por seubolchevismo socialistas relativamente moderados ou vacilantes; quando a burguesia norte-americana, perdendo completamente a cabeça, prende milhares e milhares de indivíduos suspeitos de bolcheviques e cria um ambiente de pânico propagando em toda parte a notícia de conjurações bolcheviques; quando a burguesia inglesa, a mais "séria" do mundo, com todo

seu talento e experiência comete inacreditáveis tolices, funda riquíssimas "sociedades para a luta contra o bolchevismo", cria uma literatura especial a seu respeito e toma a seu serviço, para a luta contra ele, um pessoal suplementar de sábios, agitadores e padres, devemos inclinar-nos e agradecer aos senhores capitalistas. Trabalham para nós, ajudam-nos a interessar as massas pela natureza e a significação do bolchevismo. E não podem fazer de outro modo, porque já fracassaram em suas tentativas de "fazer silêncio" em torno do bolchevismo e sufocá-lo.

158. Mas, ao mesmo tempo, a burguesia vê no bolchevismo quase que exclusivamente um dos seus aspectos: a insurreição, a violência, o terror; por isso procura preparar-se de modo particular para opor resistência e responder nesse terreno. É possível que em casos isolados, em alguns países, nesses ou naqueles períodos breves, o consiga; é preciso contar com essa possibilidade, que nada tem de temível para nós. O comunismo "brota" literalmente de todos os aspectos da vida social, seus germes existem absolutamente em toda parte, o "contágio" (para empregar a comparação predileta da burguesia e da polícia burguesa e a mais "agradável" para elas) penetrou profundamente em todos os poros do organismo e o impregnou completamente. Caso se "feche", com particular cuidado uma das saídas, o "contágio" encontrará outra, às vezes a mais inesperada. A vida triunfa acima de todas as coisas. Que a burguesia se sobressalte, irrite-se até perder a cabeça; que ultrapasse os limites, faça tolices, vingue-se por antecipação dos bolcheviques e se esforce por aniquilar (na Índia, Hungria, Alemanha, etc.) centenas, milhares, centenas de milhares de bolcheviques de ontem ou de amanhã; ao fazer isso, procede como procederam todas as classes condenadas pela história a desaparecer. Os comunistas devem saber que, seja como for, o futuro lhes pertence. E, por isso, podemos (e devemos) unir, na grande luta revolucionária, o máximo de paixão à análise mais fria e serena das furiosas convulsões da burguesia. A revolução russa foi cruelmente esmagada em 1905; os bolcheviques russos foram derrotados em julho de 1917; mais de 15.000 comunistas alemães foram aniquilados por meio da ardilosa provocação e das hábeis manobras de Scheidemann e Noske, aliados à burguesia e aos generais monárquicos; na Finlândia e na Hungria o terror branco faz estragos. Em todos os casos e em todos os países, porém, o comunista está se temperando e cresce; suas raízes são tão profundas que as perseguições não o debilitam, não o extenuam, mas, pelo contrário, reforçam-no. Só falta uma coisa para que marchemos rumo à vitória com mais firmeza e segurança; que os comunistas de todos os países compreendamos em toda parte e até o fim que em nossa tática é necessária a máxima flexibilidade. O que falta atualmente ao comunismo, que cresce magnificamente, sobretudo nos países adiantados, é essa consciência e o acerto para aplicá-la na prática.

159. Poderia (e deveria) ser uma lição útil o que ocorreu com os chefes da II Internacional, tão eruditos e tão fiéis ao socialismo como Kautski, Otto Bauer e outros. Compreendiam perfeitamente a necessidade de uma tática flexível, haviam aprendido e ensinavam aos demais a dialética de Marx (e muito do que foi feito por eles nesse terreno será sempre considerado como uma valiosa aquisição da literatura socialista); mas ao aplicar essa dialética incorreram num erro de tal natureza ou se mostraram na prática tão afastados da dialética, tão incapazes de levar em conta as rápidas modificações de forma e o rápido aparecimento de um conteúdo novo nas formas antigas, que sua sorte não é mais invejável que a de Hyndman, Guesde e Plekhanov. A causa fundamental de seu fracasso consiste em que "fixaram sua atenção" numa determinada forma de crescimento do movimento operário e do socialismo, esquecendo o caráter unilateral dessa fixação; tiveram medo de ver a brusca ruptura, inevitável em virtude das circunstâncias objetivas, e continuaram repetindo as verdades simples memorizadas e à primeira vista indiscutíveis: três é maior do que dois. Mas a política se parece mais com a álgebra que com a aritmética e mais ainda com as matemáticas superiores que com as matemáticas elementares. Na realidade, todas as formas antigas do movimento socialista adquiriram um novo conteúdo, razão pela qual surgiu diante das cifras um sinal novo, o sinal "menos", enquanto nossos sábios continuavam (e continuam) tratando teimosamente de persuadir-se e de persuadir todo mundo de que "menos três" é maior que "menos dois".

160. É preciso fazer com que os comunistas não repitam, só que em sentido contrário, esse mesmo erro, ou melhor, que esse mesmo erro, cometido, só que em sentido contrário, pelos comunistas “de esquerda”, seja corrigido o mais cedo possível e curado rapidamente e com o menor sofrimento para o organismo. Não só o doutrinário de direita constitui um erro; o de esquerda também. Naturalmente, o erro do doutrinário de esquerda no comunismo é hoje em dia muito menos perigoso e grave que o de direita (isto é, do social-chovinismo e do kautskismo); mas isso é devido apenas a que o comunismo de esquerda é uma tendência novíssima, que acaba de nascer. Só por isso, a doença pode ser, em certas condições, curada facilmente e é necessário empreender seu tratamento com a máxima energia.

161. As formas antigas romperam-se, pois aconteceu de seu novo conteúdo - antiproletário, reacionário - adquirir um desenvolvimento desmedido. Do ponto de vista do desenvolvimento do comunismo internacional possuímos hoje um conteúdo tão sólido, tão forte e tão poderoso de nossa atividade (em prol do Poder dos Soviets, em prol da ditadura do proletariado) que pode e deve manifestar-se sob qualquer forma, tanto antiga como nova; que pode e deve transformar, vencer, submeter todas as formas, não só novas como também antigas, não para conciliar-se com estas, mas para saber convertê-las todas, as novas e as velhas, numa arma da vitória completa e definitiva, decisiva e irremissível do comunismo.

162. Os comunistas devem consagrar todos os seus esforços para orientar o movimento operário e o desenvolvimento social em geral no sentido do caminho mais reto e rápido para a vitória mundial do Poder Soviético e da ditadura do proletariado. Trata-se de uma verdade indiscutível. Mas basta dar um pequeno passo além - ainda que pareça um passo dado na mesma direção - para que essa verdade se transforme em erro. Basta dizer, como dizem os comunistas de esquerda alemães e ingleses, que não aceitamos senão um caminho, o caminho reto, que não admitimos manobras, acordos e compromissos, para que isso se torne um erro que pode causar, e em parte já causou e continua causando, os mais sérios prejuízos ao comunismo. O doutrinário de direita obstinou-se em não admitir senão as formas antigas e fracassou do modo mais completo por não ter percebido o novo conteúdo. O doutrinário de esquerda obstina-se em repelir incondicionalmente certas formas antigas, sem ver que o novo conteúdo abre seu caminho através de todas as espécies de formas e que nosso dever de comunistas consiste em dominá-las todas, em aprender a completar umas com as outras e a substituir umas por outras com a máxima rapidez, em adaptar a nossa tática a qualquer modificação dessa natureza, causada por uma classe que não seja a nossa ou por esforços que não sejam os nossos.

163. A revolução universal, que recebeu um impulso tão poderoso e foi acelerada com tanta intensidade pelos horrores, vilezas e abominações da guerra imperialista mundial e pela situação sem saída que esta originou, essa revolução estende-se e aprofunda-se com rapidez tão extraordinária, riqueza tão magnífica de formas sucessivas, com uma refutação prática tão edificante de todo doutrinário, que existem todos os motivos para acreditar que o movimento comunista internacional se curará rapidamente e por completo da doença infantil do comunismo "de esquerda".

27 de abril de 1920.

Apêndices

164. Enquanto as editoras de nosso país - que foi saqueado pelos imperialistas de todo o mundo em vingança pela vitória da revolução proletária e que continua sendo saqueado e bloqueado, apesar de todas as promessas feitas aos operários desses países imperialistas - organizavam a publicação do meu folheto, recebemos do estrangeiro dados complementares. Sem aspirar, absolutamente, a que meu folheto seja algo mais que breves notas de um publicista, abordarei ligeiramente alguns pontos.

I Cisão dos comunistas alemães

165. A cisão dos comunistas na Alemanha é um fato. Os "esquerdistas" ou "oposição de princípio" constituíram um "Partido Comunista Operário", à parte, em contraposição ao

"Partido Comunista". Na Itália, pelo visto, as coisas também marcham para a cisão. Digo "pelo visto" porque disponho apenas de dois novos números, o 7 e o 8, do jornal esquerdista II Soviet, onde se discute abertamente a possibilidade e a necessidade da cisão, além de falar-se também de um congresso da fração dos "abstencionistas" (ou boicotadores, isto é, dos inimigos da participação no parlamento) que até agora pertence ao Partido Socialista Italiano.

166. Há receio de que a cisão dos "esquerdistas", antiparlamentaristas (e em parte também antipolíticos, inimigos do partido político e do trabalho nos sindicatos), converta-se num fenômeno internacional, como a cisão dos "centristas" (ou kautskistas, longuetistas, "independentes", etc.). Assim seja. Afinal de contas, a cisão é melhor que a confusão, que impede o desenvolvimento ideológico, teórico e revolucionário do Partido e seu amadurecimento, assim como seu trabalho prático unitário, verdadeiramente organizado, que realmente prepare a ditadura do proletariado.

167. Que os "esquerdistas" provem o acerto de sua linha na prática, em âmbito nacional e internacional, que tentem preparar (e depois realizar) a ditadura do proletariado sem um partido rigorosamente centralizado, dotado de uma disciplina férrea, sem saber dominar todas as esferas, ramos e variedades do trabalho político e cultural. A experiência prática os ensinará com rapidez.

168. É preciso fazer todos os esforços necessários para que a cisão dos "esquerdistas" não dificulte, ou dificulte o mínimo possível, a fusão num só partido, necessária e inevitável num futuro próximo, de todos os participantes do movimento operário que defendem sincera e honradamente o Poder Soviético e a ditadura do proletariado. Para os bolcheviques da Rússia foi uma felicidade singular disporem de 15 anos para lutar de modo sistemático e até o fim tanto contra os mencheviques (isto é, os oportunistas e os "centristas") como contra os "esquerdistas" muito antes da luta direta das massas pela ditadura do proletariado. Esse mesmo trabalho tem que ser feito agora na Europa e na América em ritmo de "marcha forçada". Algumas pessoas, sobretudo as que figuram entre os frustrados candidatos a chefe, podem insistir durante muito tempo em seus erros (se lhes faltam disciplina proletária e "honradez consigo mesmo"); mas as massas operárias, quando chegar a hora, unir-se-ão fácil e rapidamente e unirão todos os comunistas sinceros num só partido, capaz de instaurar o regime soviético e a ditadura do proletariado.⁵⁰

II Os Comunistas e os independentes na Alemanha

169. No folheto expressei a opinião de que o compromisso entre os comunistas e a ala esquerda dos independentes é necessário e útil para o comunismo, mas que não é fácil realizá-lo. Os exemplares dos jornais que recebi depois confirmam ambas as coisas. No n.º. 32 de Bandeira Vermelha, órgão do C.C. do Partido Comunista da Alemanha (Die Rote Fahne, Zentralorgan der Kommun. Partei Deutschlands, Spartacusbund - União de Espartaco - de 26 de março de 1920), foi publicada uma "declaração" do referido C.C. sobre o "putch" (complô, golpe) de Kapp-Lüttwitz⁵¹ e sobre o "governo socialista". Essa declaração é absolutamente

⁵⁰ No que concerne à futura fusão dos comunistas de "esquerda", dos antiparlamentaristas, com os comunistas em geral acrescentarei o seguinte: na medida em que pude conhecer os jornais dos comunistas "de esquerda" e dos comunistas em geral da Alemanha, os primeiros levam a vantagem de saber efetuar melhor a agitação entre as massas. Algo semelhante observei várias vezes - ainda que em menores proporções e em organizações locais isoladas, e não em todo o país - na história do Partido Bolchevique. Em 1907-1908, por exemplo, os bolcheviques "de esquerda" realizavam às vezes e em alguns lugares seu trabalho de agitação entre as massas com maior êxito que nós. Isso se explica, em parte, por ser mais fácil aproximar-se das massas com a tática da negação "pura e simples" numa situação revolucionária, ou quando ainda estão bem vivas as lembranças da revolução. Isso, contudo, não chega a ser um argumento em favor de semelhante tática. Em todo caso, não há a menor dúvida de que um Partido Comunista que queira ser realmente a vanguarda, o destacamento avançado da classe revolucionária, do proletariado, e que deseje, além disso, aprender a dirigir a grande massa não só proletária, como também não proletária, a massa trabalhadora e explorada, tem obrigação de saber fazer propaganda, organizar e agitar da maneira mais acessível, compreensível, clara e viva tanto na "praça" urbana, abril, como nas aldeias. (Nota do autor)

⁵¹ Lênin refere-se ao golpe de Estado monárquico-militar na Alemanha, ao chamado "putch de Kapp", efetuado pela reacionária camarilha militar sob a direção de Kapp. Os conspiradores prepararam o golpe de Estado em

justa tanto na premissa fundamental quanto na conclusão prática. A premissa fundamental consiste em que, atualmente, não há "base objetiva" para a ditadura do proletariado, porquanto a "maioria dos operários urbanos" apoia os independentes. Conclusão: promessa de "oposição leal" ao governo "socialista (isto é, renúncia de preparar sua "derrubada através da violência") excluindo-se os partidos burgueses-capitalistas".

170. A tática, sem dúvida alguma, é justa no fundamental. Mas, se não é necessário que nos detenhamos em pequenas inexactidões de fórmula, é impossível, por outro lado, deixar de assinalar que não se pode chamar de "socialista" (numa declaração oficial do Partido Comunista) um governo de social-traidores; que não se pode falar de exclusão "dos partidos burgueses-capitalistas", quando os partidos dos Scheidemann e dos senhores Kautski-Crispien são pequeno-burgueses-democráticos; que não se pode escrever coisas como o parágrafo 4 da declaração, que diz:

171. Para continuar ganhando as massas proletárias para o comunismo tem enorme importância, quanto ao desenvolvimento da ditadura do proletariado, uma situação em que a liberdade política possa ser utilizada de modo ilimitado e a democracia burguesa não possa atuar como ditadura do capital

172. Tal situação é impossível. Os chefes pequeno-burgueses, os Henderson (Scheidemann) os Snowden (Crispien) alemães não vão além, nem podem ir, dos limites da democracia burguesa, que, por sua vez, não pode deixar de ser a ditadura do capital. Do ponto de vista dos resultados práticos propostos com absoluta clareza pelo C.C. do Partido Comunista, essas coisas de modo algum deveriam ter sido escritas, erradas por principio e prejudiciais politicamente. Teria sido suficiente dizer (caso se quer dar demonstrações de cortesia parlamentar): enquanto a maioria dos operários urbanos seguir os independentes, nós, os comunistas, não podemos impedir que esses operários se libertem de suas últimas ilusões democrático-pequeno-burguesas (ou seja, também "burguesas-capitalistas") com a experiência de "seu" governo. Isso basta para justificar o compromisso, que é realmente necessário e que deve consistir em renunciar durante certo tempo às tentativas de derrubada pela força de um governo que conta com a confiança da maioria dos operários urbanos. No que concerne à agitação diária entre as massas, que dispensa a cortesia oficial, parlamentar, poder-se-ia, naturalmente, acrescentar: deixemos que miseráveis como os Scheidemann e filisteus como os Kautski-Crispien demonstrem com seus atos até que ponto enganam os operários e a si próprios; seu governo "puro" realizará com "mais pureza que ninguém" o trabalho de "limpar" as cavalariças de Augias do socialismo, do social-democratismo e demais variações da social-traição.

173. A verdadeira natureza dos atuais chefes do "Partido Social-democrata Independente da Alemanha" (desses chefes de quem se diz, fugindo à verdade, que já perderam toda a influência e que, na realidade, ainda são mais perigosos para o proletariado que os social-democratas húngaros, que se denominavam comunistas e prometiam "apoiar" a ditadura do proletariado) manifestou-se mais de uma vez durante a kornilovada alemã, isto é durante o "putch" dos senhores Kapp e Lüttwitz⁵². Exemplo disto, pequeno mas eloquente, nos é dado pelos artigos de Karl Kautski - Os minutos decisivos (Entscheidende Stunden), publicado em Freiheit (A Liberdade, órgão dos independentes) aos 30 de março de 1920 - e de Arthur Crispien - Sobre a situação política, no mesmo jornal, n.º 14 de abril de 1920. Estes senhores carecem totalmente da capacidade de pensar eraciocinar como revolucionários. São uns choramingas democratas pequeno-burgueses, mil vezes maisperigosos para o proletariado

evidente conivência com o governo social-democrata. A 13 de março de 1920 os golpistas deslocaram unidades militares para Berlim e, não encontrando resistência do governo, declaram-no derrubado e proclamaram um novo governo. Os operários berlinenses responderam ao golpe de Estado com a greve geral. O governo Kapp caiu em virtude da pressão operária, retornando ao poder os socialdemocratas que seguiram uma política de repressão aos operários.

⁵² Isso foi explicado, diga-se de passagem, com extraordinária clareza, concreção e exatidão, à maneira marxista, pelo excelente órgão do Partido Comunista Austríaco Bandeira Vermelha em seus n.ºs de 28 e 30 de março de 1920 (Die Rote Fahne, Wien 1920, n.ºs 226 und 267; L. L.: Ein neuer Abschnitt der deutschen Revolution). (L.L.: Uma nova etapa da revolução alemã). (Nota da Redação)

declarando-se partidários do Poder Soviético e da ditadura do proletariado, pois, de fato, cometerão inevitavelmente uma traição em cada momento difícil e perigoso... "sinceramente", convencidos de que ajudam o proletariado! Também os social-democratas húngaros, que se batizaram de comunistas, queriam "ajudar" o proletariado quando, por covardia e baixeza, consideraram desesperada a situação do Poder Soviético na Hungria e se lamuriaram diante dos agentes dos capitalistas da Entente e seus verdugos.

III Turati e Companhia na Itália

174. Os números do jornal italiano *Il Soviet* a que me referi confirmam tudo que eu disse no folheto a respeito do erro do Partido Socialista Italiano, que tolera em suas fileiras membros desse tipo e, inclusive, um grupo de parlamentares dessa espécie. Mais ainda o confirma uma testemunha desinteressada, o correspondente em Roma do jornal liberal burguês *The Manchester Guardian* (Inglaterra), que no número de 12 de março de 1920 publicou uma entrevista sua com Turati.

175. O Sr. Turati - diz o correspondente - é de opinião que o perigo revolucionário não é tão grande que possa suscitar temores na Itália. Os maximalistas jogam com o fogo das teorias soviéticas exclusivamente para manter as massas em estado de tensão e excitação. Essas teorias são, contudo, noções puramente fantasistas, programas imaturos, que não servem para ser usados na prática. Servem apenas para manter as classes trabalhadoras em estado de expectativa. Essa gente que as emprega como isca para deslumbrar os proletários, vê-se obrigada a enfrentar uma luta cotidiana para conquistar algumas melhorias econômicas, muitas vezes insignificantes, a fim de adiar o momento em que as classes trabalhadoras irão perder as ilusões e a fé em seus mitos queridos. Daí esse grande surto de greves de todas as grandezas e a qualquer pretexto, inclusive as últimas nos Correios e nas ferrovias, que tornam ainda mais grave a situação, já difícil em si. O país está excitado pelas dificuldades provenientes de seu problema adriático, sente-se esmagado por sua dívida externa e por sua desmedida emissão de papel-moeda, e, contudo, ainda está muito longe de compreender a necessidade de assimilar a disciplina no trabalho, único fator capaz de restabelecer a ordem e a prosperidade...

176. Está claro como a luz do dia que o correspondente inglês deu liberdade à sua pena e disse uma verdade que, provavelmente, o próprio Turati e seus defensores, cúmplices e inspiradores burgueses na Itália ocultam e procuram embelezar. Essa verdade consiste em que as ideias e o trabalho político dos senhores Turati, Treves, Modigliani, Dugoni e Cia. são exatamente como o correspondente inglês esboça. Isso é uma autêntica social-traição. Como é significativa a simples defesa da ordem e da disciplina para os operários que vivem na escravidão assalariada, que trabalham para o enriquecimento dos capitalistas! Como são bem conhecidos por nós, russos, todos esses discursos mencheviques! Como é valiosa a confissão de que as massas estão a favor do Poder Soviético! Como é estúpida e vulgarmente burguesa a sua incompreensão do papel revolucionário das greves que crescem espontaneamente! Sim, sem dúvida, o correspondente inglês do jornal liberal burguês prestou um mal serviço aos senhores, Turati & Cia. e confirmou de modo excelente o quanto são justas as exigências do camarada Bordiga e seus amigos do *Il Soviet*, que reclamam do Partido Socialista Italiano, se este quer realmente estar a favor da III Internacional, a expulsão de suas fileiras, cobrindo-os de opróbrio, dos senhores Turati & Cia. e sua transformação num Partido Comunista autêntico, tanto por seu nome quanto por seus atos.

IV - Conclusões erradas de premissas justas

177. De sua justa crítica aos senhores Turati & Cia., porém, o camarada Bordiga e seus amigos "esquerdistas" tiram a conclusão falsa de que é prejudicial em geral participar do parlamento. Os "esquerdistas" não podem, nem de longe, apresentar argumentos sérios em defesa dessa opinião. Simplesmente desconhecem (ou tratam de esquecer) os exemplos internacionais de utilização verdadeiramente revolucionária e comunista dos parlamentos burgueses, indiscutivelmente proveitosa para preparar a revolução proletária. Simplesmente não imaginam uma forma "nova" de utilização do parlamentarismo e esbravejam, repetindo-se até o infinito, contra a utilização "antiga", não bolchevique.

178. Nisso, precisamente, reside seu erro básico. Não só no terreno do parlamentarismo, mas em todos os terrenos da atividade humana o comunismo deve apresentar (e não poderá fazê-lo sem um trabalho prolongado, persistente e tenaz) algum princípio novo, que rompa de

modo radical com as tradições da II Internacional (conservando e desenvolvendo ao mesmo tempo tudo que esta apresentou de bom).

179. Tomemos, por exemplo, o trabalho de imprensa. Os jornais, folhetos e manifestos cumprem uma função necessária de propaganda, agitação e organização. Não pode haver um movimento de massas em nenhum país, por menos civilizado que ele seja, sem um aparelho de imprensa. E nem os gritos contra os "chefes", assim como os juramentos de resguardar a pureza das massas contra a influência dos chefes, podem eliminar a necessidade de utilizar-se nesse trabalho pessoas procedentes dos meios intelectuais burgueses, ou podem livrar-nos da atmosfera e do ambiente democrático-burgueses, "de propriedade privada", em que se realiza esse trabalho sob o regime capitalista. Passados já dois anos e meio depois da derrubada da burguesia e da conquista do Poder político pelo proletariado ainda sentimos em torno de nós essa atmosfera, esse ambiente de relação de propriedade privada, democrático-burguesas, de massas (camponesas, artesãs).

180. O parlamentarismo é uma forma de trabalho; o jornalismo é outra. O conteúdo pode ser comunista em ambas, e deve sê-lo, se os que trabalham num e noutro setor são verdadeiros comunistas, verdadeiros membros do partido proletário de massas. Mas, tanto numa como noutra - e em qualquer esfera de trabalho no capitalismo e no período de transição do capitalismo para o socialismo - é impossível evitar as dificuldades e as tarefas originais que o proletariado deve vencer e resolver para utilizar em seu benefício pessoas que procedem de meios burgueses, para alcançar a vitória sobre os preconceitos e a influência dos intelectuais burgueses, para debilitar a resistência do ambiente pequeno-burguês (e, posteriormente, para transformá-lo por completo).

181. Não vimos, por acaso, em todos os países, até a guerra de 1914-1918, uma extraordinária abundância de exemplos de anarquistas, sindicalistas e demais elementos muito "esquerdistas" que fulminavam o parlamentarismo, que zombavam dos parlamentares socialistas evadidos de vulgaridade burguesa, fustigavam seu arrivismo, etc., etc... e faziam a mesma carreira burguesa através do jornalismo, através do trabalho nos sindicatos? Acaso não são típicos os exemplos dos senhores Jouhaux e Merrheim, para só falarmos na França?

182. A infantilidade de "negar" a participação no parlamentarismo consiste, exatamente, em que com esse método tão "simples", "fácil" e pseudo-revolucionário querem "resolver" a difícil tarefa de lutar contra as influências democrático-burguesas no seio do movimento operário e, na realidade, a única coisa que fazem é fugir de sua própria sombra, fechar os olhos diante das dificuldades e desembaraçar-se delas apenas com palavras. Não há dúvida de que o arrivismo mais desavergonhado, a utilização burguesa dos postos no parlamento, a gritante deformação reformista da ação parlamentar e a vulgar rotina pequeno-burguesa são traços peculiares, habituais e predominantes, engendrados pelo capitalismo em toda parte, e não só fora como também dentro do movimento operário. Mas o capitalismo e o ambiente burguês por ele criado (e que mesmo depois da derrubada da burguesia só desaparece muito lentamente, porquanto o campesinato faz a burguesia renascer incessantemente) engendram inevitavelmente em todas as esferas do trabalho e da vida, no fundo, o mesmo arrivismo burguês, o mesmo chovinismo nacional, a mesma vulgaridade pequeno-burgues, etc., com insignificantes variações de forma.

183. Imaginai ser, caros boicotadores e antiparlamentaristas, "terrivelmente revolucionários", mas, na realidade, vos assustastes diante das dificuldades relativamente pequenas da luta contra as influências burguesas no movimento operário; no entanto, a vossa vitória, isto é, a derrubada da burguesia e a conquista do Poder político pelo proletariado criará essas mesmas dificuldades em proporções maiores, incomensuravelmente maiores. Vós vos assustastes como crianças com a pequena dificuldade que amanhã e depois de amanhã tereis, de qualquer maneira, de aprender, e aprender completamente, a vencer as mesmas dificuldades em proporções imensamente mais consideráveis.

184. Sob o Poder Soviético tratarão de penetrar ainda mais no vosso - e no nosso - partido proletário elementos procedentes da intelectualidade burguesa. Penetrarão também nos

Soviets, nos tribunais e no aparelho administrativo, pois é impossível construir o comunismo com outra coisa que não seja o material humano criado pelo capitalismo. É impossível expulsar e exterminar os intelectuais burgueses; o que é preciso fazer é vencê-los, transformá-los, refundi-los, reeducá-los, do mesmo modo que é necessário reeducar em luta prolongada, nas bases da ditadura do proletariado, os próprios proletários, que não se libertam de seus preconceitos pequeno-burgueses de repente, por milagre, por obra e graça do espírito santo, ou pelo efeito mágico de uma palavra de ordem, de uma resolução ou um decreto, mas sim exclusivamente através de uma luta de massas longa e difícil contra a influência das ideias pequeno-burguesas entre as massas. Sob o Poder Soviético, essas mesmas tarefas que o antiparlamentarista afasta agora com um gesto cheio de orgulho, altivez, leviandade e infantilidade, essas mesmas tarefas ressurgirão dentro dos Soviets, dentro da administração soviética, entre os "procuradores" soviéticos (eliminamos na Rússia, e fizemos bem em eliminar, a advocacia burguesa, e entretanto ela renasce entre nós sob o disfarce dos "procuradores soviéticos"⁵³). Entre os engenheiros soviéticos, os advogados soviéticos e os operários privilegiados (isto é, os de mais alta qualificação e melhor colocados) nas fábricas soviéticas vemos renascer de modo constante absolutamente todos os aspectos negativos próprios do parlamentarismo burguês, e só através de uma luta renovada, incansável, longa e tenaz do espírito de organização e disciplina proletárias vamos vencendo - a pouco e pouco - este mal.

185. É claro que sob o domínio da burguesia é muito "difícil" vencer os costumes burgueses no próprio partido, isto é, no partido operário: é "difícil" expulsar do partido os chefes parlamentaristas acostumados com os preconceitos burgueses e por eles irremediavelmente corrompidos; é "difícil" submeter à disciplina proletária o número absolutamente necessário (mesmo que numa quantidade bem limitada) de pessoas que procedem da burguesia; é "difícil" criar no parlamento burguês uma fração comunista plenamente digna da classe operária; é "difícil" conseguir que os parlamentares comunistas não se deixem levar pelas frivolidades parlamentaristas dos burgueses, e que se entreguem ao mais que essencial trabalho de propaganda, agitação e organização das massas. Não há dúvida de que tudo isso é "difícil"; foi difícil na Rússia e é incomparavelmente mais difícil na Europa Ocidental e na América, onde a burguesia, as tradições democrático-burguesas, etc., são muito mais fortes.

186. Mas todas essas "dificuldades" são, na verdade, pueris se as compararmos com as tarefas exatamente da mesma espécie que o proletariado terá de resolver inevitavelmente para triunfar, durante a revolução proletária e depois de tomar o Poder. Em comparação com estes problemas, verdadeiramente gigantescos, que surgirão sob a ditadura do proletariado - quando será preciso reeducar milhões de camponeses e pequenos proprietários, centenas de milhares de empregados, funcionários e intelectuais burgueses, para subordiná-los todos ao Estado proletário e extirpar-lhes os hábitos e tradições burgueses - torna-se de uma facilidade infantil criar sob o domínio da burguesia uma fração autenticamente comunista do verdadeiro partido proletário no parlamento burguês.

187. Se os camaradas "esquerdistas" e antiparlamentares não aprenderem agora a vencer uma dificuldade que é até pequena, pode-se dizer com segurança que ou não estarão em condições de instaurar a ditadura do proletariado, não poderão subordinar e transformar em grande escala os intelectuais e instituições burgueses, ou serão obrigados a terminar de aprender a toda velocidade, pressa que os fará causar grandes danos à causa proletária, cometer maior número de erros que os que comumente cometeriam, dar mostras de debilidade e incapacidade acima do normal, etc., etc.

188. Enquanto a burguesia não for derrubada - e, depois de sua queda, enquanto não desaparecerem totalmente a pequena economia e a pequena produção mercantil - o ambiente burguês, os hábitos de propriedade privada e as tradições pequeno-burguesas prejudicarão o

⁵³“Procuradores Soviéticos”: colégios de procuradores criados em fevereiro de 1918, junto aos soviets de deputados operários, soldados, camponeses e cossacos. Em outubro de 1920 esses colégios foram suprimidos.

trabalho do proletariado tanto dentro como fora do movimento operário, não só na atividade parlamentar, como, inevitavelmente, em todas e em cada uma das esferas da atividade social, em todos os setores culturais e políticos, sem exceção. E constitui um erro profundíssimo, pelo qual inapelavelmente se deverá pagar mais tarde, procurar livrar-se ou esquivar-se de uma das tarefas desagradáveis ou das dificuldades surgidas numa das esferas de trabalho. É preciso aprender, e aprender plenamente, a dominar todos os aspectos da atividade e do trabalho, sem nenhuma exceção, a vencer em toda parte todas as dificuldades e todos os costumes, tradições e hábitos burgueses. Qualquer outra maneira de encarar a questão é totalmente despida de seriedade, é infantil.

12 de Maio de 1920

Notas de Winjkoop de 30 de Junho de 1920

189. Na edição russa deste livro apresentei com alguma inexatidão a conduta do Partido Comunista Holandês no seu conjunto, no terreno da política revolucionária mundial. Por isso, aproveitei a oportunidade para publicar a carta abaixo transcrita aos nossos camaradas holandeses sobre este problema. Além disso, aproveitei também para corrigir a expressão "tribunistas holandeses" que empreguei no texto russo, substituindo-a, pelas palavras "alguns membros do Partido Comunista Holandês".

I. Lênin

Carta de Wijnkoop Moscou, 30 de junho de 1920

190. Querido Camarada Lênin:

191. Graças à sua amabilidade, os membros da delegação holandesa ao II Congresso da Internacional Comunista tivemos a possibilidade de ler seu livro *A Doença Infantil do "Esquerdismo" no Comunismo*, antes de ser publicado nos idiomas da Europa Ocidental. Nesse livro você ressalta várias vezes a sua desaprovação do papel desempenhado por alguns membros do Partido Comunista Holandês na política internacional.

192. Devemos protestar, contudo, contra o fato de você atribuir ao Partido Comunista a responsabilidade pelos atos desses membros, o que é extremamente inexato. Além disso, é injusto, pois esses membros do Partido Comunista Holandês participam muito pouco, ou não participam absolutamente, da atividade quotidiana do Partido; procuram também, direta ou indiretamente, aplicar no Partido Comunista as palavras de ordem oposicionistas, contra as quais o Partido Comunista Holandês e todos os seus órgãos empenharam-se e empenham-se até hoje na mais enérgica luta.

193. Saudações fraternais (em nome da delegação holandesa)

D. I. Winjkoop.

Texto 3

CARTA ABERTA AO CAMARADA LÊNIN

Herman Gorter, agosto de 1920⁵⁴

Tradução: José Carlos Mendonça

Nota do tradutor: Esta tradução para o português se baseia na tradução do espanhol realizada por Emílio Madrid Expósito - a partir da versão francesa traduzida por André Prudhommeaux - editada em novembro de 2004 na obra *La izquierda comunista germano-holandesa contra Lenin*. [Barcelona]: Espartaco Internacional, 2004. Foi ainda cotejada com uma versão incompleta do texto (não estão incluídas a parte IV e a conclusão) publicada em língua portuguesa e traduzida por Daniel Aarão Reis Filho, incluída na obra organizada por Maurício Tragtenberg *Marxismo Heterodoxo*. São Paulo: Brasiliense, 1981. Em função disso, as notas de rodapé estão assim identificadas: NA para notas do autor (Gorter), NEF para notas da edição francesa, NEE para notas da edição espanhola de 2004, NMT para notas de Maurício Tragtenberg e NT para notas desta tradução ao português.

Introdução

1. Desejaria chamar sua atenção, camarada Lênin, a sua e a do leitor, para o fato de que o presente texto foi escrito durante a marcha vitoriosa dos russos sobre Varsóvia⁵⁵.
2. Desejaria igualmente pedir desculpas a você e ao leitor pelas numerosas repetições. Não pude evitá-lo na medida em que a tática dos “esquerdistas” era desconhecida pelos operários de quase todos os países.

I - Massas e dirigentes

3. Querido camarada Lênin,
4. Li seu texto sobre o esquerdismo no movimento comunista. Aprendi muito com ele, como com todas as suas obras. Agradeço-lhe por isto e, sem dúvida, como muitos outros camaradas. Eu estava, sem dúvida, atacado por esta doença infantil e a leitura do texto expeliu vários dos seus sintomas e germes. Creio que este processo continuará daqui para frente. Da mesma forma, é totalmente correto o que você disse da confusão que a revolução provocou em muitas cabeças. É claro: a revolução veio tão de repente e contrariou tanto as expectativas! Com o seu trabalho ficarei, sempre e cada vez mais, estimulado a basear minha avaliação sobre todas as questões táticas, inclusive as relativas à revolução, unicamente na situação real, nas relações reais entre as classes, exatamente como elas se manifestam política e economicamente.

⁵⁴ Herman Gorter (1864/1927): militante revolucionário, poeta de renome e teórico marxista na Holanda. Fez parte do grupo articulado em torno do jornal *De Tribune* e foi fundador do Partido Social-Democrático de Esquerda em 1909. Internacionalista e pacifista durante a guerra de 1914-18, ligou-se a esquerda que promoveu a Conferência de Zimmerwald, influenciando com seus textos os espartaquistas alemães reunidos em torno de Liebknecht e Rosa Luxemburgo. Aderiu ao Partido Comunista Holandês e participou do Bureau de Amsterdam em 1920. Adversário da ação parlamentar e da participação dos comunistas nos sindicatos reformistas, polemizou duramente com os bolcheviques na célebre *Carta Aberta a Lênin* em que refutava as teses expostas por este no *Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo*. Em 1921 deixou o PC holandês e fundou o Partido Comunista Operário. Seus escritos influenciaram a liderança do PC alemão. Após 1922 retirou-se da vida política. (NMT)

⁵⁵ O Autor refere-se à ofensiva do Exército Vermelho que, mediante uma “guerra revolucionária”, pretendia auxiliar o proletariado polonês a livrar-se de sua burguesia. Porém, os poloneses, sob direção do general Pilsudsky, contiveram o Exército Vermelho às portas de Varsóvia obrigando-o a retroceder. (NMT)

5. Depois de ler seu trabalho, pensei: tudo isto é correto. Mais tarde, porém, quando, pensando melhor, perguntei a mim mesmo se, a partir de agora, deveria deixar de apoiar a “Esquerda” e de escrever artigos para o KAPD (Partido Comunista Operário Alemão) e para o partido de oposição na Inglaterra, fui obrigado a concluir que não.

6. Parece contraditório. Mas a contradição, camarada, deriva do fato de que, no texto, o seu ponto de partida não é correto. A meu ver, você erra quando faz um paralelismo entre a revolução da Europa Ocidental e a revolução russa, quando avalia as condições da revolução na Europa Ocidental, ou seja, a relação das forças de classes, demonstrando desconhecer o terreno de desenvolvimento da esquerda, da oposição. Assim o trabalho parece ser correto, se adotarmos o seu *ponto de partida*; se o rejeitarmos (e é isto o que se deve fazer), então *o conjunto do seu trabalho é falso*. Na medida em que suas avaliações, umas erradas, outras radicalmente falsas, se articulam na condenação do movimento de esquerda, particularmente na Alemanha e na Inglaterra, penso estar agindo bem ao responder ao seu trabalho com uma defesa da Esquerda porque, embora não concorde em toda a linha com este movimento (e os seus próprios dirigentes sabem disso), continuo absolutamente decidido a defendê-lo. Terei então oportunidade, não só de mostrar o terreno de seu desenvolvimento, de provar seu direito à existência e suas atuais qualidades, hoje, na Europa Ocidental, no estágio atual, mas também — e talvez isto seja igualmente importante — *de combater* as representações invertidas sobre a revolução na Europa Ocidental, que são dominantes, sobretudo na Rússia. As duas coisas são importantes, porque tanto a tática na Europa Ocidental quanto na Rússia dependem da concepção da revolução na Europa Ocidental.

7. Teria preferido realizar este trabalho no Congresso da Internacional, mas não tive condições de estar presente em Moscou.

8. Em primeiro lugar, devo refutar duas observações suas que podem falsear a opinião dos camaradas e dos leitores. Você fala com ironia e sarcasmo da inépcia ridiculamente pueril da luta que se trava na Alemanha a propósito da “ditadura dos dirigentes ou das massas”, “da cúpula ou da base”, etc... Concordamos integralmente com o fato de que tais problemas não deveriam ser colocados. Mas não concordamos com a ironia. Porque, infelizmente, estes problemas ainda estão na ordem do dia na Europa Ocidental. De fato temos, na Europa Ocidental, em muitos países ainda, dirigentes semelhantes aos que havia na II Internacional, estamos ainda procurando dirigentes autênticos *que não tentem dominar as massas* e não as atraírem, e enquanto não tivermos tais dirigentes queremos que tudo se faça de baixo para cima, e pela ditadura das próprias massas. Se meu guia nas montanhas está me levando para o abismo, prefiro ficar sem guia. Quando tivermos autênticos dirigentes, deixaremos de procurá-los. Neste momento, massas e dirigentes serão uma só e mesma coisa. É simplesmente isto que queremos dizer com estas palavras, nós, a esquerda alemã e a esquerda inglesa.

9. A mesma coisa é válida para a sua segunda observação, segundo a qual o dirigente deve formar com a massa e a classe um todo homogêneo. Estamos totalmente de acordo. Agora só falta encontrar e educar tais dirigentes, que sejam verdadeiramente ligados à massa. Encontrá-los e educá-los — as massas, os partidos políticos e os sindicatos só poderão fazê-lo no contexto de uma luta extremamente difícil que deverá também ser travada em seu próprio seio. O mesmo se pode dizer da disciplina de ferro e do centralismo reforçado. Concordamos com isto, mas somente depois de ter encontrado autênticos dirigentes, não antes. Nesta duríssima batalha que se trava agora com grande esforço, na Alemanha e na Inglaterra — países mais próximos da realização do comunismo — a sua ironia só pode ter urna influência nefasta. *O seu sarcasmo serve aos elementos oportunistas da Terceira Internacional*. Porque este é um dos meios utilizados por elementos na Liga Spartacus, no BSP (Partido Socialista Britânico) da Inglaterra e em muitos outros partidos comunistas de vários países para enganar os operários, apresentando-lhes a questão Massa/Dirigentes como um contrassenso, como algo “absurdo e pueril”. Usando esta frase, eles evitam, ou querem evitar, a crítica que se faz

contra eles, os dirigentes. E esmagam a oposição utilizando-se de frases sobre a disciplina de ferro e a centralização. Você faz a cama para os elementos oportunistas se deitarem.

10. Você não deveria fazer isto, camarada. Na Europa Ocidental, ainda estamos na fase de preparação. Valeria mais *apoiar os que lutam e não os que mandam como donos*.

11. Passo adiante porque voltarei ainda ao assunto nesta carta. Há, porém, uma razão mais profunda pela qual não posso concordar com o seu texto. Trata-se do seguinte:

12. Quando nós, marxistas da Europa Ocidental, lemos os seus trabalhos, estudos e livros sentimos admiração e concordamos com eles, mas num certo momento, quase sempre, tornamo-nos prudentes na leitura, esperamos esclarecimentos mais detalhados; entretanto, como os esclarecimentos, mais tarde, não são fornecidos, ficamos na maior dúvida. É quando você fala dos operários *e dos camponeses pobres*; você fala nisso muitas e muitas vezes. E você fala sempre destas duas categorias como sendo fatores revolucionários no mundo inteiro. E em nenhum momento, ao menos do que eu tenha lido, você distingue clara e perfeitamente *a enorme diferença existente neste ponto entre a Rússia, de um lado* (inclusive certos países da Europa Oriental), *e, de outro lado, a Europa Ocidental* (isto é, a Alemanha, a França, a Inglaterra, a Bélgica, a Holanda, a Suíça e os países escandinavos, talvez até mesmo a Itália). Ora, a meu ver, a base material das divergências de avaliação que separam você do que se tornou conhecido como a “Esquerda” na Europa Ocidental, no que se refere à tática nas questões sindical e parlamentar, é exatamente a diferença existente em relação a este ponto entre a Rússia e a Europa Ocidental.

13. Seguramente, você conheceu bem quanto eu esta diferença, mas você não tira daí nenhuma conclusão para a tática na Europa Ocidental, ao menos nos seus trabalhos que tive oportunidade de ler. Você não se dignou a considerar este problema e, por isso mesmo, a sua avaliação sobre a tática na Europa Ocidental é falsa.⁵⁶

14. Isto foi e continua sendo tanto mais perigoso quanto se sabe que em toda a Europa Ocidental esta frase, de sua autoria, é repetida mecanicamente em todos os partidos comunistas, mesmo por marxistas. Chega a parecer, se acreditamos nos jornais, revistas, textos e reuniões públicas comunistas, que, de repente, uma revolta dos camponeses pobres se aproxima na Europa Ocidental. Não se observa a grande diferença existente em relação à Rússia. E por isso o pensamento das pessoas fica falseado, e o do proletariado também. Na Rússia você conta com uma imensa classe de camponeses pobres, e a vitória só foi possível com o seu apoio — por isso você apresenta as coisas como se na Europa Ocidental pudéssemos contar também com a perspectiva deste apoio. E porque na Rússia você só venceu com este apoio, você apresenta as coisas como se ele fosse também indispensável para vencer aqui também. O seu silêncio sobre esta questão, no que se refere à sua aplicação na Europa Ocidental, faz parecer que você apresenta as coisas desta forma, e o conjunto de sua tática baseia-se nesta concepção.

15. Mas esta concepção não é verdadeira. Há uma enorme diferença entre a Rússia e a Europa Ocidental. Em geral, a importância dos camponeses pobres como fator revolucionário diminui de Leste para Oeste. Em regiões da Ásia, da China e da Índia, esta classe seria absolutamente determinante, se uma revolução explodisse. Na Rússia ela representa para a revolução um fator indispensável e essencial. Na Polônia e em alguns outros estados da Europa Meridional e Central, ela ainda constitui um trunfo importante *para* a revolução, mas quanto mais vamos para Oeste, mais a veremos se erguer *hostil diante* da revolução.

16. A Rússia tinha um proletariado industrial de 7 a 8 milhões de pessoas. Mas os camponeses pobres eram cerca de 25 milhões. (Vocês me perdoarão as eventuais inexatidões nos números, estou citando de cabeça porque esta carta é urgente.) Quando Kerensky recusou-se a dar a terra aos camponeses pobres, você sabia que eles viriam rápida e inevitavelmente

⁵⁶ Você escreve, por exemplo, em *O Estado e a Revolução* (p. 67): “A maioria esmagadora dos camponeses, em todo país capitalista em que há campesinato (e estes países são maioria), estão oprimidos pelo governo e aspiram à sua derrubada, ao estabelecimento de um governo ‘barato’. O proletariado sozinho não pode conseguir este objetivo.” A dificuldade, porém, é que o campesinato não aspira ao comunismo. (nota do autor)

para o seu lado, desde que percebessem a manobra. Isto não acontece e não acontecerá na Europa Ocidental; tal situação não existe nos países da Europa Ocidental citados por mim.

17. A situação dos camponeses pobres na Europa Ocidental é totalmente diferente da existente na Rússia. Ainda que ela seja às vezes terrível, não é tanto como na Rússia. Aqui os camponeses pobres têm um pedacinho de terra como arrendatários ou como proprietários. Os meios de transporte bastante desenvolvidos lhes permitem muitas vezes vender alguma coisa. Nos piores momentos têm quase sempre algo para se alimentar. As últimas décadas lhes trouxeram alguns melhoramentos. Eles têm condições agora de exigir altos preços em períodos de guerra e de pós-guerra. São indispensáveis porque os produtos alimentares são importados em pequenas proporções. Isto lhes permite manter preços altos. Eles são apoiados pelo capital e o capitalismo os apoiará enquanto permanecer vivo. A situação dos camponeses pobres na Rússia era muito mais terrível. Por isso, na Rússia, os camponeses pobres tinham também seu programa político revolucionário e estavam organizados num partido político revolucionário, os Socialistas-Revolucionários⁵⁷. Não é absolutamente o que se passa aqui. Além disso, havia na Rússia uma enorme quantidade de bens que podiam ser divididos: grandes propriedades fundiárias, bens da Coroa, terras do Estado, bens monásticos. Mas o que é que os comunistas da Europa Ocidental poderiam oferecer aos camponeses pobres para trazê-los para a revolução, para agrupá-los em torno deles?

18. Existiam na Alemanha (antes da guerra) de quatro a cinco milhões de camponeses pobres (até 2 hectares). As explorações verdadeiramente grandes (mais de 100 hectares) contavam apenas com 8 a 9 milhões de hectares... Se os comunistas distribuíssem tudo isso, os camponeses pobres continuariam camponeses pobres, porque os 7 a 8 milhões de operários agrícolas desejariam também alguma coisa. Mas nem será possível distribuir todas as explorações porque eles próprios as conservarão como grandes explorações.⁵⁸

19. Assim os comunistas na Alemanha não têm meios, salvo em certas regiões relativamente pequenas, de atrair os camponeses pobres, porque as explorações médias e pequenas não serão evidentemente expropriadas. Absolutamente análoga é a situação dos quatro ou cinco milhões de camponeses pobres da França; e o mesmo acontece na Suíça, Bélgica, Holanda, e em dois países escandinavos.⁵⁹ Em toda a parte dominam as explorações médias e pequenas. Mesmo na Itália o problema ainda depende de estudos. Para não falar na Inglaterra, onde só existiriam cem a duzentos mil camponeses pobres.

20. Os números mostram também que são relativamente poucos os camponeses pobres na Europa Ocidental. Portanto, as tropas auxiliares, se existissem, seriam somente em pequena quantidade.

21. De outro lado, a promessa de que em regime comunista eles não seriam obrigados a pagar rendas ou dívidas hipotecárias não poderia atraí-los. Porque, para eles, o comunismo é sinônimo de guerra civil, de desaparecimento de mercados e de devastação.

22. Os camponeses pobres na Europa Ocidental, a menos que sobrevenha uma crise muito mais terrível que a existente atualmente na Alemanha, uma crise cujo caráter desastroso ultrapasse tudo o que aconteceu até hoje, permanecerão com o capitalismo enquanto ele tiver um sopro de vida.

23. Os operários na Europa Ocidental estão absolutamente sós. Porque só poderão contar com o apoio de uma pequeníssima camada da pequena burguesia pobre. E esta é insignificante do ponto de vista econômico. Os operários deverão carregar absolutamente sós o peso da revolução. Esta é a grande diferença com a Rússia.

⁵⁷ O Partido Socialista Revolucionário russo era dirigido por Vitor Tchernov, constituído na sua maioria de camponeses. No processo de Outubro forma-se uma ala esquerda liderada por Maria Spiridonova que apoia Lênin. Porém, a guerra civil e a invasão estrangeira levariam ao fim da aliança e à ditadura do partido único. (NMT)

⁵⁸ As teses agrárias de Moscou o confirmam. (NA)

⁵⁹ Não possuo dados estatísticos para a Suécia e a Espanha. (NA)

24. Talvez, camarada Lênin, você dirá que a mesma coisa acontecia na Rússia. Na Rússia, igualmente, o proletariado fez sozinho a Revolução. Foi somente após a Revolução que os camponeses pobres aderiram. É verdade, mas a diferença continua impressionante.
25. Você sabia, camarada Lênin, que os camponeses adeririam rápida e seguramente à luta de vocês. Você sabia que Kerensky não podia nem queria lhes dar a terra. Você sabia que eles não apoiariam mais Kerensky durante muito tempo. Você tinha uma palavra-chave, “a terra aos camponeses”, com a qual você poderia conduzi-los rapidamente, em alguns meses, para o lado do proletariado. Nós, ao contrário, temos seguras previsões de que os camponeses de toda a Europa Ocidental apoiarão o capitalismo.
26. Você poderá dizer, talvez, que é inegável que na Alemanha não haja uma grande massa de camponeses pobres que esteja em condições de nos apoiar, mas que milhares de proletários que ainda estão agora com a burguesia aderirão seguramente à nossa luta. Assim, o lugar dos camponeses pobres russos seria aqui ocupado pelos proletários. E, dessa forma, haveria reforços para a nossa luta.
27. Esta concepção também é essencialmente falsa. A diferença com a Rússia continua enorme.
28. Porque os camponeses russos aderiram ao proletariado *depois* da vitória contra o capitalismo. Mas na Alemanha a luta só começará efetivamente quando os operários que ainda hoje apoiam o capitalismo aderirem ao comunismo.
29. Os camaradas russos venceram única e exclusivamente porque os camponeses pobres estiveram ao seu lado. E a vitória ia tornando-se firme e sólida enquanto eles iam mudando de lado. O fato de que os operários alemães estejam ao lado do capitalismo não nos dá nenhuma condição de vitória e a vitória não será mais fácil por isso, e quando eles aderirem à nossa luta a verdadeira batalha apenas começará.
30. A Revolução Russa foi terrível para o proletariado durante os longos anos de sua preparação. E continua assustadora depois que venceu. Mas ela foi fácil no exato momento em que ocorreu, justamente por causa dos camponeses. Na Alemanha é totalmente diferente, é exatamente o inverso. Antes, ela é fácil, e depois será fácil. Mas a própria revolução será terrível. Provavelmente mais terrível que todas as outras revoluções. Porque o capitalismo, que era fraco na Rússia, que acabava de sair do feudalismo, da Idade Média e mesmo da barbárie, é forte entre nós, poderosamente organizado e solidamente enraizado. Quanto às camadas inferiores das classes médias, quanto aos pequenos camponeses e aos camponeses pobres, estes elementos que estão sempre do lado do mais forte apoiarão o capitalismo até o seu fim definitivo, à exceção de uma pequena camada sem importância econômica.
31. A revolução na Rússia venceu, pelo apoio dos camponeses pobres. Isto deve ser lembrado aqui na Europa Ocidental e em todas as partes do mundo. Mas os operários na Europa Ocidental estão sós. Nunca se deve esquecer isto na Rússia.
32. O proletariado na Europa Ocidental está só. Eis a verdade. Nossa tática deve basear-se nisto, nesta verdade. As táticas que não se basearem nisto são falsas, e conduzirão o proletariado a imensas derrotas.
33. A prática também prova a verdade desta afirmação. De fato, os pequenos camponeses da Europa Ocidental não só não têm programa, e não reivindicam a terra, mas também não se movimentam neste momento, quando o comunismo se aproxima.
34. Esta afirmação, naturalmente, não deve ser entendida num sentido absoluto. Há, como já disse, na Europa Ocidental, regiões dominadas pela grande propriedade, onde, em consequência, os camponeses poderão ser considerados aliados do comunismo. Em outras regiões, em função de circunstâncias locais, etc, os camponeses poderão ser ganhos. Mas tais regiões são relativamente pouco numerosas.
35. Minha afirmação também não tem o sentido de dizer que, no final da revolução, quando tudo se derrubar, nenhum camponês pobre aderirá à nossa luta. Isto é indubitável. Justamente por essa razão devemos fazer propaganda entre eles. Mas temos de determinar nossa tática considerando o começo e o desenvolvimento da revolução. E a maneira de ser e a

tendência geral das circunstâncias apresentam-se da forma como descrevi. E é somente com base nisto que se pode e se deve basear uma tática.⁶⁰

36. A primeira consequência disso — e devemos dizê-lo repetidamente e claramente — é que na Europa Ocidental a verdadeira revolução, isto é, a derrubada do capitalismo e a construção e defesa do comunismo a longo prazo, só é agora possível nos países onde o proletariado sozinho é suficientemente forte para enfrentar todas as demais classes, portanto, na Alemanha e na Inglaterra — e na Itália, onde o apoio dos camponeses pobres é possível. Em outros países a revolução só pode ser preparada pela propaganda, pela organização e pela luta. A própria revolução só poderá ocorrer quando a economia tiver sido abalada pela revolução nos maiores Estados (Rússia, Alemanha, Inglaterra) de tal maneira que as classes burguesas fiquem suficientemente enfraquecidas.

37. Porque você me fará naturalmente uma concessão: é que não podemos definir nossa tática com base em acontecimentos, que talvez ocorram mas que talvez não ocorram (apoio dos exércitos russos, insurreição hindu, crise terrível como jamais aconteceu, etc.).

38. Então, camarada, esta é a sua primeira grande falha: não ter visto a verdade sobre o significado dos camponeses pobres. É ao mesmo tempo a falha do Executivo em Moscou e do Congresso Internacional.

39. Continuando. Qual o significado, então, do ponto de vista da tática, do isolamento do proletariado ocidental (tão diferente da situação do proletariado russo), do fato de que ele não pode esperar nenhum apoio de lugar nenhum, de nenhuma outra classe?

40. Isto significa que entre nós a situação exigirá das massas muito maiores esforços do que na Rússia.

41. E, em segundo lugar, que a importância dos dirigentes é proporcionalmente menor.

42. Porque as massas russas, os proletários, previam com exatidão, e já constatavam durante a guerra — e isto saltava aos olhos —, que os camponeses se colocariam rapidamente ao seu lado. Os proletários alemães, começando por falar apenas deles, sabem que terão de enfrentar o capitalismo alemão e o conjunto das demais classes.

43. Os proletários alemães, sem dúvida, já antes da guerra, contavam com 19 a 20 milhões de autênticos operários numa população de 70 milhões. Mas eles estão sozinhos em face das demais classes.

44. Encontram-se frente a um capitalismo muito mais forte do que os russos enfrentavam, e *sem armas*. Os russos estavam armados.

45. A revolução portanto, exige ainda de cada proletário alemão, de cada indivíduo, muito mais coragem e espírito de sacrifício do que dos russos.

46. Isto resulta das relações econômicas, das relações entre as classes na Alemanha, e não de uma teoria qualquer ou da imaginação de revolucionários românticos ou de intelectuais.

47. Se a classe operária, ou pelo menos a sua esmagadora maioria, não se compromete indivíduo por indivíduo, com uma energia quase sobre-humana, a favor da revolução, contra todas as demais classes, a derrota está assegurada. Você me concederá, com efeito, que para estabelecer nossa tática necessitamos contar com as nossas próprias forças e não com uma ajuda estrangeira, russa, por exemplo.

48. O proletariado sozinho, sem ajuda, quase sem armas, enfrentando um capitalismo homogêneo, isto quer dizer na Alemanha: cada proletário, a grande maioria deles, tornar-se um militante consciente; cada proletário tornar-se um herói. E o mesmo ocorre em toda a Europa Ocidental. A maioria do proletariado a se tornar em militantes conscientes e organizados, em comunistas autênticos, deve ser em maior número, relativa e absolutamente, entre nós do que na Rússia.

49. Uma vez mais: isto, como consequência não de invenções, de sonhos de intelectual ou de poeta, mas da mais pura realidade.

⁶⁰ Você, camarada, certamente não tentará ganhar uma batalha atribuindo um sentido absoluto às afirmações de seus adversários, como fazem os espíritos mesquinhos. Minha observação acima apenas se destina a estes. (NA)

50. Na medida em que aumenta a importância da classe, diminui proporcionalmente a importância dos dirigentes. O que não quer dizer que não devamos ter os melhores dirigentes possíveis: os melhores entre os melhores não são ainda bastante bons e nós estamos precisamente em busca deles. Isto significa apenas que, em comparação com a importância das massas, a dos dirigentes diminui.

51. Se precisássemos ganhar, como você, com sete ou oito milhões de proletários, um país de cento e sessenta milhões de habitantes, então, claro, seria enorme a importância dos dirigentes! Quando precisamos vencer com tão poucos homens um tão grande número, a tática assume uma importância de primeira grandeza. Para triunfar como vocês, camarada, em um país tão grande com uma tropa tão pequeninas com uma ajuda externa à classe, então o que importa, em primeiro lugar, é a tática *do dirigente*. Quando você começou a luta, camarada Lênin, com um pequeno contingente de proletários, foi a sua tática, em primeiro lugar, que, no momento propício, orientou as batalhas e aglutinou os camponeses pobres.

52. Mas, e na Alemanha? Aqui a tática mais inteligente, a maior clareza, o próprio gênio do dirigente não é o essencial, nem o fator principal. Aqui, inexoravelmente, as classes se enfrentam, uma contra todas. Aqui, o próprio proletariado deve decidir, como classe. Com o seu poderio, seu número. Mas o *seu poderio*, diante de um inimigo tão formidável e de uma superioridade de organização e de armamento tão esmagadora, *baseia-se principalmente em sua qualidade*.

53. Diante das classes proprietárias russas você estava como Davi diante de Golias. Davi era pequeno, mas tinha uma arma seguramente mortal. O proletariado alemão, inglês, europeu ocidental, está diante do capitalismo como gigante contra gigante. Para ele tudo depende somente da força. A força do corpo e, sobretudo, a do espírito.

54. Você não observou, camarada Lênin, que não há “grandes” dirigentes na Alemanha? Todos são homens absolutamente comuns. O que já demonstra que esta revolução deve ser, em primeiro lugar, obra das massas e não dos dirigentes.

55. A meu ver, será algo grandioso, maior do que tudo que houve até agora. É uma indicação do que será o comunismo.

56. Isto ocorrerá na Alemanha e em toda a Europa Ocidental. Porque o proletariado está sozinho em todos os países.

57. Será a revolução das massas, não porque isso seja bom ou belo, ou inventado por alguém, mas porque está determinado pelas relações econômicas e pelas relações entre as classes.⁶¹

58. Esta diferença entre a Rússia e a Europa Ocidental provoca, além disso, as seguintes consequências:

59. 1ª) Quando você, ou o Executivo de Moscou, ou os comunistas oportunistas ocidentais da Liga Spartacus ou do PC da Inglaterra que seguem suas orientações, dizem que uma luta em torno da questão *dirigentes ou massas* é um contrassenso, não somente vocês cometem um erro em relação a nós que procuramos ainda um dirigente, mas também erram porque a questão tem para nós um significado completamente diferente do que tinha para vocês.

60. 2ª) Quando você vem nos dizer: dirigente e massa devem se fundir numa coisa só, você não se engana apenas em relação a nós que procuramos exatamente uma tal unidade, mas também em relação à questão, que para nós tem um significado diferente do que para vocês.

61. 3ª) Quando você vem nos dizer: no partido comunista deve haver uma disciplina de ferro e uma centralização absoluta, militar, você não se engana apenas em relação a nós que procuramos efetivamente uma disciplina de ferro e uma forte centralização, mas também em relação à questão que, para nós, tem um significado diferente do que para vocês.

⁶¹ Não me refiro aqui ao fato de que em função desta diferença de relação numérica (20 milhões em 70 milhões na Alemanha), a importância da massa e dos dirigentes e a relação entre massa, partido e dirigentes, mesmo durante e no final da revolução, serão diferentes em relação à Rússia. O desenvolvimento desta questão, extremamente importante em si mesma, me levaria muito longe agora. (NA)

62. 4ª) Quando você vem nos dizer: na Rússia, agimos desta ou daquela forma (por exemplo, depois da ofensiva de Kornilov⁶² ou quando aconteceu um outro episódio importante), neste ou naquele período íamos ao parlamento, ou não permanecíamos nos sindicatos, tudo isto não significa absolutamente nada e não leva necessariamente a que esta tática possa ou deva adequar-se a nós, porque as relações de classe na Europa Ocidental, na luta e na revolução, são totalmente diferentes da Rússia.

63. 5ª) Quando você, ou o Executivo de Moscou, ou os comunistas oportunistas na Europa Ocidental, pretendem nos impor uma tática que era perfeitamente correta na Rússia - por exemplo, uma tática concebida e baseada consciente ou inconscientemente no fato de que os camponeses pobres ou outras camadas de trabalhadores viriam rapidamente para o lado de vocês, ou seja, no fato de que o proletariado não estava só —, esta tática prescrita para nós, ou aplicada aqui, conduzirá o proletariado ocidental apenas à sua perda e a derrotas terríveis.

64. 6ª) Quando você, ou o Executivo em Moscou, ou os elementos oportunistas na Europa Ocidental, como o comitê central da Liga Spartacus na Alemanha e o BSP na Inglaterra, quando vocês querem nos impor, aqui, na Europa Ocidental, uma tática oportunista (o oportunismo sempre se apoia em elementos estranhos prontos a abandonar o proletariado), vocês cometem um erro.

65. São as seguintes as bases gerais sobre as quais deve ser formulada a tática na Europa Ocidental: o isolamento do proletariado, a ausência de perspectivas de aliados, a importância superior da massa e a menor importância relativa dos dirigentes.

66. Nem Radek quando estava na Alemanha, nem o Executivo da Internacional em Moscou, nem você mesmo, de acordo com os seus textos, não perceberam estas bases.

67. Sobre estas bases, o isolamento do proletariado e a predominância das massas e dos indivíduos, formula-se a tática do KAPD, do Partido Comunista de Sylvia Pankhurst,⁶³ e da maioria da Comissão de Amsterdã,⁶⁵ tal como foi denominada por Moscou.

68. Por estas razões, eles tentam principalmente educar as massas, como unidade e como conjunto de indivíduos, num nível muito mais alto de desenvolvimento, tentam educar os proletários, um por um, para fazer deles combatentes revolucionários, advertindo-os claramente (não só pela teoria, mas sobretudo pela prática) de que tudo depende deles, de que não devem esperar nada da ajuda estrangeira, nem de outras classes, e muito pouco de *seus* dirigentes, mas tudo deles próprios.

69. Teoricamente, portanto, se não se levam em consideração afirmações particulares⁶⁶, questões de detalhe e certas aberrações, como as de Wolfheim e de Laufenberg, inevitáveis no início de um movimento, a concepção dos partidos e dos camaradas citados acima é totalmente correta e você os combate com argumentos perfeitamente falsos.

70. Se viajamos de Leste para Oeste da Europa, atravessamos, num certo momento, uma fronteira econômica. Ela vai do Báltico ao Mediterrâneo, mais ou menos de Dantzig a Veneza. É a linha de demarcação de dois mundos. A ocidente desta linha, o capital industrial, comercial e bancário, unificado no capital financeiro desenvolvido no mais alto nível, domina quase completamente. O próprio capital agrário está subordinado a este capital ou já foi obrigado a se unificar com ele. Este capital é altamente organizado e se concentra nos mais sólidos governos e Estados do mundo.

⁶² Kornilov, um general czarista, inconformado com o constitucionalismo de Kerensky e a ascensão dos soviets (conselhos), pretendia, mediante um golpe de Estado, restabelecer a Monarquia. Sua tentativa foi derrotada. (NMT)

⁶³ Pelo menos até agora. (NA)

⁶⁴ Sylvia Pankhurst foi uma das primeiras líderes trabalhistas e feministas na Grã-Bretanha, de indiscutível prestígio popular na época. (NMT)

⁶⁵ Comissão de Amsterdã, formada por elementos que romperam com a II Internacional e procuraram aproximar-se da III Internacional, apoiando a noção da importância das bases em relação aos dirigentes e da ação direta das massas em relação aos líderes que “falavam” em seu nome. (NMT)

⁶⁶ Na discussão com você fiquei surpreso pela utilização que você sempre faz das opiniões particulares do adversário e não de suas posições oficiais. (NA)

71. A leste desta linha, não existe nem o imenso desenvolvimento do capital concentrado da indústria, do comércio, dos transportes, dos bancos, nem sua dominação quase absoluta, nem, conseqüentemente, o Estado moderno solidamente edificado.

72. Assim sendo, seria um milagre que a tática do proletariado revolucionário fosse a mesma a leste e a oeste desta linha.

II - A Questão Sindical

73. Depois de ter formulado estas bases teóricas gerais, quero tentar agora provar que, na prática, também a esquerda na Alemanha e na Inglaterra tem, geralmente, razão. Em particular nas questões sindical e parlamentar. Começemos com a questão dos sindicatos.

74. *Da mesma forma que o parlamentarismo exprime o poder intelectual dos dirigentes sobre as massas operárias, o movimento sindical encarna sua dominação material. Os sindicatos constituem, no capitalismo, as organizações naturais para a unificação do proletariado — neste sentido, Marx, há muito tempo, sublinhou sua importância. No capitalismo desenvolvido e ainda mais na época imperialista, os sindicatos tornaram-se, e cada vez mais, associações gigantescas, que mostram a mesma tendência de desenvolvimento revelada anteriormente pelo próprio aparelho de Estado burguês. Neste último formou-se uma classe de empregados, uma burocracia que dispõe de todos os meios de governo, de organização, de dinheiro, da imprensa, da nomeação de subalternos; frequentemente as prerrogativas dos funcionários vão ainda mais longe e, assim, de servidores da coletividade, eles se transformam em seus senhores, identificando-se a si próprios com a organização. Os sindicatos observam a mesma evolução do Estado e de sua burocracia: apesar da suposta democracia sindical, os seus membros não têm condições de fazer prevalecer sua vontade contra os funcionários; frente ao aparelho finamente organizado dos regulamentos e dos estatutos, toda e qualquer revolta se esfuma antes de conseguir abalar as altas esferas. Só por uma luta perseverante a toda prova é que uma organização consegue, às vezes, depois de anos, um sucesso relativo que resulta geralmente numa mudança de pessoas. Nos últimos anos, antes e depois da guerra, chegamos assim — na Inglaterra, na Alemanha, na América — a revoltas de militantes entrando em greve por sua própria conta, contra a vontade dos dirigentes ou das próprias resoluções do sindicato. O fato de que isto possa parecer natural, e ser assumido como tal, é o sinal claro de que a organização, longe de ser a coletividade dos membros, apresenta-se como um ser estranho, em certa medida, aos próprios membros. Os operários não são donos de seu sindicato, ao contrário, são dominados por ele como por uma força exterior contra a qual eles podem revoltar-se, embora esta força tenha sido criada por eles mesmos. Mais um ponto em comum com o Estado. Depois, quando a revolta se acalma, a antiga direção se restabelece e sabe se manter, apesar do ódio e do ressentimento impotentes das massas, porque ela se apoia na indiferença e na falta de clareza, de vontade homogênea e perseverante das massas, e na necessidade interna do sindicato como único meio que os operários têm de unificar forças contra o capital. Lutando contra o capital, contra as suas tendências absolutistas e geradoras de miséria, limitando estas tendências e tornando assim possível a existência da classe operária, o movimento sindical começou a desempenhar um papel no capitalismo, transformando-se desta forma num membro da sociedade capitalista. Mas, quando a revolução começa, e o proletariado, de membro da sociedade capitalista, se torna o seu destruidor, terá de enfrentar o sindicato como um obstáculo. [...] O que Marx e Lênin enfatizaram em relação ao Estado, ou seja, que sua organização, apesar do conteúdo formalmente democrático, é imprópria enquanto instrumento para a revolução proletária vale, portanto, também para as organizações sindicais. Seu potencial contrarrevolucionário não pode ser nem eliminado, nem atenuado por uma mudança de personalidades, pela substituição de dirigentes reacionários por homens de esquerda ou por revolucionários. É a própria forma organizacional que torna as massas mais ou menos impotentes, impedindo-as de fazer do sindicato o instrumento de sua vontade. A revolução só pode vencer destruindo este organismo, ou seja, transformando de alto a baixo esta forma organizacional de modo a que possa surgir algo inteiramente novo: o sistema dos conselhos, pelo seu próprio desenvolvimento, é capaz de extirpar pela raiz e de eliminar não somente a burocracia estatal, mas também a burocracia sindical, formando não só os novos órgãos políticos do proletariado contra o capitalismo, mas também as bases dos novos sindicatos. Nas discussões no Partido, na Alemanha, ironizou-se o fato de que qualquer forma de organização possa ser revolucionária, dependendo apenas da consciência revolucionária dos homens, dos aderentes. Mas se o conteúdo essencial da revolução consiste no fato de que as próprias massas assumem a direção de seus problemas, a direção da sociedade e da produção — a consequência é que toda forma de organização que não permita às massas dominar e dirigir o seu próprio rumo é nociva e contrarrevolucionária; por esta razão ela deve ser substituída por outra forma de organização que seja revolucionária, por permitir aos próprios operários decidir ativamente sobre todos os problemas. (PANNEKOEK, 2005, p. 244-247).*

75. Os sindicatos, por sua natureza, não são boas armas para a revolução na Europa Ocidental. Mesmo se eles não se houvessem transformado em instrumentos do capitalismo, mesmo se não estivessem controlados por traidores e se — nas mãos de quaisquer dirigentes — não estivessem, por natureza, destinados a transformar seus membros em escravos e instrumentos passivos, mesmo assim continuariam inutilizáveis.

76. Os sindicatos são muito fracos para a luta, para a revolução contra o capitalismo organizado no mais alto nível, como é o caso da Europa Ocidental, e contra seu Estado. Ambos são demasiadamente fortes para eles. Por um lado, os sindicatos são *associações por categoria profissional* e basta isto para que não sejam capazes de fazer a revolução. E, na medida mesma em que são associações por categoria, não se apoiam diretamente na fábrica, nos locais de trabalho, o que condiciona também sua fraqueza. Enfim, são mais sociedades de ajuda mútua do que agrupamentos de luta, produtos da época da pequena burguesia.

77. Insuficiente para a luta antes do período revolucionário, este tipo de organização é perfeitamente inadequado para a revolução na Europa Ocidental. Porque as fábricas, os operários das fábricas, não fazem a revolução no âmbito de suas profissões, ou de suas categorias, mas nos locais de trabalho. Além disso, os sindicatos são órgãos de ação lentos, demasiadamente complicados, bons apenas para os períodos de evolução. Inclusive se a revolução não triunfar em seguida e tivermos que voltar durante algum tempo para a luta pacífica, será preciso destruir os sindicatos e substituí-los por associações industriais baseadas na organização de fábrica, por local de trabalho. E é com estes miseráveis sindicatos, que, como se viu, devem ser destruídos *de qualquer maneira*, que se quer fazer a revolução!! Os operários precisam de *armas* para fazer a revolução. Na Europa Ocidental, as únicas armas de que dispõem são as *organizações de fábrica* fundidas em uma totalidade e em *unidade*.

78. Os operários da Europa Ocidental precisam das melhores armas. Porque eles estão sós e não contam com aliados. Por isso, precisam das organizações de fábrica. Na Alemanha e na Inglaterra, rapidamente, porque a revolução é ali mais iminente. E também nos outros países, o mais depressa possível, desde o momento que se apresente a possibilidade de construí-las.

79. Camarada Lênin, não adianta nada você dizer: na Rússia, agimos desta e daquela forma. Porque, em primeiro lugar, você não tinha na Rússia organizações de luta tão ruins como são muitos sindicatos entre nós. Vocês tinham associações industriais. Em segundo lugar, os operários tinham ali uma mentalidade mais revolucionária. Em terceiro lugar, os capitalistas ali estavam mal organizados. E também o Estado. Em quarto lugar, e no fundo, tudo depende disto, vocês contavam com aliados. Vocês não precisavam, portanto, estarem armados de modo superior. Nós estamos sós, e por isso precisamos das melhores armas dentre todas. Sem isto não venceremos, e seremos constantemente derrotados.

80. Mas existem ainda outros motivos, subjetivos e materiais, que demonstram a validade de nosso ponto de vista. Imagine, camarada, a situação na Alemanha antes e durante a guerra. Os sindicatos, único e débil meio de ação, instrumentos improdutivos e completamente controlados pelos dirigentes que os fazem funcionar em benefício do capitalismo. Sobrevém então a revolução. Os sindicatos são utilizados pelos dirigentes e pela massa dos associados como arma contra a revolução. Em função de seu apoio, de seu auxílio, pela ação de seus dirigentes e, em parte, também pela de seus associados, a revolução é assassinada. Os comunistas presenciam seus irmãos serem fuzilados com o apoio dos sindicatos. As greves favoráveis à revolução são derrotadas. O camarada imagina que seja possível aos operários revolucionários permanecerem em tais organizações depois do que houve? Se ainda por cima elas são ferramentas demasiadamente fracas para servir à revolução! Parece-me que é psicologicamente impossível. O que é que você teria feito como membro de um partido político, do partido menchevique, por exemplo, se ele tivesse agido assim durante a revolução? Você teria “rachado” (se já não o tivesse feito anteriormente). Você dirá: era um partido político, no caso de um sindicato as coisas são diferentes. Acho que você comete um erro. Na revolução, enquanto dura a revolução, cada sindicato, até cada grupo operário, desempenha um papel de partido político a favor ou contra a revolução.

81. Mas você dirá, e chega mesmo a dizer em seu artigo, que estes impulsos sentimentais devem ser superados em prol da unidade e da propaganda comunista. Eu lhe demonstrarei que isto era impossível, na Alemanha, durante a revolução. Através de exemplos concretos. Porque devemos considerar esta questão de um ponto de vista concreto e sem equívocos. Suponhamos que existam na Alemanha cem mil estivadores, cem mil metalúrgicos e cem mil mineiros verdadeiramente revolucionários. Querem entrar em greve, combater, morrer pela revolução. Os outros milhões não. Que devem fazer os trezentos mil? Em primeiro lugar, unir-se entre eles, entrarem em acordo para agir. Nisto você concorda: os operários são impotentes sem organização. Mas, formar um novo agrupamento contra as antigas associações já equivale à cisão, se não formal, ao menos real. Ainda que os partidários do novo agrupamento permaneçam associados aos antigos sindicatos. Imagine agora que os membros da nova organização passem a precisar de uma imprensa, de locais de reunião, de funcionários permanentes. Tudo isto custa caro. E os operários alemães não têm quase nada. Para dar vida à nova associação serão obrigados, mesmo se não o desejarem, a deixar a antiga. Portanto, concretamente, o que você quer, caro camarada, é impossível.

82. Mas existem razões materiais ainda melhores. Os operários alemães que deixaram os sindicatos e querem destruí-los, criaram organizações de fábrica e a União Operária, se encontraram em *plena revolução*. Era preciso passar imediatamente à ação. A revolução o exigia. Os sindicatos se negaram lutar. Num momento como este de que adianta dizer: permaneçam nos sindicatos, propaguem suas ideias, vocês se tornarão certamente mais fortes e ganharão a maioria. Seria um bom plano, mesmo desconsiderando o esmagamento das minorias, e a própria esquerda o tentaria se tivesse tido tempo para isso. Mas não era possível esperar. A revolução acontecia. E ela ainda está acontecendo!

83. *Durante a revolução* (tome nota disto, camarada, foi *durante a revolução* que os operários alemães “racharam”, constituindo a sua União Operária) os operários revolucionários sempre se separarão dos social-patriotas. Impossível atuar de outra maneira em um momento assim. Independentemente do que você, o executivo de Moscou e o Congresso da Internacional possam dizer, e da contrariedade que a cisão possa provocar em você, ela sempre ocorrerá por razões subjetivas e materiais. Porque os operários nem sempre podem tolerar ser fuzilados pelos sindicatos e porque é preciso lutar.

84. Foi por isso que os esquerdistas criaram a União Geral Operária (AAU). E como eles acreditam que a revolução na Alemanha não acabou ainda, mas continuará, até a vitória, eles resistem.

85. Camarada Lênin! Se duas tendências se formam no movimento operário, é possível encontrar uma solução fora da luta? E se existem orientações muito diferentes, opostas, pode-se encontrar outra saída que não seja a cisão? Você já ouviu falar de outra solução? Existe algo mais antagônico que a revolução e a contrarrevolução? Também por isso o KAPD e a AAU têm inteira razão.

86. No fundo, camarada, estas cisões e depurações, não foram sempre uma boa coisa para o proletariado? Não acabamos sempre percebendo isto mais tarde? Tenho certa experiência neste terreno. Quando ainda estávamos no partido social-patriota, não tínhamos nenhuma influência. Quando fomos expulsos — no começo —, pouca influência. Mas depois esta influência não parou de crescer. E como vocês, os bolcheviques, estavam depois da cisão? Não de todo mal, creio. De início, pequeno; mais tarde — grande. Agora, tudo. O crescimento de um grupo, por menor que seja, até que se torne mais poderoso, depende inteiramente do desenvolvimento econômico e político. Se a revolução continua na Alemanha, há boas razões para esperar que a importância e a influência da União Operária se tornem preponderantes. Desde que ela não se deixe intimidar pelas relações numéricas: 70.000 contra 7.000.000. Grupos muito menores tornaram-se os mais fortes. Entre os quais os bolcheviques!

87. Por que as organizações de fábrica e por local de trabalho, e a União Operária, que se baseia nelas e agrupa a seus membros, são também excelentes armas (juntamente com os

partidos comunistas, é claro), as melhores, as únicas boas armas disponíveis para a revolução na Europa Ocidental?

88. Porque os operários aqui atuam em seu próprio nome, infinitamente mais que nos velhos sindicatos, porque controlam seus dirigentes e, através deles, a própria direção; e porque controlam a organização de fábrica e, através dela, a União em seu conjunto.

89. Cada fábrica, cada local de trabalho é um todo. Na fábrica, os operários elegem seus delegados, os “homens de confiança”. As organizações por fábrica são divididas em distritos econômicos, para os quais novamente são eleitos delegados. E os delegados dos distritos, por sua vez, elegem a direção geral da União para todo o Reich.⁶⁷

90. Assim, todas as organizações de fábrica, sem distinção das categorias a que pertençam, formam em conjunto uma só União Operária. Como se vê, trata-se de uma organização *totalmente* voltada para a revolução. Se ocorresse um intervalo de lutas relativamente pacíficas, a AAU seria capaz de se adaptar. Bastaria que, em seu interior, reagrupasse as organizações de fábrica por indústrias.

91. Acrescente-se que no seio da AAU todo operário dispõe de poder. Porque elege em seu local de trabalho seus delegados e por meio deles exerce influência direta tanto sobre os conselhos de distrito quanto sobre o conselho nacional. Há centralismo, mas não acentuado. O indivíduo e sua organização de base, a organização de fábrica, tem um grande poder. Pode destituir os delegados que elegeu a qualquer momento, substituí-los ou forçá-los a substituir rapidamente as instâncias mais altas. Há individualidade, mas não excessiva. Porque as instâncias centrais, conselhos regionais e conselho nacional gozam de grande poder. Indivíduo e direção têm tanto poder quanto é possível e necessário que tenham, nos tempos atuais em que desencadeia a revolução na Europa Ocidental.

92. Marx escreveu que, no capitalismo, o cidadão diante do Estado não passa de uma abstração, um número. A mesma coisa ocorre nas velhas organizações sindicais. A burocracia, a própria essência da organização, se situa nas cúpulas, muito distante do operário e fora de seu alcance. Diante desta organização o operário é um número, uma abstração. Em nenhum momento ela enxerga o operário como um ser humano em seu local de trabalho. Como um ser vivo, com vontade e que luta. Substitua, nos velhos sindicatos, uma burocracia consolidada por outras pessoas e em pouco tempo você constatará que os novos também adquirirão o mesmo caráter, tornando-se inacessíveis às massas, sem contato com elas. Em noventa e nove por cento dos casos se converterão em tiranos que se juntarão à burguesia. É uma consequência da essência da organização.

93. Como são diferentes as organizações de fábrica! Aqui é o próprio operário que decide sobre a tática, sobre a orientação da luta, fazendo valer imediatamente sua autoridade, se os dirigentes não atuam como ele quer. Aqui o operário está permanentemente no centro da luta, porque a fábrica eo local de trabalho se confundem com a própria organização.

94. Ele é assim, na medida do possível em condições capitalistas, o artesão e o senhor de seu próprio destino, e, como isso acontece com todos, *a massa trava e dirige seu próprio combate*. Uma situação bem melhor, infinitamente melhor, de qualquer forma, do que seria possível nas velhas organizações econômicas, sejam reformistas ou anarcossindicalistas.⁶⁸

95. Pelo próprio fato de transformarem os indivíduos, e, em consequência, as massas, em agentes diretos da luta, e quem as dirige realmente, as organizações de fábrica e a União Operária são verdadeiramente as melhores armas para a revolução, as armas de que precisamos na Europa Ocidental para derrubar sem aliados e sem ajuda o capitalismo mais poderoso de todo o mundo.

96. Mas, no fundo camarada todos estes argumentos são ainda bastante fracos diante da última e fundamental razão, a qual está intimamente ligada aos princípios que mencionei no

⁶⁷Reich aqui é entendido como o conjunto da nação alemã. (NMT)

⁶⁸ Naturalmente, é importante compreender que uma nova correlação entre individualismo e centralismo não já está dada como um fato acabado, mas é uma realidade em formação, um processo em desenvolvimento que só se completará através da luta. (NA)

início. Razão decisiva para o KAPD e para o partido de oposição na Inglaterra: estes partidos querem elevar ao máximo o nível de consciência das massas e dos indivíduos.

97. Para isto, segundo tais partidos, só há *um meio*. Trata-se da formação de *grupos que mostrem pela luta em que devem se transformar as massas*. E, mais uma vez, pergunto se você conhece outro método no movimento operário. Quanto a mim, não conheço outros.

98. No movimento operário, e particularmente na revolução, a meu ver, só há uma comprovação, a do exemplo por meio da *ação*.

99. Os camaradas de “esquerda” acreditam ser possível, através deste pequeno grupo lutando contra o capitalismo e os sindicatos, exercer pressão sobre os últimos, ou mesmo, porque isto não é impossível, empurrá-los, pouco a pouco, para melhores caminhos.

100. Isto só será viável através do exemplo. Para elevar o nível revolucionário dos operários alemães, estas novas formações — as organizações de fábrica — são indispensáveis.

101. Da mesma forma que os partidos comunistas se levantam contra os partidos social-patriotas, a nova formação, a União Operária, deve fazer frente aos sindicatos.⁶⁹

102. Para transformar as massas com mentalidade de escravo, reformistas, social-patriotas apenas o exemplo poderá ser eficaz.

103. Examinarei agora o caso da Inglaterra, da esquerda inglesa. A Inglaterra, depois da Alemanha, é o país mais próximo da revolução. Não que a situação já seja revolucionária, mas porque o proletariado é particularmente numeroso, e as condições econômicas do capitalismo ali são mais propícias. Bastará um forte empurrão para o combate começar e ele terminará inevitavelmente por uma vitória. É o que sentem, é o que sabem quase instintivamente os operários mais avançados da Inglaterra (como todos nós o sentimos), e, porque sentem isto, fundaram, como na Alemanha, um novo movimento... que se esboça e tateia diversos caminhos, exatamente como na Alemanha — o movimento dos *Rank and File*, das massas por elas mesmas, sem dirigentes ou como se eles não existissem.⁷⁰

104. Estes movimentos parecem-se muito com a União Operária alemã com suas organizações de fábrica.

105. O camarada observou que este movimento surgiu unicamente nos dois países mais avançados? E no seio da própria classe operária? E em muitos lugares? Fato que demonstra por si mesmo uma prova de que se trata de um crescimento orgânico e espontâneo.⁷¹

106. Na Inglaterra tal movimento, a luta contra os sindicatos, é ainda mais necessário que na Alemanha. As *Trade-Unions* inglesas não são apenas instrumentos controlados pelos dirigentes para apoiar o capitalismo, mas representam ferramentas ainda mais inutilizáveis para a revolução que os sindicatos alemães. Sua formação remonta muitas vezes ao começo do século XIX ou mesmo ao século XVIII, nos tempos das lutas individuais, mesquinhas. Na Inglaterra existem indústrias com vinte e cinco sindicatos, e as principais federações brigando entre si, numa luta impiedosa, para recrutar associados! E em tudo isto os associados não têm o menor poder. E você camarada Lênin, deseja conservar também estas organizações!

107. Não devemos também combatê-las, rachá-las, e aniquilá-las? Quem está contra a União Operária, deve também estar contra os *Shop-Committees*, os *Shop-Stewards* e as União Industriais. Se somos favoráveis às últimas, devemos também apoiar a União Operária, porque os comunistas lutam pelos mesmos objetivos nos dois casos.

108. A nova corrente no movimento das *Trade-Unions* poderá servir à esquerda comunista na Inglaterra para aniquilar os sindicatos ingleses tal como eles hoje se apresentam, para substituí-los por novos instrumentos, adaptados para a luta de classe revolucionária. As mesmas razões formuladas para o movimento alemão são válidas também aqui.

⁶⁹ A sua observação sarcástica de que a própria União Operária não pode ser pura não nos atinge. Ela só seria correta no quadro da luta da União por melhorias no capitalismo, mas não no quadro da luta da União pela revolução. (NA)

⁷⁰ Os *Shop-Committees*, *Shop-Stewards*, e, particularmente no País de Gales, as *Industrial Unions*. (NA)

⁷¹ Afirmar que este movimento na Alemanha foi criado “de cima para baixo” não passa de uma calúnia. (NA)

109. Li na carta do Comitê Executivo da III Internacional ao KAPD que o Executivo é favorável aos IWW⁷² nos EUA sob a condição de que esta organização concorde em aderir e atuar politicamente com o Partido Comunista. Mas sem exigir que os IWW ingressem nos sindicatos estadunidenses! Entretanto o Executivo é contra a União Operária na Alemanha, e a obriga a se fundir com os sindicatos, embora seja comunista e colabore com o partido.

110. E você, camarada Lênin, é favorável ao movimento dos *Rank and File* na Inglaterra (o qual, já provocou mais de uma cisão, e onde há muitos comunistas desejando a destruição dos sindicatos), mas é contra a União Operária na Alemanha!

111. Naturalmente a esquerda comunista na Inglaterra não pode ir tão longe como na Alemanha porque a revolução na primeira ainda não eclodiu. Ela ainda não pode organizar o *Rank and File Movement* grande escala, em todas as regiões, e com um objetivo imediatamente revolucionário. Mas a esquerda inglesa prepara isto. E logo que a revolução aconteça, os operários deixarão em massa as velhas organizações incapazes de servir à revolução, afluindo para as organizações de fábrica e de indústria.

112. Eles virão pelo próprio fato de que a esquerda comunista atua no movimento, esforçando-se, antes de tudo, por semear as ideias comunistas em seu interior, e, em função de seu exemplo, consegue elevar a um nível superior os operários que nele militam.⁷³ Este é, como na Alemanha, o seu objetivo *específico*.

113. A União Geral Operária (AAU) e o *Rank and File Movement*, apoiando-se nas fábricas, nos locais de trabalho, e *somente* neles, são os precursores dos conselhos operários, dos soviets. A revolução na Europa Ocidental será muito mais difícil e, exatamente porque o seu desenvolvimento será lento, haverá uma fase de transição muito longa em que os sindicatos já não servirão para nada, mas os soviets ainda não existirão. A fase de transição será caracterizada pela luta contra os sindicatos através de sua transformação ou substituição por organizações melhores. Não se preocupe, nossa hora chegará!

114. Ainda mais uma vez: isto não acontecerá porque nós, os esquerdistas, o queiramos, mas porque a revolução exige formas novas de organização, sem as quais será esmagada.

115. Boa sorte para o *Rank and File Movement* na Inglaterra, e para a União Geral Operária (AAU) na Alemanha! Precursores dos soviets na Europa Ocidental. Boa sorte às primeiras organizações a prosseguir, juntamente com os partidos comunistas, a revolução contra o capitalismo na Europa Ocidental!

116. Camarada Lênin, você quer nos obrigar, a nós da Europa Ocidental, que estamos sem aliados frente a um capitalismo ainda e agora absolutamente poderoso, extremamente organizado (em todos os setores e em todos os sentidos), fortemente armado (exatamente por isso precisamos das melhores e das mais poderosas armas), você quer nos obrigar a usar armas ruins. Você quer impor estes miseráveis sindicatos a nós que queremos organizar a revolução nas fábricas e a partir das fábricas, única forma de organizar a revolução na Europa Ocidental. Isto acontecerá porque é nas fábricas que o capitalismo está altamente organizado em todos os sentidos, economicamente e politicamente, e porque os operários não têm outra arma sólida (exceto o Partido Comunista). Na Rússia vocês estavam armados e contavam com os camponeses pobres. O que as armas e o apoio dos camponeses pobres representaram para a revolução russa, a tática e a organização devem representar para nós, neste momento. E é neste momento que *você* defende os sindicatos! Nós *devemos*, por razões subjetivas e materiais, lutar contra os sindicatos no processo revolucionário — e você quer nos impedir de conduzir esta luta. Nós só podemos lutar através de “rachas” e você tenta nos dissuadir disso.

⁷²Operários Industriais do Mundo (*Industrial Workers of the World - IWW*): organização proletária dos EUA, fundada em 1905. De orientação sindicalista revolucionária, nega a ação partidária e parlamentar. Para maiores informações consultar: <http://www.iww.org>. (NT)

⁷³Como tantos outros, você nos apresenta, camarada, o argumento de que, se deixarem os sindicatos, os comunistas perderiam o contato com as massas. Mas o melhor dos contatos não é o contato cotidiano na fábrica? E, neste momento, as fábricas não se transformaram em locais de discussão? Se assim é, como é possível os “esquerdistas” perderem o contato com as massas? (NA)

Nós queremos formar grupos que deem o exemplo e você nos proíbe de dar o exemplo. Nós queremos elevar o nível do proletariado na Europa Ocidental e você nos impede de agir.

117. Você não quer nem ouvir falar de cisões, novas formações, e conseqüentemente, nem da elevação da consciência a um nível superior!

118. E por quê? Porque você quer a adesão dos grandes partidos e grandes sindicatos à III Internacional.

119. Isto nos parece ser oportunismo, e da pior espécie.⁷⁴

120. Você atua hoje na III Internacional de uma forma totalmente diferente da que era a sua, até a pouco tempo, no partido bolchevique. Este se conservou muito “puro” e, tomara, assim permaneça. Agora você defende que na Internacional devemos admitir, rapidamente, pessoas que sejam comunistas pela metade, por um quarto ou ainda menos!

121. O drama do movimento operário é que logo que obtém algum poder, tenta aumentá-lo abandonando os princípios. A própria social-democracia também era “pura” em sua origem, em quase todos os países. A maior parte dos atuais sociais-patriotas eram autênticos marxistas. As massas foram ganhas pela propaganda marxista. Mas logo que conseguiu certa força, os princípios foram abandonados. Ontem foram os socialdemocratas, hoje é você e a III Internacional. Agoranão mais em limites nacionais, mas numa escala internacional. A Revolução Russa triunfou graças à “pureza”, pela firmeza dos princípios. Graças a ela o proletariado dispõe de poder. Seria necessário estender este poder por toda a Europa. Mas é exatamente agora que se abandona a velha tática!

122. Em vez de aplicar agora também a todos os demais países uma tática comprovada, reforçando assim, internamente, a III Internacional, adota-se uma posição diametralmente oposta, aderindo-se ao oportunismo, exatamente como fez a social-democracia anteriormente. E permite o ingresso de todo mundo: sindicatos, independentes alemães (USPD)⁷⁵, centristas franceses, uma fração do Partido Trabalhista Inglês.

123. Para manter as aparências marxistas, estipulam-se condições, que é preciso *assinar* (!!). Os Kautsky, Hilferding, Thomas e outros são postos na rua. Mas a grande massa, os elementos duvidosos, é admitida e todos os meios são bons para fazer com que adira. E para dar total satisfação aos centristas, os “esquerdistas” não são admitidos se não concordam em passar para o centro! *Os melhores elementos revolucionários, como os militantes do KAPD, são assim mantidos de fora!*

124. E, quando se conseguiu unificar a grande massa em torno de uma linha mediana, todos se põem em marcha sob uma disciplina de ferro, dirigidos por homens que foram provados desta forma tão peculiar. Para onde? — direto ao abismo.

125. Para que servem os grandiosos princípios, as brilhantes teses da III Internacional se, na prática, é necessário ser oportunista? A II Internacional também tinha os mais belos princípios, mas naufragou neste tipo de prática.

126. Nós, da Esquerda, não queremos isto. Queremos, inicialmente, formar na Europa Ocidental, exatamente como outrora fizeram os bolcheviques na Rússia, núcleos muito sólidos, conscientes, e rigorosos (mesmo que devam ser pequenos no começo). Depois que

⁷⁴ O seguinte exemplo fornece uma ideia da confusão que engendra tal oportunismo: em certos países, além dos sindicatos reformistas, existem organizações sindicalistas revolucionárias que, apesar de ruins, lutam melhor que as primeiras. As teses de Moscou exigem a fusão destas últimas com as grandes organizações reformistas. Obrigam, assim, por exemplo, na Holanda, os comunistas a serem “fura-greves”. E mais: a AAU é condenada porque defende a cisão. Mas o que faz a III Internacional? Constrói uma nova Internacional sindical! (NA).*

* = Gorter se refere à Internacional Sindical Vermelha (Profintern) constituída em 1921 e dissolvida em fins de 1937, para agrupar os sindicatos revolucionários dos diversos países que aceitavam a política da III Internacional (Comintern). (NT)

⁷⁵ Fundado em abril de 1917, a partir do agrupamento de várias seções do SPD que haviam se separado autonomamente. O USPD contestou a política guerreira do SPD, mas continuou fiel às concepções clássicas da social-democracia. Em outubro de 1920 deliberou em congresso, por maioria, aderir à III Internacional e em dezembro daquele ano a ala esquerda, majoritária, decidiu fundir-se com o PC Alemão (KPD) formando o PC Unificado da Alemanha (VKPD). Em 1922 a ala direita, minoritária, retornou ao SPD. (NT)

estiverem formados, tentaremos aumentá-los. Mas sempre num terreno cada vez mais sólido, rigoroso, cada vez mais “puro”. Só assim poderemos vencer na Europa Ocidental. Por isso recusamos totalmente a sua tática, camarada.

127. Você afirmacamarada, que nós, membros da Comissão de Amsterdã, esquecemos ou não aprendemos as lições das revoluções anteriores. Ora, camarada! Eu me lembro muito bem de um traço característico das revoluções passadas: os partidos de “extrema-esquerda” sempre desempenharam um papel de primeiro plano. Foi assim na revolução holandesa contra a Espanha, na revolução inglesa, na revolução francesa, na Comuna de Paris e nas duas revoluções russas.

128. Ora, a revolução na Europa Ocidental conta com duas tendências, cada uma correspondendo a graus diferentes de desenvolvimento do movimento operário: a esquerdista e a oportunista. Elas só podem chegar a uma boa tática, à unidade, enfrentando-se mutuamente. Mas a corrente esquerdista é de longe a melhor, apesar de excessos em certos detalhes, talvez. E você, camarada Lênin, apoia a corrente oportunista!

129. E isto não é tudo! O Executivo de Moscou, os dirigentes russos de uma revolução que só venceu porque teve o apoio de um exército de milhões de camponeses pobres, querem impor sua tática ao proletariado da Europa Ocidental que está só e deve aguentar-se só. E, para atingir este objetivo, destroem, como você, a melhor corrente da Europa Ocidental!

130. Que besteira incrível, e, sobretudo, que dialética tão peculiar!

131. Quando a revolução explodir no Ocidente da Europa, você verá a desagradável surpresa resultante desta tática! Mas o proletariado é que será a vítima.

132. Você, camarada, e o Executivo de Moscou, sabem que os sindicatos representam forças contrarrevolucionárias. É o que se deduz claramente das suas teses. Apesar disso você quer conservá-los. Você também sabe que a União Operária, ou seja, as organizações de fábrica, o *Rank and File Movement* são organizações revolucionárias. Você mesmo afirma em suas teses que as organizações de fábrica devem ser nosso objetivo. Apesar disso você quer esmagá-las. Você quer esmagar as organizações nas quais os operários, cada operário, e, em consequência, a massa, podem adquirir força e poder, e quer conservar aquelas onde a massa é um instrumento morto na mão dos dirigentes. Assim, você quer controlar os sindicatos colocando-os nas mãos da III Internacional.

133. E Por que você adota esta tática ruim? Porque você quer antes de tudo agrupar as massas em torno de você, seja qual for o seu nível. Pois, na sua avaliação, basta que as massas estejam enquadradas numa disciplina firme e centralizada (de uma forma comunista, meio comunista, ou nada comunista), que vocês, os dirigentes, conseguirão a vitória.

134. Em uma palavra: porque você aplica uma política de dirigente.

135. Sem dirigentes e sem centralização não se chega a lugar algum (e também sem partido). Porém, quando se fala de política de dirigente, se entende como a política que consiste em reunir as massas sem consultá-las sobre suas convicções e seus sentimentos, e que supõe que a vitória é dos dirigentes desde que tenham conseguido ganhar as massas.

136. Mas esta política, defendida hoje por você e pelo Executivo em relação à questão sindical, não terá sucesso na Europa Ocidental. Porque ali o capitalismo é, no momento atual, muito mais forte, e o proletariado pode contar apenas com suas próprias forças. A sua política fracassará como a da II Internacional.

137. Aqui, os operários devem se tornar fortes por eles mesmos e só depois por seus dirigentes. Aqui, o mal, a política de dirigente, deve ser destruído pela raiz.

138. A tática que você e o Executivo adotaram na questão sindical, demonstra com extrema nitidez seguinte: *se vocês não mudarem de tática, não poderão dirigir a revolução na Europa Ocidental.*

139. Você afirma que a “esquerda” se perde no palavrório quando pretende aplicar a sua própria tática. Ora, camarada, a “esquerda” teve muito pouca, ou não teve, oportunidade de agir em outros países. Mas olhe somente para a Alemanha, considere a tática e o trabalho do

KAPD durante o golpe de Kapp e em relação à revolução russa e você será obrigado a retirar o que disse.

III - O parlamentarismo

140. Resta ainda defender a Esquerda de seus ataques na questão do parlamentarismo.⁷⁶ Também neste tema a linha da esquerda se baseia nas mesmas considerações de ordem teórica que a orientam na questão sindical: isolamento do proletariado, enorme poderio do inimigo, necessidade da massa educar-se à altura de sua tarefa e de poderem contar apenas consigo mesma, etc. Desnecessário, pois, expor novamente todas estas razões.

141. Contudo, existem neste tema alguns pontos que a questão sindical não levantava.

142. Primeiro: os operários, e, em geral, as massas trabalhadoras da Europa Ocidental estão totalmente submetidos ideologicamente às ideias, à cultura burguesas e, por meio destas, ao sistema burguês de representação, ao parlamento e à democracia burguesa em nível muito maior do que na Europa Oriental. Entre nós, a ideologia burguesa tomou conta de toda a vida social e, em consequência, da política em seu conjunto, penetrando profundamente na subjetividade dos operários. É neste quadro que foram criados e educados há séculos. Os operários estão inundados pelas concepções burguesas.

143. O camarada Pannekoek descreveu excelentemente esta situação na revista *Kommunismus*, de Viena:

144. A experiência alemã nos coloca frente ao grande problema da revolução na Europa Ocidental. Nestes países, o modo de produção burguês e a sua cultura secular altamente desenvolvida marcaram profundamente a maneira de sentir e de pensar das massas populares. Por isto as características subjetivas destas massas são completamente diferentes nos países orientais, que nunca conheceram a dominação burguesa. Nisto reside em primeiro lugar a diferença que o processo revolucionário tomou a leste e a oeste da Europa. Na Inglaterra, França, Holanda, Escandinávia, Itália, Alemanha, uma forte burguesia florescia desde a Idade Média na base de uma produção pequeno-burguesa e capitalista primitiva. Após a derrocada do feudalismo, desenvolveu-se igualmente no campo uma classe forte e independente de camponeses, que se tornou senhora de sua própria pequena economia. Nesta base desenvolveu-se a vida espiritual burguesa numa sólida cultura nacional, sobretudo nos países marítimos como França e Inglaterra, as primeiras a conhecer um desenvolvimento capitalista. Sujeitando o conjunto da economia à sua direção, vinculando mesmo os rincões mais distantes à esfera de sua economia mundial, o capitalismo durante o século XIX, elevou o nível da cultura nacional, refinou-a, e com a ajuda de seus meios de propaganda - imprensa, escola e igreja - forjou com base neste modelo o cérebro popular, tanto no que se refere às massas proletarizadas atraídas para a cidade como em relação às que ficaram no campo. Assim foi não somente nos países de origem do capitalismo mas também, sob formas um pouco diferentes, na América e Austrália, onde os europeus fundaram novos Estados, e nos países da Europa Central - Alemanha, Austria, Itália - onde o novo desenvolvimento capitalista pode se introduzir em uma economia de pequenos camponeses estancada até então e na cultura pequeno-burguesa. Quando penetrou na Europa do Leste, o capitalismo encontrou uma situação e tradições muito diferentes. Na Rússia, Polônia, Hungria e no oriente da Alemanha não se encontra nenhuma burguesia poderosa que dominasse por um longo período a vida espiritual, que estava determinada pelas relações de produção agrárias, ainda primitivas, grande propriedade da terra, feudalismo patriarcal e comunidade de aldeia. (PANNEKOEK, 2005, p. 232-233)

145. Frente ao problema ideológico, o camarada Pannekoek soube melhor que qualquer outro, esclarecer o que distingue a Europa Ocidental da Oriental e encontrou a chave da tática a ser seguida pelos revolucionários europeus ocidentais. Basta ligar estas considerações com as causas materiais da força de nosso inimigo, ou seja, o capital financeiro, então o conjunto da tática torna-se claro.

146. Mas é possível ir mais fundo no problema ideológico. Liberdade burguesa, soberania do parlamento, na Europa Ocidental foram conquistadas por meio de duras lutas de nossos antepassados, as gerações anteriores. Conquistas realizadas pelo povo mas em proveito da burguesia, dos possuidores. A memória dessas lutas emancipadoras, convertida em tradição,

⁷⁶No começo pensei que se tratava de uma questão secundária. A atitude oportunista da Liga Spartacus quando do golpe de Kapp e o seu texto oportunista também nesta questão, me convenceram tratar-se de uma importante questão. (NA)

está profundamente enraizada no coração do povo. De fato, uma revolução é a lembrança mais profunda de um povo. A idéia de que estar representado no parlamento foi uma vitória é, sem que se perceba, um formidável calmante. Assim é nos países de burguesia mais antiga: Inglaterra, Holanda, França. De modo semelhante, embora em menor escala, na Alemanha, Bélgica e nos países escandinavos. É difícil imaginar na Europa Oriental o quanto essa idéia continua poderosa no Ocidente.

147. Além do mais, o próprio proletariado teve de lutar, muitas vezes por longo tempo, para obter o direito de voto, direto ou indireto. Essa foi também uma significativa vitória em seu tempo. A idéia, a percepção de que é uma vitória e um progresso ter representantes no parlamento burguês e enviar deputados encarregados de defender os seus interesses, é generalizada. Essa ideologia também exerce uma influência formidável.

148. Finalmente, o reformismo produziu o efeito de deixar o proletariado na Europa Ocidental sob o domínio dos parlamentares, que o levaram à guerra, a se aliar com o capitalismo. Essa influência do reformismo também é colossal.

149. Como consequência, os proletários se submeteram ao parlamento e a atuação em seus locais cessou. Eles mesmos deixaram de agir.⁷⁷

150. Chega a revolução. Agora, os trabalhadores devem fazer tudo sozinhos. Lutando sozinho, como classe, deve combater o inimigo formidável; continuar a luta mais terrível que o mundo já conheceu. Nenhuma tática de dirigente pode tirá-los de seus apuros. Todas as classes se levantam contra eles, pois nenhuma está a seu lado. Pelo contrário, depender de dirigentes ou de outras classes representadas no parlamento, os colocará em grande perigo de retornar à sua fraqueza anterior: deixar que os líderes atuem em seu lugar, confiar no parlamento, retornar à velha quimera segundo a qual outros podem fazer a revolução por eles, alimentar ilusões, ficar no círculo fechado das ideias burguesas.

151. Este comportamento das massas em relação aos dirigentes também foi descrito de modo exato pelo camarada Pannekoek:

152. O parlamentarismo é a forma típica da luta mediada por dirigentes, em que as massas desempenham um papel secundário. Sua prática consiste em deixar a direção efetiva da luta nas mãos de personalidades separadas, os deputados, e estes por sua vez devem manter as massas na ilusão de que outros podem lutar a luta por elas. Antigamente se acreditava que os deputados eram capazes de conseguir, pela via parlamentar, reformas importantes em favor do proletariado, tal ilusão chegava ao ponto de imaginar que os parlamentares poderiam realizar a revolução socialista por meio de medidas legislativas. Hoje, quando o parlamentarismo sofreu abalos, argumenta-se que a tribuna parlamentar pode ser um importante espaço para a propaganda comunista. Em ambos os casos a importância decisiva é atribuída aos dirigentes e escusado será dizer que o cuidado na definição da política a seguir é deixada aos especialistas, disfarçadas de discussões democráticas e resoluções de congresso. Mas a história da social-democracia é uma série ininterrupta de tentativas frustradas para permitir que os próprios militantes definam a política do partido. Enquanto o proletariado lutar pela via do parlamento e não construir os órgãos de sua própria ação e, portanto, a revolução não esteja na agenda, isso é inevitável. Pelo contrário, a partir do momento que as massas sejam capazes de intervir, agir e, portanto, decidir por si mesma, os danos causados pelo parlamento assumem um caráter de gravidade sem precedentes. O problema da tática consiste em encontrar os meios de extirpar das massas proletárias a mentalidade burguesa que as paralisa. Tudo o que fortalece as concepções tradicionais é nocivo. O aspecto mais persistente e solidamente estabelecido desta mentalidade reside nesta aceitação da dependência em relação aos dirigentes, que faz com que as massas deixem com os dirigentes o poder de decidir a direção de seus interesses de classe. O parlamentarismo tem por efeito inevitável paralisar a atividade das massas, necessária à revolução. De nada adianta e nada muda com belos discursos e apelos inflamados à ação revolucionária: esta nasce da dura e árdua necessidade, quando não há outra saída. A revolução exige ainda algo mais do que a ofensiva das massas, capaz de derrubar o regime vigente fruto das necessidades profundas das massas. Exige que o proletariado assuma os grandes problemas da reconstrução social, tome decisões difíceis, participe como um todo no movimento criador. Para tanto é necessário que a vanguarda e, em seguida, as massas cada vez mais amplas tomem as coisas em suas mãos, se considerem responsáveis, se dediquem a tentar, a fazer propaganda, a combater, experimentar, refletir, considerar para depois se atrever e chegar até o final. Mas tudo isso é duro e penoso. Por isso, enquanto o proletariado tiver a impressão de que existe um

⁷⁷Esta grande influência, toda esta ideologia típica da Europa Ocidental, dos EUA e das colônias inglesas, não é compreendida na Europa Oriental, Turquia e nos Balcãs (para não falar da Ásia e do resto).(NA)

caminhomais fácil - em que outros atuem no seu lugar, lancem consignas do alto de uma tribuna, tomem decisões, deem o sinal para a ação, façam leis - ele vacilará, permanecerá passivo e prisioneiro dos velhos hábitos de pensamento e das velhas debilidades. (PANNEKOEK, 2005, p. 240-242)

153. É preciso repetir mil vezes e, se necessário, milhares e milhões de vezes, e quem não entendeu e não aprendeu esta lição à luz da história depois de novembro de 1918, é um cego (mesmo que seja você, camarada): o proletariado da Europa Ocidental deve antes de tudo agir por si mesmo, não por meio de dirigentes, não somente no terreno sindical, mas também no terreno político, porque ele está só, e nenhuma tática de dirigente, por mais astuta que seja, poderá tirá-lo de suas dificuldades. A força motriz, o enorme impulso, tem de vir dele mesmo. É na Europa Ocidental, mais do que na Rússia, que, pela primeira vez, a emancipação do proletariado será obra dos próprios proletários. Por isso que os camaradas da Esquerda têm razão quando dizem aos trabalhadores alemães: camaradas não participem das eleições! Boicotem o parlamento! Em política, contem apenas com vocês mesmos. Não conseguireis a vitória enquanto não tiverem consciência desta verdade e atuarem de acordo com ela. Vocês apenas serão capazes de vencer se atuarem assim durante dois, cinco, dez anos, até que se habituem homem por homem, grupo por grupo, de cidade em cidade, de província em província e, finalmente, em todo o país. Enquanto partido, união, comitês de fábrica, massa, classe. Até o dia em que, pela prática continuamente renovada, por meio de uma série de lutas e derrotas, conquistéis a maioria e, depois de ter passado por esta árdua escola, possam finalmente se levantar como uma massa compacta.

154. Porém, estes camaradas, os esquerdistas, o KAPD, teriam cometido um grave erro se tivessem se limitado a defender esta linha apenas verbalmente, pela propaganda. Na questão política, a luta e o exemplo tem ainda mais importância do que na questão sindical.

155. Por tal motivo, os camaradas do KAPD estavam corretos e obedeciam a uma necessidade histórica quando decidiram romper com a Liga Spártacus, mais precisamente com seu núcleo dirigente, quando este tentou impedir que realizassem sua propaganda, pois era extremamente necessário fornecer um exemplo tanto para o povo alemão quanto para o proletariado europeu ocidental. Neste quadro de um povo de escravos políticos e no mundo de submissos da Europa Ocidental era necessário que surgisse um grupo que servisse de exemplo, de militantes livres, sem dirigentes, isto é, sem dirigentes à moda antiga. Sem deputados no parlamento.

156. E isto, diga-se mais uma vez, não por que seja bonito, bom ou heroico, mas porque o povo trabalhador da Europa Ocidental está só nesta terrível luta, porque não pode contar com a ajuda de nenhuma outra classe, porque a habilidade dos dirigentes não lhes serve para nada. O que lhes serve é a vontade e a decisão das massas em bloco, homens e mulheres.

157. A tática oposta a essa, a participação no parlamento, que só pode ser prejudicial para a continuação deste grande objetivo, oferece apenas uma pequena vantagem (propaganda do alto da tribuna parlamentar). A Esquerda rejeita o parlamentarismo, em nome de um propósito maior.

158. Você argumenta que o camarada Liebknecht, se fosse vivo, saberia usar admiravelmente o parlamento. É o que nós negamos. Ele se veria politicamente amordaçado no momento em que todos os partidos da grande e pequena burguesia formassem um bloco contra nós. E, nessas condições, ele não ganharia as massas melhor do que se estivesse fora do Reichstag. Pelo contrário, grande parte das massas se referenciaria nele, em seus discursos, e a partir desse momento, sua presença lá seria nociva.⁷⁸

159. Obviamente que os “esquerdistas” deverão atuar nesse sentido por anos e anos, e as pessoas que, por qualquer razão, pensam apenas em termos de êxitos imediatos, grandes batalhões, recorde de adesões e vitórias eleitorais, grandes partidos e Internacional

⁷⁸O exemplo do camarada Liebknecht prova exatamente a correção de nossa tática. Antes da revolução, quando o imperialismo estava no auge de seu poder e se reprimia toda agitação em virtude da lei marcial, seus protestos no Parlamento lhe valeram uma grande influência. Durante a revolução essa influência desapareceu. Logo que os operários tomarem seus destinos nas próprias mãos, devemos abandonar o parlamentarismo. (NA)

poderosa(mas de fachada!) devem esperar outra coisa. Mas estarão satisfeitos com essa tática aqueles que compreenderem que a revolução vai triunfar na Alemanha e na Europa Ocidental somente se um grande número, a massa dos trabalhadores, contarem apenas consigo mesmos.

160. É a única boa para a Alemanha e Europa Ocidental, em especial boa para a Inglaterra.

161. Camarada, você conhece a Inglaterra com seu individualismo burguês, suas liberdades burguesas, sua democracia parlamentar, moldadas ao longo de seis ou sete séculos? conhece realmente este estado de coisas, infinitamente diferente do que existe em seu país? sabe até que ponto essas idéias estão enraizadas em todos, inclusive proletários, na Inglaterra e nas colônias inglesas? conhece esse corpo de idéias elevadas ao absoluto e que é objeto de aceitação geral tanto na vida pública quanto na vida privada? Parece-me que não se tem idéia do que isso significa na Rússia ou na Europa do Leste. Se você estivesse consciente, não deixaria de aplaudir os operários ingleses que romperam categoricamente com esse produto excepcional do capitalismo, sem equivalente no mundo inteiro.

162. Para alcançar este objetivo de modo perfeitamente consciente, deve-se estar animado por uma subjetividade tão revolucionária como a dos homens que foram os primeiros a ter coragem de romper com o tzarismo. A Revolução Inglesa já se perfila para romper com a democracia burguesa como um todo.

163. Ruptura que deverá se consumir com o máximo de energia, como deveres em um país tão orgulhoso de sua história, tradições e de um poder formidável. O proletariado Inglês é dotado de uma força prodigiosa (potencialmente é o mais poderoso do mundo); mesmo que a revolução ainda não esteja a ponto de eclodir em seu país, quando se levanta contra a burguesia mais poderosa do mundo o faz com toda sua força, e de um só golpe, apenas um, rejeita toda a democracia inglesa.

164. É o que fez a sua vanguarda, a Esquerda, assim como o KAPD, a vanguarda alemã. E por que fez isso? Porque sabe que pode contar apenas consigo mesmo, com nenhuma outra classe de todo o país, e que na Inglaterra é principalmente ao próprio proletariado, e não a dirigentes, lutar e vencer.⁷⁹

165. O proletariado inglês manifesta nesta vanguarda o modo como quer lutar: sozinho e contra todas as classes da Inglaterra e suas colônias. Isso não poderia deixar de chegar, camarada, e finalmente chegou. Esse orgulho eousadia, frutos do maior dos capitalismos. Agora, finalmente, chegou, e de uma só vez.

166. Foi uma jornada histórica, camarada, naquele dia de junho, quando se fundou em Londres o primeiro partido comunista e que este rejeitou uma constituição e uma estrutura de Estado de sete séculos! gostaria que Marx e Engels estivessem lá. Que imensa alegria teriam sentido, tenho certeza disso, se tivessem podido assistir a esses operários ingleses rejeitar - mesmo que ainda só em teoria - o Estado inglês que serviu de modelo e exemplo para todos os Estados burgueses do mundo, que por séculos é o coração e bastião do capitalismo mundial, que reina sobre um terço da humanidade, se pudessem vê-los rejeitar este Estado e seu parlamento!

167. Essa tática é muito mais justificada na Inglaterra porque sabemos que o capitalismo britânico apoia o capitalismo em todos os outros países e certamente não hesitará em trazer tropas do mundo inteiro para reprimir o proletariado, tanto dentro como fora do país. Assim, a luta do proletariado inglês é uma luta contra o capitalismo mundial. Mais uma razão para que o comunismo inglês forneça o exemplo mais perfeito e nítido, trave um combate exemplar para o proletariado mundial e o fortaleça assim com o seu exemplo. Assim, torna-se necessário sempre e em toda parte que exista um grupo que vá até as últimas consequências. Esses grupos são o sal da terra.

168. Agora, após ter justificado o antiparlamentarismo, passo a examinar seus argumentos em favor do parlamentarismo. Você o defende (da página 36 a 68), na Inglaterra e na Alemanha. Mas sua argumentação refere-se apenas a Rússia (e, na melhor das hipóteses, a

⁷⁹Certamente não existe na Inglaterra camponeses pobres propensos a apoiar o capitalismo. Por outro lado, existem camadas médias muito maiores e ainda mais ligadas ao sistema. (NA)

alguns países do Leste Europeu), mas nada para a Europa Ocidental. E é aí, como já sublinhei, que você se equivoca. Assim, de dirigente marxista você se converte em dirigente oportunista, e de dirigente da esquerda marxista na Rússia e, provavelmente, de alguns países da Europa Oriental, você cai no oportunismo quando se trata da Europa Ocidental. Sua tática, se for adotada, levaria o Ocidente à derrota. É o que vou provar refutando seus argumentos detalhadamente.⁸⁰

169. Camarada, enquanto lia sua argumentação da página 36 à 68,⁸¹ uma lembrança me veio à mente constantemente. Lembrei-me de um congresso do partido social-patriota holandês, ouvindo um discurso de Troelstra.⁸² Quando ele descrevia para os operários as grandes vantagens do reformismo. Ele falou dos operários que ainda não eram Social-democratas e precisávamos atraí-los por meio de compromissos. Explanava sobre as alianças a serem feitas (todas provisórias, é claro) com os partidos desses operários, sobre as "divisões" entre os partidos burgueses que deveríamos aproveitar. E você usa mais ou menos, não, exatamente a mesma linguagem, camarada Lênin, quando se trata de nós europeus ocidentais!

170. Me lembro quando nós, os camaradas marxistas, estávamos sentados no fundo da sala, um pequeno grupo de quatro ou cinco. Henriette Roland-Holst,⁸³ Pannekoek, e mais alguns. Assim como você, Troelstra era cativante, persuasivo. Lembro também como, em meio à explosão de aplausos, às brilhantes frases a favor do reformismo e aos insultos dirigidos aos marxistas, os operários sentados na sala se viravam para olhar aqueles "idiotas", "burros" e "loucos infantis" como fomos denominados por Troelstra, mais ou menos como você faz. Provavelmente foi assim que aconteceram as coisas no Congresso da Internacional em Moscou, durante o seu discurso contra os marxistas "esquerdistas". E como você, camarada, exatamente como você, Troelstra foi tão convincente, tão lógico, em seu método, que às vezes cheguei a pensar que ele tinha razão.

171. Muitas vezes tive que tomar a palavra pela oposição (nos anos anteriores a 1909, data de nossa expulsão). Mas você sabe qual era o meio infalível que eu empregava toda vez que, ouvindo um ou outro, começava a duvidar de mim? Eu pensava em um trecho do programa de nosso partido: **Sempre atue, em palavras e ações, de modo a despertar e reforçar a consciência de classe do proletariado.** E perguntava-me então: o que este homem diz fortalecerá a consciência de classe do proletariado? E, sempre, percebia que não e, portanto, era ele quem estava equivocado.

172. Aconteceu o mesmo com a leitura de sua brochura. Prestei atenção aos seus argumentos oportunistas em favor da cooperação com os partidos não-comunistas, a favor do compromisso com os partidos burgueses. Fui seduzido. Tudo parecia tão brilhante, tão claro, tão perfeito! E tão lógico em seu método! Mas então, como de costume, me questionei com uma pergunta que me veio à mente ultimamente, para lutar contra os oportunistas do comunismo. Esta pergunta é: sim ou não, o que o camarada está dizendo agora serve para estimular o desejo de ação das massas, sua vontade de revolução, da revolução na Europa

⁸⁰O perigo do oportunismo está ainda mais vivo na Inglaterra que em outros lugares. Assim, parece que nossa camarada Sylvia Pankhurst, que foi uma ótima militante do comunismo de esquerda, por temperamento, instinto, experiência, mas talvez nem tanto por um estudo aprofundado, tenha mudado de opinião. Deixou o antiparlamentarismo e, desse modo, um aspecto fundamental da sua luta contra o oportunismo. Toma assim o caminho que antes dela percorreram milhares de dirigentes operários ingleses: o da submissão ao oportunismo com todas as suas consequências e, no fundo, à burguesia. Nada de surpreendente nisso. Mas que tenha sido você, camarada Lênin, que a levou a ele, que a convenceu, a única dirigente intrépida e consequente da Inglaterra, isto foi um duro golpe para a revolução russa e mundial. (NA)

⁸¹Consultar o tópico "Nenhum compromisso?" (p. 59-64) deste dossiê (NT).

⁸²Redator-chefe do jornal diário do Partido Operário Social-Democrata da Holanda (SDAP), deputado e líder da bancada no parlamento. (NT)

⁸³Henriette Roland Holst (1869-1952) alcançou reputação internacional por suas atividades em uma reunião secreta realizada em setembro 1915 na aldeia suíça de Zimmerwald. Entre os 40 participantes da conferência encontravam-se Lenin e Trotsky. A conferência de Zimmerwald foi convocada para combater a guerra e afirmar o internacionalismo do movimento operário. (NT)

Ocidental? E tanto com a mente quanto com o coração, respondi imediatamente: não! Ao mesmo tempo, soube que você, camarada Lênin, na medida em que se pode ter certeza de uma coisa, que você estava equivocado.

173. Recomendo aos camaradas da Esquerda este método. Camaradas, não deixem de fazer esta pergunta, quando, no curso das duras lutas que terão pela frente em todos os países contra os comunistas oportunistas (aqui na Holanda a batalha causa estragos a três anos), perguntem a si mesmos se querem saber se estão com a razão e porque.

174. Em sua luta contra nós, você, camarada, utiliza apenas três argumentos, repetidos incessantemente em seu texto, isoladamente ou combinados uns com os outros. Ei-los:

175. 1º) Utilidade da propaganda no parlamento para conquistar os operários e elementos da pequena burguesia.

176. 2º) Utilidade da ação no parlamento para explorar as “divisões” entre partidos e realizar acordos com alguns deles.

177. 3º) Exemplo da Rússia, onde a propaganda e os acordos deram excelentes resultados.

178. Você não tem outros argumentos. Agora vou respondê-los pela ordem.

179. Começemos pelo primeiro, a propaganda no parlamento. Argumento sem grande valor. Para os trabalhadores não-comunistas, ou seja, os social-democratas, cristãos e outros que pensam em termos burgueses, em geral, não tomam conhecimento, por meio de seus jornais, de nenhuma palavra das nossas intervenções no parlamento. E quando tomam, aquela imprensa as desfigura completamente. Não chegamos a eles por meio desse discursos e sim por meio de reuniões públicas, nossos próprios panfletos e jornais.

180. Nós - e me expresso frequentemente em nome do KAPD - pelo contrário, tentamos chegar a eles por meio da ação (em tempos de revolução, que é do se trata aqui). Em todas as cidades e grandes vilarejos eles podem nos ver em ação. Eles enxergam nossas greves, nossos combates de rua, nossos conselhos operários. Ouvem nossas palavras de ordem. Nos veem ir a frente. Essa é a melhor propaganda, a que dá mais resultados. Mas não se faz no parlamento.

181. Portanto, pode-se chegar do mesmo jeito aos operários não-comunistas, aos elementos pequeno-burgueses e aos pequenos agricultores, sem recorrer à ação parlamentar.

182. Torna-se necessário refutar aqui uma passagem em especial do seu texto sobre a “doença infantil”, que mostra claramente o quão longe o oportunismo pode levar, camarada.

183. Você afirma (p. 66-67), que o motivo pelo qual os operários alemães passam em massa para os independentes e não para os comunistas, se deve à atitude de hostilidade dos comunistas em relação ao parlamento. Assim, as massas operárias de Berlim teriam sido quase ganhas para a revolução pela morte de nossos camaradas Liebknecht e Rosa Luxemburgo e pela ação consciente, greves e combates de rua dos comunistas. Faltava apenas um discurso do camarada Levy no Parlamento! Se ele houvesse proferido tal discurso, os operários teriam vindo para o nosso lado e não para o lado equivocado dos Independentes! Não, camarada, não é verdade. Os operários foram para o lado equivocado porque ainda temiam a revolução, a revolução sem ambiguidades. Porque não se passa da escravidão para a liberdade sem hesitação.

184. Atenção, camarada! Veja para onde o oportunismo está te levando!

185. Seu primeiro argumento é inútil.

186. E se considerarmos que a participação no parlamento (durante a revolução na Alemanha, Inglaterra e toda a Europa Ocidental) reforça entre os operários a concepção de que os dirigentes saberão encontrar uma saída, enquanto debilita a outra concepção de que o proletariado deve, ele mesmo, se encarregar de tudo, percebe-se que este argumento além de inútil é prejudicial.

187. Argumento2: utilidade da ação parlamentar (em tempos de revolução) para explorar as divisões entre os partidos políticos e fazer acordos com este ou aquele partido.

188. Para refutar este argumento (particularmente no que se refere à Inglaterra, à Alemanha, e de modo geral, à toda a Europa Ocidental), tenho que me estender de modo mais amplo que no primeiro. È doloroso para mim fazer isto contra você, camarada Lênin. Mas

essa questão do oportunismo revolucionário (em oposição ao oportunismo reformista) é vital para nós, na Europa Ocidental. Literalmente uma questão de vida ou morte. Refutar esse argumento em si mesmo é fácil. Já o fizemos centenas de vezes contra os Troelstra, Henderson, Bernstein, Legien, Renaudel, Vandervelde e outros, ⁸⁴em uma palavra: contra todos os social-patriotas. O próprio Kautsky em pessoa, quando ainda se chamava Kautsky, o refutou. Foi o grande argumento dos reformistas. E nunca imaginamos ter que usá-lo contra você. No entanto, é necessário. Mãos à obra!

189. Valer-se dos “rachas” parlamentares não ajuda muito porque, durante anos e décadas, estes “rachas” são insignificantes. Tanto entre os partidos da grande burguesia, quanto entre eles e os partidos da pequena burguesia. Na Europa Ocidental, na Alemanha, na Inglaterra as coisas se passam assim e não começaram no período revolucionário e sim no tempo da evolução lenta. Há muito tempo que todos os partidos, inclusive os da pequena burguesia e do pequeno campesinato, estão unidos **contra** os operários e suas diferenças sobre questões relativas aos trabalhadores (e, portanto, mais ou menos todas as outras) tornaram-se mínimas, quando não desapareceram completamente.

190. Verdade teórica e verdade prática na Europa Ocidental, na Alemanha e na Inglaterra.

191. Verdade teórica: porque o capital tem-se concentrado formidavelmente nas mãos dos bancos, trustes e monopólios.

192. Porque, na Europa Ocidental, em especial na Inglaterra e na Alemanha, esses bancos, trustes e cartéis integraram quase todo o capital dos diversos ramos da indústria, comércio e transportes, bem como grande parte da agricultura. Por isso, toda a indústria, incluindo as pequenas, todo o comércio, incluindo o pequeno, todas as empresas de transporte, incluídas as pequenas, todas as empresas agrícolas, incluídas as pequenas, estão sob o domínio completo do grande capital. Incorporaram-se a ele.

193. O camarada Lênin argumenta que os pequenos patrões do comércio, dos transportes, da indústria e da agricultura oscilam entre capitalistas e proletários. É falso. Este foi o caso na Rússia e, antigamente, também entre nós. Mas, na Europa Ocidental, na Alemanha, na Inglaterra, estão agora tão estreita e completamente submetidos ao grande capital, que não oscilam mais. Lojistas, pequenos industriais e pequenos comerciantes, todos dependem inteiramente da boa vontade dos trusts, monopólios e bancos que lhes fornecem bens e créditos. Mesmo o pequeno agricultor, por meio de sua cooperativa e das hipotecas, também está submetido.

194. Qual é, então, camarada, a situação social dos membros dessas categorias mais próximas do proletariado? Eles consistem de lojistas, artesãos, pequenos funcionários, empregados e camponeses pobres.

195. Analisemos esta camada na Europa Ocidental. Venha comigo, camarada, não digo em uma loja de departamentos, claramente sob controle das grandes empresas, mas em uma pequena loja de um miserável bairro operário na Europa Ocidental. Olhe ao seu redor. O que salta aos olhos? Quase todas as mercadorias, roupas, alimentos, utensílios, madeira e carvão, etc., São produtos da grande indústria, na maioria das vezes dos trustes. Seja na cidade ou no campo. A partir de agora, grande parte dos pequenos comerciantes são funcionários humildes do grande capital. Em outras palavras, do capital financeiro, uma vez que ele é quem controla as grandes fábricas, os trustes.

196. Repare na oficina de um artesão na cidade ou no campo, pouco importa! As matérias-primas, metais, couro, madeira e outros vem do grande capital, muitas vezes dos monopólios, dos bancos em outras palavras. E mesmo que os fornecedores desses bens ainda sejam pequenos capitalistas, dependem, do grande capital.

⁸⁴Henderson do Partido Trabalhista Inglês; Bernstein da Social-Democracia da Alemanha; Legien da Social-Democracia belga; Renaudel da Social-Democracia francesa; e Vandervelde da Social-Democracia Belga - personagens que permaneceram fiéis ao social-patriotismo e reformismo da II Internacional, chegando a ocupar postos ministeriais sob domínio burguês. (NMT)

197. E quanto aos pequenos funcionários e empregados? Na Europa Ocidental, a maioria deles estão a serviço do grande capital ou, do Estado e dos municípios que vivem em absoluta dependência do grande de capital, ou seja, em última análise, dos bancos. O percentual de empregados e funcionários, mais próximos do proletáriocolocado sob controle direto ou indireto do grande capital é muito elevado na Europa Ocidental, enorme na Inglaterra e na Alemanha, e também nos Estados Unidos e colônias inglesas.

198. Os interesses desses grupos sociais são, portanto, ligados aos interesses do grande capital e, em consequência, também dos bancos.

199. Já falei dos camponeses pobres e vimos que, para o momento, não estão suscetíveis de serem ganhos pelo comunismo, em virtude dos argumentos já apresentados e também pelo fato de que dependem do grande capital para suas vendas, mercadorias e hipotecas. Qual a consequência disso, camarada?

200. Segue-se que a sociedade e o Estado modernos europeu ocidentais (e estadunidenses) formam uma totalidade única, organizada até a menor de suas engrenagens, dominada, dinamizada e regulada em todos os aspectos pelo capital financeiro. Esta sociedade está estruturada de modo capitalista, mas, apesar disso, estruturada. O capital financeiro é o sangue deste corpo social, o irriga inteiramente e alimenta seus diversos setores. Este corpo forma um todo e deve seu poder formidável ao capital, razão pela qual todos os seus componentes continuarão solidários até o seu fim real, prático. Todos, exceto um: o proletariado que cria o sangue, a mais-valia.

201. Em virtude da dependência de todas as outras classes sociais em relação ao capital financeiro, e do enorme poder que ele dispõe, elas são hostis à revolução e o proletariado está só.

202. E como o capital é a força mais flexível e adaptável do mundo, e geralmente consegue centuplicar seu poder graças ao crédito, é ele que mantém e restaura a coesão do capitalismo, da sociedade e do Estado capitalistas, mesmo hoje, depois de uma guerra horrível e de milhares de destruições e em uma situação que nos parece ser a de sua bancarrota.

203. Por isso ele aglutina com mais autoridade do que nunca todas as classes em torno dele, exceto o proletariado, e as transforma em um conjunto compacto orientado contra a classe operária. Este poder, esta flexibilidade para se adaptar, e esta coesão de todas as classes são tão grandes que sobreviverão por muito tempo, mesmo após o início da revolução.

204. Certamente, o capital se enfraqueceu consideravelmente. A crise chega e, com ela, a revolução. Mas nem por isso o capitalismo deixa de permanecer extremamente poderoso. Por dois motivos: a escravidão subjetiva das massas, e o capital financeiro.

205. Portanto, é preciso basear nossa tática nesses dois fatores. Há ainda um terceiro: o grande número de proletários. Devido a este fator, o capital financeiro organizado conseguiu agrupar em torno dele, contra a revolução, todas as classes da sociedade. Na verdade, tais classes são conscientes de que, se pudessem levar os operários (cerca de vinte milhões na Alemanha) a fazer jornadas de trabalho de dez, doze, quatorze horas, seria possível escapar da crise. Para elas, é mais uma razão para formarem uma frente única.

206. Essa é a situação econômica na Europa Ocidental.

207. Na Rússia, o capital financeiro estava longe deste nível de poder. E, conseqüentemente, o nível de coesão entre a burguesia e as camadas médias também era mais baixo. Daí as divisões reais entre as classes. Ao mesmo tempo, o proletariado russo não estava reduzido às suas próprias forças.

208. Estes fatores econômicos exercem um efeito decisivo sobre a política. Por tal motivo as classes dominadas da Europa Ocidental, como escravas submissas que são, votam em seus patrões, nos partidos da grande burguesia e aderem a eles. Este povo humilde não tem, por assim dizer, partidos próprios na Alemanha, na Inglaterra, nem em geral na Europa Ocidental.

209. As coisas já estavam bastante avançadas nesse sentido antes da revolução e antes da guerra. Mas a guerra acentuou esta tendência em grandes proporções em função do surto de chauvinismo e como resultado, principalmente, da gigantesca organização de todas as forças

econômicas sob a forma de trustes. Ea revolução reforçou consideravelmente a tendência à fusão dos partidos da grande burguesia, bem como da capacidade de absorver todos os elementos pequeno-burgueses e pequenos camponeses.

210. A lição da Revolução Russa não se perdeu: agora se sabe em todas as partes o que enfrentar.

211. Na Europa Ocidental, especialmente Alemanha e Inglaterra, os monopólios, bancos e trustes, o imperialismo tanto quanto a guerra ea revolução levaram a que burgueses (grandes e pequenos) e camponeses (grandes e pequenos) formassem um bloco contra o proletariado.⁸⁵ E como a questão do trabalho determina tudo, atuam em acordo nas demais questões.

212. Camarada, devo repetir aqui uma observação anterior (capítulo um) sobre a questão camponesa. Sei muito bem que não é você e sim as mediocridades do nosso partidoque, incapazes de assentar a tática sobre pontos de vista gerais, fundamentam-na sobre visões parciais e direcionam a atenção para segmentos dessas camadas sociais que ainda escapam à dominação do grande capital.

213. Não nego a existência de tais segmentos, mas digo que, na Europa Ocidental, a tendência é de que se integrem no grande capital. E sobre esta verdade geral deve se basear a nossa tática!

214. Também não nego que ainda se possam produzir divisões. Digo simplesmente que a tendência geral é, e continuará a ser por muito tempo ainda, durante a revolução, a de formação de uma coalizão dessas classes. E digo que os operários da Europa Ocidental têm mais interesse em dirigir sua atenção para o aspecto coalizão do que para o aspecto divisão, pois entre nós, é aos operários a quem cabe fazer a revolução, não a seus dirigentes nem a seus deputados no parlamento.

215. Da mesma forma, apesar do que as mediocridades me façam dizer, não afirmo que haja identidade entre os interesses reais dessas camadas médias e os do grande capital. Bem sei que estão oprimidas. O que digo é: mais que antes tais camadas formam uma frente comum com o grande capital porque também elas se veem confrontadas com o perigo da revolução proletária.

216. De fato, o reino do capital lhes fornece certa segurança, lhes oferece a possibilidade, ou pelo menos a esperança, de melhorar a sua situação. Agora se sentem ameaçadas pelo caos e pela revolução, a qual significa nos primeiros tempos um caos ainda maior. Por isso se juntam ao capital para tentar acabar com o caos por todos os meios, aumentar a produção, obrigar os operários a trabalhar mais e aceitar as privações sem reclamar. Aos olhos dessas camadas, a revolução proletária é o fim de toda ordem social, o rebaixamento dos níveis de vida, por mais modestos que sejam. Por isso continuarão com o capital e permanecerão com ele por muito tempo, inclusive durante a revolução.

217. E devo sublinhar mais uma vez que aqui se trata da tática a seguir no início e ao longo da revolução. Não ignoro que, no final da revolução, quando a vitória estiver próxima e o capitalismo abalado em seus alicerces, as tais camadas de que falo virão até nós. Mas devemos estabelecer nossa tática para o início e para o desenvolvimento da revolução, não para o seu final.

218. A muitos anos que a burguesia e todos os partidos burgueses da Europa Ocidental, incluídas as agremiações com efetivos pequeno-burgueses e pequeno-camponeses, não fazem nada a favor do proletariado. Todos se posicionaram contra o movimento operário e a favor do imperialismo e da guerra.

219. A muitos anos não existe nenhum partido na Alemanha, na Inglaterra, na Europa Ocidental, que apóie o proletariado. Todos lhe são hostis e sob todos os pontos de vista.⁸⁶

⁸⁵É verdade que a proletarização aumentou enormemente por causa da guerra. Mas todos, ou quase todos, os que não são proletários se agarram ainda mais ao capitalismo, defendem-no com armas se necessário e combatem o comunismo. (NA)

⁸⁶Falta-me espaço aqui para demonstrar isso detalhadamente. Tratei do assunto em um texto intitulado “As bases do comunismo”. (NA)

220. Aplicação cada vez mais restrita da legislação trabalhista, promulgação de leis contra as greves, aumentos constantes de impostos. Aprovação unânime do imperialismo, do colonialismo e da militarização galopante pelos partidos da grande e pequena burguesias. As diferenças entre liberais e clericais, conservadores e progressistas, e entre burgueses grandes e pequenos.

221. Todo o palavreiro dos social-patriotas sobre as divergências entre os partidos e suas “divisões” não passa de uma miragem, um requentado que você nos serve camarada Lênin, nos países da Europa Ocidental! Vimos bem no que deu em julho/agosto de 1914.

222. Nessa época não estavam todos unidos? A revolução teve como efeito prático uní-los ainda mais. Unidos **contra** a revolução e por isso, no fundo, contra todo o proletariado, pois apenas a revolução é capaz de melhorar o futuro de todos. Todos os partidos unidos **contra** a revolução, unânimes, sem sombra de “divisão”. E como depois da guerra, da crise e da revolução, **todas** as questões concretas sejam sociais ou políticas estão ligadas à questão da revolução, estas classes fazem frente única, em definitivo, sobre todas as questões, colocando-se contra o proletariado da Europa Ocidental em todos os pontos.

223. Em suma, também do ponto de vista prático o trust, o monopólio, o grande banco, o imperialismo, a guerra, a revolução fizeram de todas as classes - burgueses grandes e pequenos e campesinato - uma massa compacta levantada contra o proletariado.⁸⁷

224. Trata-se portanto de uma certeza tanto na prática quanto na teoria. A revolução na Europa Ocidental, especialmente na Inglaterra e na Alemanha, não pode contar com “divisões” de qualquer importância entre tais classes em questão.

225. Devo acrescentar aqui alguma coisa de pessoal. Nas páginas 47 e 48,⁸⁸ você critica o birô de Amsterdam e se vale de uma de suas teses. Entre parênteses, tudo o que você afirma sobre ela é errôneo. Mas você declara também que antes de condenar o parlamentarismo o birô de Amsterdam deveria fazer uma análise das relações de classe e dos partidos políticos de modo a justificar tal condenação. Mil perdões camarada! o birô podia perfeitamente prescindir disso, pois o que sustenta sua tese, a saber, que todos os partidos burgueses dentro do parlamento, e alguns fora, são a muito tempo, e continuam sendo, inimigos do proletariado e que não há divisões entre eles, é coisa provada a muito tempo e em geral admitida pelos marxistas, ao menos na Europa Ocidental. Inútil pois se estender sobre isso.

226. Agora, você sim, que é partidário dos acordos e alianças parlamentares e tenta nos arrastar para o oportunismo, é que deveria se incumbir da tarefa de provar que existem “divisões” importantes entre os partidos burgueses.

227. Você quer levar a acordos na Europa Ocidental. O que Troelstra, Henderson, Scheidemann, Turati, etc.,⁸⁹ não conseguiram alcançar em tempos de desenvolvimento pacífico, você quer realizar em tempos de revolução! Resta provar que é possível. E não com exemplos russos - isto seria muito fácil! - mas, com exemplos da Europa Ocidental. Você cumpriu este dever da forma mais lamentável. Nada surpreendente, pois você apenas se referiu à sua própria experiência, na Rússia, um país muito atrasado, e não a um país moderno na Europa Ocidental.

228. Exceção feita aos exemplos russos (que abordarei adiante), em todo o seu texto - cujo conteúdo é o de tratar de questões de tática - encontrei apenas dois exemplos europeus ocidentais: o golpe de Kapp na Alemanha e o gabinete Lloyd George-Churchill com Asquith a frente da oposição na Inglaterra. Poucos e pobres exemplos, na realidade, quando se trata de

⁸⁷Nós holandeses sabemos disso perfeitamente. Constatamos o desaparecimento destas "divisões" diante de nossos olhos no nosso país. Um pequeno país, sem dúvida, mas uma grande potência imperialista por causa de suas colônias. Entre nós não existem mais partidos democráticos, cristãos ou outros. Mesmo que sejamos apenas holandeses, podemos avaliar isso melhor que um russo que, infelizmente, parece aplicar para a Europa Ocidental critérios válidos para a Rússia. (NA)

⁸⁸Toda paginação mencionada refere-se à versão em que Gorter se baseou, salvo indicação expressa. (NT)

⁸⁹Scheidemann pertencia à ala direita da socialdemocracia alemã e Turati era um socialdemocrata italiano filiado à II Internacional. (NMT)

provar que de fato há “divisões” reais entre partidos burgueses e, em particular, entre partidos socialdemocratas.

229. Caso houvesse necessidade de provar que inexistem divisões importantes entre os partidos burgueses (e também socialdemocratas nesse caso) em tempos de revolução na Europa Ocidental, o Golpe de Kapp forneceria a melhor prova. Os golpistas não castigaram nem assassinaram ou prenderam integrantes dos partidos do centro, democratas e socialdemocratas. E quando estes recuperaram o poder se abstiveram igualmente de prender, castigar ou matar os golpistas. Mas os dois lados perseguiram os comunistas. Como os comunistas ainda eram muito fracos nesse momento, não tiveram necessidade de instaurar **juntos** uma ditadura. Na próxima vez, se os comunistas forem mais fortes, eles organizarão uma ditadura **comum**.

230. Era seu dever, e continua sendo camarada, demonstrar como os comunistas poderiam naquele momento ter se aproveitado de uma “divisão” no parlamento. Em proveito do proletariado obviamente. Cabia a você indicar o que os deputados comunistas no parlamento deveriam dizer para que os proletários conseguissem enxergar tal divisão e dela tirarem proveito. Evidentemente de modo a não fortalecer os partidos burgueses. E você não pode fazer isso porque os tais partidos são unânimes em tempos de revolução. Ora, são destes tempos que se trata. Cabia a você demonstrar que, se aparecessem tais divisões em circunstâncias particulares, valeria mais a pena chamar a atenção dos proletários para elas do que para a tendência geral de se aliarem. Era seu dever e continua sendo camarada, antes de se dirigir a nós, nos fazer enxergar onde estão estas “divisões” na Inglaterra, na Alemanha, na Europa Ocidental.

231. Mas você também não pode fazer isso. Você fala de divergências entre Churchill, Lloyd George e Asquith, que deveriam ser utilizadas pelos trabalhadores. Inacreditável! seria inútil discutir isso com você. Todo mundo sabe que a partir do dia em que o proletariado industrial da Inglaterra adquiriu alguma força, partidos e dirigentes burgueses não pararam de fabricar divergências desse tipo para enganar os trabalhadores, atraí-los para um campo e depois para o outro e assim sucessivamente ao infinito para mantê-los em um estado de fraqueza e dependência. Com este objetivo, acontece até com frequência que um mesmo governo conte entre seus membros com dois adversários “irreconciliáveis”: Lloyd George e Churchill. E eis que o camarada Lênin cai em uma armadilha quase centenária! Tenta convencer os operários ingleses a embasar sua política sobre falsas aparências! Em tempos de revolução! No dia em que os Churchill, Lloyd George e Asquith se unirem contra a revolução, você, camarada, terá enfraquecido o proletariado inglês com uma ilusão. Você tinha o dever, camarada, de esclarecer os fatos com rigor, de modo concreto, com exemplos claros e precisos. Mas de uma ponta a outra de seu último capítulo, você derrama generalidades tão nobres quanto vazias (p. 96, por ex.). Cabia a você levar em conta conflitos e divergências não russas, artificiais, ou secundárias, mas da Europa Ocidental, primordiais e reais. Em nenhum lugar seu texto faz isso. Enquanto você não fornecer estes exemplos, não vamos acreditar em você. Se você fizer isso uma vez, então vamos responder. Enquanto isso diremos que se trata apenas de ilusões, boas apenas para enganar os trabalhadores e fazê-los adotar uma tática falsa. A verdade, camarada, é que você assimila equivocadamente a revolução na Europa Ocidental à Revolução Russa. E por que erroneamente? Porque você se esquece que nos Estados modernos da Europa Ocidental (e América do Norte), existe uma força muito superior às diferentes frações de capitalistas - proprietários de terras, industriais e comerciantes - o capital financeiro. Esta força, que se confunde com o imperialismo, unifica todos os capitalistas e ao mesmo tempo os pequenos burgueses e camponeses.

232. Mas ainda há um ponto a considerar. Você diz “Há divisões entre partidos burgueses e partidos proletários. Devemos nos aproveitar delas”. Sem dúvida, sem dúvida.

233. É preciso reconhecer que essas divergências de pontos de vista entre socialdemocratas e burgueses estavam quase reduzidas a zero durante a guerra e durante a revolução praticamente desapareceram. Feita a ressalva, é certo que houve e poderia acontecer

novamente. Falemos sobre elas, então. Especialmente quando utiliza como pretexto contra Sylvia Pankhurst, um governo “puramente” operário na Inglaterra com os Thomas, Henderson, Clynes entre outros, e, contra o KAPD, do possível governo “puramente” socialista dos Ebert, Scheidemann, Noske, Hilferding, Crispian, Cohn.⁹⁰

234. Que deixássemos sobreviver um governo desse tipo não é impossível. Pode ser necessário, um passo a frente para o movimento. Se fosse esse o caso, de não podemos ir mais longe, então vamos deixá-los sobreviver. O criticaremos sem piedade e, a partir do momento que seja possível, o substituiremos por um governo comunista. Mas não para ajudá-lo no Parlamento e nem nas eleições para que chegue ao poder.

235. Não faremos porque o proletariado da Europa Ocidental está só na revolução. Por esta razão, **tudo**, você entendeu bem, **tudo** aqui depende da sua vontade de agir e de sua clareza **própria**. Ora, sua tática tanto dentro quanto fora do Parlamento, é a de fazer acordos entre os Scheidemann e Henderson, os Crispian e este ou aquele de seus partidários, seja o independente Inglês ou o comunista oportunista da Liga Spartacus ou o BSP (Partido Socialista Inglês). Uma boa tática para semear a confusão na subjetividade dos operários, chamando-os a eleger pessoas que sabem de antemão que não são confiáveis. Nossa tática, pelo contrário, esclarece as consciências denunciando o inimigo por sua verdadeira face. Por este motivo a adotamos e rejeitamos a sua na Europa Ocidental nas atuais circunstâncias, mesmo se a clandestinidade nos obrigasse a perder qualquer representação no parlamento e nos impedir, em função disso, de explorar aí qualquer “divisão” (no parlamento!).

236. Segui-lo neste terreno será, mais uma vez, semear confusão e manter ilusões.

237. Mas então não seria preciso tentar atrair os militantes dos partidos socialdemocratas? Dos Independentes? Do Partido Trabalhista?

238. Pois Bem, nós da “esquerda” queremos ganhar os proletários e elementos pequeno burgueses desses partidos por meio da nossa propaganda, nossas reuniões, nossa imprensa; e principalmente pelo nosso exemplo, nossas palavras de ordem em nosso trabalho nas fábricas. Aqueles que não conquistarmos por estes meios, não vale a pena, e, de qualquer maneira, podem ir para o diabo. Estes partidos socialdemocratas, e outros partidos socialistas, independentes ou trabalhistas da Inglaterra e da Alemanha agrupam proletários com pequenos burgueses. Com o passar do tempo, poderemos ganhar os primeiros, os proletários. Mas apenas um pequeno número dos segundos que, ao contrário dos pequenos camponeses, não tem grande importância econômica. Os poucos que virão para o nosso lado o farão por nossa propaganda, etc. Mas a maioria - e é nela que se apoiam os Noske e quejandos - integram o capitalismo até o fim, e **quanto mais progride a revolução, mais se agruparão em torno dele**.

239. Não aceitar fazer acordos eleitorais com esses partidos significa cortar relações com seus militantes? Combatê-los como inimigos? Absolutamente. Na medida do possível tentamos trabalhar com eles. Em todos os momentos, os chamamos para a ação comum: greves, boicotes, rebeliões, lutas de rua, e, sobretudo, para formar conselhos operários e comitês de fábrica. Nós os procuramos para isso em todos os lugares. Mas não os procuramos, como acontecia antes, no campo parlamentar e sim nas locais de trabalho, nas reuniões e na rua. Nestes lugares é que se pode trabalhar com eles hoje. Nestes lugares nos unimos ao proletariado. Essa é a nova prática que substitui a prática socialdemocrata. A prática comunista.

240. Você pretende, camarada, levar socialdemocratas, independentes e outros ao parlamento e ao governo para mostrar que não passam de empulhadores. Você quer utilizar o parlamento para mostrar que não serve para nada.

⁹⁰Resta saber se entre nós existirá essa etapa dos governos “puramente” operários. Talvez aqui, mais uma vez, você incorra em erro pelo exemplo russo (Kerenski). A seguir demonstrarei que mesmo quando essa etapa se apresenta, como durante as jornadas de março (março de 1920: golpe de Kapp - NEF) na Alemanha, não cabia apoiar esse governo “puramente” socialista. (NA)

241. Cada um com seu método: você usa truques com os proletários. Os incita a que caiam em uma armadilha. Nosso método é ajudá-los a evitar a armadilha. Porque em seu país, isso é possível. Você adota atática dos povos camponeses, nós, a dos povos industriais. Não veja nisso ironia ou sarcasmo. Que tal caminho tenha sido bom em seu país, estou convencido. Apenas veja que você não deve nos impor - seja nas pequenas ou nas grandes questões, dos sindicatos e doparlamentarismo - uma tática boa para a Rússia, mas desastrosa para nós.

242. Ainda tenho que fazer uma observação. Você escreve, e tem defendido muitas vezes, que a revolução na Europa Ocidental não começará **antes** de terem sido suficientemente abaladas, neutralizadas ou ganhas as camadas próximas do proletariado. Se esta tese fosse correta, e como demonstrei que tal não é possível no início da revolução, seria impossível. Mais de uma vez me fizeram tal observação vinda de seu próprio campo, especialmente do camarada Zinoviev. Mas, felizmente, você tem, sobre um assunto de tal gravidade e tão decisivo para a revolução, um ponto de vista falso. O que prova mais uma vez que você julga tudo pela perspectiva da Europa Oriental. Voltarei a isto no último capítulo.

243. Assim, penso ter demonstrado que o seu segundo argumento a favor do parlamentarismo, em grande parte, faz parte da enganação oportunista - e que também deste ponto de vista, o parlamentarismo deve ser substituído por esta outra forma de luta, sem os seus inconvenientes e com maiores vantagens.

244. Porque admito que sua tática possa ter certas vantagens. Um governo dos trabalhadores pode trazer algo de bom, deixar as coisas mais claras. Mesmo em períodos de clandestinidade reconhecemos que sua tática pode ser vantajosa. Mas, da mesma forma como dissemos outrora aos revisionistas e reformistas: “colocamos acima de tudo o desenvolvimento da consciência proletária”, hoje dizemos a você, Lênin e a seus camaradas “direitistas”: **colocamos acima de tudo o desenvolvimento da vontade de ação das massas.** Do mesmo modo que antigamente tudo estava a serviço daquilo, hoje, na Europa Ocidental, tudo tem de estar a serviço disto. E veremos quem tem razão, “os esquerdistas”... ou Lênin! Não tenho dúvidas do resultado. Venceremos contra você e contra os Troelstra, Henderson, Ranudel e Legien.

245. Agora seu terceiro argumento: os exemplos russos. Seu texto está cheio deles e os li com muita atenção quando se referia a eles. Os admirava no passado e ainda hoje. Sempre estive ao seu lado desde 1903. Mesmo quando desconhecia suas intenções, em função do corte das comunicações naquele momento, eu te defendia com os seus próprios argumentos, como por ocasião da paz de Brest-Litovsk.⁹¹ Sua tática certamente foi excelente no que se refere à Rússia e foi por intermédio dela que ali se conquistou a vitória. Mas de que vale na Europa Ocidental? Pouco ou nada a meu ver. Estamos de acordo sobre os soviets e a ditadura do proletariado como instrumentos para a revolução e a construção da nova sociedade. Da mesma forma sua política para as relações exteriores tem sido exemplar aos nossos olhos, pelo menos até agora. Mas tudo isto muda quando se trata da sua tática para a Europa Ocidental. E isto é muito natural.

246. Qual milagre faria que a tática a ser seguida na Europa Ocidental e na Europa Oriental fosse a mesma? A Rússia, país predominante agrícola com um capitalismo industrial moderno de desenvolvimento ainda restrito, de pouco peso em relação ao conjunto da economia nacional e em grande parte de origem estrangeira. Na Europa Ocidental, sobretudo Alemanha e Inglaterra, é exatamente o oposto. No seu país, todas as formas superadas de capital sobrevivendo com base no capital usurário. Entre nós: predomínio quase exclusivo do capital financeiro altamente desenvolvido. Entre vocês: resquícios importantes dos tempos feudais e pré-feudais, inclusive resquícios de épocas tribais e bárbaras. Entre nós, sobretudo Inglaterra e

⁹¹Não se sabe se Gorter, o KAPD e os “esquerdistas” em geral conheceram outra versão - interna ao campo revolucionário, porém não bolchevique - do contexto que envolveu a assinatura da paz de Brest-Litovsk apresentada pelo Partido Socialista Revolucionário de Esquerda (Internacionalistas), escrita em 1918 e condensada na obra *Os Socialistas Revolucionários de Esquerda na Revolução Russa: uma luta mal conhecida*.(Florianópolis: Em Debate, 2012). (NT)

Alemanha: total domínio da forma mais avançada de capitalismo sobre a agricultura, comércio, transportes, indústria. Entre vocês: restos consideráveis de servidão, camponeses pobres, camadas médias rurais decadentes. Entre nós: conexões dos camponeses pobres com a produção, transportes e técnica modernas; camadas médias da cidade e do campo intimamente ligadas ao grande capital. E ainda há entre vocês classes com as quais o proletariado em ascensão pode se aliar. A existência dessas classes, por si só, é um fator favorável. E, obviamente, o mesmo em relação aos partidos políticos. Entre nós, nada disso existe.

247. Eis a razão pela qual entre vocês foi bom fazer acordos, pactos em todas as direções, como você explicou de modo tão empolgante, e até mesmo se valer das contradições entre liberais e proprietários de terras. Entre nós todas essas manobras são impossíveis. Daí a necessidade de uma tática para o Leste e outra para o Oeste da Europa. Nossa tática adapta-se à nossa situação e é tão boa aqui para nós quanto a sua é boa para a Rússia.

248. Encontro exemplos russos citados por você sobretudo nas páginas 16, 19, 35-36 e 64-65. Mas, no caso dos sindicatos na Rússia (p. 45), qualquer que seja o significado deles em seu contexto, são inúteis para a Europa Ocidental onde o proletariado precisa de armas muito mais poderosas. No caso do parlamentarismo, seus exemplos ou se referem a um período não revolucionário (p. 21, 35-36, 64-65) e não se aplicam à situação discutida aqui, ou então são tão diferentes da nossa situação – dado que vocês podiam contar com os partidos de camponeses pobres e de pequenos burgueses -, que são inaplicáveis aqui ⁹² (pág. 16, 49, 50-51, 66-67). Penso que se o seu texto é falso do começo ao fim - e igualmente falsa a tática definida, de acordo com você, pelo Executivo de Moscou - é porque você não conhece bem o suficiente as condições da Europa Ocidental, ou melhor, por que você não tira as conclusões certas do que você sabe delas, e porque você se inclina fortemente a julgar tudo a partir do ponto de vista russo.

249. Mas isso significa - e é necessário repetir aqui com a máxima clareza, porque disso depende o futuro do proletariado da Europa Ocidental e mundial e da revolução em todo o mundo - que **se você persistir nesta tática, nem você nem o Executivo serão capazes de liderar a revolução na Europa Ocidental e, conseqüentemente, a revolução mundial.**

250. Você pergunta: vocês, que querem transformar o mundo, não são nem capazes de formar uma bancada no parlamento? Respondemos: este seu livro demonstra claramente que tentar levá-lo à prática trará por conseqüência imediata conduzir o movimento operário a um beco sem saída, à sua derrocada. Seu livro faz resplandecer perante os olhos do operários da Europa Ocidental uma coisa impossível: fazer acordos com os capitalistas em tempos de revolução. Afirmar, como você faz, que os capitalistas da Europa Ocidental estão divididos em tais momentos, é malabarismo verbal. Seu livro quer fazer acreditar que um acordo com os socialpatriotas e os elementos vacilantes (?) no parlamento pode conter algo de bom, quando na verdade apenas pode resultar em desastre.

251. Seu livro leva o proletariado europeu ocidental de volta ao pântano do qual ele vinha saindo com a maior dificuldade depois de tremendos esforços que durante muito tempo não produziram grandes resultados.

252. Nos leva de volta ao pântano que nos meteram os Scheidemann, Renaudel, Kautsky, Macdonald, Longuet, Vandervelde, Branting, Troelstra e outros. (Para a maior alegria destes e dos capitalistas, se entendem seu significado). **Para o proletariado comunista revolucionário este livro significa o que significou o livro de Bernstein para o proletariado prerrevolucionário. Foi o primeiro de seus livros que não é bom, mas, para a Europa Ocidental, não podia haver coisa pior.**

⁹² Seria muito monótono discutir aqui todos estes exemplos russos. Convido o leitor a relê-los e, assim, poderá constatar a veracidade de tudo o que se afirma. (NA)

253. Quanto a nós, camaradas da “esquerda”, resta formarmos um bloco compacto, retomar tudo pela base, e exercer a crítica mais rigorosa contra todos aqueles que, dentro da III Internacional, se afastam do bom caminho.⁹³

254. Para concluir essa discussão, eu diria que seus três argumentos a favor do parlamentarismo ou tem pouco significado ou são completamente falsos. Neste ponto, tanto quanto no da questão sindical, sua tática é nefasta para o proletariado.

IV – O oportunismo no interior da III Internacional

255. O tema do oportunismo é tão importante que preciso discorrer longamente sobre ele aqui.

256. Camarada, a fundação da III Internacional de forma alguma fez o oportunismo desaparecer do interior de nossas fileiras. Podemos constatar isso agora em todos os partidos comunistas e em todos os países. Ademais, teria sido um milagre e contrário a todas as leis do desenvolvimento que o mal que matou a II Internacional não sobrevivesse na III!

257. Longe disso, do mesmo modo que a existência da II Internacional esteve marcada pelo duelo entre anarquismo e socialdemocracia, a existência da III está pelo duelo entre oportunismo e marxismo revolucionário.

258. Assim, hoje, os comunistas entram no parlamento para se converterem em dirigentes. Se apoiam nos sindicatos e partidos “operários” visando obtentagens eleitorais. O comunismo se encontra a serviço dos partidos ao invés de estarem os partidos a serviço do comunismo. Como a revolução na Europa Ocidental será forçosamente lenta, retornarão os podres acordos parlamentares com socialpatriotas e capitalistas, a liberdade de expressão será novamente reprimida, os bons militantes serão expulsos. Em poucas palavras: será o regresso às práticas da II Internacional.

259. A Esquerda tem o dever de se opor e lutar contra tudo isso do mesmo modo como fez no interior da II Internacional. Nesta tarefa deve ser apoiada por todos os marxistas e revolucionários, mesmo se estes consideram que aquela se equivoca em um ou outro ponto. Pois o oportunismo é o nosso inimigo mais perigoso não somente fora, como você disse (p. 17), mas também **dentro** nossas próprias fileiras.

260. O ressurgir do oportunismo entre nós, pela tangente, com seus efeitos desastrosos sobre a subjetividade e a energia do proletariado, é um perigo mil vezes mais grave que presenciar a Esquerda se lançar em tarefas excessivamente radicais. Mesmo quando ela vai muito longe não deixa de ser revolucionária por isso. E muda de tática quando percebe que não funciona. Mas a direita está destinada a se tornar **cada vez mais oportunista**, a se atolar cada vez mais no lodaçal e desmoralizar cada vez mais aos operários. Não foi a toa que vinte e cinco anos de luta nos infundiram tal entendimento pela experiência. **O oportunismo é a peste do movimento operário, a morte da revolução.** A fonte de todos os males: reformismo, guerra, derrota, fim da revolução na Hungria e na Alemanha. O oportunismo causou nossa perdição. E ei-lo aqui a todo vapor, no interior da III Internacional!

261. Para que longos discursos? Olhe à sua volta camarada! Acima de tudo olhe para você mesmo, desgraçadamente! Olhe para o Executivo! Olhe para todos os países da Europa!

262. Leia o jornal do British Socialist Party, hoje convertido em órgão do Partido Comunista Inglês. Leia dez, vinte números dele e compare as tímidas críticas feitas aos sindicatos, ao Partido Trabalhista e aos deputados trabalhistas com o órgão da Esquerda. Compare a imprensa de uma organização integrante do Partido Trabalhista com a imprensa de uma organização que combate a esse mesmo Partido Trabalhista e constatará que o oportunismo invade em massa a III Internacional. Sempre visando a ter peso no parlamento

⁹³ De minha parte, estou convencido de que nos países em que a revolução não é iminente e onde o proletariado ainda não possui a força para fazê-la, o parlamentarismo continua a ser um recurso possível. Nestas situações são necessários controle e crítica das mais rigorosas. Penso que outros camaradas tem posição diferente a respeito. (NA)

(graças ao apoio dos trabalhadores contrarrevolucionários)... ao estilo da II Internacional! Pense também que os independentes serão prontamente acolhidos no interior da III Internacional, bem como outros partidos centristas igualmente fortes numericamente! Acredite que se você forçar a tais partidos que expulsem os Kautsky, Thomas e quejandos eles não serão substituídos por uma massa enorme de milhares de outros oportunistas? Todas essas medidas de expulsão seriam insuficientes pois os oportunistas afluem em desabalada carreira para solicitar sua filiação.⁹⁴Sobretudo depois da publicação de seu texto.

263. Veja os oportunistas desse partido comunista holandês que outrora era justamente chamado de partido dos bolcheviques da Europa Ocidental, considerando as diferenças de situação. Leia o texto⁹⁵ que comprova até que ponto este partido está corrompido pelo oportunismo ao estilo II Internacional. Após se posicionar a favor da Entente durante e depois da guerra continua fazendo-o agora. Tal partido, de tão brilhantes qualidades até bem pouco tempo, se converteu em um mestre do equívoco e da ambiguidade.

264. Mas olhe para a Alemanha camarada, país onde estourou a revolução! É onde o oportunismo encontra seu terreno preferido! Qual não foi a estupefação de que fomos tomados quando soubemos que você estava de acordo com a posição do KPD durante as jornadas de março! Mas felizmente seu texto nos permite compreender que você não estava a par do curso dos acontecimentos. Com certeza você aprovou a atitude do Comitê Central do KPD de oferecer sua oposição leal aos Ebert, Scheidemann, Hilferding, Crispian; evidentemente você ainda ignorava que, no exato momento em que redigia seu texto, Ebert reunia tropas contra o proletariado, que nesse momento prosseguia a greve geral em numerosas regiões do país e que a imensa maioria das massas comunistas buscavam conduzir a revolução, se não à vitória (talvez ainda impossível de imediato), pelo menos a um patamar mais elevado. Mas enquanto as massas prosseguiam a revolução com greves e com levantamento armado (nunca nada havia sido tão formidável e carregado de esperança que a insurreição do Ruhr e a greve geral), os dirigentes propunham acordos parlamentares.⁹⁶ Isto significava apoiar Ebert contra a revolução do Ruhr. E se existe um exemplo que demonstra até que ponto a utilização do parlamentarismo em tempos de revolução pode ser **execrável**, na Europa Ocidental, é sem dúvida esse. Compreenda camarada: oportunismo parlamentar, compromisso com social-patriotas e independentes, eis coisas que nós não queremos nem ouvir falar, e que você abre as portas!

265. Camarada, neste momento qual é o destino dos comitês de empresa? Você mesmo, o Executivo e a Internacional exortaram aos comunistas para que participassem neles, ao lado todas as outras tendências, para conseguir a direção dos sindicatos. E o que aconteceu? Exatamente o contrário. O Conselho central dos comitês de empresa se converteu mais ou menos em instrumento dos sindicatos. O sindicato é um polvo que afoga todo ser vivo que fique ao seu alcance.

266. Leia e se informe camarada sobre tudo que ocorre na Alemanha e na Europa Ocidental que tenho esperanças que você passará para o nosso lado. Igualmente fico feliz em acreditar que a experiência fará com que a III Internacional adote a nossa tática. Se isso acontece com o oportunismo na Alemanha, o que acontecerá na França e Inglaterra?

267. Compreenda camarada que esse é o tipo de dirigente que não queremos. É a forma de unidade entre massas e dirigentes que não queremos. É o tipo de disciplina de ferro, de obediência cega, de militarização que não queremos.

⁹⁴Uma única jornada (por ocasião do Congresso de Halle) permitiu de uma só vez incorporar 500.000 novos militantes, conduzidos por dirigentes que ainda recentemente você dizia serem piores que os Scheidemann. (NA)

⁹⁵Vide H. Gorter: "O oportunismo no PC Holandês" (1919), em Denis Authier e Jean Barrot: *La Izquierda comunista en Alemania*, p. 286-312. (NEE)

⁹⁶O camarada Pannekoek, que conhece a fundo a Alemanha, havia previsto com clareza: quando os dirigentes da Liga Spartacus tiverem que escolher entre parlamento e revolução, escolherão o parlamento. (ver antologia citada, sobretudo p. 178 e 185). (NA)

268. Permita-me aqui dizer uma palavra ao Comitê Executivo e a Radek em particular. O Comitê Executivo teve a desfaçatez de pressionar o KAPD para que expulse Wolffheim e Laufenberg, ao invés de deixar que o próprio KAPD decida a questão. Depois de admitir o KAPD enchendo-o de ameaças, multiplicou as ofertas a partidos centristas do tipo USPD. Mas nunca pressionou o partido italiano para expulsar os seus socialpatriotas. Nem ao KPD para que expulse o seu Comitê Central que, por sua oferta de oposição leal, foi cúmplice do metralhamento de comunistas no Ruhr. Nem ao Partido Holandês para que expulse Wijnkoop e van Ravensteyn que, durante a guerra, ofereceram barcos para a entente. Isto não significa que pessoalmente eu seja pela expulsão desses camaradas. Não, considero-os bons camaradas cujos graves erros que cometeram foram causados pelas diculdades terríveis inerentes ao desenvolvimento da revolução na Europa Ocidental. Nós também, como todo mundo, ainda cometemos grandes faltas. Além disso, no ponto em que a Internacional se encontra, tais expulsões não adiantariam nada.

269. Digo isto apenas para fornecer um novo exemplo dos estragos que o oportunismo provocou em nossas fileiras. Se o Executivo de Moscou se mostrou tão injusto com o KAPD se deve ao fato de que sua tática mundial o leva a acolher bem os independentes e demais oportunistas e não aos revolucionários autênticos. Enquanto sabia perfeitamente o que esperar, fingiu ignorar que o KAPD rejeitava categoricamente a tática de Wolffheim e Laufenberg unicamente por miseráveis razões oportunistas. Pois, agindo do mesmo modo que os sindicatos e partidos políticos, tal tática aponta para atrair as **massas** a qualquer preço, sejam elas comunistas ou não.

270. Outros dois fatos demonstram claramente para onde vai a Internacional. Primeiro foi a liquidação do Birô de Amsterdam, o **único** grupo de marxistas e teóricos revolucionários da Europa Ocidental que nunca vacilou. Segundo, e ainda pior se é possível, foi o tratamento reservado ao KAPD, o **único** partido da Europa Ocidental que, enquanto organização e totalidade coerente, levou a revolução onde deve ser levada desde o dia de sua fundação até o presente. Enquanto se adulava de todas as formas os partidos centristas da Alemanha, França e Inglaterra - que sempre traíram a revolução - o KAPD, partido verdadeiramente revolucionário, era tratado como inimigo. Inquietantes sintomas camarada.

271. Resumindo: a II Internacional ainda vive - ou revive - entre nós e o oportunismo arrasta o movimento operário para a perdição. E por ser o oportunismo um fator de desastre e tão forte entre nós, mais do que eu jamais houvesse imaginado, que a Esquerda nos é necessária. Ainda que não fosse por outros motivos, a Esquerda nos faria falta para se opor, para servir como contrapeso ao oportunismo.

272. Ah camarada! Se você tivesse seguido na Internacional a tática dos “esquerdistas”, que nada mais é do que a tática “pura” dos bolcheviques na Rússia adaptada às condições da Europa Ocidental (e da América do Norte)!

273. Se a III Internacional tivesse como objetivo, inscrito em seus estatutos, apenas criar e ampliar a organização econômica - sob a forma de organizações de fábrica e uniões operárias (às quais poderiam se somar, se fosse o caso, associações industriais baseadas nas fábricas) - e a organização política em partidos que rejeitassem o parlamentarismo!

274. Desse modo você disporia em todos os países de núcleos, de partidos compactos, absolutamente compactos, realmente capazes de realizar a revolução. Capazes de incorporar as massas progressivamente, não por pressões exteriores, apenas com seu exemplo. E disporia também de organizações econômicas que fariam os sindicatos contrarrevolucionários voarem pelos ares (tanto os oficiais quanto os anarcossindicalistas).

275. Assim você teria barrado o caminho a todo tipo de oportunistas **de um só golpe**. Pois os oportunistas apenas tem algo a dizer nos lugares onde existem possibilidades de, nas sombras, entrar em acordo com a contrarrevolução.

276. Além disso, e isto é o mais importante, você teria colocado as amplas massas do proletariado, enquanto é possível fazê-lo como no momento atual, em condições de atuar como militantes autônomos.

277. Se você Lênin, e vocês Zinoviev, Bukharin e Radek tivessem feito isso, adotado essa tática, com sua autoridade, experiência, energia e inteligência e nos ajudado a corrigir os erros que ainda cometemos e que são inerentes à nossa tática, disporíamos de uma III Internacional perfeitamente compacta por dentro, inabalável frente ao exterior, que, com seu exemplo, incorporaria progressivamente o conjunto do proletariado mundial e lançaria os fundamentos do comunismo.

278. Evidentemente nenhuma tática é infalível. Mas esta pelo menos permitiria enfrentar as derrotas e superá-las mais facilmente, escolher o caminho mais curto e conseguir a vitória mais rápida e mais segura. Mas você não quis isso. Desde o primeiro dia preferiu massas total ou parcialmente sem consciência a militantes conscientes e determinados. Sua tática leva o proletariado a uma longa série de derrotas.

Conclusão

279. Restam algumas coisas a dizer sobre o seu último capítulo “Algumas conclusões”, talvez o capítulo mais importante do seu texto. Eu o reli com paixão, excitado pela ideia da Revolução Russa, mas repetindo a mim mesmo sem parar: “esta tática, tão adequada para a Rússia, não vale nada aqui entre nós. Aqui leva ao desastre.”

280. Naquela parte você nos explica camarada (p. 90 a 102), que em certo estágio do desenvolvimento é necessário atrair as massas aos milhões e dezenas de milhões. Que a propaganda pelo comunismo “puro” - que agrupou e educou a vanguarda - já não é suficiente a partir daquele ponto para a tarefa. Daí em diante trata-se, de acordo com seus métodos oportunistas que combati anteriormente, de tirar proveito das “divisões”, dos elementos pequeno burugueses, etc.

281. Camarada, este capítulo também é completamente falso. Você avalia como russo e não como comunista internacional que conhece o capitalismo real, europeu ocidental. Por mais que este capítulo consiga explicar de modo admirável a sua revolução, torna-se inexato a partir do momento em que se trata do capitalismo da grande indústria, dos trusts e dos monopólios.

282. Demonstrarei agora, começando pelas pequenas coisas.

283. Você assegura (p. 90) que a vanguarda consciente do proletariado está ganha. Isto é falso camarada! Que os tempos da propaganda foram ultrapassados. Incorreto! Que a vanguarda proletária está conquistada ideologicamente (p. 89). Errado! Tais afirmações vão na mesma linha do que Bukharin escreveu (e deriva do mesmo estado de ânimo): “O capitalismo inglês está falido!”. Também em Radek encontrei palavras igualmente delirantes, que contêm mais de astrologia do que de astronomia. Tudo isso está incorreto. Com exceção da Alemanha não existe em nenhuma parte uma vanguarda revolucionária. Nem na Inglaterra, na França, na Bélgica, na Holanda e nem - se estou bem informado - nos países escandinavos. Nestes lugares encontramos apenas pioneiros, que sequer estão de acordo sobre o caminho a seguir.⁹⁷ Defender que “os tempos da propaganda passaram” é se enganar espantosamente. Não camarada, na Europa Ocidental esses tempos estão apenas começando e em parte alguma existem núcleos compactos.

284. Dito isto, precisamos justamente de núcleos duros como o aço e puros como o cristal. Se se pretende construir uma grande organização é por aí que se deve começar. Neste nível não estamos no mesmo estágio que vocês em 1903, e nem até um pouco antes, nos tempos da “Iskra”. Camarada, as circunstâncias e condições, aqui, estão muito mais maduras que nós mesmos. Motivo mais que suficiente para não se deixar levar e começar pelos núcleos!

285. Na Europa Ocidental os PC's da Inglaterra, França, Bélgica, Holanda, Escandinávia, Itália, etc., continuarão pequenos, não por desejo nosso, mas porque é a única maneira de um dia sermos fortes. Tomemos como exemplo a Bélgica. Não há no mundo proletariado tão corrompido pelo reformismo como o proletariado belga (com exceção da Hungria antes da

⁹⁷Veja o caso dos comunistas ingleses, divididos sobre a questão absolutamente fundamental de aderir ou não ao Partido Trabalhista. (NA)

revolução). Se ali o comunismo se transformasse em movimento de massas (com parlamentarismo e tudo mais) assistiríamos se lançar sobre ele, e levá-lo à ruína, todo tipo de abutres, arrivistas e oportunistas. Em todas as outras partes acontece o mesmo.

286. Considerando que o movimento operário entre nós é muito débil e ainda por cima majoritariamente atolado no oportunismo e que o comunismo aqui ainda é praticamente inexistente, devemos instituir pequenos núcleos e lutar com a máxima clareza e o máximo de esclarecimento teórico sobre questões como parlamentarismo, sindicatos e todas as demais.

287. Uma seita! Diz o Comitê Executivo. Seita? Exatamente, se por seita se entende o núcleo de um movimento que almeja conquistar o mundo!

288. Camarada, até a bem pouco tempo o movimento dos bolcheviques era absolutamente minoritário. E porque era e pretendia continuar sendo durante um longo período, permanecia puro. Este foi o único motivo pelo qual se converteu em uma força. É o que queremos fazer.

289. Trata-se de uma questão de suma importância e dela depende o destino da revolução na Europa Ocidental e da Revolução Russa. Seja prudente camarada! você sabe que Napoleão, ao tentar expandir o reinado do capitalismo moderno para toda a Europa, sucumbiu e deu lugar à reação. Justo ele que apareceu em uma época em que não somente havia Idade Média em excesso como, sobretudo, insuficiente capitalismo.

290. Quanto a estes pontos secundários suas afirmações são inexatas. Passo agora ao mais importante do que afirmas: que chegou a hora de atrair as massas aos milhões graças à política que descreves, sem fazer propaganda pelo comunismo “puro”. Camarada, mesmo que você estivesse correto sobre as pequenas coisas, mesmo que os PC’s de nossos países estivessem à altura de sua tarefa, ainda assim você estaria equivocado sobre este ponto capital do início ao fim

291. Você afirma (p. 91-92) que a revolução está madura quando se consegue convencer a vanguarda e quando: 1) todas as forças de classe que nos são hostis estão suficientemente debilitadas por uma luta que as supera; 2) todos os elementos intermediários, inseguros e vacilantes - ou seja a pequena burguesia e a democracia pequeno burguesa por oposição à democracia burguesa - estão suficientemente desmascarados perante o povo e suficientemente esgotados por sua falência prática.

292. Alto lá camarada! Você está falando da Rússia! De fato, ali se deram as condições da revolução no dia em que a classe política se viu na mais profunda desordem e quando perdeu sua energia completamente. Mas nos Estados modernos, onde o capital domina verdadeiramente, as condições serão muito diferentes. Os partidos da grande burguesia, longe de caírem no caos, se unirão contra o comunismo e trarão a democracia pequeno burguesa a reboque. E mesmo que não ocorra assim em termos absolutos, será em geral desse modo e isso basta para determinar a nossa tática.

293. Na Europa Ocidental devemos esperar uma revolução que resultará de um combate dos mais encarniçados de ambos os lados, uma luta organizada e coesa por parte da burguesia (grande e pequena). Prova disso são as formidáveis organizações tanto dos capitalistas quanto dos proletários. Nós também devemos criar formas superiores de organização, com armas mais eficazes e os melhores e mais poderosos meios de luta (e não os mais irrisórios). Não é na Rússia, e sim aqui onde ocorrerá a batalha decisiva entre Trabalho e Capital, pois é aqui que se encontra o capital real.

294. Camarada, se voce acredita que exagero por excesso de clareza teórica, olhe para a Alemanha. Lá o Estado está em uma situação de afundamento total, quase sem saída. Ao mesmo tempo todas as classes - grande e pequena burguesias, grande e pequeno campesinato - formam um bloco contra o proletariado. O mesmo ocorrerá em todos os outros países.

295. Sem dúvida que, ao final do processo de desenvolvimento da revolução, quando a crise alcançar proporções aterradoras e estivermos bem próximos da vitória, **pode ser** que se desfaça essa unidade das classe capitalistas e parcelas da pequena burguesia e do pequeno campesinato passem para o nosso lado. Mas de que adianta isso agora? **Devemos estabelecer nossa tática globalmente, tanto para o início quanto para o curso da revolução.**

296. E porque as coisas são assim e continuarão sendo, considerando as relações de classe e sobretudo as relações de produção, que o proletariado está sozinho. E por estar sozinho somente pode triunfar se desenvolver sem cessar suas forças **intelectuais**.

297. **Dado que o proletariado somente pode vencer sozinho, a propaganda pelo comunismo “puro” torna-se indispensável entre nós até a vitória final (diferentemente da Rússia).** Sem esta propaganda o proletariado da Europa Ocidental, e também o russo e o mundial, caminha para sua perdição. Por isso aquele que sonhe, como você, em fazer acordos e alianças com setores burgueses e pequeno burgueses, isto é, opte pelo oportunismo, se agarra a ilusões e não à realidade, desvia o proletariado e o **traí** (utilizo o mesmo termo que você usou contra o Birô de Amsterdam). E o mesmo pode ser dito do Executivo de Moscou.

298. Redigia eu estas páginas quando me chegou a notícia de que a Internacional adotou a tática sua e do Executivo.⁹⁸ Os delegados da Europa Ocidental se deixaram cegar pela Revolução Russa. Que assim seja! Mediremos forças no interior da Internacional.

299. Camarada, nós, seus velhos amigos Pannekoek, Roland-Holst, Rutgers e Eu - e você não pode ter amigos mais sinceros - nos perguntamos, ao saber da notícia, quais motivos te levaram a adotar esta tática. As opiniões estavam bastante divididas. Um dizia: Rússia está em um momento crítico e decisivo tão ruim do ponto de vista econômico, que necessita da paz acima de tudo. Eis a razão do esforço do camarada Lênin em chamar todas as forças (Independentes, Partido Trabalhista, etc.) capazes de ajudá-lo a conseguir a paz.⁹⁹ Outro dizia: ele tenta acelerar o curso geral da revolução europeia e, para tanto, necessita da cooperação de milhões de pessoas. Daí seu oportunismo. Deminha parte, como já havia dito, penso que você compreende mal as condições europeias. De qualquer forma camarada, sejam quais forem os motivos que te moveram, você corre para a mais assombrosa das derrotas e levará o proletariado consigo se persistir nessa tática.

300. Ao querer salvar a Rússia, a Revolução Russa, com essa tática você mistura comunistas com não comunistas. Você os mistura conosco, verdadeiros comunistas, quando ainda sequer dispomos de um núcleo a toda prova! É com esta confusão de sindicatos mumificados, com uma massa de pessoas que são comunistas pela metade ou um quarto ou um oitavo ou absolutamente nada, sem um núcleo robusto, que você pretende combater o capital mais organizado do mundo e que unificou com ele a todas as classes não proletárias!! Não será surpresa se esta confusão explodir pelos ares e essa grande massa preferir o salve-se quem puder quando o momento se aproximar.

301. Camarada, uma derrota esmagadora do proletariado, na Alemanha por exemplo, será a senha para uma ofensiva geral contra a Rússia. E não acontecerá outra coisa enquanto você pretender fazer a revolução na Europa Ocidental com essa miscelânea de Partido Trabalhista, Independentes, partido italiano, centristas franceses, etc. e com esses sindicatos, acrescentem-se.

302. Uma mixórdia desse tipo não dará nem medo aos governos estabelecidos.

303. Agora, se pelo contrário, você institui grupos radicais com forte coesão interna, partidos compactos (mesmo pequenos), tudo se transformará. Pois apenas tais grupos são capazes de, em tempos de revolução, impelir as massas a realizarem ações importantes e heróicas, como demonstrou a Liga Spartacus no seu início. Apenas tais grupos podem ser temidos pelos governos e forçá-los a se curvar diante da Rússia. Ao final, quando esta linha “pura” tenha possibilitado a nossos partidos adquirirem a força necessária, chegará o momento da vitória. Esta nossa tática “esquerdista” é, tanto para a Rússia quanto para nós, não somente a melhor mas a única via de salvação.

304. Em sentido inverso, a sua tática é russa. Seria admiravelmente conveniente em um país onde um exército de milhões de camponeses pobres se mostra disposto a segui-los e onde camadas médias desmoralizadas vacilam. Entre nós não vale nada.

⁹⁸ Trata-se das famosas “vinte e uma” condições de admissão dos partidos aprovadas pelo II Congresso da Internacional Comunista. (NEF)

⁹⁹ Consultar A. Pannekoek: *op. cit.*, p. 200-201. (NEE)

305. Finalmente, preciso refutar uma afirmação que é cara a você e a muitos de seus camaradas de armas, e da qual já falei anteriormente no capítulo três, a saber, que a revolução na Europa Ocidental não começará antes que as camadas sociais mais baixas, democráticas, tenham sido abaladas, neutralizadas ou ganhas. Esta tese, referente a um tema de tremenda importância para a revolução, prova mais uma vez que você enxerga tudo exclusivamente a partir de uma perspectiva do Leste Europeu. E esta visão é falsa pois, na Alemanha e na Inglaterra, o proletariado é tão forte numericamente e tão poderoso graças à sua organização que pode fazer a revolução do início ao fim sem essas classes e até mesmo contra elas. Na verdade, deve fazer, mesmo quando sofre como na Alemanha. E somente conseguirá sob a **condição de seguir a tática correta**, organizar-se baseado nas organizações de fábrica e rejeitar o parlamentarismo. Sob a condição de, deste modo, desenvolver o poder proletário!

306. Nós da Esquerda optamos por essa tática não apenas por todas as razões acima expostas, mas também, e, sobretudo, porque o proletariado da Europa Ocidental, especialmente alemão e inglês, quando tomar consciência e se unificar, será tão forte e terá um poder tal que, contando apenas consigo mesmo, terá a possibilidade de vencer por esse simples meio. O proletariado russo, como era extremamente débil sozinho, teve de tomar rotas tortuosas e, ao fazê-lo, superou em muito tudo que o proletariado em todo o mundo tinha sido capaz de fazer até agora. Mas somente o caminho reto, sem desvios, pode levar o proletariado da Europa Ocidental para a vitória.

307. Resta agora examinar uma tese que encontrei frequentemente em comunistas “direitistas”, que Losovski, o chefe dos sindicatos russos, me expôs e que também aparece em seus escritos: “A crise jogará as massas nos braços do comunismo, mesmo que os sindicatos se mantenham ruins e o parlamentarismo”. Este é um argumento muito pobre. Pois não temos a menor idéia da extensão que terá a crise que se engendra. Terá na Inglaterra e na França a profundidade que tem hoje na Alemanha? Além do mais, os últimos seis anos revelaram toda a fragilidade desta tese (a tese “mecanicista” da II Internacional). Ao longo dos últimos anos da guerra, a Alemanha passou por uma terrível miséria. Não houve revolução. A miséria foi ainda mais terrível em 1918/19. A revolução não triunfou. Na Hungria, Áustria, Polónia, nos países dos Balcãs, a crise foi e continua espantosa. Nada de revolução ou de vitória da revolução, apesar da presença muito próxima dos exércitos russos. Finalmente, o meu terceiro ponto, o argumento se volta contra você, pois se a crise fatalmente trará a revolução, porque não adotar logo a melhor tática, a tática “esquerdistas”?

308. Mas os exemplos da Alemanha, Hungria, Baviera, Áustria, Polónia e países balcânicos nos ensinam que apenas crise e miséria não bastam. A mais terrível das crises econômicas atinge seu auge, e não há revolução. Portanto, necessariamente, há outro fator na origem de uma revolução, fator cuja ausência faz com que ela não se realize ou fracasse. **Esse fator é a subjetividade, a mentalidade das massas.** Sua tática, camarada, é a que, na Europa Ocidental, não insufla o suficiente essa subjetividade das massas, não o assenta suficientemente, deixa intacta como está, sem mudar nada. Ao longo deste trabalho ressaltai que o capital financeiro, trusts, monopólios, e o Estado na Europa Ocidental (e América do Norte), formado e submetido a eles se juntam em um bloco unido contra a revolução a todas as camadas burguesas, grandes e pequenas. Mas essa força não se limita a unificar a sociedade eo Estado contra a revolução. Ao longo do período passado, período de desenvolvimento pacífico, o capital bancário educou, unificou e organizou no mesmo sentido contrarrevolucionário **o próprio proletariado.** Com que meios? Por meio dos sindicatos (oficiais e anarcossindicalistas) e partidos socialdemocratas. Ao conduzi-los a lutar apenas por melhoras imediatas, o capital transformou sindicatos e partidos operários em pilares da sociedade e do Estado, em potências contrarrevolucionárias. Fez deles agentes de sua própria conservação. Mas, como agrupam os operários, quase a maioria da classe proletária, e a revolução é inconcebível sem a participação destes trabalhadores, é necessário, para que triunfe, encarregar-se primeiro destas organizações. Como consegui-lo? Transformando sua

mentalidade, isto é, atuando de modo que seus militantes de base tenham a subjetividade mais independente possível. A única maneira de alcançar tal resultado é substituir as organizações sindicais por organizações e uniões operárias, e acabar com o parlamentarismo dos partidos operários. Eis exatamente o que sua tática impede.

309. A falência do capitalismo alemão, francês, italiano é um fato indiscutível. A rigor trata-se da falência destes Estados capitalistas. Contudo, os próprios capitalistas e suas organizações econômicas e políticas resistem. Inclusive seus lucros, dividendos e novos investimentos são enormes devido unicamente à emissão de papel moeda pelo Estado. Que se afundem os Estados alemão, francês, italiano, que os capitalistas se afundarão por sua vez.

310. A crise avança implacavelmente. Se os preços sobem, aumentarão as ondas de greves; se os preços baixam, aumentará o exercito de desempregados. Se a miséria aumenta na Europa, a fome está a caminho. Além disso, se multiplicam pelo mundo novos fatores de explosão. Se aproxima a nova conflagração, a nova revolução. Mas qual será seu resultado? O capitalismo conserva sua força. Alemanha, Itália, França, Leste Europeu não são o mundo inteiro. Na Europa Ocidental, América do Norte, nos domínios ingleses o capitalismo manterá por muito tempo a coesão de todas as classes contra o proletariado. Portanto, o resultado depende em grande medida de nossa tática e nossa organização. E sua tática é falsa.

311. Apenas uma tática é válida na Europa Ocidental: a tática dos “esquerdistas” que diz a verdade ao proletariado e não o engana com a ajuda de malabarismos verbais. A tática que, mesmo que necessite de tempo, saberá forjar as armas mais poderosas, não, as únicas eficazes: organizações de fábrica (unificadas como totalidade) e os núcleos, inicialmente pequenos mas puros e compactos, os partidos comunistas. Trata-se da tática que depois saberá ampliar estas organizações para o conjunto do proletariado.

312. Colocarei um ponto final nesta exposição condensando-a com o auxílio de algumas fórmulas contundentes, para que dela os operários tenham por si mesmos uma visão global.

313. Em primeiro lugar, acredito que dela resulta um quadro claro tanto das causas da nossa tática quanto da própria tática em si: o capital financeiro domina a Europa Ocidental. Ao manter um proletariado gigantesco na mais profunda escravidão material e ideológica, o capital financeiro unifica atrás de si todos os extratos burgueses e pequeno burgueses. Por isso torna-se necessário para estas enormes massas atingir à atividade autônoma. O que, em tempos de revolução, é impossível sem organizações de fábrica e a abolição do parlamentarismo.

314. Em segundo lugar, ressaltarei em poucas frases o mais claramente possível a diferença entre a sua tática e da III Internacional por um lado e a tática “esquerdista” por outro, afim de que na hipótese altamente provável de que sua tática resulte nas piores derrotas, os operários não se desmoralizem e percebam que existe outra:

315. Para a Internacional, a revolução na Europa Ocidental se desenvolverá de acordo com as leis e a tática da Revolução Russa.

316. Para a Esquerda, a revolução na Europa Ocidental tem suas próprias leis e se aterá a elas.

317. Para a Internacional, cabe à revolução na Europa Ocidental fazer acordos e alianças com partidos de pequenos camponeses e pequenos burgueses, e até mesmo com partidos da grande burguesia.

318. Para a Esquerda é impossível.

319. Segundo a Internacional, durante a revolução na Europa Ocidental existirão “rachas” e divisões entre os partidos burgueses, pequeno burgueses e de camponeses pobres.

320. Segundo a Esquerda, até o final da revolução os partidos da pequena e da grande burguesia formarão uma frente unida.

321. A III Internacional subestima a força do capital europeu ocidental e norteamericano.

322. A Esquerda concebe sua tática em função deste imenso poder.

323. A III Internacional não enxerga no capital financeiro, no grande capital, um poder capaz de unificar todas as classes burguesas.

324. A Esquerda elabora sua tática em relação a esse poder.
325. A III Internacional, por não admitir que o proletariado europeu ocidental está reduzido às suas próprias forças, não procura desenvolver subjetivamente este proletariado que, no entanto, continua a viver sob a influência da ideologia burguesa em todos os campos e adota uma tática que possibilita a continuidade de sua submissão às ideias da burguesia.
326. A tática que a Esquerda adota coloca em primeiro plano a emancipação do mundo subjetivo do proletariado.
327. A III Internacional, por não enxergar a necessidade de emancipação da subjetividade e nem a unidade de todos os partidos burgueses e pequeno burgueses, fundamenta sua tática em acordos e “rachas”, e não apenas conserva os sindicatos como procura ganhá-los.
328. A Esquerda, por entender que a emancipação da subjetividade é prioridade e por estar convencida da unidade das formações burguesas, considera que é necessário acabar com os sindicatos e forjar armas melhores para o proletariado.
329. Pelas mesmas razões a III Internacional não ataca o parlamentarismo e a Esquerda quer a abolição dele.
330. Enquanto a III Internacional mantém a escravidão ideológica do proletariado no mesmo patamar em que se encontrava na época da II Internacional, a Esquerda pretende eliminá-la da subjetividade proletária cortando o mal pela raiz.
331. A III Internacional, por não admitir como primeira necessidade a emancipação das consciências na Europa Ocidental e tampouco a unidade de todas as organizações burguesas em tempos de revolução, procura agrupar as massas enquanto massas sem questionar se são autenticamente comunistas nem orienta sua tática para que sejam.
332. A Esquerda pretende formar em todos os países partidos que reúnam apenas comunistas e concebe sua tática em função disso. E o modo pelo qual pretende transformar as massas, a maioria do proletariado, em comunistas é por meio do exemplo desses partidos que no início serão pequenos.
333. Enquanto a III Internacional considera as massas da Europa Ocidental um meio, a Esquerda as considera um fim.
334. Em função desta tática (perfeitamente justificada na Rússia) a III Internacional pratica uma política de dirigentes enquanto a Esquerda, em sentido inverso, pratica uma política de massas.
335. Por causa dessa tática, a III Internacional leva à ruína não apenas a revolução na Europa Ocidental como também, e sobretudo, a revolução na Rússia.
336. A Esquerda, pelo contrário, leva o proletariado mundial à vitória.
337. Para permitir que os operários compreendam melhor nossa tática, resumirei também minha exposição sob a forma de teses, para serem lidas, bem entendido, à luz do conjunto.
338. 1. A tática da revolução europeia ocidental deve ser totalmente diferente da tática da revolução russa.
339. 2. Tal se deve a que, entre nós, o proletariado está só.
340. 3. Por isso necessita fazer a revolução sozinho e contra todas as demais classes.
341. 4. Assim, a importância das massas proletárias é proporcionalmente maior e a dos dirigentes proporcionalmente menor do que na Rússia.
342. 5. Para fazer a revolução o proletariado deve dispor das melhores armas.
343. 6. Por serem armas ineficazes, os sindicatos devem ser substituídos ou transformados por meio de organizações de fábrica que devem se unificar.
344. 7. Devido ao fato do proletariado estar constrangido a fazer a revolução sozinho e sem ajuda, precisa que seus corações mentes estejam evoluídos no mais alto nível. Por isso não se deve recorrer ao parlamentarismo em tempos de revolução.

Saudações fraternas
Herman GORTER

Texto 4

A Doença Infantil de Lênin e a Terceira Internacional

Franz Pfemfert (1879-1945)¹⁰⁰

I

1. A Terceira Internacional deveria ser a associação do proletariado revolucionário de todos os países em luta contra a ditadura do capitalismo, contra o Estado burguês, pelo poder da humanidade trabalhadora, pelo comunismo. O ter sua origem num país onde os operários já conquistaram este poder mediante grandes esforços, ajudou a Terceira Internacional a ganhar as simpatias do proletariado mundial. O entusiasmo por esta nova associação mundial dos explorados é acompanhado pelo entusiasmo pela Rússia soviética e pelo incomparável e heroico combate do proletariado russo. Mas a nova estrutura da Terceira Internacional não tem nem teve ainda o tempo nem a oportunidade de conseguir resultados morais como organização.

2. A Terceira Internacional pode ser e será uma força moral se representar a expressão da vontade do proletariado revolucionário do mundo, e então será indestrutível e insubstituível como Internacional da classe proletária em luta. Mas a Terceira Internacional seria uma impossibilidade e uma frase oca se quisesse ser o instrumento de propaganda de um ou vários partidos.

3. Se a Terceira Internacional fosse realmente a associação do proletariado revolucionário do mundo, este teria então o sentimento de pertencer a ela, independentemente das formalidades da admissão. Mas se a Terceira Internacional se apresenta como o instrumento do poder central de um país particular, então conterà em si mesma a semente da morte e será um obstáculo para a revolução mundial.

4. A revolução é uma questão do proletariado enquanto classe; a revolução social não é uma questão de partido. Convém sermos mais precisos ainda:

5. A Rússia soviética perecerá sem a ajuda de todos os combatentes revolucionários. Todos os operários com consciência de classe (e os sindicalistas¹⁰¹, por exemplo, também fazem parte desta categoria incondicionalmente!) estão prontos a acudir de forma ativa em seu socorro. A Terceira Internacional atuaria dum maneira criminoso e contrarrevolucionária se, em interesse de um partido, fizesse algo que pudesse extinguir o fogo sagrado da solidariedade fraternal que arde nos corações de todos os proletários pela Rússia soviética (e não ainda pela Terceira Internacional como organização separada!).

6. É tão difícil de entender isto? É uma tolice, camarada Lênin, que nós lhe gritemos: não somos nós que neste momento necessitamos da Terceira Internacional, mas a Terceira Internacional que necessita de nós?

¹⁰⁰Sobre o autor: Escritor e crítico. Uma das figuras de proa do expressionismo. Em 1911 funda *Die Aktion* (A Ação), revista onde se misturam vanguarda artística, ensaísmo político e de atualidade, marcados pela anarquia. Antes de 1914 apoia a facção esquerda do SPD, mas defendendo a criação de um “novo partido operário”. Em 1915 lança um “partido socialista antinacional”. Adere ao KPS(S) quando da sua fundação, depois ao KAPD, mas tal como Rühle é hostil à ideia de partido. Em 1921 censura o KAPD pelo seu comportamento durante a Ação de Março e foi excluído do partido por este motivo. Um dos dirigentes da AAU-E. Anima em seguida um grupo com posições próximas da AAU-E, publicando um jornal *Spartakus*, e chamado por esta razão “*Spartakus 2*”. Durante todos estes anos, sem nunca ser o órgão de um grupo, *Die Aktion* faz-se o porta-voz das correntes mais radicais do movimento operário. A partir de 1926 Pfemfert, amigo pessoal de Trotsky, aproxima-se cada vez mais da Oposição de Esquerda (trotskista). Emigra em 1933. (Nota Biográfica traduzida de Troploin <http://troploin0.free.fr/biblio/biograph/>)

¹⁰¹Por sindicalista não se deve entender neste texto o membro dum sindicato mas o partidário do Sindicalismo, corrente política que advoga a tomada do poder e a gestão da sociedade pelos trabalhadores organizados em sindicatos. (Nota de Velha Toupeira)

II

7. Lênin pensa, com efeito, que é uma tolice. Na obra que acaba de lançar contra o proletariado revolucionário, *O esquerdismo, doença infantil do comunismo*, Lênin pensa que a Terceira Internacional deve regular-se pelos estatutos do Partido Comunista Russo (Bolchevique) e que o proletariado revolucionário de todos os países deve submeter-se à autoridade da “Terceira Internacional” e, portanto, às táticas dos Bolcheviques. Os Bolcheviques deveriam determinar as armas que o proletariado combatente do resto do mundo deve utilizar. E somente aqueles proletários que obedeçam incondicionalmente serão escolhidos para pertencer a esta associação mundial. Nos Princípios do Segundo Congresso da Terceira Internacional, Lênin formulou este postulado de um modo ainda mais claro: não só deu instruções gerais, mas também todos os detalhes de tática, de organização, e inclusive prescreveu o nome que deveriam assumir os partidos em todos os países. E para rematar: “Todas as decisões dos congressos da Internacional Comunista, assim como de seu Comitê Executivo, são vinculativas a todos os partidos filiados à Internacional Comunista.”

8. Mesmo sendo metódico, é ainda assim uma loucura!

9. Num país tão pequeno como a Alemanha, temos a experiência repetida, a mais recente em março de 1920¹⁰², do fato de que uma tática que conduz à vitória, por exemplo, no Ruhr, era impossível em outra parte; que a greve geral dos operários industriais na Alemanha Central era uma piada para a Vogtland, onde o proletariado foi condenado ao desemprego desde Novembro de 1918. E deveria ser Moscou o Estado-Maior supremo para nós e para todos os outros países?

10. O que nos atrai para a Terceira Internacional é o objetivo compartilhado da revolução mundial: a ditadura do proletariado, o comunismo. A Terceira Internacional deve estar ao lado dos proletários combatentes de todos os países, instruindo-os acerca das diversas situações e tipos de guerra civil revolucionária. Os combatentes seriam burros em vez de combatentes se não quisessem ter nada que ver com a tarefa de examinar as armas usadas pelos camaradas que lutam aqui e em outros lugares. Mas seriam cordeiros se se deixassem arrastar por caminhos que reconheceram há muito como impraticáveis para eles e que, por conseguinte, abandonaram.

11. O ataque de Lênin contra nós é, na sua tendência e nos seus detalhes, simplesmente monstruoso. Seu texto é superficial. Não corresponde aos fatos. É injusto. Só na sua fraseologia mostra alguma dureza. Do rigor do Lênin pensador, que geralmente se manifestava nas suas polemicas, não há nem um rastro.

12. Que pretende Lênin? Ele quer dizer ao Partido dos Operários Comunistas da Alemanha (KAPD)¹⁰³ e ao proletariado revolucionário de todos os outros países, que são imbecis, idiotas, e, pior ainda, que não se ajoelham docilmente perante a sabedoria dos bonzos, já que não se deixam dirigir de um modo extremamente centralizado por Moscou (através de seus intermediários, Radek e Levi). Quando a vanguarda revolucionária da Alemanha rejeitou a participação nos parlamentos burgueses, quando esta vanguarda começou a demolir as instituições sindicais reacionárias, quando virou as costas aos partidos políticos de chefes, de acordo com a palavra de ordem “a emancipação dos trabalhadores só pode ser a obra dos próprios trabalhadores”, então esta vanguarda estava constituída por imbecis, e caiu no “infantilismo de esquerda”, por isso teve que ser-lhe negado o direito de filiar-se à Terceira Internacional (tal foi o resultado do folheto de Lênin). Só quando os operários do KAPD

¹⁰² Refere-se à reação operária, que se traduziu em greve geral, combate de rua e criação de comitês operários, contra o golpe de extrema-direita encabeçado pelo general prussiano Kapp, o qual destituiu momentaneamente o governo social-democrata. (Nota de Ricardo Fuego do CICA)

¹⁰³ A seguir aos assassinatos de Luxemburgo e Liebknecht, a maior parte do Partido Comunista Alemão (KPD), que tinha chegado a posições antiparlamentares e antissindicais, foi expulsa por meio duma manobra em 1920 e formou o KAPD. (Nota de Ricardo Fuego)

retornem, como pecadores arrependidos, à Liga Espártaco¹⁰⁴, a única fonte de salvação, se lhes permitirá filiar-se à Terceira Internacional. Assim é como são as coisas: de volta ao parlamentarismo! Entremos nos sindicatos de Legien!¹⁰⁵ Adiram ao KPD, esse partido de chefes nas suas convulsões de morte! É isto o que Lênin grita ao proletariado alemão consciente!

13. Como disse antes: um livro monstruoso! Também devo chamar a atenção para a inutilidade dos argumentos dos anos 1880, os quais Lênin desempoeira para persuadir os esquerdistas alemães de que ele sabe empregar as aspas contra eles.¹⁰⁶ Todas as suas explicações acerca do centralismo e do parlamentarismo estão ao nível do USPD. E o que Lênin escreve a favor do trabalho nos sindicatos é tão extraordinariamente oportunista que os bonzos dos sindicatos se dedicaram urgentemente a reproduzir e distribuir como volante esta seção do trabalho de Lênin!

14. A polémica que Lênin dirige contra o KAPD é escandalosamente superficial e imperdoavelmente inepta. Por exemplo, numa passagem, diz:

15. Em primeiro lugar, os comunistas “de esquerda” alemães, como se sabe, já em janeiro de 1919 consideravam o parlamentarismo como “politicamente caduco”, contra a opinião de dirigentes políticos tão eminentes como Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht. Como é sabido, os “esquerdistas” se equivocaram. Este fato basta para destruir de repente e radicalmente a tese segundo a qual o parlamentarismo ‘caducou politicamente’.

16. Isto é o que o lógico Lênin escreve! De que modo, por favor diga-me, é “claro” que estivemos equivocados? Talvez no fato de que, na Assembleia Constituinte nacional, Levi e Zetkin não se sentaram ao lado dos seguidores de Crispian?¹⁰⁷ Talvez no fato de que este duo comunista se encontra agora sentado no Reichstag? Como pode Lênin, tão estupidamente e sem oferecer a sombra de uma prova, escrever que nosso “erro” é óbvio e depois acrescentar a afirmação que “este fato basta para destruir a tese,” etc? Absurdo! Também é absurdo o modo como Lênin responde afirmativamente à pergunta, “devemos participar nos parlamentos burgueses?”:

17. A crítica — a mais violenta, mais implacável, mais intransigente — deve dirigir-se não contra o parlamentarismo ou a ação parlamentar, mas contra os chefes que não sabem — e mais ainda contra os que não querem — utilizar as eleições parlamentares e a tribuna parlamentar de maneira revolucionária, de maneira comunista.

18. É Lênin quem escreve isto! Lênin de repente quer “utilizar a democracia”, um método com o qual já tinha ajustado contas chamando-lhe “a demanda dos renegados” (no *Estado e a Revolução*, no *Renegado Kautsky...* e em *Democracia Burguesa e Ditadura Proletária!*).

19. O proletariado revolucionário da Alemanha distanciou-se “do parlamentarismo venal e corrupto da sociedade burguesa”, aquele “sistema de ilusão e engano”. Este proletariado reconheceu totalmente o grito de guerra: “todo o poder aos conselhos!”. Acabou por entender que não pode “utilizar” o parlamento burguês. Reconheceu os sindicatos como instituições que necessariamente conduzem a uma comunidade do trabalho entre exploradores e

¹⁰⁴ A Liga Espártaco foi um agrupamento de socialistas revolucionários composto por Karl Liebknecht, Rosa Luxemburgo, Franz Mehring e outros social-democratas que se separaram do partido a seguir à votação dos créditos de guerra. A Liga surge no ano novo de 1916 como Gruppe Internationale. A sua primeira declaração política foi o *Folheto Junius* de Rosa Luxemburgo. A Liga Espártaco constituiu o núcleo dirigente inicial do Partido Comunista Alemão (KPD), formado na sua maioria por jovens operários revolucionários e outros dissidentes da social-democracia. (Nota de Ricardo Fuego)

¹⁰⁵ Legien (1865-1939), socialista governamental, Ministro em Novembro de 1918, Chanceler da República em 1919, um dos arquitectos, juntamente com Noske e Ebert, da repressão anti-espartaquista. (Nota na edição em inglês. Este texto está incluído numa antologia organizada e introduzida por Gilles Dauvé e Denis Authier e disponível [aqui](#))

¹⁰⁶ Sem dúvida, refere-se à oposição antiparlamentar do SPD, sobretudo em Berlim, que, no entanto, não se organizou senão até 1889-1892 à volta do grupo “Os Jovens”. Tendências análogas surgiram durante a mesma época na Dinamarca, Suíça, Inglaterra (William Morris) e Holanda (D. Nieuwenhuis). Foi também nessa época que se consumou a divisão “Marxismo/Anarquismo”. (Nota na edição em inglês)

¹⁰⁷ Clara Zetkin (1857-1933), membro da esquerda do SPD, mais tarde uma espartaquista, apoiou Levi. Crispian (1875-1946) deixou o SPD para filiar-se na ala direita do USPD. Assistiu ao Segundo Congresso da Internacional Comunista, mas recusou filiar-se e mais tarde voltou ao SPD. (Nota na edição em inglês)

explorados, e por esta razão apenas, à sabotagem da luta de classes, e é de pouca importância se os seus membros deveriam criticar isto ou aquilo. O proletariado revolucionário da Alemanha teve que expiar a sua submissão aos chefes com hecatombes de cadáveres de operários. O infame Comitê Central da Liga Espártaco destruiu essa ilusão. O proletariado definitivamente já está farto de tudo isso!

20. E agora Lênin vem e trata de fazer-nos esquecer as amargas lições da revolução alemã assim como as lições que ele mesmo ensinou? Está tratando de fazer-nos esquecer que Marx ensinou que não são os indivíduos os responsáveis? E que é contra o parlamentarismo que é preciso lutar e não contra os parlamentares individuais!

21. Vários meses passaram desde que os “comunistas” tomaram os seus assentos no Reichstag. Leiam as minutas das sessões parlamentares, agora que Levi-Zetkin “utilizaram” esta tribuna “de maneira revolucionária, de maneira comunista” (na verdade, somente verborreia jornalística sem sentido)! Você leu as minutas, camarada Lênin. Onde está a sua “mais violenta, mais implacável, mais intransigente” crítica? Está satisfeito com eles? . . .

22. É fácil de demonstrar: o KAPD utilizou com maior efetividade a ‘luta eleitoral’, no sentido de levar a cabo a agitação revolucionária, e foi capaz de utilizá-la mais efetivamente do que os comunistas parlamentares precisamente porque não tem nenhum ‘candidato’ que persiga a vitória eleitoral. O KAPD desmascarou a trapaça parlamentar e levou as ideias dos conselhos às aldeias mais remotas. Mas os caçadores de votos confirmaram, durante os poucos meses da sua atividade no parlamento, que tínhamos razão ao ser antiparlamentares. Camarada Lênin, nunca lhe ocorreu a ideia, uma ideia Leninista, que num país com 40 anos de tolice parlamentar social-democrata (esse partido também quis, no início, “utilizar” aquela tribuna unicamente para a propaganda!), é um ato totalmente reacionário entrar no parlamento? Não entende que num país caracterizado pelo cretinismo parlamentar, o parlamentarismo só pode ser estigmatizado por meio do boicote? Não há estigmatização mais violenta, nenhuma que penetre mais profundamente na consciência dos operários! Um parlamento desmascarado por um boicote realizado por proletários nunca seria capaz de enganar aos proletários. Mas um discurso ‘programático’ correto, que Clara Zetkin entrega com a aprovação dos jornais burgueses e socialdemocratas, e do qual a imprensa seleciona o que lhe parece conveniente, tal discurso engendra respeito no parlamento burguês! Se os chefes do USPD não tivessem ido à Assembleia Constituinte, a consciência dos proletários alemães estaria muito mais desenvolvida hoje em dia.

III

23. Lênin favorece “a centralização mais estrita” e “uma disciplina férrea”. Ele quer que a Terceira Internacional apoie as suas opiniões e que expulse todos aqueles que, como o KAPD, se opõem criticamente à liderança onipotente.

24. Lênin quer que uma autoridade de estilo militar prevaleça nos partidos de cada país.

25. As instruções do Primeiro Congresso da Terceira Internacional tinham um sabor algo diferente! Naquelas instruções, dirigidas contra os Independentes¹⁰⁸ cujo espírito de luta era incerto, recomendava:

26. separar os elementos revolucionários do ‘Centro’, algo que só pode ser conseguido mediante a crítica resoluta e impiedosa dos líderes do ‘Centro’.

27. Aí também dizia:

28. Por outro lado, é necessário realizar um bloco com aqueles elementos do movimento operário revolucionário que, mesmo que não tenham pertencido antes ao partido socialista, ficam agora totalmente no terreno da ditadura proletária sob sua forma soviética, ou seja, antes de mais os elementos sindicalistas do movimento operário.

¹⁰⁸ Refere-se ao USPD. (Nota de Velha Toupeira)

29. Mas agora prevalece uma tática diferente. Por outro lado, o lema é: Abaixo os sindicalistas! Abaixo os ‘idiotas’ que não se submetem aos bonzos! O Comitê Executivo está no comando, e as suas ordens são a lei.

30. Lênin pensou que poderia citar Karl Liebknecht contra “os Esquerdistas”. Eu citarei Karl Liebknecht contra Lênin:

31. O círculo vicioso no qual funcionam as grandes organizações centralizadas, providas de funcionários asoldo bastantes bem pagos tendo em conta o meio sócia do qual provêm, consiste não só no fato de que estas organizações criam, com esta burocracia profissional, uma camada social diretamente hostil aos interesses revolucionários do proletariado, mas também no fato de que conferem o poder a um líder, que facilmente se transforma em tirano e é eleito dentre aqueles que têm um violento interesse em opor-se à política revolucionária do proletariado, enquanto a independência, a vontade, a iniciativa e a ação autônoma intelectual e moral das massas são reprimidas ou completamente eliminadas. Os parlamentares a soldo também pertencem a esta burocracia. [...] Há só um remédio, no plano organizativo, para este mal: a supressão da burocracia remunerada ou a sua exclusão de toda a tomada de decisões, e a limitação da sua atividade ao trabalho administrativo técnico. A proibição da reeleição de todos os funcionários depois de certo tempo de mandato, que será estabelecido de acordo com os proletários disponíveis que entretanto se tenham tornado especialistas na administração técnica; a possibilidade de revogar os seus mandatos em qualquer momento; a limitação do escopo de cada cargo; descentralização; a consulta de todos os membros sobre questões importantes (veto ou referendo). Na eleição de funcionários deve-se dar a maior importância às provas que eles ofereçam sobre sua determinação e preparação na ação revolucionária, do seu espírito de luta revolucionário, do seu espírito de sacrifício ilimitado no compromisso ativo de sua existência. A educação das massas e de cada indivíduo na autonomia intelectual e moral, na sua capacidade para questionar a autoridade, na sua própria auto-iniciativa resolvida, na irrestrita preparação e capacidade para a ação, constitui em geral a única base para garantir o desenvolvimento de um movimento de operários correspondente às suas tarefas históricas, e também contém as condições essenciais para extirpar os perigos da burocracia. [...] Toda a forma de organização que obstrua a educação num espírito revolucionário internacional, a capacidade autônoma para a ação e a iniciativa das massas revolucionárias, deve ser rejeitada. [...] Nenhum obstáculo para a livre iniciativa. A tarefa educativa mais urgentemente necessária na Alemanha, um país de obediência cega e passiva das massas, é favorecer esta iniciativa entre as massas; e este problema deve ser resolvido ainda que correndo o risco de expor-se ao perigo de que, momentaneamente, toda a ‘disciplina’ e todas as ‘organizações sólidas’ vão pelo cano (!). Deve dar-se ao indivíduo uma margem de liberdade muito maior do que a que lhe foi atribuída até ao presente pela tradição na Alemanha. Nenhuma importância em absoluto deve ser concedida à profissão de fé em palavras. Todos os elementos radicais dispersos se fundirão num todo decidido de acordo com as leis imanentes do internacionalismo se a intransigência é praticada para com todos os oportunistas e a tolerância é praticada para com todos os esforços feitos em prol de um espírito combatente revolucionário em processo de fermentação.

IV

32. Sei que Lênin não se transformou num ‘renegado’ ou num social-democrata, mesmo que o “Esquerdismo...” tenha um efeito puramente social-democrata (os chefes alemães diziam quase exatamente as mesmas coisas em 1878). Como, então, pode explicar-se a publicação deste texto contra a revolução mundial?

33. Os monárquicos têm o costume, com o fim de perdoar as estupidezes (ou os crimes) de seus monarcas, de alegar sempre que suas majestades foram “mal informadas”. Os revolucionários não podem (não têm direito a) esgrimir tal desculpa. Somos bem conscientes, certamente, que Karl Radek e a Liga Espártaco, com o fim de distrair a atenção de Lênin das causas do seu fracasso político, lhes mentiram propositadamente sobre a situação e o proletariado revolucionário na Alemanha. A carta insolente dirigida por Karl Radek aos membros do KAPD é uma amostra de como foram apresentadas as coisas ao camarada Lênin. Mas isto de modo algum desculpa Lênin! Em todo caso, tal desculpa é inútil: o fato é que Lênin, com o seu estúpido folheto, complicou a luta do proletariado revolucionário na Alemanha, mesmo que ele não tenha abolido essa luta.

34. É verdade que Lênin foi desavergonhadamente enganado sobre a questão da Liga Espártaco e do KAPD, mas no entanto ele deveria ter dito que é um sério erro identificar a situação alemã com a situação russa. Lênin era absolutamente capaz, apesar de Radek, de ver a diferença entre os sindicatos alemães, que sempre tinham tido uma existência contrarrevolucionária, e os sindicatos russos. Lênin sabia perfeitamente bem que os

revolucionários russos não tiveram que lutar contra o cretinismo parlamentar porque o parlamento não tinha nem tradição nem nenhum crédito entre o proletariado russo. Lênin sabia (ou deveria ter sabido) que na Alemanha os líderes do partido e dos sindicatos necessariamente provocaram o 4 de Agosto de 1914¹⁰⁹ “utilizando” o parlamento! Que o caráter autoritário e militarista do partido, acompanhado pela obediência cega, tinha sufocado as forças revolucionárias no movimento operário alemão durante décadas. Lênin deveria ter considerado todas estas coisas antes de empreender a sua batalha contra os “Esquerdistas”. Se ele tivesse feito isto, um sentido de responsabilidade o teria impedido de escrever este folheto imperdoável.

V

35. Para convencer o proletariado mundial de que O esquerdismo... indica o caminho correto para a revolução em cada país, Lênin apresenta o caminho que os Bolcheviques seguiram e que conduziu á sua vitória, porque era (e é) o caminho correto.

36. Aqui também, Lênin se encontra numa posição completamente insustentável. Quando ele cita a vitória dos Bolcheviques como a prova de que o seu partido tinha agido “corretamente” durante os quinze anos da sua existência, está alucinando! A vitória dos Bolcheviques em Novembro de 1917 não se deveu unicamente à força revolucionária do partido! Os Bolcheviques assumiram o poder e conseguiram a vitória graças ao lema pacifista-burguês de “Paz”! Só este lema derrotou os Nacional-Mencheviques, e permitiu que os Bolcheviques conquistassem o exército para o seu lado!

37. Por isso, não é a sua vitória por si mesma o que pode convencer-nos de que os Bolcheviques agiram “corretamente” no sentido de manter a firmeza dos seus princípios. Mas sim, o fato de que saibam defender esta vitória agora, depois de quase três anos!

38. Mas – e esta é uma pergunta colocada pelos “Esquerdistas” – será que os Bolcheviques sempre dirigiram a sua ditadura de partido da maneira que Lênin em O esquerdismo... requer que o proletariado revolucionário da Alemanha dirija o seu partido? Ou a situação dos Bolcheviques foi tal que eles não necessitaram de cumprir com a “condição” de Lênin, que requer que o partido revolucionário “seja capaz de misturar-se com, confraternizar com e, se assim o deseje, até certo ponto unir-se com as massas mais amplas dos operários, principalmente com as massas proletárias, e também com as massas não proletárias” (O esquerdismo...).

39. Até agora, os Bolcheviques foram capazes de pôr em prática, e só tiveram sucesso em pôr em prática uma só coisa: a estrita disciplina militar do partido, a ditadura “férrea” do centralismo de partido. Mas foram capazes de “misturar-se com, confraternizar com, e, se assim [eles] o deseja[m], até certo ponto unir-se” com “as massas mais amplas” das quais fala Lênin?

VI

40. As táticas empregadas pelos camaradas russos são uma questão que só a eles diz respeito. Protestamos, e tivemos que tratar o senhor Kautsky como contrarrevolucionário, quando ele se permitiu difamar as táticas dos Bolcheviques. Devemos deixar aos camaradas russos a questão da sua eleição de armas. Mas sabemos uma coisa: na Alemanha, uma ditadura de partido é impossível; na Alemanha, só uma ditadura de classe, a ditadura dos conselhos operários revolucionários, é capaz de alcançar a vitória (e será vitoriosa!), e (o que é mais importante) será capaz de defender sua vitória.

41. Eu poderia escrever agora, seguindo a receita de Lênin em O esquerdismo..., que isto “está claro”, e depois mudar de tema. Mas nós não necessitamos de fugir à questão.

¹⁰⁹A Alemanha declara guerra à França. (Nota de Ricardo Fuego)

42. O proletariado alemão está organizado em diferentes partidos políticos que são partidos de chefes com características claramente autoritárias. Os sindicatos reacionários, controlados pela burocracia sindical devido à natureza estritamente centralizada de suas estruturas, estão a favor da “democracia” e da recuperação do mundo capitalista, sem o qual eles não poderiam existir. Uma ditadura de partido nesta Alemanha significa operários contra operários (a era Noske¹¹⁰ começou com a ditadura de partido do SPD!). Uma ditadura de partido do KPD-Liga Espártaco (e Lênin não propõe nenhuma outra!) teria que ser imposta contra os operários do USPD, os operários do SPD, os sindicatos, os sindicalistas, e as Organizações de Fábrica, assim como contra a burguesia. Karl Liebknecht nunca aspirou a tal ditadura de partido com a Liga Espártaco, como o demonstra o conjunto de sua obra revolucionária (e como se demonstra nas passagens que citei antes).

43. É indiscutível que todos os operários (inclusive os operários que seguem cegamente Legien e Scheidemann!) devem ser partidários da nova ordem comunista, para que a suas divisões internas não impossibilitem a repressão da burguesia. Devemos esperar o julgamento final, quando todos os proletários, ou só uns milhões deles, sejam membros do KPD (o qual está hoje composto somente de um punhado de empregados e um pequeno número de gente de boa fé)? Talvez a Terceira Internacional seja o incentivo que obrigará os operários revolucionários a entrar no KPD (como Karl Radek e o Sr. Levi imaginaram)? Pode o egoísmo de seus líderes permanecer ignorante do fato de que, neste preciso momento, a maioria dos operários industriais e o proletariado rural estão maduros e prontos a ser ganhos para a causa duma ditadura de classe?

44. Necessitamos um lema para convocar o proletariado alemão a unir-se. Temo-lo: “todo o poder aos conselhos operários!”. Necessitamos um lugar de recrutamento onde todos os operários com consciência de classe possam encontrar-se sem a interferência dos bonzos dos partidos. Temo-lo: é o lugar de trabalho. O lugar de trabalho, a célula reprodutora da nova comunidade, é também a base para o recrutamento. Para a realização vitoriosa da revolução proletária na Alemanha, não necessitamos de bonzos, mas de proletários conscientes. Aqueles que atualmente se chamam sindicalistas ou independentes, compartilham conosco o objetivo de destruir o Estado capitalista e realizar a comunidade humana comunista e portanto eles são parte de nós, e “misturar-nos-emos, confraternizaremos e nos uniremos” com eles nas Organizações de Fábrica revolucionárias!

45. O Partido Operário Comunista não é, portanto, um partido no mau sentido da palavra, porque não é um fim em si mesmo! Faz propaganda pela ditadura no seu sentido da palavra, porque esta ditadura não é um fim em si mesmo! Faz propaganda pela ditadura do proletariado, pelo comunismo. Treina os seus combatentes nas Organizações de Fábrica, onde estão concentradas todas as forças que abolirão o capitalismo, estabelecerão o poder dos conselhos e permitirão a construção da nova economia comunista. As Organizações de Fábrica confluem na União. As Organizações de Fábrica saberão garantir o domínio do proletariado enquanto classe contra todas as manipulações dos chefes de partido, contra todos os traidores. Só o poder da classe proporciona uma fundação ampla e firme (como o demonstra o capitalismo)!

46. O Partido Operário Comunista da Alemanha teve que suportar *O esquerdismo...* de Lênin, as maldições de Radek, e as calúnias da Liga Espártaco e todos os partidos de chefes, porque está lutando pelo domínio de classe do proletariado, porque compartilha as opiniões de Karl Liebknecht acerca do centralismo. O KAPD sobreviverá bastante bem a O esquerdismo... e ao resto. E, mesmo que Karl Radek não o entenda, e mesmo que Lênin escreva um folheto contra nós (e contra ele): a revolução proletária na Alemanha tomará caminhos diferentes daqueles que tomou na Rússia. Quando Lênin nos trata de “imbecis” não somos nós, mas ele mesmo quem é visado, já que nesta questão nós somos os Leninistas. Sabemos isto: ainda que congressos nacionais ou internacionais prescrevam os mais

¹¹⁰ Noske (1868-1946), Ministro de Guerra do SPD em Dezembro de 1918, organizou a colaboração entre os socialistas e os *Freikorps*. Arquitecto e símbolo da repressão sangrenta que se lhe seguiu. (Nota na edição inglesa)

detalhados itinerários para a revolução mundial, esta seguirá no entanto o curso imposto pela história! Inclusive se o Segundo Congresso da Terceira Internacional pronuncia uma sentença condenando o KAPD a favor de um partido de chefes, os comunistas revolucionários da Alemanha saberão lidar facilmente com isso e não gemerão como os bonzos do USPD. Somos parte da Terceira Internacional, porque a Terceira Internacional não é Moscou, não é Lênin, não é Radek, é o proletariado mundial que luta pela sua libertação!

(Die Aktion)